

## ***Mistérios de Lisboa – III*** **de Camilo Castelo Branco**

### V

Alberto de Magalhães, na manhã do dia imediato, entrando na carruagem, recebeu uma carta do barão de Sá, datada às duas horas da noite.

*Não ia pessoalmente [dizia o barão em francês] por evitar embaraços de D. Eugénia, visto que a entrevista era melindrosa, e precisava ser tratada muito a ocultas com o marido de uma senhora zelosa.*

A carta contava apenas o que tocava directamente com Alberto. O estilo encobria uma certa reserva. Ou o barão fora afinado pelo ciúme, ou não era tão profundamente néscio como o supunham, e havia sobejos motivos para o supor.

Magalhães não pensou muito tempo no que devia fazer. Entrou no banco, fez escala por algumas casas comerciais, entrou na do seu companheiro do mar, o milionário Lima, que contava o preço por que acabava de comprar o melhor edifício monástico de Lisboa, e parou à porta do Isidro, mandando entregar um bilhete à Sr<sup>a</sup> Duquesa de Cliton.

Os criados, primeiro, responderam que não morava ali tal senhora, e um deles, apesar do comprometimento em que ficara de não revelar ao próprio Padre Eterno os segredos do barão, perguntou se Sua Excelência procuraria, talvez, a rainha de Sabá, que viajava disfarçada em condessa de Maltúrnias.

Um ligeiro sorriso desenrugou a face de Alberto. Conhecedor do carácter extravagante da duquesa, julgou impossível a bárbara nomenclatura por que era conhecida no hotel, títulos que, por honra da França, se não achariam no seu passaporte.

Estas dúvidas desvaneceu-as a criada particular da duquesa, que, no topo da escada, dizia que o cavalheiro podia subir, que a senhora o estava esperando.

Alberto entrou na sala em que era esperado pela duquesa, que palitava os dentes, com estudada indiferença, ou com a mais tranquila familiaridade.

– Sr<sup>a</sup> Duquesa... – disse Alberto, elegantemente cerimonioso.

– É esse o meu título; outro tanto não posso eu fazer... Qual é o nome que tendes hoje, meu senhor?

– Não tenho nome permanente; sou geralmente conhecido como desprezador de argúcias parvas e ironias de melodrama. Com este nome tenho viajado por entre todas as sociedades; prefiro o meu incógnito ao da rainha de Sabá, e da condessa de Minturnes.

– Não vos entendo, cavalheiro... O epigrama é de mau gosto... Não tenho culpa em que os vossos amigos sejam tolos. Eu, quando me disfarço, desço da minha condição, não me levanto, porque não preciso. Nasci com um nome grande, e não preciso do ouro astucioso, ou de um título cómico, para avultar aos olhos de Portugal. Creio que nesta terra o maior sois vós; e eu preciso descer para nivelar-me convosco e com os vossos patrícios. Neste hotel sou conhecida como a viúva de um capitão, que morreu nas trincheiras...

– Precindo do seu romance, Sr<sup>a</sup> Condessa. Precisa de mim no seu serviço?

– Não, senhor. Não preciso contar-vos o meu romance, e vós não sereis tão incivil

que volteis as costas a uma senhora dos salões de Carlos X que vem de propósito visitar-vos a Lisboa. Tende a condescendência de aceitar esta cadeira, que vos oferece a duquesa de Cliton.

Alberto sentou-se. O coração aconselhava-lhe uma grosseria; mas a cabeça, sempre fria, mandava-o ser cavalheiro na presença de uma mulher arrogante, bela, e radiosa de uma cólera que lhe incendiava tragicamente os olhos.

– Conheci-vos em Paris – continuou a duquesa, modulando, pelo som de uma conversa familiar, a sua voz – quando a vossa presença excitava a curiosidade das mulheres, que vão atrás do misterioso, escondido nas riquezas de um homem de talento, que surge de improviso sem ninguém saber donde veio. Fizestes-me a honra de procurar o meu conhecimento; recebi-vos em minha casa; falei de vós com entusiasmo às minhas amigas, e aconselhei a muitas que vos cativassem, porque vós éreis um perfeito cavalheiro. As minhas amigas requestaram-vos, e foram desprezadas. A preferida era eu, que, desde certo tempo, recordai-vos, evitei as ocasiões de vos dar um desengano, ou um triunfo. Recebi uma carta vossa, em que me oferecíeis oitenta mil francos: essa carta chegou à minha mão duas horas depois que eu perdera trinta mil no jogo. Aceitei a proposta, e recebi-vos às duas horas da noite na minha câmara, como se recebe um marido odiado que compra uma mulher necessitada. Devo dizer-vos, senhor, as minhas tenções. Como mulher honrada, não devia faltar às condições do contrato; seria vossa por oitenta mil francos; mas dois segundos depois deveria, com a ponta de um punhal, esconder em vosso coração o segredo da minha infâmia... e o da vossa temeridade feliz. A porta do meu quarto foi-vos aberta como a antecâmara de um túmulo. Entrastes com não sei que pesar escrito na face. As vossas maneiras eram acanhadas, as vossas palavras requintavam em delicadeza, os vossos olhos encaravam-me com certo respeito... parece que dizíeis no fundo da alma: «Esta mulher era digna de melhor sorte! Devia ser soberana e virtuosa Como o mundo a respeita!... Custa-me tratá-la como uma bela máquina .que se aluga por oitenta mil francos!...» Falai-me sinceramente... não sentíeis isto?

– Sentia.

– E, portanto, nesse momento, alcançastes em minha alma um triunfo que vos devia dar mais glória que o outro! Admirei-vos tão honesto em face de tamanha corrupção! Perguntei-vos se o mundo veria aquele quadro por debaixo da cortina que vossa mão levantasse, respondestes-me que primeiro abraçaríeis a desonra como profissão. Às cinco horas da manhã saíeis da minha casa, e olháveis espantado para mim, quando vos disse: «Deste quarto saiu há três anos um esquife com um cadáver; era o do meu marido. Desde esse dia, o primeiro homem que entrou aqui fostes vós.» Respondestes-me com um sorriso sarcástico. O punhal tremeu-me no punho... Não tive coragem... amava-vos! Momentos depois, o meu credor, que era entre tantos o mais ardiloso concorrente ao meu coração, era embolsado de trinta mil francos; e, no dia seguinte, antecipei um contrato dos meus rendimentos, e fui, pessoalmente, levar-vos oitenta mil francos. A máquina estava resgatada, e aparecia a mulher nobre da sua paixão, forte da sua imperiosa vontade, fraca em suas lágrimas de desonra nunca choradas, pedindo-vos um sentimento do coração em paga do sacrifício comprado com ouro. A vossa resposta foi o pasmo, e depois do pasmo a zombaria. Pedi-vos que consultásseis os precedentes da minha vida, que pedísseis o testemunho das minhas infâmias aos mais depravados infamadores de Paris, respondestes-me que os meus precedentes eram nobres, mas que a transacção, feita convosco, não era legitimamente honesta para lisonjear o amor-próprio de um marido, zeloso da sua honra. Mereci-vos a generosidade desta resposta em minha casa, onde vos levou o orgulho para contemplar-me, rainha do baile, que pouco antes se aviltara a vossos pés, miserável escrava.

Atirastes-me aos pés uma carteira com cento e oitenta mil libras. Era esta. E uma restituição que venho fazer-vos; mas... consentireis que vo-la conduza a casa, porque um credor honrado não procede de outra maneira. A carteira é um episódio. Deixai prosseguir o meu romance, como tivestes a benevolência de intitular a minha desonrosa peregrinação de cinco anos. Eu tinha um irmão, que se enobrecia com o meu orgulho, e saudava todos os dias os triunfos que a minha honra granjeava no seio da imoralidade parisiense. Este homem, informado da vossa fuga miserável, pequena, e deixai-me dizer, nauseante, de Paris, assistiu como amigo às minhas lutas de saudade e de remorso. Pronunciei em delírio o vosso nome, Sr. Leopoldo Saavedra, e meu irmão, valendo-se desta involuntária revelação, profundou o segredo da minha desonra, e encontrou-o, senão humilhante como ela era, ao menos consequência funesta de uma paixão invencível. Perdoou-me; mas não quis perdoar-vos. Disse que a duquesa de Cliton podia ser fraca, como a última das mulheres, mas não podia ser ludibriada pelo primeiro dos homens. Meu honrado irmão enganara-se convosco... Procurou-vos na Bélgica, onde se falava de um rico judeu, chamado Tobias Navarro. Pediram-se à Bélgica os traços principais deste cavalheiro: eram os vossos. Fostes desafiado; rejeitastes a arma da honra; fostes ferido, e empregastes em vosso desforço a arma do carrasco... Meu irmão foi estrangulado! A força era o vosso domínio. Com a força bruta do dinheiro desonráveis uma mulher; com a força muscular do braço enganáveis o irmão dessa mulher... Força moral, vigor de coração, não devíeis ter nenhum, cavalheiro... Mas eu é que tinha duas dívidas a saldar convosco: a do dinheiro e a da força. A da desonra e a da vida... Vejo-vos sorrir!... Ainda bem que a vossa alma envilecida não pode elevar-se ao remorso, que comove a piedade no coração de uma muni Ride, nobre senhor! No alto mar, o corsário sanguinolento aprende a rir das lágrimas... Que é? empalideceis! Coragem, valente *Barba Roxa!* Afrontai com bravura esta onda de cólera e de vingança! Diante de uma mulher não há covardes, quando a força moral não gela os alentos do homem! Força moral, já vos disse que não tendes nenhuma!... Agora sabeis, senhor, que vos persigo há quatro anos!... Se não encontrasse, há seis meses, em L'Hasse, um missionário português, que embarcava para o Japão, e que me disse existir em Portugal um homem com os sinais de Leopoldo Saavedra... nunca vos encontraria. Suspeitei ainda mais a vossa existência aqui, porque esse padre me animou a procurar-vos, quando eu lhe disse que tinha duas dívidas de honra a pagar-vos. O missionário não se enganou... O Leopoldo Saavedra de Paris, o Tobias Navarro da Bélgica, o *Barba Roxa* do Mediterrâneo, era o Alberto de Magalhães de Portugal... Tenho abusado da vossa paciência, senhor! Levantai-vos e saí desta casa!

A duquesa, erguida, e trémula, sem erguer os olhos do chão, apontava a saída da sala a Alberto, esmagado no seu orgulho, entorpecido em todas as faculdades morais que reagem até à morte do brio, ébrio, se assim pode chamar-se-lhe, do rancor sufocado, que, reprimido em excesso, produz a paralisia do corpo e da alma, retirou-se como um sonâmbulo! Como explicais tanta altivez, tamanha soberania recalçada? O facto aconteceu. Estes insondáveis mistérios repetem-se! Não duvideis da sua verdade, almas que atravessais uma longa existência sem um abalo, sem um lance que vos obrigue a pensar no que é o coração do homem!

## VI

Luva a estalar na mão rebelde às costuras de seda preta; frisado à fantasia, byroniano, ondeante, em arrepios, que querem dizer *talento*; bigode com anéis simetricamente hirtos, em prumo, por milagroso cabeleireiro; colete de cetim alvíssimo, apenas assertoado na cintura, para que o peito de engomados arabescos e cintilantes pedras não ficasse obscuro; gravata branca, pedestal marmóreo de um queixo decorado de lourejante pêra; casaca de tufos nas ombreiras e lapelas de cetim; calça preta, cosida à perna musculosa, impando no joelho, e terminando em botões de madrepérola, que se destacam no escuro cordovão do sapato; e, mais que tudo isso, uma cara festival, um olho de fauno, outro de carneiro moribundo; bochecha rúbida, e ventas amplas de um nariz triangular, sem cavalete, que rompe os tecidos globosos da testa estreita; isto tudo, e o mais que se não diz por não valer especial menção, quer dizer que a dita pessoa não pode ser senão o barão de Sá.

Sua excelência acaba de apear de um tilburi à porta do Isidro. O jóquei da almofada subia a anunciar o barão de Sá, a quem?... isso não sabiam eles dizê-lo... a uma senhora estrangeira hospedada naquele hotel. Entretanto, o admirador da rainha de Sabá sacudia das botas o imaginário pó, retesava os colarinhos, que emigravam no cilindro da gravata, levantava os ombros para chamar a casaca às rigorosas linhas dos chumaços, e recolhia apressadamente um molho de cabelos de um caracol que se desfizera na região occipital.

Voltou o jóquei, anunciando que a senhora recebia com muito prazer a visita do cavalheiro.

O barão subia, tossindo, sem vontade, uma tosse especial que acomete os tolos na presença de certas mulheres, que têm a desventura de relacionar-se com eles.

A duquesa mediu desde o frisado até à ponta do verniz do sapato o opressivo cavalheiro, comissário do seu recado a Alberto de Magalhães. Recebeu-o com ar de sobranceria. Tinha nos lábios um sorriso de formal etiqueta para os cumprimentos anilados do odorífero barão. Levou algumas vezes o lenço aos lábios, e, através da cercadura de rendas, poderia o irrisório leão divisar um sorriso desdenhoso, e, mais ainda, de cerimonioso escárnio.

Findo o tiroteio das frivolidades, a duquesa de Cliton agradeceu ao barão a pronta execução que generosamente dera às rogativas de uma estrangeira, que se retirava de Portugal profundamente reconhecida a um dos primeiros e mais obsequiosos cavalheiros desta terra.

- Retirais de Portugal?
- Brevemente, creio eu.
- Tenho compreendido... – disse o enfiado barão.
- O quê, senhor?
- A vossa vinda a Portugal tinha um fim...
- Certamente... Portugal não é terra que se visite, por simples prazer, sem um fim.
- O vosso fim era prender o coração de Alberto...
- Nesse caso, lamentai-me, porque me retiro, e o coração de Alberto fica solto...
- Se me tivésseis consultado, dir-vos-ia que tal homem não se apaixona, é de bronze; o coração que tem, se o tem, é de sua mulher.
- Ditosa mulher!... pode cantar como a trigueirinha do cântico dos cânticos...
- Tende a bondade de repetir.
- Tive a honra de vos dizer que a mulher de Alberto é bem feliz; não é?
- Conta com a lealdade de seu marido... e não pode rezear que as estrangeiras

infelizes lhe questionem a posse...

A duquesa mordeu o beijo, e murmurou: «Miserável!» Depois, com a mais admirável naturalidade:

– Confessai que sou uma desgraçada tola em me apaixonar por tal homem!...

O barão não tinha crítica absolutamente alguma. O sorriso da desconhecida parecia-lhe natural. De maus fígados, e crassa ignorância, o titular concebeu desferrar-se, apurando com ironias, da sua estofa, o suposto despeito da condessa de Minturnes, rainha de Sabá, viúva de um capitão, ou industrioso demónio que viera perturbar-lhe a pacífica bestialidade.

– A vossa vaidade, madama, deve ter sofrido muito...

– Muito...

– Quando se é gentil, ardente...

– Vive-se no fogo como a salamandra... é uma calamidade!

– É uma afronta... Eu sinto muito ter sido comissário da vossa recomendação para um homem que vos voltou as costas cruelmente...

– Agradecida... Tendes tido semelhantes infortúnios?

– Não, madama. Eu tenho sido absolutamente ditoso com as mulheres...

– Fazem-vos justiça, senhor!... Sois casado?

– Detesto o casamento... Sou inacessível.

– Inacessível! Quem o diria?! Tanto fogo nos olhos, tanto ardor na frase... é impossível! Ou vós sois um cadáver galvanizado, ou as mulheres que se roçam por vós são de mármore. O fogo comunica-se; os poros do sentimento nunca se fecham; o coração, na vossa idade, e com o vosso temperamento, deve estar sempre constipado.

– Constipado!...

Apaixonado... falei figuradamente... Estive, há anos, na Ásia, e aprendi muitas metáforas.

– Metáforas!... Falai com seriedade...

– Por Deus!... achais que zombo?! O coração não vos diz que sois superior? Sê-lo-eis na crueldade? Penso que sim. Tendes-me pulverizado com os vossos sarcasmos. Sois um Júpiter de ironias fulminantes! Porque vos não conheci eu em idade em que pudesse tentar a conquista da vossa alma inacessível!? Aos trinta e cinco anos, uma mulher não serve senão de fácil triunfo a conquistadores da vossa intrepidez, aos Alexandres Magnos do mundo das paixões!... Se quisésseis ser César, eu não se me dava de morrer por vós, desprezada Cleópatra...

– Não vos entendo, senhora; falai mais devagar . . Não sei, como já vos disse, as frases menos usadas em francês.

– Falar-lhe-ei em português, cavalheiro.

O barão, quando ouviu a correcta pronúncia portuguesa das últimas palavras da extravagante mulher, imaginou-a cousa muito superior aos cálculos da humanidade.

Fala português?

– Gostei do idioma; como sabia sofrivelmente o espanhol, foi-me fácil e agradável o conhecimento de uma língua que eu imaginei teria de falar um dia...

– Com Alberto de Magalhães... – interrompeu o ciumento amante, rindo em ar de mofa inteligente, mas denunciando a crassa toleima dos seus chascos inoportunos. A duquesa riu-se dele. Quem os não conhecesse pelos precedentes pensaria que eram ambos tolos.

– Está prodigiosamente cómico, Sr. Barão de Sá. Agora sim, dou este testemunho de que vossa excelência é inacessível... Veja que fraca mulher! Concebi o plano extravagante de o cativar... Pobre Dido, que desembarquei nas praias ocidentais, procurando um Eneias de sapato de verniz, e gravata de cambraleta!...

E continuava a rir-se de um modo que sopitou o jovial barão em trágica seriedade.

– Não me responde... não me anima, cavalheiro! Iluda-me, se mais não pode... inscreva-me no catálogo das suas perseguidoras, mas dê-me uma delicada esperança de lhe tirar, com os meus suspiros, uma faúlta das cinzas do coração dessa desolada Cartago, sobre que eu venho chorar, como Pompeu.

–V. Ex<sup>a</sup> zomba de mim?

– Por todos os santos e santas da corte celestial, presentes e futuros, como dizem os espanhóis, juro que não acho em Vossa Excelência uma pessoa de quem se zombe. Falo-lhe uma linguagem figurada... já lhe disse porquê... vivi no Oriente, sentei-me na base das pirâmides, ouvindo os contos árabes; pernoitei na cabana dos índios, ouvindo o *Ramayana* e o *Mahabharata*, sentei-me nas areias do deserto, como Agar, perguntando às caravanas a significação daquele hino de siroco, palavra eterna de maldição que reboia nas plagas infinitas do solo amaldiçoado... A minha vingança rugia aqui dentro como a onda abrasada do simum... A vítima buscava o algoz entre as feras da Líbia...

O barão, que, pouco antes, não entendera as subtilidades da língua francesa, confessava ingenuamente que não entendia melhor as da sua pátria, se quisesse ser franco. Esquecida da pessoa com quem falava, pessoa cujo quilate intelectual em poucos minutos avaliara, a duquesa ia cedendo à expansão, imperiosa necessidade do talento, ao desafogo de uma dor que pode esconder-se com artifícios de amargas ironias; que pode aturdir-se na embriaguez de um afectado cinismo; mas que tantas vezes desmente a arte, exalando-se em transportes de eloquente amargura!...

Elevara-se, e, quando reparou na fisionomia boçal do barão, que porventura exprimia assim a sua admiração por tudo que lhe era imperceptível, a duquesa arrefeceu, desceu da tragédia para a farsa, e afivelou a máscara, que por pouco lhe caía na presença de um espectador ignóbil para compenetrar-se do sentimento de uma grande dor.

– Acha-me bem fastidiosa com as minhas *rêveries*, Sr. Barão, não é verdade?... É necessária muita paciência para aturar uma mulher meio homem, meio literata... Somos ridículas aos olhos dos entes positivos, despoetizados, e incombustíveis, como o amianto, por mais que os toquem as faíscas do coração de mulher, como eu tenho a desventura de ser... Gosta de mim, Sr. Barão?

Esta pergunta de improviso, espécie de disparate com que a duquesa fechou o período, atarantou o fidalgo, a ponto de lhe roubar provisoriamente a correcção da frase portuguesa, e mais ainda o dom de articular as poucas palavras com que se recolhera da emigração, que lhe esterilizava os conhecimentos exportados da pátria; e sobre todas as perdas o espoliara lastimavelmente do senso comum. José Maria de Sá, um dos primeiros barões do seu apelido, foi a preexistência profética de todos os outros.

– Não me responde?! – tornou ela, decifrando as revoluções que se alternavam na fisionomia grotesca do barão. – O seu silêncio, cavalheiro, não é delicado. Franqueza: gosta de mim?

– Se gosto de V. Ex<sup>a</sup>!... Devora-me o ciúme, como não há-de ser palpitante o meu amor!

– Não me capacito... Desconfio sempre das paixões que fazem estilo. Acho que a pequenez do amor está na razão inversa da grandeza das palavras. Simplifique as suas respostas, Sr. Barão. Gosta de mim?

– Imensamente.

– Aí está uma palavra muito grande!... Assim não quero. Tenho cisma com os advérbios... Não fuja do verbo da pergunta. Terceira vez: gosta de mim?

– Como quer que lhe responda?... Não há linguagem humana que responda convenientemente a tal pergunta.

– Pois não há? Ora, barão, pergunte-me se gosto de V. Ex<sup>a</sup>

– Gosta de mim?

– Gosto. Aqui tem!... Há lá nada mais natural? Já sabe como eu quero o estilo em matérias de amor. Outra pergunta: que quer de mim?

– Adorá-la, amá-la eternamente; beijar humildemente os seus vestígios, dar a última gota de sangue pelos seus suspiros, contemplá-la estaticamente...

– Três advérbios, que somam dezasseis sílabas. Não ame assim, Sr. Barão... Não vê que tudo caminha para o espiritualismo? Subtilize as suas frases, espiritualize-as, basta de matéria o indispensável!... Que quer de mim?! Não responde!... Não me quer nada!... Ora vejam que amor tão frio!... Nem tanto espiritualismo, cavalheiro... Peca pelo extremo!... Se me dissesse francamente que me queria fazer sentir o ardor do seu sangue, as palpitações das suas artérias, o aroma dos seus suspiros, as lúcidas cambiantes dos seus belos olhos... eu diria que o estilo é uma bonita maneira de encobrir certos pensamentos, que não têm estilo nenhum, pelo menos autorizado nos bons clássicos franceses e portugueses. Ora agora... amar-me *eternamente*, beijar os meus vestígios *humildemente*, contemplar-me *estaticamente*, tudo isso, além de ser impossível no estado actual do coração humano, é uma promessa assustadora, e um futuro insuportável que me anuncia. *Amar eternamente!*... Deus nos livre disso, não há amor que resista a vinte e quatro horas de filosofia! Eu de mim não aceito o programa; se promete amar-me três dias...

– É impossível!... Abandone-me; mas eu hei-de amá-la enquanto sentir no coração uma gota de sangue!

– É um sanguinário, barão! Já me falou em sangue duas vezes!... Adopte uma linguagem mais pacífica. Não gosto de Catões no amor. O sangue será muito proveitoso nas funções da vida animal; mas, no nosso caso, dispensa-se. Acho-o até prosaico...

O barão abria a boca, e franzia a testa. O que ele exprimia com semelhante careta, não saberemos nós dizê-lo, nem a duquesa o saberia. Escarnecido, ridiculizado, vítima sem consciência de uma vingança que a ultrajada amante de Alberto de Magalhães estava exercendo, o barão decerto não ouvira o rancoroso epíteto de «miserável» que a duquesa rosnara, quando ele lhe disse que Eugénia contava com a lealdade de seu marido, e não receava que estrangeiras infelizes lhe questionassem a posse.

Por fazer justiça à duquesa de Cliton, não duvidamos afirmar que o miserável barão não seria decerto um holocausto digno da sua vingança, se ela tivesse que fazer. Devemos aceitar-lhe como divertimento, ou capricho, a zombaria que pesava sobre o fidalgo, zombaria cruel que devia rematar por uma originalidade, que ainda não vimos contada em algum romance, e cuja publicidade estava reservada para nós.

– Deveras prosaico – prosseguiu ela, dando-se uns ares de náusea, que afundavam ainda mais as rugas da testa do leão, mudado em bode expiatório. – Sr. Barão!, aí vai um rasgo de carácter, que faz honra ao meu sexo e à minha pátria. Uma mulher tem obrigação de ser franca, visto que os homens são os que se servem das palavras para esconderem os pensamentos, como disse um meu patrício.

– Eu não sou assim, madama.

– Sois!... devíeis, a estas horas, ter impedido a minha franqueza, que, pelo descostume, sempre fere mais ou menos o pudor de uma mulher, ainda que ela seja francesa, e tenha uma cadeira das que ficaram nos salões da filha do Regente, e simpatize cordialmente com as *cartas* teóricas de Ninon de Lenclos, e com a prática, um pouco mais eloquente, de Marion de Lorme.

O barão, diga-se a verdade, não a entendia, e fazemos votos por que, neste momento, a capacidade intelectual das leitoras não seja mais ampla que a do barão.

Entretanto, a duquesa, que sabia mais que todos nós, continuou:

– Franqueza, meu querido Sr. Barão. Amo-vos!

– Que dizeis, mulher divina?! – exclamou o fidalgo, subitamente erguido, levando as mãos à altura cómica de um pai que vai abraçar uma filha que julgava perdida.

– Já vo-lo disse... Amo-vos... Quisera ser rainha de Sabá, para vos fazer rei de Sabá, e conde de Minturnes!

– Senhora, permiti que, de joelhos, vos beije a mão!

O barão de Sá, quando pedia a dramática permissão, estava de joelhos, e esperava que a mão da divindade lhe viesse ao encontro dos abrasados beijos, que, neste homem, não eram verdadeiramente lábios. Com grande pasmo seu, a mão não vinha, nem a duquesa o mandava erguer-se.

– Deixai-me sentir o nobre orgulho – dizia ela, meigamente soberana – de ver a meus pés o primeiro leão português, suponho eu que o sois, nobre fidalgo da Espanha. Não vos mando levantar, como é estilo nas tragédias de Corneille, porque o meu coração é soberbo, e só se rende à humildade. Glorai-vos de ter conquistado o coração de uma mulher que só tem a mancha de ter sido desprezada pelo vosso amigo Alberto de Magalhães. É vosso, porque ele o não quis: mas será vosso, como não pode ser de mais alguém...

Ouviram-se passos no corredor. O barão queria erguer-se da postura incomodativa e burlesca; mas a duquesa, retendo-o suavemente, prosseguiu:

– Dou graças aos deuses tutelares, por me terem encaminhado aos braços de um cavalheiro, que...

Abriu-se a porta, e entrou o cônsul francês, que, ferido pelo espectáculo estranho, recuava enfiado. O barão erguia-se vexado, quando a duquesa, soltando uma gargalhada sem nome, de um género novo de desconhecida zombaria, disse ao cônsul:

– Viestes a tempo, Sr. Cônsul, para desfrutar o final do último acto de um *vaudeville* que este senhor representou comigo. Acabava de beijar-me a mão, intitulado-me rainha de Sabá!...

O barão estava verde! A transpiração momentânea ensopou-lhe a goma dos colarinhos. No rápido esforço que fez ao levantar-se dos pés da duquesa, rompeu a calça no joelho direito, e estalou dois botões da polaina retesa na posição que o alfaiate não previra.

O cônsul fitava-o com desprezo, primeiro, e com compaixão, depois que a duquesa de Cliton lhe disse:

– Sr. Cônsul, se tendes alguma influência nos agentes da policia de Lisboa, fazei que este senhor, que me parece uma pobre pessoa, seja recolhida a um hospital de doudos!... Forte desgraça!... Quem vem a Portugal depara encontros extraordinários... A Byron apareceu-lhe um malvado, que o espancou; a mim apareceu-me um doudo...

– Tenha a bondade de retirar-se, senhor! – disse o cônsul com severidade ameaçadora.

– Esta mulher é uma infame, uma devassa! – bradou o barão, fazendo ouvir um ranger de dentes, que fazia lembrar as trevas inferiores, de que fala o Evangelho.

– Vedes, Sr. Cônsul? – dizia a duquesa. – De mais a mais é furioso!... Vou fazer entrar os meus criados...

– Retire-se, senhor... quando não, vai ser obrigado a pontapés... – disse o cônsul, tomando o barão, violentamente, por um braço, até ao cimo da escada. Neste momento a duquesa olhava para a porta, e viu recuar o cônsul, tangido por um prodigioso murro que o estendeu no meio da sala. O desarvorado diplomata apalpava cuidadosamente o nariz fracturado, quando o tilburi do barão de Sá entrava na Rua de S. Paulo, mui devagar.

Fiquem sabendo que o tolo, na opinião pública, sabia dar, a propósito, murros



sublimes, verdadeiramente portugueses. Honra lhe seja feita!

## VII

Alberto de Magalhães, que afrontara intrépido as borrascas da variada existência, sentira-se pequeno, vil, esmagado pelo abalo que lhe fizera na consciência uma mulher que reputara desprezível como vingadora da sua desonra; mas respeitável como insidiosa intrigante.

Há homens desamparados, sem um amigo, sem um recurso, impelidos de infortúnio contra infortúnio, desprezados pelos olhares da sociedade, mordidos pela própria consciência, finalmente sós com a sua vergonha e o seu remorso. Estes, expulsos de todos os braços, segregados da convivência dos grandes e dos pequenos, nutrindo-se do seu próprio fel, experimentando em cada novo dia uma afronta nova, não podem considerar-se inteiramente abandonados, se entre mil mulheres que os desprezam há uma só que os acolha com a familiaridade do amor, com a confiança da estima, acolhimento inefável à semelhança do céu no remate de tormentosas penas. Há destes homens, e Alberto de Magalhães, quando desceu as escadas da duquesa de Cliton, era um homem assim.

Fulminado, com um vulcão na cabeça, com todas as paixões acumuladas, sem respirar nenhuma, o pensamento único, a única elevação pura de sua alma, o nome e a imagem que lhe vieram à superfície das fezes amargas, que lhe não cabiam no peito, foi Eugénia. Diante de seus olhos estava o vulto repulsivo da duquesa, vomitando imprecações, cuspiendo-lhas na cara como frechas de lume, acusando-o de crimes apensos à sua vida de corsário, assoberbando-se do segredo com que parecia ameaçar-lhe a reputação em Lisboa, onde tanta gente ansiava descortinar o segredo da fortuna dele.

A par do demónio, afigurava-lhe a imaginação atormentada a imagem do anjo. Eugénia era a única pessoa que vivia da sua vida. Só ela o absolveria dos criminosos conflitos que enegreciam a história da sua inesgotável riqueza. Uma só pessoa do mundo, Eugénia, cairia com ele ao abismo da desonra. Com o peito pequeno para os saltos do coração, o terror na face, e a cabeça estéril de recursos, Alberto de Magalhães desafogava nos braços de Eugénia, como criança ressentida, a mais varonil, a mais dilacerante das torturas humanas. A mulher perante quem o corsário quisera ser um rei saberia brevemente que seu marido fora um ladrão no mar, e adquirira à custa do ouro os arminhos de uma impostura, infame máscara que lhe afivelara nas faces a ela, para que ao mesmo tempo a saliva da desonra cuspiisse em duas caras descobertas.

Eugénia, aterrada do silêncio com que Alberto a tomara nos braços, sentindo-lhe as precipitadas pulsações do coração, vendo-lhe lágrimas impossíveis nos olhos de tal homem, pressentiu uma grande desventura, e não ousou interrogá-lo.

– Alberto... nada te pergunto... – lhe disse ela, sorrindo e chorando. – Sei que somos muito infelizes. Assim devia ser. Era impossível que isto durasse muito. No mundo não há felicidade. Paciência, filho; recebamos os golpes da Providência com resignação, mas abraçados, sejam eles quais forem. Colhemos as flores... colhemos agora os espinhos... Bem sei... aquela mulher atormenta-te... sei tudo...

– Sabes tudo?!

– Adivinho tudo... O amor faz a gente profeta... Há uma ligação de vida e de morte entre ti e aquela mulher...

– Não é assim, Eugénia... Eu já te disse... esta mulher, o mais que pode é quebrar a quietação deste gozo que principiou, há pouco tempo, na minha trabalhosa vida... Veio a Portugal depois de me seguir o rasto, quatro anos. Encontrou um padre que lhe deu sinais certos da minha existência. Este padre, Eugénia, suspeitas quem seja este padre?...

– Padre Dinis?!

– Não pode ser outro. Um padre português, que encontrou em L’Hasse, passando para as missões, não pode ser outro. Vês o contacto daquele homem o que é? Tudo o que roça por ele cai em terra. Foi ele que o disse... Traz consigo o contágio da morte; esta mulher, impeliu-a ele para aqui...

– Oh, Alberto!... crês que o padre fosse nosso inimigo?!

– Não. Era amigo do conde de Santa Bárbara, de D. Pedro da Silva, de D. Ângela de Lima, de D. Anacleto, de tua mãe, de D. Francisca Valadares, devia sê-lo de seu pai... e onde estão os amigos de Sebastião de Melo? São seis mortalhas... E nosso amigo, eu sei que o é; mas padre Dinis é o instrumento cego de Deus; dá um ósculo de amor, e traz o veneno da morte nos lábios; prepara para os seus amigos um leito de flores, e a sepultura está por baixo delas. Foi ele, Eugénia, é impossível que o não fosse... Não deixei vestígios meus em parte alguma do mundo. Ninguém soube a minha nação, porque eu falava todas as línguas, ninguém descobriu no mar a esteira dos meus navios, porque... ninguém ousou perguntar quem ia dentro deles... Só um homem, superior, tocado por Deus ou por Satanás, poderia apontar-me, e dizer: «O homem que procuras está em Portugal, e chama-se Alberto de Magalhães.»

– Seria ele, meu filho, mas evitemos a desgraça, se é possível... Que receias?

– Já te disse que tudo por ti...

– Pois seja por mim... Poupa-te, Alberto; porque se me matam...

– Se te matam?!...

– Perdes uma verdadeira amiga... Todo o teu ouro não te dará um coração semelhante ao meu...

– Matarem-te, Eugénia!... Quem?!... Que Deus ou que demónio pode tanto? Onde está o poder do ouro e do punhal, que consinta inimigos em redor de ti?... Emprazo a providência covarde, e todas as legiões de demónios!

Eugénia, se tivesse conhecido *Come-Facas*, ou *Barba Roxa*, ou *Tobias Navarro*, no momento em que estrangulava o irmão da duquesa, ou Alberto de Magalhães arremessando ao Tejo D. Martinho de Almeida, não recuaria, como aterrada da ferocidade que brilhava nos olhos de seu marido. A alucinação fizera-o levar a mão ao lado esquerdo, e comprimir o punho de um ferro, no momento em que pronunciou a palavra *punhal*. Eugénia vira-o sempre alegre ou melancólico, mas em ambas as paixões dominava a suavidade das índoles boas. Aquele aspecto era-lhe novo. Pareceu-lhe como transfigurado pela cólera em um desses caprichos tiranos que a pintura da Idade Média idealizou pelos traços morais de Nero ou Caracala. Organização fina, e de mais a mais espiritualizada pelo amor, e mimosa, pelo hábito de ouvir suspiros, e não rugidos, Eugénia sofreu um receio, que lhe coagulou o sangue... A tremer, encarava-o indecisa, e no pasmo da surpresa não ousava tocar-lhe, porque tinha ouvido dizer a seu marido que tivera horas, nesse tempo, de apeteecer uma embriaguez de sangue do género humano. Se, em algumas dessas revelações, lhe perguntara a que atribuía ele esses acessos, Alberto respondera-lhe: «A um defeito da organização adulterada pela sociedade, que fazia os infames, e mandava-os subir ao cadafalso.» Estas respostas eram precedidas de tristeza, e seguidas de um beijo, que parecia a última respiração de um ar envenenado que lhe dilacerava os pulmões. Este lance, porém, era muito diverso dos outros.

Fatigado das contracções nervosas, que vieram depois da apóstrofe enfurecida, Alberto caiu extenuado sobre uma cadeira, e ansiava como se viesse de lutar braço a braço com um gigante.

Eugénia aproximou-se, silenciosa, e afastou-lhe os cabelos da testa. A mão ficou-lhe húmida de suor frio.

– Vai passando, Eugénia... – disse Alberto, tomando-lhe a mão, que levou aos

lábios. – Abençoada sejas, minha filha, que com o teu silêncio repreendeste a cólera vertiginosa do homem sanguinário. Nunca mais me digas que te matam, porque em mim há o homem que obedece às fatalidades, e o tigre que salta por cima dos vermes que o rodeiam. Eugénia!, vai entrando no abismo do meu carácter. Se tenho alguma qualidade boa, a ti a devo. Se me vejo sem ti, com força no braço, e a ferocidade no coração, morrerei afogado em sangue... Aterraram-te as minhas palavras. Bem o vejo... Daqui a minutos seremos felizes...

– Deus o permita, Alberto...

– *Deus!*... Pois sim... seja Deus que o permita...

– Quando retiramos de Portugal?

– Brevemente... não sei em que dia; mas não é possível ser já...

– Se o fosse, ainda que custasse todo o ouro que nos rodeia, e que é de mais na nossa felicidade...

– De mais, filha... sim... *de mais*... disseste uma verdade, cuja extensão nem tu conheces... E justamente este ouro que me tem aqui preso uma hora... e quantas serão elas!... São cadeados de ouro, que me amarram a um poste de ignomínia...

– Que dizes, Alberto?...

– Nada... um desvario da minha cabeça perdida...

Não era um desvario. O pensamento de Alberto, oculto a sua mulher, era muito discreto. Lembrava-se de que a duquesa de Cliton, se ele se retirasse repentinamente de Portugal, propalaria, quaisquer que fossem os documentos com que pudesse justificá-lo, o boato dos infames precedentes de *Barba Roxa*, conhecidos daquela mulher. E o que devia demorá-lo em Lisboa; de contrário, os cabedais imensos de Alberto, quase todos no Banco de Inglaterra, não precisavam de espaço para a sua liquidação.

Reanimado por qualquer ideia salvadora, Magalhães saiu, a pretexto de apressar a sua retirada.

A sua carruagem parou à porta do Isidro. Apeando, Alberto reparou em um homem que vinha descendo, quando ele subia as escadas da duquesa. Este homem ocultara o rosto e, protegido pela tibia claridade do crepúsculo, passou por Alberto como quem receia ser reconhecido.

– A Sr<sup>a</sup> Duquesa? – perguntou a um criado.

– A senhora que V. EX.a hoje de manhã procurou?

– Sim.

– Saiu.

– Quando?

– Não há dez minutos.

– Naturalmente era um vulto, que me pareceu um homem, que encontrei quando subia.

– Não, senhor. Esse vulto era um homem que jantou hoje com a Sr<sup>a</sup> Duquesa... eu não sei se é duquesa... seja lá quem for...

– Seria o barão de Sá?

– É pessoa que não conheço...

– Um homem da minha idade, louro do cabelo, com...

– Nada, nada; eu mal o vi; mas o homem pareceu-me velho...

– A que horas costuma recolher a duquesa?

– Não sei, senhor. Ela nunca saiu a estas horas. Hoje vai ao teatro, e não tardará para se vestir, que lhe leva boa hora e meia, segundo dizem os criados.

– Foi de sege?

– Sim, senhor.

– Dás-me aí um quarto onde espere por ela?

– Pois não... queira entrar nesta sala.

Deixemo-lo esperar, cismando no vulto da escada e no plano que delineou.

Sigamos a duquesa de Cliton. A sege parou à porta de Alberto de Magalhães. A duquesa mandou-se anunciar como uma estrangeira que deseja falar a S. Ex<sup>a</sup>. Responderam-lhe que o senhor não estava em casa; mas que a senhora mandava subir a pessoa que procurava seu marido.

Admiremos o carácter de Eugénia.

Quando se lhe anunciou uma estrangeira, a esposa de Alberto não hesitou um momento em crer que a duquesa de Cliton procurava seu marido com sinistra intenção. E não lhe viram um ligeiro sinal de perturbação. Quem visse seu pai, dezoito anos antes, dar a voz de fogo às espingardas que deviam vomitar-lhe as balas no peito, juraria que Eugénia era filha do bravo general.

A duquesa estava irresoluta se devia aproveitar o oferecimento. Uma ideia súbita fê-la saltar garbosamente da sege.

Atravessou três vastas salas, e encontrou uma mulher, que a impressionou, a seu pesar, extraordinariamente.

Eugénia, com a ponta dos dedos da mão esquerda assente na borda do mármore de uma jardineira, e a direita na atitude orgulhosa da estátua de Minerva, indicava-lhe com soberania o sofá, em que a duquesa, cortejando-a ligeiramente em bom português, se sentou.

Eugénia, sem o menor trémulo na voz, abriu assim o diálogo:

– Diriam a V. Ex<sup>a</sup> que meu marido não estava em casa? Pareceu-me ‘tu’ uma senhora da sua qualidade não teria relações com meu marido sem podê-las ter comigo.

– Não acertou, minha senhora. Contraí com o marido de V. Ex<sup>a</sup> uma dívida, antes que o matrimónio os unisse, de modo que as dívidas contraídas com o esposo se considerem dividas da esposa.

– Compreendo-a, senhora.

– Felizmente. Não terei a fatigar-me em explicações. V. Ex<sup>a</sup> terá a suma delicadeza de entregar ao Sr. Alberto de Magalhães cento e oitenta mil francos, contidos nesta carteira; e visto que se considera sócia no comércio de finanças com seu marido, queira passar-me um recibo...

– Não recebo a carteira...

– E, por consequência, não passa o recibo... E o mesmo, minha cara senhora. Confio na pontualidade da entrega, e peço-lhe as suas ordens.

– Queira V. Ex<sup>a</sup> levar a carteira.

– Não me forçará a isso... Suponho-a delicada bastante, minha senhora, para não mandar prender ao pescoço. Ora, como importa saber quem deixa este dinheiro, eu vou deixar aqui o meu nome...

–E ocioso, Sr<sup>a</sup> Duquesa de Cliton.

–Ah!, conhece-me... E muita honra, Sr<sup>a</sup> D. Eugénia. Em todo o caso deixarei um bilhete de visita... Que pena! Não trago nenhum no meu indispensável!... Não importa... há um meio em recurso extremo.

A duquesa tirou um lápis, chegou em passo de rainha de tragédia à parede, e escreveu «Ma’nel, Tha’ces, Pha’res»<sup>1</sup>.

D. Eugénia reparou, e riu-se.

– Achou galanteria nos meus apelidos? – perguntou a duquesa, persuadida do riso ignorante de Eugénia.

– Galanteria, não; parece-me ridícula a sua mão, querendo arremedar a mão de

---

<sup>1</sup> Transcrição de Camilo das palavras bíblicas do Livro de Daniel: «Messe, Tekel, Peres».

Deus no festim do rei da Babilónia!

E continuou a rir-se com a mais pungente zombaria. A duquesa enfiou.

– Ria, senhora; mas imagine aquelas letras escritas com sangue, e não com fogo...

– Isso é muito bonito em romances, Sr<sup>a</sup> Duquesa; mas aqui... repare... um pouco de saliva, e uma luva faz desaparecer a sua legenda.

Eugénia cuspiu no letreiro, e com uma luva deixou apenas uns laivos escuros.

– Acho-a sublime, senhora! Vejo que é legítima metade de um corsário! Já dançou sobre as vagas do mar? Já assaltou, de punhal na mão, a amurada de algum navio mercantil?

Eugénia não compreendeu a pergunta da rival; mas empalideceu.

– É pena que nascesse em tão pequena terra! – continuou a duquesa, contando com o triunfo que lhe fugia. – Mulheres assim, corajosas e desenvoltas, devem respirar por mais largo. No mar, são infinitos os horizontes, e as comoções estrepitosas. Nobre dama, a quantas abordagens felizes acompanhou o intrépido *Barba Roxa*?

– Não a compreendo, senhora! Poupe-me o desgosto de a mandar sair...

– Pois sim... sairei primeiro, delicada senhora!... V. Ex<sup>a</sup> sairá depois com os olhos fixos naqueles traços negros... E preciso que a mulher de Baltasar abandone às chamas os seus reais aposentos.

A duquesa saiu. Eugénia entrou rápida no seu quarto, e caiu de joelhos, a chorar, diante da imagem de uma Nossa Senhora que sua mãe lhe dera, e lhe recomendara como protectora nas suas maiores aflições.

## VIII

Alberto, alguns minutos depois que entrara na sala do Isidro, esperando a duquesa, recebeu da mão de um seu criado da carruagem uma carta.

– Quem te entregou isto?

– Não conheci, senhor; era um homem que não deixava ver um bocado da cara; parece-me que era o mesmo que descia as escadas quando V. Ex<sup>a</sup> subia.

– Ele espera resposta?

– Não, meu senhor: retirou-se logo.

A carta continha o seguinte:

*Alberto de Magalhães, retire-se desta casa. Evite encontrar-se com a duquesa de Cliton. Não pense dois minutos, depois que receber esta intimação. Vá hoje infalivelmente ao teatro.*

A letra era-lhe desconhecida: embora; ninguém que não fosse uma personagem muito interessante no drama que ia correndo escreveria semelhante carta. Força sobrenatural obrigava-o a respeitar a intimativa de tal ordem. O temor de pequenas cousas faz as grandes superstições. Alberto retirou-se. Entrando na carruagem, sentiu o rodar de uma sege. Palpitou-lhe o coração que a duquesa vinha ali; mas o preceito anónimo mandava-o evitá-la. Seguiu a rua oposta, e entrou em sua casa, menos exaltado que de manhã, mas muito mais maravilhado da figura misteriosa que aparecia anexa ao plano aniquilador da sua felicidade.

Eugénia, contra o seu costume, não veio encontrá-lo com o beijo carinhoso da saudade.

– A senhora? – perguntou ele.

– Está no seu quarto. Deu ordem que não a chamasse, se entrassem visitas.

– Deu-se algum acontecimento enquanto estive fora?

– Veio aqui uma senhora estrangeira. Demorou-se poucos minutos; e, logo que ela saiu, a Sr<sup>a</sup> D. Eugénia entrou no quarto, e levava os olhos rasos de lágrimas...

– Vá dizer-lhe que preciso falar-lhe; se me dá licença que entre no seu quarto.

Eugénia, porventura absorta nos pensamentos que a faziam chorar, não ouvira a carruagem. Quando a criada lhe deu o recado de seu marido, que não esperava tão cedo, correu a abraçá-lo, exclamando:

– Tu aqui!... Estava pedindo à Mãe de Deus que te acompanhasse...

Entraram no quarto. O leitor supõe as revelações que Eugénia vai fazer a seu marido. Deixemos Alberto nessa dolorosa provação da sua coragem moral; nesse martírio, sem nome, que a palavra *corsário*, pronunciada por sua inocente mulher, lhe fará sofrer.

Vamos à residência da duquesa de Cliton, que há momentos se recolheu.

Quando a criada vinha ajudá-la a despir os enfeites incomodativos, foi repelida.

– Deixa-me!... – bradou ela, atirando-se ao canapé, e arrancando a pedaços as luvas, que não saíam prontamente das mãos. Trejeitava com os olhos, com os lábios, com os braços e com as pernas. Parecia assaltada por uma legião de insectos, que a mordiam em todas as fibras. Possessa de rancor impotente, cruzando a sala a passos largos, parando um momento para redobrar os ímpetos, fazendo estalar os nós dos dedos, e fremir os suspiros que lhe não cabiam no peito arquejante, a vaidosa duquesa acusava a sua própria covardia, por ter deixado incólume a mulher de Alberto de Magalhães. Indecisa se devia tentar outra vez a entrada em casa dela, resolvera-se pela

ida, escondera duas pistolas na algibeira interior de uma murça de pele de tigre, e levantava o fecho da porta, quando a porta se abriu por mão exterior. A duquesa recuou primeiro, depois, reconhecendo a pessoa que lhe impedia a saída, ofereceu-lhe a mão.

– Não vos esperava agora... – disse ela, sentando-se. – A vossa vinda é uma providência, ou uma desgraça...

– Vejamos qual das duas missões devo aceitar... – disse o vulto desconhecido de Alberto de Magalhães, deixando cair a capa dos ombros, e recostando o cotovelo à cadeira da duquesa.

– Quero uma vingança!...

– Já sei que é esse o vosso pensamento, Sr<sup>a</sup> Duquesa.

– Mas quero-a pronta, hoje, e já.

– Aumentaram os estímulos desse ódio implacável?

– Exasperaram-mos!... A mulher de Alberto insultou-me com sarcasmos... Quis beber um golo do fel que o infame me verteu no coração... há-de bebê-lo...

– De que modo, Sr<sup>a</sup> Duquesa?

– De que modo? Não sei... o ódio me aconselhará...

– Não tencionais disparar uma pistola no peito do marido?

– Sim.

– Que mais quereis? Se privásseis da vida a viúva, em vez de vos vingardes, far-lhe-íeis uma esmola, porque Eugénia ama esse homem com delírio.

– Tendes razão, senhor!... Não tocarei nessa mulher... mas a minha vingança quero-a hoje. Sabeis a história dos meus padecimentos... é preciso que eu tenha uma hora de felicidade... estou sufocada: sinto aqui na garganta uma corda, há cinco anos... quero respirar...

– Respirai. O perdão das injúrias é uma respiração; mas essa não vos aconselho eu. A Providência de Deus tem seus tribunais na Terra. Vós sois o algoz que recebeis o cutelo da mão providencial.

– Eu não cumpro desígnios da Providência... Vingo a morte de meu irmão, que foi morto quando salvava a minha honra.

– E, contudo, o sangue de vosso irmão não lavou as nódoas do vosso carácter...

– Não: e que importa isso? Que me importa a face que tenho voltada para o mundo? Desprezo com todo o asco a opinião pública. A minha consciência é que me dá preceitos, as nódoas que tenho, e que me vedes, não as pode lavar o sangue de meu irmão; mas veremos se tranquilizo a consciência com o sangue do assassino covarde...

– Alberto de Magalhães?

– Sim!... e quero que seja hoje...

– Seja hoje.

– Aconselhai-me, já que viestes seguindo os meus passos para dirigir as minhas tenções.

– Não me dissestes, duquesa, que o vosso ódio vos aconselharia?

– Pois então de que me servis?

– Acompanhar-vos-ei... e quando o vosso braço fraquear...

– Conto com o vosso? Não precisarei. As minhas pistolas são boas, e a pontaria é infalível.

– Quereis um conselho?

– Dizei... senhor... ia-me enganando... nem a sós convosco devo chamar-vos pelo vosso nome?

– Não.

– E o caso é que vos obedeço prodigiosamente.

– Naturalmente aos cabelos brancos.



– Não sei... Vós tendes na fisionomia um selo sobre-humano. Conheço-vos, vi-vos há seis meses; conheço-vos há três dias, e penso que estou debaixo de uma influência magnética há muitos anos...

– No vosso carácter, duquesa, é uma maravilha que me faz honra... Reparai bem que sou um homem, pouco mais ou menos organizado como o barão de Sá... O que tenho mais que ele... são os anos, o sangue arrefecido, a cabeça quase como o coração...

– Mas... eu não compreendo isto!

– O quê, duquesa?

– O interesse que tomais na minha vingança...

– Não tomo nenhum.

– Nenhum? Cada vez sois mais problemático!

– Aconselho-vos, e nada mais. Nem ao menos tenho o interesse do advogado, que aconselha o seu cliente...

– Mas, em tal caso, deveríeis aconselhar-me para o bem...

– Que chamais vós o *bem*?

– O perdão das injúrias.

– Escarneceríeis, e os vossos criados não me deixariam entrar na vossa casa, segunda vez.

– O que devo então pensar? Que quereis a minha gratidão de uma maneira ou da outra?

– De nenhuma.

– Por Deus! Isto parece-me um trocadilho de frases... Que misterioso homem sois! Dizei-me por quanto há: devo julgar-vos a pessoa que encontrei há seis meses?

– A mesma pessoa.

– Com outras ideias?

– Com as mesmas ideias, e seis meses de mais. Resumi as vossas perguntas, que se faz tarde.

– Tarde!... para quê?

– Vesti-vos.

– Que me vista!... Onde vou?

– Ao teatro.

– Com que fim?

– Vereis Alberto de Magalhães.

– Sim?

– Sim, duquesa.

– Duvido...

– Não duvideis.

– E sua mulher... irá?

– Não sei.

– E depois?

– Entrarei convosco na carruagem, antes que a de Alberto tenha partido. Pararemos na rua próxima da de Alberto, e apearemos.

– Depois?

– À meia-noite é cerrada a escuridão. Ninguém nos verá escondidos na esquina do palácio. Quando Alberto apear...

– Que farei?

– O que o ódio, vosso leal conselheiro, vos disser.

– Agora compreendi-vos, senhor!

– De que maneira?

– Tendes ódio a Alberto de Magalhães.

– E não tenho coragem para uma vingança directa, é o que quereis dizer?

– Não digo tanto...

– Pensai o que quiserdes, duquesa.

– Seja o que for... a vingança é minha! Se quisesse recuar, não poderia, depois que vos ouvi... Sois imperioso... esperai que eu me vista.

A duquesa saiu, e deixou a murça com as pistolas sobre a jardineira. O confidente do assassino viu as pistolas uma a uma, voltou as costas para a porta donde podia ser observado, e esteve assim alguns minutos.

Nessa noite, as aias não tiveram senão que admirar a rapidez do toucador da duquesa de Cliton. Voltando, encontrou o seu hóspede sentado, profundamente distraído consigo, se o julgarmos pela imobilidade em que a cabeça, entre as mãos, se conservou.

– Pronta! – disse ela, e foi tirar as pistolas da murça. Ergueu os perros varonilmente, e trocou por outros os fulminantes.

– Sois prevenida, Sr<sup>a</sup> Duquesa...

– Achais?

– Não vos falta o menor ademã de um jogador de armas... Sois a Judite dos tempos modernos... A França dá todos os séculos uma Joana d'Arc...

– Aceito a comparação... Vamos?

– Ide. Eu vou a pé. Não entro no teatro. À saída encontrar-me-eis à portinhola da carruagem.

– Ai que loucura! – exclamou a duquesa –, eu não mandei tomar bilhete de camarote!...

– Esqueceu-me dar-vo-lo, senhora. Está aqui, nº10 da segunda ordem.

A duquesa aceitou, maravilhada. Desceram ambos, e separaram-se no pátio do hotel.

.....

## IX

Quase simultaneamente chegavam duas carruagens, e abriram-se dois camarotes, em S. Carlos.

Em um entrava a duquesa de Cliton. No outro, Alberto de Magalhães e sua mulher. Os óculos encontravam-se ao mesmo tempo; depois, desceram da posição observadora, para nunca mais se encontrarem.

Eugénia recebia, como sempre, afável e desvelada, as visitas sucessivas. Cortejava com o seu sorriso de encantadora simpatia os cavalheiros da plateia, que porfiavam em merecer-lhe uma dessas frívolas atenções, mais para reparo dos seus vizinhos que para gosto seu. As damas dos camarotes acenavam-lhe com os leques, e por acenos lisonjeavam-lhe o gosto do seu penteado de canudo de trancinhas enfioreadas, que era o supremo luxo das damas de 1836.

A leitora não admira tanto o gosto do penteado como a paciência de Eugénia em alindar-se caprichosamente, na mesma noite de um profundo abalo à sua tranquilidade e de uma formal ameaça à vida de seu marido. Duas palavras de um bilhete anónimo explicam tudo. Como viram, Alberto entrou no quarto de Eugénia. Ouvira em poucas expressões, arrancadas como gemidos, a apóstrofe sanguinária da duquesa. Caíra, a seu pesar, em profundo abatimento, de que sua mulher tentava salvá-lo. Era esta a dolorosa situação de ambos, quando um criado, fora do quarto, pedia que lhe recebessem uma carta, que devia ser imediatamente entregue.

Eugénia tremeu de encontrar naquela carta a revelação de um novo infortúnio, se podia havê-lo; mas recebeu-a com ansiedade, e entregou-a a Alberto.

Continha isto:

*Filha de Antónia Mascarenhas, não tremas pela vida de teu esposo.  
Vai passando a nuvem. Sorri a novos dias de felicidade.*

A letra desta carta era semelhante à que Alberto recebera no hotel. Como a voz de um anjo invisível, que fala em nome de Deus, aquelas palavras levaram a convicção ao espírito de ambos. Um nome passou de relance pelo coração dos dois, mas não ousaram proferi-lo. Era impossível!... Padre Dinis àquela hora devia estar no Japão... Era, talvez, um milagre!... Um enviado da mãe de Eugénia!... Esta piedosa ideia tocou a supersticiosa inteligência da esposa de Alberto; mas, tão extraordinária lhe parecera, que não ousou comunicá-la a seu marido, quase sempre armado de um sorriso de incredulidade para as quimeras espirituais da visionária de Sintra.

Alberto devia ir ao teatro: o preceito, depois que viu a segunda carta, parecia-lhe inviolável. Eugénia queria acompanhá-lo, sentindo um dobrado prazer de encontrar-se face a face com a furiosa rival; precisava de ferir-lhe o amor-próprio, juntando às liberalidades da natureza quantas a arte podia inventar-lhe. Foi, e nem um sinal de sofrimento, nem um instante de melancolia lhe notaram. Era tudo, naquela fisionomia, irradiação de júbilo, e, naquele corpo de fada, resplendor de rendas, de ouro e de brilhantes.

Não assim a duquesa de Cliton. Os seus belos olhos mergulhavam em um abismo cavado pela imaginação procelosa sobre a turba dos frívolos, que, naquele instante, contemplavam uma linda mulher, que, mal diriam, meditava um assassinio, realizado poucas horas depois. Pálida, mas por isso mais à feição romanesca dos espectadores, a duquesa nunca dera tanto nos olhos, nem excitara tanto o apetite de ser conhecida.

O barão de Sá, que fora vítima, mas vítima que dera um gentil soco nas ventas

audaciosas do cônsul de Luís Filipe, estava contente na plateia, cercado de bons estúrdios, contando a seu modo a aventura estranha, dominando a gargalhada ruidosa que perturbava o espectáculo, e recrudescendo a sua vingança a ponto de capitanear uma bateria de binóculos assestados na lívida duquesa.

O cavalheiro do Porto, que metera em semelhantes entalas o barão, era o mais estrídulo nas risadas, aplaudindo-se da sua obra, e comprometendo-se a provar ao barão que a estrangeira da aventura continua a ser rainha de Sabá e condessa de Minturnes. Novas gargalhadas, novas observações, chasco daqui, agudeza dacolá, a tenção de todos e sobretudo o indispensável *psiu* dos pacíficos burgueses, que tinham em resposta um «fora, parvos!» ou outra equivalente amabilidade.

Alberto de Magalhães observava do seu camarote as afrontas directas à duquesa. Eugénia acompanhava-o nesta análise, e murmurou ao ouvido de seu marido:

– É com ela?

– É.

– Porquê?

– Não sei... Vejo que o motor principal é o barão de Sá.

– Acho aquilo infame.

– Decerto.

Esta última palavra foi dita já fora do camarote. Alberto entrou na plateia: o óculo da duquesa acompanhou-o até ao grupo dos que a insultavam, e a tinham obrigado a esconder o rosto com o leque, e, ao ver que ele se associava aos outros, temeu verdadeiramente, e retirou-se para o fundo do camarote, soltando uma risada nervosa, um como rugido de hiena, quando chega a hora de cevar-se.

Entretanto, Alberto parou diante da dúzia de cavalheiros, que lhe prestaram atenção, e se gloriariam de merecer-lhe um sorriso, se ele o tivesse por sua galhofa.

– Sois uns miseráveis covardes, senhores! Insultais uma dama, que não tem um homem no seu camarote. Olhem que desonram suas irmãs, abrindo o exemplo!

Se levantasse um pouco mais a voz, poderia ser ouvido no camarote da duquesa. Resposta, nem um monossílabo! Realmente os folgados mancebos não eram tão valentes como espirituosos. O próprio barão de Sá, que fora feliz na última refrega, não tinha confiança em si, nem esperava dar mais, na sua vida, um segundo soco do calibre do primeiro.

Alberto retirou-se placidamente, sem lembrar-se de que o sono do dia seguinte poderia ser-lhe perturbado por algum cartel.

A duquesa nunca mais viera à frente do camarote. A indignação contra o barão de Sá e seus sequazes era geral. A autoridade, se não receasse algum bofetão, decerto interviria no escândalo; mas, na turba, avultava o comandante de um corpo, e a espada naqueles dias cheirava ainda a sangue, perfume que revolta o olfacto das autoridades civis.

O resultado foi encrucecerem-se os ódios da duquesa. No seu apaixonado raciocínio, aquela galhofa de bárbaros fora promovida por Eugénia e Alberto. Faltava-lhe, para completa evidência, vê-lo a ele na roda dos miseráveis adutores do ouro do corsário. Logo que o viu, os seus olhos não podiam ver mais, precisavam retrair-se a uma cena infame. Foi quando ela soltou a gargalhada, ouvida nos camarotes próximos, que tiveram a leviandade de a reputarem meretriz; mas nem assim aplaudiam o desfaçado insulto à desgraça. Depois da gargalhada, vieram as lágrimas, excitadas por um misto de raiva, de orgulho, de dignidade, e até de compaixão de si mesma. Porque não se retirava do camarote aos insultos? Porque não podia quebrar uma aliança feita com o seu officioso conselheiro, intérprete fiel do imenso ódio que lhe fazia de cada minuto que decorria um século sem vingança. No meio do quarto acto, os da plateia

inferior repararam na saída de um homem de cabelos brancos, óculos azuis e longas barbas.

Findou a ópera. A duquesa de Cliton, quando saía do seu camarote, viu um homem embuçado, ombro a ombro com ela.

– Vinde a meu lado.

Era-lhe conhecida esta voz. Quando descia, a turba dos insolentes fazia roda no peristilo do teatro, por onde ela devia passar. O encapotado, figura célebre e anacrónica fora de Veneza e dos dramas arripiados, parou, com todo o sinistro da arte, defronte do grupo. Não falou; mas a roda abriu duas alas, e a duquesa não ouviu um remoque. Poucos passos distante desta cena, estava Alberto. Quais as suas intenções eram, poderia adivinhar-lhas quem soubesse o que, nos olhos dele, queriam dizer os raios de sangue. Eugénia esperava Alberto, trémula, encostada ao braço do conselheiro, que tinha dito com grande surpresa: «Oh!... esta mulher... é a duquesa de Cliton?» E maior foi o seu espanto, quando Eugénia lhe respondeu: «E.»

A duquesa e o encapotado entraram na carruagem.

– Vou cheia de fel, senhor!

– Sei-o.

– Presenciastes?!

– Presenciei.

– Não me dissestes que não vínheis ao teatro?

– Vim... segue-se que vos enganei, duquesa.

– Que é isto? – disse a duquesa, vendo o seu confidente despegar umas longas barbas, e levantar das orelhas umas cangalhas.

– É o homem com todas as suas variantes...

– Cada vez mais ininteligível...

– Sou um hieroglífico humano, senhora duquesa! Este nó górdio há-de parti-lo o túmulo... – disse ele, sorrindo amargamente.

– Então vistes o infame Alberto na roda dos que me insultavam?

– Não vi.

– Desmentis-me, ou não reparastes?

– Desminto-vos.

– Senhor! – exclamou a duquesa, saltando sobre o coxim.

– Alberto fez calar os insolentes.

– Mentis!

– Mercê, senhora duquesa!... Se me dizeis, com consciência, que menti... confesso que não reparei.

– Dizei antes assim... e perdoai a minha exaltação.

– Afronta por afronta... não tenho que perdoar-vos.

– A minha vingança é cada vez mais legítima.

– Deixai a Deus esse juízo.

– Não me faleis em Deus!... Eu não creio em Deus.

– Haveis de crer.

– Quem me forçará?

– A desgraça.

– Maior desgraça do que esta?! Qual?

– A de vossa mãe...

– Minha mãe!... Conheceste-la?

– Sim... duquesa de Cliton.

.....

A carruagem parara na rua indicada pelo homem das barbas postiças ao boleeiro.

– Cobri-vos com esta capa e com este chapéu, senhora duquesa.

– E vós?!

– Tenho outro chapéu e outra capa... Apeai-vos. A carruagem de Alberto vem atrás de nós.

Apearam.

– Olhai lá... O homem que ides assassinar está ao pé de nós. Dentro de três minutos deve ser um cadáver. Tendes coragem?

– Tenho!... – respondeu ela com impetuosa energia.

– Não vos treme a mão na cronha da pistola?

– Não.

– Vinde... encostai-vos a essa porta. Quando ele saltar da carruagem... desfechai.

– Para onde ides? – perguntou ela a tremer.

– Estou perto de vós.

A carruagem parou. Alberto saltara, e, ao voltar-se para dar a mão a Eugénia, ouviu o estalo de um fulminante. Quase ao pé de si estava o vulto, que lhe batera uma pistola. Eugénia caía desmaiada para o interior da sege, quando Alberto corria sobre o suposto assassino com um punhal. O punhal descia sobre um vulto, quando outro susteve o braço de Alberto, ao mesmo tempo que a duquesa desfechava a segunda pistola, com o mesmo resultado. Alberto arrancava o braço da mão que lho suspendera, quando ouviu estas palavras:

– Alberto de Magalhães, é uma covardia assassinares uma mulher!

Palavras que o fulminaram! O punhal caiu-lhe das mãos. A convulsão do rancor converteu-se na sinistra imobilidade do cataléptico. Os joelhos dobravam-se-lhe, sem que a alma os mandasse... Arrancando a voz à sufocação da surpresa, exclamou:

– Oh, padre Dinis!... dizei-me que sois um Deus, porque é preciso adorar-vos.

E ajoelhava.

– Erguei-vos, senhor! Não pronuncieis esse nome... Alguém houve chamado assim... quem quer que foi... morreu!... Duquesa de Cliton, se este homem devesse ser morto por vós, Deus não permitiria que eu vos encontrasse... Segui-me!... Alberto, dizei a Eugénia que sua avó era mártir, e sua mãe uma santa... e que os sofrimentos do mundo lhe são indemnizados em benefício dela... Adeus.

Padre Dinis guiava pelo braço um autómató, sem vontade e sem acção; era a atrofia moral, a surpresa que retrai a sensibilidade em um espasmo estúpido.

## X

A duquesa de Cliton, apenas apeou na hospedaria, pediu licença ao seu condutor para retirar-se ao seu quarto, porque sentia necessidade de deitar-se.

– Sim – respondeu padre Dinis –, mas sentai-vos alguns momentos neste canapé. Eu tenho necessidade de falar-vos, e vós de me ouvir. O vosso incómodo é todo espiritual, e a cama e a solidão são o pior dos refúgios para quem sofre da alma. Sentai-vos, duquesa... conversemos. Olhai para mim, que sinto uma angústia sobrenatural, quando vos vejo os olhos... e eu gosto das angústias... são o meu alimento, e recaio em um torpor tedioso quando me faltam comoções que me laceram a vida pedaço a pedaço. Olhai para mim, filha de *Blanche de Montfort*!

A duquesa estremeceu, e encarou involuntariamente a face rugosa do padre.

– Que vos pareço? Que juízo fazeis deste homem que aqui está?

– Nenhum... não sei o que sois... tremo até de o saber...

– Odiais-me?

– Porquê? Acho que devo ser-vos agradecida, porque me não deixastes morrer às mãos daquele homem.

– Tendes para comigo uma obrigação mais solene...

– Qual?

– Não consenti que o matásseis...

– Isso não o devo a vós, se é motivo de gratidão... Devo-o às minhas pistolas, que me atraíram...

– As vossas pistolas foram fiéis: fizeram o que podiam fazer... não estavam carregadas...

– Isso é falso... carreguei-as eu.

– Não é falso, duquesa, as pistolas...

– Que é delas?

– Estão aqui descarregadas...

– Nesse caso atraíram-me... Deu-se uma infâmia, que eu ignoro... Fui atrozmente enganada por alguém.

– Por mim...

– Por vós?... Descarregastes as minhas pistolas?...

– Vede, senhora, tenho aqui nesta algibeira a pólvora e as balas.

– Mas isso, senhor, é uma infâmia, uma traição, uma ignomínia que não tem nome!... Quem vos deu o direito de entrar na confidência dos meus segredos, para me atirar ao ridículo?

Padre Dinis, sorrindo, e humedecendo os lábios, que pareciam de repente calcinados, abriu uma carteira de marroquim vermelho, tirou uma carta, já cortada nas dobras, como escrita há muitos anos, e ofereceu-a à duquesa.

– Conheceis esta letra?

– Creio que sim!... Esta letra... deixai-me reparar... esta letra é de...

– Falai baixo, senhora... é justamente de quem supondes... A assinatura desengana-vos... olhai... *Blanche de Montfort*...

– Minha mãe!

– Sim... vossa mãe... Lede estas quatro linhas.

– Não posso!... Estou perdida da cabeça... Minha mãe morreu há vinte e sete anos... Com que direito possuis esta carta? Que ligações vos prendem a minha desgraçada mãe?... Respondei, senhor. Se me dizeis que há Deus, que há comiseração, que há virtudes práticas por amor de Deus, tende para comigo a virtude de me dizer

quem sois!

– Quem sou!... Duquesa, essa pergunta é-me feita há mais de cinquenta anos, tenho-me consultado para responder a ela, e nunca respondi ao meu próprio desejo de saber quem sou...

– Isso é dramático, é misterioso, deve lisonjear bastante o vosso carácter sobrenatural; mas, na situação desgraçada em que me vejo, não acho prazer em apreciar à vossa missão extraordinária, não quero saber por que força oculta Alberto de Magalhães vos ajoelhou. O que preciso, o que não dispenso saber é o domínio que quereis exercer sobre mim, a virtude que vos manda acompanhar cavilosamente os meus passos, e atraiçoar os meus planos.

– Ouvi as quatro linhas, Sr<sup>a</sup> Duquesa:

*Se uma imprevista eventualidade fizer desgraçada minha filha, não a deixeis abismar-se. A infeliz é a vergôntea de um tronco corroído de vermes: serão amaldiçoados os seus frutos.*

–A profecia não se realizou! – disse a duquesa, recuperando toda a energia varonil do seu carácter.

– Bendito seja Deus, se a profecia se não realizou!... E eu cuidava que sim...

– Não!, repito-vos que não! Resvalei em um abismo, mas ergui-me! Não estou desonrada!

– Silêncio, senhora!

A duquesa viu repentinamente empalidecer o padre. Aquelas duas palavras assustaram-na, como um eco dos túmulos. O velho cerrava o punho esquerdo, ao qual encostara a cabeça; mas o braço tremia, e a convulsão fazia ranger a cadeira a que ele se encostava.

Passaram-se minutos. A situação de ambos é uma agonia superior à concepção de quem procura em um romance avaliar o exterior dos sofrimentos sem uma cicatriz no coração.

Este conflito é interrompido por uma criada, que anuncia um cavalheiro que precisa absolutamente falar com a duquesa de Cliton.

A duquesa recusa-se; mas as instâncias redobram. Padre Dinis, que ouvira silencioso as respostas dela, ergue-se em um ímpeto, e abre a porta da sala. Alguém, sem outro convite, entrou atropeladamente... E Alberto de Magalhães.

Padre Dinis recua, e deixa cair os braços quando o cavalheiro faz menção de abraçá-lo. A duquesa, perplexa e lívida, presença imóvel o lance inexplicável.

– Que quereis, Sr. Alberto de Magalhães? – perguntou o padre em um tom severamente rancoroso.

– Estranho-o, padre Dinis!...

– Abreviai a vossa resposta: a quem procurais?

– A Sr<sup>a</sup> Duquesa de Cliton.

A duquesa, restaurada do primeiro torpor, evadira-se da sala. Padre Dinis disse em voz alta:

– Sr<sup>a</sup> Duquesa!...

Uma criada veio dizer que a senhora não podia vir à sala.

– Bem vedes que é inútil esperá-la, Sr. Alberto. Quereis alguma coisa de mim?

– Dizer-lhe, ao menos, que não mereço a aspereza com que me recebe... Que mal lhe fiz, senhor?

– A mim... nenhum...

– Então... o seu procedimento é inqualificável.



– Estes cabelos não admitem uma repreensão. A velhice, curtida de dores, tem orgulhos, Sr. Alberto. Sai da minha presença!... Espero que me não estranguleis pelo meu *inqualificável procedimento*.

– Oh, senhor!... veja que me cospe o pior dos insultos!... Repare que tenho a afronta no coração e a vergonha no rosto!... Esqueça-se de que fala ao homem que encontrou há dezoito anos!... Se admite que a regeneração da virtude seja possível... se me concede estímulos de homem, seja generoso... seja para comigo um pouco da divindade que tem sido para todo o mundo! Acuse-me!... diga o mal que lhe fiz!... Deus é testemunha da minha inocência!

– Sr. Alberto... mereço-vos alguma estima?

– Estima, e respeito, senhor!...

– Não procureis mais esta mulher. Não me procureis a mim. Não balbucieis os nossos nomes. Sai desta casa.

Alberto retirava-se, pela segunda vez, estupidamente sonâmbulo, daquela casa. Qualquer conjectura que possamos atribuir ao que ele sentira será sempre um esforço de análise impotente. Quando o coração é aturdido por um tumulto de opostas ideias, o carácter exterior fecha-se, escurece-se, e não deixa rasto de luz que encaminhe o observador mais provado na experiência das dores que o homem esconde com egoísmo à fria curiosidade dos estranhos. Quem poderá conceber, em lance tal, o tropel de angústias que embruteciam Alberto de Magalhães?

Depois que Alberto saíra, a duquesa entrou na sala e não viu padre Dinis. É que também saíra para entrar em uma ordinária *casa de pasto com dormida*, na Rua de S. Paulo.

Ai, às três horas da manhã, sentado a uma pobre banca, alumiado por uma vela quase extinta, tiritava de frio, aquecendo as mãos na chama da vela, o confidente da duquesa de Cliton; acabava de escrever no *Livro Negro* algumas páginas, de que copiamos as últimas linhas, e não as copiamos todas, porque o *Livro Negro* de padre Dinis é um volume que se destaca do contexto dos MISTÉRIOS DE LISBOA, e será, por isso, em seguida.

Este homem, lembre-se o leitor que o encontrámos no declinar da vida, aos quarenta anos de idade, respirando no túmulo de Francisca Valadares, a freira de Santa Apolónia, os derradeiros alentos das paixões mundanas, que deviam ter sido tempestuosas até àquela idade. Os vínculos que o prendem à duquesa de Cliton, se não forem significados nas linhas que vão ler-se, a biografia do homem prodigioso <sup>2</sup> virá depois alumiar as obscuridades em que se esconde um grande crime, a que o levita atribui a longa expiação de profundos dissabores dos últimos vinte anos.

A página, fielmente copiada, dizia isto:

.....  
Era esta a paragem que me faltava. A última estância do peregrino que se avizinhou do túmulo, e a vergonha, o ultraje, devorado surdamente, a última palavra da condenação proferida pelos lábios dessa infeliz...

Era forçoso que eu encontrasse esta mulher, meu Deus!

Era forçoso que, antes de consumir o resto de vigor em serviço da humanidade, apregoando o vosso nome a bárbaros, o martírio da alma, a trituração das fibras espedaçadas, precedesse o martírio do corpo.

Tenho visto, Senhor! Não quereis que o meu sofrimento seja comum!

---

<sup>2</sup> Vide *Livro Negro de Padre Dinis*.

Quem no futuro contar aos homens a existência do vosso servo terá inventado uma fábula, um mito, que apenas moverá a dor da imaginação, e a piedade dos incrédulos.

Que obscuros martírios em velhice tão infeliz, em punição tão longa!... E não me queixo, Senhor! Mas consenti que a vítima gema, já que lhe secastes a fonte das lágrimas!

Prevendo todos os flagelos, não tinha imaginado este, meu Deus! Não pensei que devia seguir os passos desta mulher desonrada, que se vendera para remir os seus créditos em reféns, hipotecando a honra por oitenta mil francos!

Era muito!... era nova esta angústia entre milhares de angústias que rodeiam o crime, eternamente expiado!

Perdoai-me, Senhor; mas eu quis avaliar francamente a natureza da vossa vingança! Eu vira que o meu contacto era como a mordedura do escorpião. Uma sentença de morte fora escrita no Céu para bons e maus que sentissem no rosto o meu hálito, embora os salvasse da indignação ou do crime. Julguei que Alberto devia morrer assassinado por essa infeliz mulher: ou devia ser o assassino da pobre, que a voz de um túmulo, fechado há vinte e sete anos, me mandava salvar. Seria um decreto sobrenatural espedaçarem-se esses dois entes? Faltavam dois cadáveres para o meu cortejo de larvas?

E resisti à Providência ou à fatalidade! Roubei a bala que devia matar o homem que recebera Eugénia dos braços de Antónia, moribunda. Suspendi o punhal que descia com a morte ao coração da... filha de Branca de Montfort...

Eu venci, Senhor! Eles vivem! Mas, se esta resistência aos vossos decretos deve ser punida, que novo castigo pode inventar um Deus misericordioso!?

.....

## XI

À hora em que estas linhas eram escritas, a duquesa de Cliton não invocava, porque o não conhecia, o Deus das tribulações. Sozinha, com a sua desesperação, enfurecia-se nas trevas misteriosas, que adjudicavam a sua vontade a um desconhecido que lhe impunha o preceito da obediência, em nome de sua mãe.

Incrédula, mas supersticiosa até ao absurdo, qualidade repugnante, mas inerente aos incrédulos sem a segurança que dá a muitos o estudo da corruptora filosofia dos ateus, a duquesa de Cliton, abrasada na imaginação, e talvez febril, julgou que via o espírito de sua mãe, mandando-a cegamente obedecer ao homem enigmático, que lhe falseara a sanguinária vingança. Excitada pela aparição imaginária, abriu um baú, tirou o retrato de sua mãe no tamanho natural até à cintura, colocou-o na mesa do quarto, defronte de si, e sentou-se, fixando-o com assombro, e estremecendo a cada frémito que o seu próprio vestido fazia ouvir nas mais silenciosas horas da noite.

O retrato era um prodígio de arte. O vulto saltava da tela. Aqueles belos olhos seguiam os menores movimentos da duquesa. As rugas daquela testa espaçosa pareciam contrair-se. Os lábios, tristemente cerrados, pintavam-se-lhe trémulos na imaginação espavorida. A visionária, muitas vezes, quis afastar dos olhos o painel; mas, ao lançá-lhe as mãos, recuava estremecendo; e, se tentava fugir para as trevas da sala, já não era o retrato que a aterrava, mas sim o vulto de sua mãe, suspenso na escuridão, arrastando a longa cauda de uma mortalha branca. Era a febre; porque o sangue queimava-lhe a cabeça, e o coração batia convulso contra os espartilhos, que a sufocavam.

A duquesa chamou as criadas, quis muitas luzes, mandou-as esperar na sala próxima, e esteve até ser dia, defronte do retrato, sem derramar uma lágrima, nem articular uma súplica. O terror supersticioso não lhe ensinava o desfogo da dor, a eloquência de uma filha atormentada, que pede à memória de sua mãe uma inspiração salvadora.

O criado do hotel, que abriu a porta da rua, pouco depois de amanhecer, espantou-se vendo um homem embuçado, justamente o que vinha algumas vezes procurar a rainha de Sabá. Seja dito de passagem que este tolo, fiel à simpatia e identidade de índole que o prendia a outro tolo, jurou sempre nas palavras do barão de Sá, e, por conseguinte, a duquesa de Cliton, na sua opinião, continuava a ser representante da antiga hóspeda de Salomão.

Franqueada a porta, padre Dinis subiu, sem interrogar o criado, que não ousava embarçar uma resolução assim definitiva! O mais que fez, e ninguém deve levar-lho a mal, foi comentar o caso de modo que a cousa mais equívoca, que naquele dia lhe amanhecera, ficava sendo decerto a honra da rainha de Sabá. Um tal homem, e a tais horas, decerto, no entender do circunspecto interlocutor do barão, não era o primeiro ministro da rainha. Para amante achava-o jarreta; mas quem sabe se debaixo da velha capa estaria disfarçado um rei da Babilónia, ou do Egipto, nações conhecidas do moço, que ao mesmo tempo filosofava deste modo e engraxava as botas dos hóspedes?!

A porta em que bateu padre Dinis comunicava para a sala em que estavam duas criadas da duquesa, cabeceando com sono, depois que se fartaram de anotar as excentricidades de sua ama, que, a acreditá-las, há cinco anos que cumpria fado, espécie de loba-mulher, ou lobisomem fêmea, se os há, como nós sinceramente acreditamos.

A porta foi imediatamente aberta. O padre, que, sem o pensar, incutia terror prestigioso nas criadas, perguntou pela ama. Disseram-lhe que passara o resto da noite a pé e que a ouviram passear no quarto.

Davam-se estas explicações, quando a duquesa apareceu à porta do quarto,

acenando ao hóspede que entrasse.

Desta vez, as criadas não duvidariam cantar um terceto acompanhado de rebeca com o moço da hospedaria...

Padre Dinis dera um passo dentro do quarto, e recuou de modo que teria caldo se o não amparara o alizar da meia porta fechada. A duquesa compreendeu depressa a causa do sucesso; mas esta compreensão, por assim dizer, perturbava-lhe ainda mais as mil conjecturas em que trazia perturbado o espírito, acerca daquele homem.

Foi o retrato que produziu a cena inexplicável. O padre não soltara uma exclamação, nem fizera um só dos muitos esgares que andam apensos a todas as surpresas, e que fazem as delícias dos pintores e dos actores de tragédias pavorosas. Pálido, sim, porque a palidez era a sua cor natural; mas, além de pálido, o que poderia ver-se-lhe de mais era o brilho extraordinário dos olhos, que se encravavam, pasmados e imóveis, nos olhos, não menos vivos, do retrato. Esta situação durou cinco minutos. É de crer que, prolongada outros cinco, nem o coração nem a inteligência pudessem suportá-la; porquanto, padre Dinis, ao cabo daquele espaço de silencioso diálogo, se o era, com a sombra de Branca de Montfort, tinha à flor dos lábios um sorriso, que a duquesa não podia encarar porque tinha medo de uma demência, ou talvez receio de alguma estranha visão que a sua febre lhe afigurava.

A transição, porém, é maravilhosa.

Padre Dinis lança um profundo olhar à duquesa. Estende-lhe a mão com afectuosa meiguice. Conduz-la ao pé do retrato de sua mãe, e diz:

– Sim, Branca; tua filha será uma virtuosa mulher!

A duquesa tiritava de susto, e esforçava-se por soltar a sua mão da de padre Dinis.

– Quer fugir-me, duquesa? E medo? De quê, senhora?! Não foi este retrato a sua companhia até agora?

– Foi... e mais ainda que o retrato... Eu vi minha mãe... de outra forma...

– Não diga isso, duquesa... O seu espírito é varonil de mais para essas fraquezas infantis... Sua mãe está aqui... é justamente esta mulher... O que aqui lhe falta é um sopro de Deus que lhe dê uma alma. Essa não será restituída à humanidade, que lha não compreendeu, que lha cercou de trevas e desalentos, que lha despregou do invólucro da carne, cortando-lhe fio a fio as ligações que o prendiam... O que pode ver-se nesta vida de sua mãe... é isto, duquesa. O mais é uma loucura das imaginações abrasadas, ou a estupidez dos espíritos rasteiros... Tire dali aquele retrato, e venha para esta sala.

A duquesa obedeceu maquinalmente. Voltando à sala, encontrou o criado da hospedaria, recebendo as seguintes ordens de padre Dinis:

– Chame galegos que conduzam a bordo de um navio os baús desta senhora.

O criado retirou, e o padre prosseguiu sem ser interrompido:

– Compreendeis, Sr<sup>a</sup> Duquesa, que saís de Portugal...

– Já?!

– Sim; às oito horas sai a escuna francesa *Sacré-Coeur*.

– Ficais em Portugal?

– Não: acompanho-vos até Paris.

– E depois? Abandonais-me?

– Se vos abandono!? Não! Sigo o meu destino.

– Qual?

– Aquele que me embaraçastes...

– Não será assim... Eu, a minha vida... precisa de vós.:

– Daqui em diante... não. Entrego-vos a Deus. Suposto que o não acrediteis, será o que tem sido para convosco. Se blasfemastes... a Providência não se dói das blasfêmias do réptil. Há desgraças que absolvem as injúrias da criatura contra o Criador; Deus vos

dará dias de paz e de amor, duquesa.

.....

A escuna levantou ferro. À proa viram um homem de cabelos brancos, e os olhos rasos de lágrimas, olhando para terra com aquele olhar derradeiro de um proscrito para o horizonte, onde lhe fica uma desamparada mãe, ou uma filha desvalida.

Quem ficava aí, em Portugal, que merecesse uma lágrima de padre Dinis?

Uns poucos de túmulos.

.....

Ao anoitecer desse dia, na alta sociedade de Lisboa corriam diversas versões sobre a estrangeira, apupada em S. Carlos. Dizia-se que Alberto de Magalhães, amante dessa mulher, que tinha o parvo despejo de intitular-se rainha de Sabá e condessa de Minturnes, fora desafiado até ao meio-dia por seis cavalheiros, insultados na plateia. Era esta a versão mais autêntica, e, ao menos, na segunda parte, verdadeira.

O primeiro cartel era assinado pelo coronel de cavalaria Jorge Pimentel, o segundo pelo barão de Sá, e os outros, até seis, por firmas notáveis na burguesia nobilitada de fresco.

Alberto serviu-se da frase com que respondeu ao primeiro para todos os outros: *Não se batia.*

O coronel, que não era homem de contemporizações, nesse dia e no seguinte conservou a espada, virgem, na opinião dos seus camaradas, no inseparável telim. Ao terceiro, como não encontrasse Alberto nas vizinhanças do quartel, donde se não alongou muito, arrumou a espada para melhor ocasião.

O barão de Sá, posto que professor no pugilato (vide o nariz do cônsul), há quem diga que não saiu de casa três dias.

Os demais cavalheiros, aliás timbrosos, a pedido de suas famílias, também ficaram em casa, jogando o voltarete pacificamente. Prudentes pessoas!

De maneira que Alberto, convidado a jantar nessa tarde com o seu velho amigo e devedor insolúvel, o marquês de Sesimbra, atravessara os lugares mais frequentados de Lisboa, a pé, e não teve o dissabor de aquietar os cavalheirosos arrufos dos ferros espadachins.

Eugénia, que não pudera resistir ao abalo da véspera, não saíra do leito esse dia; nem por isso dera a seu marido sinal de que o desejava a seu lado. Alberto de Magalhães era homem de segredo para todo o mundo, mas já o não era para Eugénia. Outra mulher, dadas semelhantes circunstâncias, veria na saída de seu marido, depois da cena que a fizera desmaiar na carruagem, um horrível mistério: ela não; recebeu-o carinhosamente na volta, e nem sequer, por indirectas palavras, tentou o vau do insondável coração de tal homem. Isto mesmo era, reconhecê-lo; porque não é interrogando-os que se conhecem os problemas de certos espíritos que se nos escondem.

Por agentes misteriosos, Alberto soube que a duquesa de Cliton tinha partido, e que na repartição competente fora tirado passaporte para padre Dinis Ramalho e Sousa. As suas investigações chegaram a Paris, donde lhe disseram que a duquesa estava na sua quinta de Cliton, e que certo padre espanhol, espécie de capelão que a acompanhara na sua viagem por Itália e Portugal, tinha embarcado em Marselha, para as missões do Japão, com os missionários franceses da propagação da fé. Acrescentavam os esclarecimentos que a duquesa vivia muito retirada, com pouco fausto, e que, por delação de uma criada, fora possível saber-se que a pobre senhora estava maníaca, e

tinha dias de beatério. Ultimamente, rematavam as informações, dizendo que os rendimentos da duquesa eram escassos, por isso que o melhor das suas propriedades fora hipotecado a usurários, que lhe ofereceram avultadas somas, dissipadas por ela na sua extravagante viagem de quatro anos e tantos meses.

Dias depois que estas informações chegaram, sala de Lisboa um comissário de Alberto de Magalhães, que devia entrar em Paris com um nome suposto, falando inglês. Este homem era o portador de letras sacadas em Inglaterra sobre comerciantes de Paris. Deveria informar-se com determinada pessoa acerca dos credores da duquesa de Cliton, dos quais cobraria recibos na qualidade de procurador da duquesa ausente.

E, consumadas as prescrições, a duquesa recebia na sua quinta de Cliton, da mão de um inglês, um maço de recibos que acabava de cobrar por ordem de um padre português, seu constituinte, que embarcara para o Japão. A duquesa viu-os com sobressalto, e achou solvido um crédito de duzentas mil libras. Na atonia moral em que a deixara surpresa, não pôde logo interrogar o suposto procurador do padre, e, quando, capaz de reunir as ideias amotinadas, ia interrogá-lo, o inglês, sem ela dar por isso, tinha saído, meio maravilhado da grosseria ou aristocrática insolência com que fora recebido.

Sabedor do bom andamento do seu negócio, Alberto sentiu-se superior a si mesmo. Na comoção da sua expansiva alegria, revelou a sua mulher o segredo que lhe escondera, sem receio de desaprovação, mas receoso de vê-lo malogrado por qualquer coincidência desastrosa. Eugénia, abraçando-o com fervente entusiasmo, exclamou:

– Oh!, como é bom ter um marido assim!... Alberto, cada vez me vejo mais pequena ao pé de ti!... Quantas vezes eu terei sido obstáculo para esses heroísmos, que me fazem orgulhosa de ser tua a ponto de recear que Deus me castigue!

É por isso que Alberto de Magalhães se reputava feliz, e tremia de sonhar com um abalo à felicidade doméstica, que, anos antes, lhe parecera uma utopia de almas pequenas, e fáceis de contentar-se com pequeníssimos prazeres.

O arroio límpido da sua ventura entrara outra vez no leito donde saíra agitado pela tempestade de alguns dias. O céu, o sol, o ar, o teatro, a opulência, o amor, a esperança, a ternura, o piano de Eugénia, o cortejo dos parasitas, a amizade sincera de algum raro hóspede, tudo, outra vez, lhe sorria como dias antes, e lhe embalsamava a existência dupla de suaves perfumes.

Se a presença do barão de Sá fosse necessária para encher um vácuo nas passadas regalias de Alberto, nem esse ornamento das suas salas lhe faltou. Boa pessoa, o barão de Sá, que não era valente, fora do soco de improviso, nem odiento, passados cinco minutos depois que o apoquentaram, viera pessoalmente dar explicações a Alberto, que o recebeu perfeitamente na sala de jantar, e o serviu de sopa, a que o barão chamava *potage*, e de uma perna de peru, iguaria que, como quase *toutes les sauces* (disse ele), lhe cativava a simpatia, a julgar pelo ruído que fazia na sôfrega mastigação, à semelhança dos companheiros de Ulisses.

O barão de Sá tinha suficiente critica para não roçar de leve o nome da duquesa de Cliton. Queria dar explicações do seu indiscreto desafio; mas Alberto não lhe deixava brecha. Por fim, reanimado por dois cálices de champanhe, reanimação que muitas vezes pediu emprestada à libérrima garrafa, o barão principiou, meio francesa e meio língua nenhuma, a descrição do famoso soco, que fez rir muito Alberto, e que obrigou Eugénia a retirar da mesa com as mãos nas ilhargas. O barão reputava-se venturoso por ter arrancado estas sinceras gargalhadas, justo galardão do seu triunfo sobre as Gálias, que acabava de comentar um pouco mais chistosamente que César.

Se fosse homem de reservas, o barão não perdoaria nunca ao estúrdio do Porto, que lhe meteu na cabeça os títulos irrisórios da duquesa. Esse, sim: lá lhe feriu um pouco a sua susceptibilidade leonina, e por pouco, no salão do teatro, não viu

sobranceira a segunda edição do murro que fez morder o pó ao bravo representante *des Tuilleries*, como lhe chamou no relatório homérico, pronunciado em presença de Alberto de Magalhães. Por fim, o coração entrou-lhe nos ordinários diques, e o cavalheiro do Porto podia, sem receio, dizer ao barão que a rainha de Sabá o nomeara ministro da fazenda.

Há mais alguma cousa que a benevolência manda dizer a respeito deste fidalgo. Não é absolutamente líquido se as atenções para com Eugénia eram puras. Os maliciosos quiseram ver na familiaridade do barão um ressaibo adúltero, que o cavalheiro do Porto, ardente Plutarco dos tolos ilustres, julgava não só possível, mas até facto consumado. Neste melindroso ponto, a calúnia não passava do murmurar impotente de meia dúzia de detractores de profissão, e outras tantas senhoras infames, que o acaso deslocara do alcouce, e viera sentar nas cadeiras estofadas de Alberto de Magalhães. Desculpai, leitoras susceptíveis, se a frase da legítima indignação nos ressalta dos bicos da pena. Se tivésseis conhecido Eugénia, se soubésseis quantos anjos de virtude, como Eugénia, aí são mordidos pela víbora cevada nas almas torpes de demónios, infamadores de profissão.

.....

É possível que o barão de Sá, mais por estupidez que por maldade, aninhasse nas entranhas lóbregas do coração de lama um pensamento impuro, talvez excitado pela natural afabilidade da neta de D. Teotónio de Mascarenhas. É muito possível, porque o fidalgo saíra de Portugal em 1828 com uma aduela de menos, e perdera outra em Paris. Sem embargo, porém, dessa considerável perda, o improvisado amante da duquesa de Cliton respeitava Eugénia, e confessava-se conscienciosamente miserável, quando o salteavam os fogachos de pretendente infeliz. Eis aqui uma virtude que eleva o carácter do barão de Sá duas polegadas acima do ordinário. Conhecemos raros patetas com a intuição clara de que o mundo assim os aclama, porque realmente a caprichosa natureza assim os fez. A esta boa qualidade deve o nosso excelente barão o muito que nos temos ocupado da sua pessoa, que, se nos ler, como é natural, supomo-lo ingénuo bastante para se não julgar desconsiderado nem desfavorecido no retrato que remetemos à posteridade.

## XII

É tempo de procurarmos novas do filho da condessa de Santa Bárbara, D. Pedro da Silva, que, ano e meio antes, partira para Londres, e entrara no colégio de Mr. Hunt, Suspension Bridge, Hammersmith, que, por esse tempo, gozava grandes créditos.

As saudades da pátria esvaeceram-se mais depressa do que deveria supor-se das lágrimas e tristezas daquele adeus a padre Dinis. Absolvamo-lo desta leviandade, se o foi, porque não temos direito a inculpar certas organizações. Exaltações febris tão facilmente se abramam como arrefecem em espíritos ordinariamente infelizes, porque a inconstância é a suprema das enfermidades humanas.

Quem leu o diário das sensações de Pedro da Silva, no primeiro volume desta verdadeira história, tinha sobeja razão para crer que tanta sensibilidade daria com a pobre criança em uma tísica pulmonar. Nós mesmo, despeitado observador das paixões incendiárias, quando líamos aquelas lacrimosas estrofes de elegia filial, esperávamos, nos subsequentes apontamentos, um desenlace fúnebre, um contágio do *spleen* inglês, que precipitasse o sensível colegial nas ondas do Tamisa.

Felizmente, a organização do jovem era outra, ou a Providência lha modificou.

Pedro da Silva, nos primeiros meses, escrevia a padre Dinis, queixando-se da austeridade de Mr. Hunt, director do colégio. Não era o peso da ciência que o mortificava, nem mesmo as tarefas literárias, britanicamente indigestas, lhe causavam o mau humor de suas cartas. O que ele não podia sofrer era o *improper* inglês, as minúcias rabugentas dos mestres de gravata branca, casaca pontiaguda, e calça a meia canela. Obrigavam-no a sentar-se com as pernas perpendiculares, e o pescoço a prumo. Pedro da Silva, pelos modos, queria cruzar uma perna sobre a outra, e dar ao pescoço todos os giros que a próspera natureza planizara quando deu às vértebras cervicais o movimento. Mandavam-no comer, direito e retizado, um palmo afastado da mesa, de modo que uma linha perpendicular tirada da ponta do nariz caísse sobre os dois joelhos hermeticamente chegados, como os do aprendiz de sapateiro que não pode com o rebolo. Mandavam-no, finalmente, falar pouco, e esse pouco obrigavam-no a falar com a garganta, penoso arbítrio que D. Pedro da Silva cumpriria facilmente se metesse na goela uma espinha de peixe, condição necessária para falar o inglês sem auxilio de mestre.

Estas e muitas outras razões alegava o colegial nas suas cartas a padre Dinis. As escritas a sua mãe eram muito poucas. A condessa de Santa Bárbara, nas cartas a seu filho, em estilo ascético, revelava uma transfiguração moral, que, graças ao frade franciscano, também desfigurava os sentimentos exaltados que lhe vimos por seu filho. Metade da sua alma tinham-lha fanatizado: a outra metade, votada para o mundo, era de padre Dinis.

Pedro da Silva, porém, não compreendia semelhantes distinções. Retirado de Portugal, o ressentimento ia com ele. Sua mãe, pelo facto de ser virtuosa viúva do conde de Santa Bárbara, não a julgou ele obrigada ao sacrifício dos deveres contraídos com seu pai antes de ser esposa do algoz, que só à beira do túmulo fora honrado.

Se o mancebo tinha razão, não o diremos nós. A questão é toda moral. Que a resolvam os moralistas, como devia de ser aquele estranho capucho, de cuja instrução duvidava padre Dinis.

Do que fica dito não se deduza que Pedro da Silva era uma alma banal, fútil, e nesciamente folgazã. Do contrário queixavam-se os mestres e os discípulos. Aos dezasseis anos, os próprios ingleses, que parece monopolizarem o enojo melancólico, admiravam-lhe a habitual concentração, o amor do ermo, a rudeza do trato, e o fastio



com que olhava os divertimentos dos colegas.

A hora da aula, procuravam-no no quarto para o repreenderem, e encontravam-no absorvido em meditações impróprias da sua idade. Perguntando-lhe se queria voltar à Pátria, respondia que não; se queria sair do colégio, que não; se lhe desagradava a ciência, que não; se tinha alguma cousa a pedir, *que o deixassem*.

Note-se, todavia, que a ciência não podia ser-lhe dissaborosa, porque em boa verdade era manjar que ele não tinha provado em Inglaterra.

De livros ingleses devorara todas as novelas de Ana Radcliffe, e traduzira os *Mistérios de Udolfo*, que lhe merecera, entre todos, uma predilecta preferência.

De resto, não lia nada útil, nem abria as páginas dos livros da aula. Pedro da Silva era poeta. As extemporâneas melancolias, que o indispunham contra a sociedade frívola que o rodeava, e contra os estudos indigestos dos primeiros anos, eram a incubação do estro, o doloroso parto da primeira poesia, que nasceu balbuciante ao pé de uma flor. Avarento dos seus primeiros sonhos metrificados, ninguém lhos conheceu, ninguém lhos entenderia, porque, três anos depois, o próprio poeta não pôde conceber o estado de sua alma quando os escrevera. Era o amor?, a saudade?, a esperança? Era tudo, sentido no mundo interior do moço aos dezasseis anos, o exprimido pela palavra *nubilosa*, que depois se esquece, como palavras que nos foram ditas por uma fada em um sonho venturoso.

Não idealizemos muito, que o tempo não vai para isso. Materialmente, não há nada inexplicável; todos entendem. Subtilezas de espírito, deixemo-las a cargo de cada um que sentir em si o éter expansivo dos arroubamentos.

A última carta que recebera de padre Dinis anunciava-lhe a morte de sua mãe, occultos quase todos os pormenores do último quadro dessa tragédia.

O filho da condessa de Santa Bárbara reconcentrou-se, chorou raras lágrimas, pensou longos dias e noites intermináveis; pediu, alegando as razões que tinha, dispensa das obrigações de colegial, e inspirou receio aos mestres.

O director, que continuava a receber regularmente tudo que era preciso para o seu aluno, doía-lhe na honrada consciência a despesa infrutuosa do collegial, e dirigiu-se à pessoa que em Londres curava da sua educação. Disseram-lhe que em Lisboa já não existia a pessoa com quem se entendia; mas que, por via de uma outra, continuava a receber reiteradas recomendações para que Pedro da Silva não sentisse a mais ligeira falta, nem as contrariedades que era costume opor aos moços educados em Inglaterra. Estas recomendações vinham da casa Salema & C<sup>a</sup>, até certo tempo; depois, falecido Salema, e extinta a sua casa comercial, as ordens vinham de um particular.

O leitor recorda-se de ter sido entregue a Alberto de Magalhães o património do filho da condessa, quarenta contos de réis, que o padre recebera da mão daquele que, quinze anos antes, recebera quarenta peças, preço do neto do marquês de Montezelos, da mão do padre, na quinta das Alcáçovas.

Alberto, conservando o segredo que pedira energicamente ao cigano Sabino Cabra, transfigurado em padre Dinis Ramalho, encarregara o seu amigo Campos Salema de fazer vigiar em Londres os menores desejos do filho de Angela de Lima. Salema, porém, morrera passados meses; e os encargos acerca de D. Pedro da Silva passaram para um nome suposto, visto que Alberto de modo nenhum queria figurar neste negócio, qualquer que fosse a sua maneira de ver as cousas.

Mr. Hunt, honrado director do colégio, dois anos depois que recebera o aluno, e tão pouco aproveitado o tempo via, fez saber para Lisboa que, além de despesas inúteis, a saúde do discípulo era cada vez mais débil, e a idade perigosa, especialmente nos nevoeiros de Londres. O correspondente português mandou que D. Pedro da Silva fosse transferido para Paris, se o quisesse. Decerto, queria. Recebeu a boa nova com

sobressalto, e instalou-se em Paris, não em colégio, mas entregue aos cuidados de uma família que vendia muito caros os seus cuidados, mas enfim cuidava de inventar carinhos novos para ajuntar à mensalidade novas libras.

D. Pedro vivia em Paris, menos ocioso e meditativo. Frequentava um curso de Belas-Letras. Mudara de paladar intelectual. Detestava Radcliffe, sua literatura favorita de dois anos antes; entusiasmava-se com Lamartine, e via tudo colorido do melancólico azul do poeta das *Meditações*. O lirismo trazia-o por aéreas regiões. A ansiedade precoce de um amor indefinido convidava-o a provar o pomo, cujo sabor espiritual as endechas da época disputavam ao materialismo da escola que expirou, quando as estrofes de Lamartine, bebidas na prosa de Chateaubriand, poetizaram a dor como um adorno das almas privilegiadas.

O nosso mancebo estava francês, em toda a extensão da palavra. Em redor tumultuava-lhe uma sociedade, rica de encobertos tesouros, que lhe excitavam o coração, mais apaixonado que curioso. Balzac desflorava-lhe muitas ilusões, e Pedro da Silva detestava Balzac. Por esse tempo Gautier publicava as *Obras Humorísticas*, e não esteve longe de ser desafiado pelo cândido colegial de Londres. O que ele queria era ser homem, quinhoar do fel e do maná, que trasbordava nos romances e na poesia, sua predilecta. Queria, enfim, vazar-se nos grandes moldes que fantasiara na imaginação escandecida.

Aos dezanove anos era-lhe insuportável a obscuridade. As portas do *grande mundo* estavam-lhe fechadas. No tumultuar dos salões do bairro Saint-Germain não ciciavam os murmúrios apaixonados da sua alma atormentada pela sede daqueles gozos.

Estes desejos manifestou-os à família com quem vivia, e poucos dias depois saiam de Lisboa cartas, que serviriam de apresentação de Pedro da Silva às notabilidades da aristocracia de sangue e de dinheiro. Não era só isto. O jovem, perplexo da felicidade que não ousara prever tão cedo realizada, era possuidor de um carro, dois cavalos, dois lacaios, e o luxo correspondente.

À sua entrada no ambicionado éden não encontrou o anjo do gládio ardente a estorvar-lhe o passo. Foi bem recebido, e bem aconselhado. Os mancebos, mais velhos poucos anos, diziam-lhe que era necessário desembaraçar-se. As damas davam-lhe camélias e jasmims para assunto de ligeiras poesias, que o acanhado moço não lia, mas entregava com a mão trémula, e o pejo de noviço no rosto.

O bando dos arruinados no corpo, na alma, e na fortuna, rodeavam-no, mas quase nunca o encontravam só para o iniciarem liberalmente nos mistérios da seita. A sombra de Pedro da Silva era um velho fidalgo, que lhe não tolhia o gozo, do que era legítimo gozo, e media-lhe a polegadas o profundo abismo que o ameaçava por debaixo de um alcatifado de flores.

O mancebo foi dócil, enquanto a obediência não era sacrifício. O que devia decidi-lo não eram os conselhos paternais do velho ministro de Luís XVIII; mas o coração, motor despótico de todas as molas da máquina humana, esse sim.

Na Primavera de 1837, D. Pedro da Silva acompanhou o seu mentor aos subúrbios de Angoulême, onde o visconde de Armagnac costumava passar o estio em uma quinta. O mancebo, ainda poeta de coração, almejava as flores, o matiz verde dos campos, a linfa cristalina dos regatos, a borboleta namorada do botão esquivo do lírio, os horizontes, e o céu, e as brisas eternamente azuis de Lamartine.

Não foi, portanto, forçado para a província. O idílio, com o seu cortejo de faunos e dríades, acenava-lhe de lá com uma grinalda de rosmaninho e madressilva. Não se riam, leitores, da languidez do estilo: na mocidade sente-se isto; e, se não se lembram de o terem sentido, nem saudades lhes vêm de lá; podem ser excelentes pessoas, podem ter provado tudo que é bom para o corpo; mas o que não tiveram, nem já agora terão, é o

paladar dos gozos da inteligência. Isto é por falar, melindrosos leitores. Eu creio piamente que todos sois, além de boas pessoas, mais ou menos poetas. Se me engano, não perdemos nada de parte a parte.

O filho de Ângela de Lima nada perdeu também, saindo de Paris.

A sociedade, vista de perto, parecera-lhe cousa muito diferente do que os romances lhe pintaram. Não vira heroínas nem heróis. Em toda a parte se comia, conversava, passeava, e dormia da maneira mais positiva e trivial que é possível. Os episódios estrondosos, poetizados por paixões devastadoras, não os presenciou, nem lhe constou que se dessem. Nos salões as damas frívolas falavam de vestidos, as preciosas questionavam o mérito literário das *Meditações* e das *Orientais*, com grande enfatuamento e prodigalidade de sandices ditas com muito espírito, que é o que as francesas têm de mais nobre todas, as hermafroditas do mundo moral. As velhas faziam trejeitos enjoados, a cada momento, estudados das novas. Os homens falavam em fundos, em Luís Filipe, em Henrique V, em Argel, e em outras muitas cousas que reduzem o poeta à condição de um ente nulo nos graves negócios da vida.

E, por isso, Pedro da Silva começava a aborrecer-se de Paris, e da sua decantada sociedade, quando saiu para Angoulême. Verdade é que lhe não era indiferente a certeza de absoluta privação de sociedade na quinta do seu amigo, onde apenas alguns fidalgos circunvizinhos tomavam o chá do antigo ministro, e discutiam as necessidades do departamento até às dez horas, em que era um escândalo não estar na cama.

Qualquer que fosse a vida enfadonha a que se sacrificava por alguns meses, o poeta, aborrecido do rumor incessante de Paris, saudava a solidão, e esperava cantar todas as árvores da encosta, todas as luas cheias, todas as fontinhas suburbanas, e até se prometia procurar em alguma parte as brisas azuis de Lamartine, brisas decerto exóticas em Paris, onde não as vira, com grande mágoa sua.

Instalado nos quase pardieiros feudais do seu amigo, Pedro da Silva recebeu uma impressão suavíssima, como todas as melancolias que vêm da natureza ao coração, e não vêm do pesar do coração a vestir de luto a natureza que nos rodeia.

Ao romper da alva, no primeiro dia de residência na pitoresca aldeia, uma légua distante de Angoulême, o bardo ergueu-se, sôfrego de inspirações matutinas, abriu a sua janela, que dominava uma extensa ribeira, murada de castanheiros seculares, bebeu o ar puro daquele céu de azul, como todos os céus de Lamartine, acreditou nas brisas da mesma cor, e escreveu as primeiras linhas de uma ode, que devia servir de prefácio às suas impressões quotidianas.

Em frente, no alto de uma colina, a um quarto de légua, viu Pedro da Silva um magnífico palácio, menos romântico que o castelo esboroadado, que parecia ter, sido a primeira habitação do senhor feudal das imensas várzeas que se desenrolavam, aos pés do gigante de granito, como um tapete coberto de esmeraldas. «Quem viverá ali?», perguntava-se o anelante sonhador de romances, povoando o castelo de damas esquivas, rodeando a barbacã de trovadores suspirosos, e fazendo erguer a ponte levadiça que deixara sair o nobre senhor para alguma caçada, com o gerifalte em punho, e a matilha dos lebréus, açodada ao som da trompa indispensável.

Nestes êxtases, que são a vida dos dezanove anos, veio encontrá-lo o hóspede.

– Que vos parece este panorama, Pedro?

– Encantador!

– Sentis a sacra flama *mens diviniior*? Poetizais? Tendes *os magna sonaturum* do velho Horácio?

– Não se pode descrever este quadro; mas reconheço que se pode ser poeta com este céu, com este silêncio, com tudo isto, que é superior a tudo que tenho lido... De quem é aquele palácio?

- Aquele palácio é de madama Elisa de Montfort, duquesa de Cliton.
- Ouvi falar dessa senhora em Paris. Ela vive ali?
- Há ano e meio que dali não saiu.
- Pelo que vejo é romântica...
- Parece-me que é mais desgraçada que romântica...
- Desgraçada!... Porquê?
- Segredos, que quase sempre morrem no coração das mulheres orgulhosas, como ela tem sido.
- Alguma grande paixão...
- Parece que sim. São cousas que a vossa idade dispensa saber. A verdade é que a duquesa de Cliton foi o ornamento dos salões de Carlos X, solteira, casada, e viúva. Depois chegou-lhe a hora aziaga de pagar o tributo de lágrimas à sua fraqueza, perdeu o irmão em um duelo, viajou perto de cinco anos, e recolheu-se àquela casa, que detestava antes dos seus infortúnios.
- Que detestava!... Pois não tinha razão! A casa é lindíssima!...
- Por fora...
- Está arruinada por dentro?
- Não é isso... Ali há mistérios horríveis entre aquelas paredes. Se perguntardes ao povo dessas aldeias o que lá se passa, ouvireis dizer que os mortos dão ali os seus bailes, e que saltam por esses prados, com as suas mortalhas, como ursos brancos. Dá-vos o riso? É o que vos digo. A vossa predilecta Radcliffe, se conhecesse aquele castelo, dava-vos mais vinte romances, e morria atormentada por mais vinte mil fantasmas da sua lavra, como Madalena Scudéry.
- Não zombeis da minha pobre inglesa, que me encheu de belas ilusões, há três anos... Dizei-me o que há de positivo naquela casa, que valha a pena de chamar-se misterioso...
- Isso é que eu não sei, meu amigo. O que posso dizer-vos é que a mãe desta senhora, chamada Branca de Montfort, suicidou-se ali, há-de haver vinte e tantos anos, perto de trinta...
- Porquê?
- Sois impertinente, meu menino! Os vossos dezanove anos são curiosos de mais!... Quereis uma cousa? Imaginai um romance, uma tragédia, uma balada como as da vossa península. Tendes o esqueleto, vesti-o de carnes. Aí é que está o milagre da imaginação. Tende, porém, cuidado em me não fazer figurar na vossa lenda, porque eu temo estes literatos modernos que põem sempre a responsabilidade das suas fantasias sobre os ombros de algum velho, que lhe conta as extravagancias...
- Estai certo, meu querido amigo, que não farei balada nenhuma; antes queria conhecer a duquesa misteriosa.
- Isso é difícil. No ano passado, nem se dignou mandar saber como eu cheguei. Este ano, provavelmente acontece o mesmo.
- Ela vive só?
- Com as criadas e os criados, e um mordomo, e um capelão.
- É rica, não é?
- Porque o perguntais? Vedes um casamento em perspectiva?
- Deus me livre!... Perguntava se era rica, porque aprendi em Paris a fazer esta pergunta acerca de cada pessoa que nos cumprimenta, ou de quem ouvimos falar.
- O que se segue é que tendes doze costelas em verso e doze em prosa. Tendes já o vosso bocado de matéria... Um poeta nunca pergunta se uma mulher é rica. Não se lhe perdoam perguntas que não sejam estas: «E espirituosa? Tem aspirações? Idealiza a existência? Vê em cada flor que murcha uma alma de virgem que se destaca do corpo?»

Ouve em cada frémito da folhagem um suspiro de amor? Contempla melancólica em cada gota de orvalho, que aljofra a flor, uma lágrima de saudade?» E tudo que não forem estas perguntas é um crime de lesa-poesia, é um insulto feito ao vosso Lamartine, que nunca há-de chegar de gatinhas onde voou o meu querido Luís Racine, que almoçava familiarmente com Apolo... A propósito, vamos almoçar. Sejam francos: isto é belo... deslumbra os olhos, mas o estômago é alguma cousa superior às brisas azuis do gentil-homem.

– Deixai o gentil-homem, Sr. Visconde. Lamartine é o primeiro poeta do mundo.

– Estudai, meu menino, que saístes ontem do colégio...

– Não preciso estudar. O coração nasceu comigo tal qual o sinto e sentirei até que ele não pulse...

– Isto é bonito... Quereis dizer que...

– Lamartine é o rei da harmonia.

– Então recitai-me com harmonia este verso do vosso ídolo:

*C'est Dieu, c'est ce grand tout, qui soi-même s'adore.*

»E este:

*Il produit l'infini chaque fois qu'il respire...*

»Confessai que é extravagância supor que Deus respira o infinito!

– É uma sublime extravagância! Eu noto que há cousas escritas para uma geração nova...

– Obrigado! Passais-me diploma de inválido!... Não sei entender o vosso poeta!

– Não digo tanto a vosso respeito, Sr. Visconde; mas decerto me não dareis versos do vosso Racine que valham tanto...

– Porque não? Quereis ver o rei da harmonia, copiando do meu valido poeta?

Ouvi: Racine disse:

*O cieux! que de grandeur, et quelle majesté!  
J'y reconnais un maître à qui rien n'a coûté,  
Et qui, dans vos déserts, a semé la lumière,  
Ainsi que dans nos camps il sème la poussière.*

»Ouvi agora Lamartine:

*Dieu...  
De ses puissantes mains a laissé tomber le monde  
Comme il a dans les champs répandu la poussière  
Et semé dans les airs la nuit et la lumière.*

»Confessai que é flagrante o plagiato!... Quereis mais? Penso que é na *Meditação X* que vem este hemistíquio:

*...Le flot fut attentif.*

»Ora Quinault disse:

*Le flot fut attentif.*

»A cópia é fiel... tem o mérito da lealdade!... E este: *O temps, suspende ton vol!*, é a cópia literal de Thomas... Ainda mais... a *IV Meditação*...

– Está o almoço na mesa – interrompeu o criado.

O criado salvou-vos da importuna erudição do detractor de Lamartine, ditosos leitores! Deus nos livre de zoilos em jejum!

## XIII

Findo o almoço, em que a reputação de Lamartine teve a sorte do fiambre, anunciaram ao ardente sectário de Racine o padre capelão da duquesa de Cliton.

– Fazei-o entrar na sala dos retratos.

»É admirável! – reflectiu o visconde. – No ano passado não mereci à Sr<sup>a</sup> Duquesa esta civilidade. Tive a delicadeza de ir saber pessoalmente dela, e nem se dignou mandar-me entrar!... Enfim, celebridades da Sr<sup>a</sup> Duquesa... Vamos lá. Entretanto mandai preparar os cavalos, que vou mostrar-vos Angoulême.

O capelão vinha, da parte da duquesa, cumprimentar o visconde, e rogar-lhe a graça especial de entrar em sua casa, se eventualmente passeasse por aqueles sítios. O cortesão retribuiu afavelmente os cumprimentos, e fez saber à Sr<sup>a</sup> Duquesa que, duas horas depois, iria receber as suas ordens, como o último dos seus servos, e o primeiro dos velhos amigos de sua casa. Era o antigo estilo.

Transtornara-se, portanto, o plano do passeio à capital da província, a que D. Pedro condescendia por urbanidade. Saciado de bulício estava ele. O que lhe aprazia mais era a solidão, povoada pela fantasia, que tão fecunda lhe poetizava os silenciosos moradores seculares daquele castelo.

Deixá-lo, pois, imóvel no terraço, amurado de ameias e seteiras, pelas quais a imaginação lhe afigurava ouvir o silvo das frechas que escreveram com sangue a história de Fredegunda, que o visconde afirmou ter estanciado ali, quando perseguia o rei de Austrásia no século sétimo!

O visconde, representante, por isso, de uma família de doze séculos para cima, saiu para Cliton. Entrou na grande sala, e esperou a duquesa alguns minutos. Esperava encontrá-la velha, doente, extenuada, e até enfadonha!, e viu-a ainda bela, pálida, mas não daquele desgracioso colorido de um convalescente; alquebrada, sim, mas docemente, graciosamente alquebrada. O que tinha em Cliton, e que em Paris o visconde lhe não vira, era o luto, rigoroso não, porque o preto era do melhor cetim, das melhores rendas, e dos enfeites menos vulgares.

– Sr. Visconde, a vossa prontidão é um castigo bem merecido que infligis à minha desatenção do ano passado...

– Oh!... Sr<sup>a</sup> Duquesa... não podereis nunca ser desatenciosa...

– Se se é desgraçada, perdem-se até as reminiscências do bom tom, e... deixai-me dizer assim, brutifica-se a consciência do dever. Quando me fizestes a honra de procurar-me, senhor, eu estava a braços com a crise mais tormentosa da minha vida... O *mundo* ignorava os surdos martírios com que de lá vim flagelar-me nesta casa desamparada de tudo que faz a felicidade, sozinha, e parece que edificada aqui de propósito para se penitenciarem as vítimas de uma péssima organização... Adiante, Sr. Visconde... Desculpai a confiança com que vos falo; mas eu sei que sois meu amigo, que o fostes de meu pai...

– Que vos tive nestes braços, criancinha de três anos...

– Que me vistes crescer, brilhar, e emurchecer como uma flor desfolhada por mão amaldiçoada...

– Sr<sup>a</sup> Duquesa!, chorai, se as lágrimas vos são um desabafo... não vos envergonheis... guardai para vós a causa delas; mas deixai-as correr livremente...

– Agradecida, Sr. Visconde... Sinto-me melhor... Cuidei que era mais forte...

– E sois, duquesa! A verdadeira coragem é esta vida que viveis...

– Coragem!... não, não é! Coragem é afrontar a opinião pública; avaliá-la no seu justo preço; atirar-lhe à cara com os escândalos e com o ouro; passar com a cabeça alta

por diante dos *tartufos*... matilha de cães que nos rasgam as franjas dos vestidos, mas só isso!...

– Essa é a coragem do cinismo, e a duquesa de Cliton tem sentimentos elevados, e sabe que neste momento é ouvida (*apontando para as paredes*) pelos retratos das gerações de doze séculos. A verdadeira fidalguia, a herança dos Montforts, é sofrer surdamente, curvar a cabeça na solidão, mas levantá-la soberba na presença da sociedade.

– Da sociedade!... e que sociedade, Sr. Visconde!...

– Não vos falo da sociedade de Paris de hoje: isso é um misto de elementos repugnantes, de ouro e de fezes... é uma canalha, perdoai-me a expressão. A sociedade é outra cousa; é aquela sociedade em que abristes os olhos nos salões de Luís XVIII, e que dominastes nos de Carlos X, e em que brilhareis ainda nos de Henrique V...

– O quê, senhor?... Em que brilharei?... Ah!, não vedes o meu coração... O mundo esqueceu-me, e eu esqueci-o. Saldámos as nossas contas... vou pagando um eterno débito de lágrimas...

– Mas, o velho visconde não quer que a sua amiga, que lhe dava beijos e lhe arreplava a cabeleira, faça tal... Há-de tornar a Paris...

– Isso nunca, senhor.

– Sois terminante, Sr<sup>a</sup> Duquesa! Pois não tendes ainda idade para dominardes absolutamente nas vossas acções... Que julgais vós que é Paris em 1837? Pensais que existe ali um código de moral que julgue o vosso passado, qualquer que ele tenha sido? Olhai que não. Esse tempo era aquele em que a virtude se envergonhava de dar a mão ao crime; e, se a consciência não bastava para punir os viciosos, lá estavam os juizes, que castigavam com um justo desprezo.

– Perdoai, Sr. Visconde; mas eu tomo a liberdade de lembrar-vos que sois um juiz apaixonado dos crimes e das virtudes da sociedade, da qual como que sois um ornamento pela nobreza do sangue e das acções. Eu penso que a imoralidade de 1737 é a imoralidade de 1837, e de todos os tempos, e de todas as sociedades.

– Isso é uma heresia, Sr<sup>a</sup> Duquesa!

– Pois então... lamentai-me, porque morrerei herege.

– Há uma diferença espantosa...

– Diferença... também eu digo que a há... e a meu ver é esta: dantes a imoralidade era a retalho; hoje é por atacado... Sorris? Pois eu acho que o riso franco e expansivo é mais nobre! Prefiro a lhanza dos vícios à luz da civilização, que os absolve, ao impudor que lavrava nas entranhas da sociedade antiga, e estudava todos os recursos da hipocrisia para se iludir a si próprio, mentindo a Deus, que juravam em vão, e mentindo às classes inferiores, às quais se impunham como exemplo.

– É maravilhosa a vossa linguagem!...

– Excedi-me, não é assim? Pois desculpai-me, Sr. Visconde... Não é espírito de contradição. É esta franqueza, talvez impolítica, que se adquire nos longos monólogos de uma mulher solitária, que lê constantemente o livro da consciência, e estuda sem cessar os quadros do mundo que abandonou, sempre vivos na memória... Mudemos o assunto... Tencionais permanecer muito tempo no vosso castelo?

– O tempo do costume, Sr<sup>a</sup> Duquesa; cinco meses...

– Habitado à sociedade, deve ser-vos penosa a solidão... Os vossos amigos daqui decerto vos não alimentam o espírito...

– Desta vez, terei companhia.

– Vosso genro e filha, naturalmente...

– Não, duquesa: é um jovem que me foi recomendado de Londres e de Lisboa, um verdadeiro neófito do mundo elegante, por quem me interesso, e que não quis deixar em



Paris, abandonado às suas visões romanescas...

- É inglês?
- Não, minha senhora... é português.
- Português? São tão raros...
- Os elegantes portugueses?

A duquesa corou, e não respondeu. A pergunta do visconde, se não era cruelmente sarcástica, parecia-o.

– De mais a mais, o meu Telémaco gosta imenso destes sítios. Encontrei-o hoje de manhã poetizando as florestas que rodeiam o vosso palácio, e mal ele sabia que bela castelã podia realizar todas as suas fantasias de provençal!...

– É uma honra ser incentivo das vossas espirituosas ironias Sr. Visconde! Se vos aprez, imaginai-me a suspirosa beldade de algum trovador de bandolins, que se fina de saudades a gemer trovas na margem cristalina do regato...

– Convosco, Sr<sup>a</sup> Duquesa, só pode dar-se uma ironia... é diminuindo o quilate das vossas belezas, é...

– Isso é excelente... Ai está o que a sociedade nova não tem... O privilégio da galanteria acabará convosco. O vosso hóspede é da vossa escola?

– O meu hóspede... ainda não tem nenhuma. É um jovem de dezanove anos, amando flores e brisas azuis, apaixonado por Lamartine, perguntando às fontinhas a causa de seus murmúrios, e à rola as penas do seu canto gemebundo. É um silfo humano, que vive da viração da tarde, e da Lua, que prateia os mares, e do hino da filomela, que agradece ao Senhor as fragrâncias matutinas. Ora aqui tendes o meu hóspede... é uma criança...

– Bem feliz! O pior é que perto vem o sopro que lhe desfolhe as bonitas ilusões...

– Não há-de ser aqui neste éden, em que por força se é poeta, em que o fui nos meus bons tempos, e onde ainda hoje me parece que vejo os zéfiros e as graças, que doudejavam em redor da minha lira...

– Olhai que fizestes uma bonita estrofe em prosa, Sr. Visconde de Armagnac!

– Fiz, duquesa? Ainda bem que vos faço sorrir com as minhas prosas!... Dais-me licença de vos apresentar o meu hóspede?

– Sim, com toda a vontade... ele chama-se?...

– D. Pedro da Silva.

– Pelo dom...

– Vê-se que é fidalgo velho. Se fosse espanhol, poderia ser qualquer belfurineiro, ou mercador de lãs.

– Conheci algumas famílias portuguesas da principal nobreza, nas minhas viagens. De quem é filho?

– Da defunta condessa de Santa Bárbara. Mas espero merecer-vos a graça de não lhe falardes em sua mãe, porque há motivos para que ele queira ignorado o seu nascimento... Ouvistes falar desta condessa, duquesa?

– Não, senhor... Teria morrido quando eu estive em...

A duquesa calou a última palavra, estremecendo, e chorando. O visconde não reparou, porque limpava a luneta embaciada.

– Sim... eu creio que morreu há quatro anos, pouco mais ou menos... Ordenais-me alguma cousa, Sr<sup>a</sup> Duquesa?

– Peço-vos que me deis, quando vos não for penoso, a honra da vossa convivência.

– Se vos não importuna a minha visita, amanhã, no fim da tarde, com o meu hóspede...

– Sempre que vos aprouver.

.....  
 O visconde encontrou D. Pedro a meio caminho, montado em um feroso cavalo, que parecia reprovar com bravos corcovos o mau piso dos becos e encruzilhadas.

– Olá! – disse o visconde –, temos rapaziada? Quereis morrer prosaicamente arrebatado debaixo do vosso andaluz?

– Está folgado! Cuida que brinca nos *boulevards!*... Deixá-lo saltar. É um generoso animal, que fareja as ossadas dos seus antepassados, que aqui caíram na retaguarda da vossa hóspeda Fredegunda...

– Perguntai-lhe se respira as brisas do vosso poeta.

O visconde pagava ironia com ironia.

– O meu cavalo é clássico, meu caro visconde... Pertence à escola dos fautores de Apolo...

– Será o *Pégaso*? Então vai enganado com o cavaleiro... que lhe não dá muita honra...

Neste trocadilho de picadelas, sem intenção ofensiva, aproximaram-se como dois discípulos. O visconde era bizarramente rapaz, e o seu fraco, além de Luís Racine, era ser tratado por *tu* pelos rapazes.

– Então... queres saber? – disse o visconde.

– Da saúde da Sr<sup>a</sup> Duquesa? Estimo que seja excelente...

– Adivinha lá o que se passou!...

– Faço ideia... passou-se muito bem... O Sr. Visconde sabe tirar proveito, como ninguém, dos lindos nada. Inda vos não perguntei a idade da duquesa, minha senhora, como se diz nos castelos, penso eu...

– Trinta e tantos anos, com toda a beleza dos dezoito.

– Sim? Abençoados, portanto, são os sofrimentos de uma dama que se conserva, aos trinta e tantos, bela como aos dezoito!...

– Os vossos romances ingleses não falaram destas mulheres? Pois há muito disso em França, onde o espírito, por isso que é mais sublime que a matéria, sofre, sem tocar nas belezas do corpo.

– Não entendo bem a vossa fisiologia, Sr. Visconde. Eu pensava que a mortificação em cada minuto fazia passar um ano. Conheci minha mãe com trinta anos de idade. Disseram-me que fora linda aos dezoito, e eu vi-a tristemente feia e envelhecida fibra a fibra. É verdade que minha mãe não era francesa; mas permiti-me que eu duvide da distinção que fazeis entre as dores de cada país.

– São exceções, meu caro Pedro. Vossa mãe poderia ter enfermidades orgânicas.

– E a duquesa não tem nenhuma... Tanto melhor para ela... Temos naturalmente o meu visconde apaixonado!...

– Sois criança... Eu é que receio muito por vós...

– Por mim? Sois piedosamente compadecido das fraquezas do próximo! Em Paris apontáveis-me um abismo em cada sala, um crocodilo em cada mulher, e um cavaleiro de indústria em cada rapaz que me apertava a mão. Tendes sido o meu anjo-custódio... E aqui?... Também há abismos e crocodilos?

– Não, e eu vos digo porquê... Olhai que vou falar-vos sério... Até aqui falou o amigo; agora fala-vos o pai. A duquesa de Cliton é uma mulher perigosa. Eu lembro-me de seis duelos por causa dela...

– Espero que não me baterei, meu caro visconde...

– Nada de galhofa... Eu bem sei que vos não batereis, porque essa duquesa de Cliton, cujos sorrisos custavam uma bala ou uma estocada, já não existe. Nesse tempo a duquesa namorava para esmagar o amor-próprio de alguns homens, e de algumas mulheres. O desfecho dos seus namoros foi sempre trágico; mas escandaloso nunca.

Ninguém ousava dizer: «A duquesa é amante deste, ou daquele.» O que se seguiu daí foi odiarem-na, e aplaudirem o primeiro infortúnio que a fez cair da altura do seu orgulho.

– Pois, por fim, caiu?!

– Desgraçadamente... e nessa queda arrastou a vida de seu irmão, que era um bravo moço, brioso como seus avós, e chorado pela velha fidalga.

– Foi morto em algum duelo?

– Sim; mas em duelo infame...

– Por quem?

– Por um vosso patrício, dizem uns; por um demónio incompreensível, sem nação, sem nome, sem família, dizem outros...

– Um meu patrício!... Como se chamava?

– Em Paris era Leopoldo Saavedra; na Bélgica, Tobias Navarro; em Londres... não sei o que era, nem sei o fim que levou. Dizem que a duquesa o perseguira quatro anos, sem encontrá-lo. Eu soube pelo consulado que ela esteve algum tempo em Lisboa; que suspeitou a existência do impudente cavalheiro ali; mas enganou-se, e parou finalmente em Cliton, cansada de uma peregrinação pouco honesta. Já vedes que uma tal mulher não é mulher que se ame, porque, se aquele coração tem amor, não há verdade sobre a Terra. Deve estar morto, ou cheio de fel. Previno-vos, mancebo. Não tencionei dizer-vos isto; mas, logo que recebi licença de apresentar-vos, mudei de propósito. Sois como a flor temporã que o sopro de Abril desfolhou. Vede que tenho meus assomos de poesia! Não tivestes ainda um desses abalos que decidem do coração humano. Quem sabe o que vos reserva a fatalidade nesta mulher! Prudência, pois. Encarai-a com mais filosofia que sensibilidade. Se a virdes sorrir, reparai bem que esse sorriso é um expediente astucioso com que se escondem as lágrimas. Se lhe ouvirdes facécias, passadas de fina ironia, recebei-as como um escárnio sempre, ou às vossas ilusões ou à própria amargura... Não tenho mais a dizer-vos. Recebei isto como receberíeis um conselho desse padre que velou a vossa educação até aos quinze anos, e cujo nome não pronunciais sem profundo respeito. O que ele vos disse, quando se despediu de vós, é uma eterna verdade: «A primeira mulher que se ama decide de toda a vida do coração de um homem.» Agora, mudemos de carácter: a conversação é pouco bucólica; acho-a mais própria para os salões de Paris, onde é necessário entrar com Balzac debaixo do braço esquerdo, e o direito pronto para fazer uma cruz ao demónio... Cuidado com o cavalo... se ides nesses galões, deixai-me passar duas milhas para diante... Tendes-me enchido de lama com as vossas proezas equestres... Quereis forçosamente que eu seja o Sancho Pança desta aventura!... Não vedes como vai quieto o meu inglês!... Dir-se-ia que tem o *spleen* dos seus compatriotas!... Vai trauteando o *God save the king*.

.....

Durante o jantar, questionaram em cousas de literatura, e o visconde falou entusiasticamente da grande confiança que merecera a Talleyrand, a M. Villèle, e a Carlos X, e chorou quando, em estilo de sibila, prognosticou a ingressão de Henrique V ao trono de S. Luís.

Passando à sala de armas, saudaram com entusiasmo religioso as armaduras dos avoengos, ascendentes entre as quais o visconde mostrava o arnês e a lança de Bernardo VII, senhor de Armagnac, guerreiro do século XIV, e um capacete, e umas grebas, que ele dizia pertencerem (posto que o não jurasse) a Raimundo de Poitiers, príncipe de Antioquia, tio da rainha de França, Leonor, valente entre os mais valentes da segunda cruzada. Mais que tudo isto, a preciosíssima raridade que o velho gentil-homem

apontava, sem lhe tocar, era uma cabeça troncada de uma estátua, grosseiramente cinzelada. Pelos modos, aquela cabeça era o ídolo de Irminsul, a imagem de Armínio, que Carlos Magno derrubara no seu templo, quando o grande rei

vingava os padres francos dos ultrajes recebidos na Germânia. Historiada a galeria das frias lâminas de ferro, onde pulsaram os corações de tantos heróis, o visconde recaiu na sociedade actual com todo o peso da sua cólera, e fulminou-a. Depois tomou tranquilamente café, e bebeu dois cálices de genebra.

D. Pedro da Silva crera infantilmente em tudo aquilo, e achara prosaico e burguês o café, depois de espiritualizar-se nas venerandas relíquias, sobre as quais tinham passado nove séculos.

Todos os homens, assim, são bons, são crédulos, vivem muito à superfície da vida universal, e são felizes, quando a sociedade os chama à barra da utilidade pública, e lhes pergunta a que vieram.

## XIV

É anunciada a visita dos dois cavalheiros à duquesa de Cliton. O seu primeiro gesto é de enfado: parece que se arrepende de ter quebrado o silêncio doloroso, sim, mas tranquilo de quase dois anos. As conveniências, porém, mandam-na mascarar-se com o sorriso da polidez, com as maneiras herdadas da sua natural gentileza, e entra no salão, em que é esperada com indiferença pelo visconde e com indecifrável sobressalto por D. Pedro da Silva.

A duquesa responde aos cumprimentos acanhados do nosso poeta com certo desleixo e reservada frieza, que faz muitas vezes aborrecida uma mulher, que se julga por isso mais austera com os seus deveres de senhora da alta sociedade. Depois volta-se para o visconde, e repete os lugares-comuns, que são o martírio da sociedade mais culta e da menos culta. Ainda se não inventaram ideias novas que melhorassem a falsa posição de um hóspede que se senta simetricamente em uma cadeira, e não tem a familiaridade precisa para se deitar em uma otomana, pedindo fogo para acender um charuto.

– Parece-me que teremos uma linda Primavera, Sr. Visconde.

– Decerto, minha senhora

– Tem muitas flores no seu jardim?

– Não, Sr<sup>a</sup> Duquesa. Desde que minha filha casou, as flores murcharam como ela.

Eu não pude substituí-la, porque as minhas tinham murchado muito antes...

– Sempre falando em estilo figurado...

– É a sorte dos velhos... Quando lhes falta a naturalidade graciosa da frase, não há remédio senão fazer estilo...

– Oriental?... É um bonito estilo... Eu penso que as almas da Ásia são muito diversas das almas do Ocidente. Isto aqui é tudo tão claro, tão correcto, tão gramatical, que chega a aborrecer... Creio que esta maldita vizinhança da fria Alemanha e da formalizada Inglaterra fizeram da França uma terra de austeros pensadores, e de filósofos materiais, que não são capazes de conceberem outro mundo mais transparente que o globo em que vivemos, comendo, e bebendo, e comerciando. Devia ser deliciosa uma república de poetas.

– Em que o presidente fosse Lamartine...

– Justamente...

– E a duquesa de Cliton a oitava musa...

– Ai!... Deus me livre de tal... só se me denominassem a *zanga*, que eu já vi invocada em um poema patricio deste cavalheiro, que, se bem me recordo, o Sr. Visconde me disse que era português...

– Sim, Sr<sup>a</sup> Duquesa, sou português – disse D. Pedro da Silva, que se estava julgando de mais naquele diálogo.

– Há muito que deixou Portugal?

– Há quatro anos.

– Sem saudades?

– Tive muitas, minha senhora... Depois habituei-me a novas relações...

– E esqueceu as da sua pátria... que naturalmente eram relações de família, que são as que mais facilmente se trocam por outras. Gosta de França?

– Não tenho ainda tempo de conhecer a França, Sr<sup>a</sup> Duquesa.

– Por qual das faces? A França artística é o gigante no berço, que anuncia uma corpulenta robustez; a França política é um caos de nuvens, que anuncia umas poucas de trovoadas de sangue; a França intelectual é a primeira nação do mundo; que lhe resta

conhecer?... A França moral? Isso é uma mulher nervosa com uma vontade em cada minuto, com uma virtude abraçada a cada torpeza, hoje pálida de cansaço, amanhã corada pelo auxílio do carmim; hoje apostolizando o Evangelho de Cristo, amanhã proclamando Robespierre o sumo pontífice da Razão... A França é tudo isto, Sr. D. Pedro, e, se me acredita, não esqueça este esboço confusamente poético, porque há-de encontrá-lo verdadeiro; e, senão, o Sr. Visconde que o diga.

– Eu não poderia pintá-la com tanta graça; mas tenho querido mostrar a França ao meu jovem amigo pelo prisma da Sr<sup>a</sup> Duquesa. Ele, porém, diz que o talento tem o privilégio de colher em todas as plantas agras o mel da inteligência, como as abelhas...

– Ai!, engana-se... – atalhou a duquesa. – O génio é uma mortificação. Não sei que francês disse que o talento era uma longa paciência. Sofrem muito os que não olham para tudo isto com o riso nos lábios, e a pitada nos dedos. Não vê, Sr. D. Pedro, que os poetas choram constantemente? São os Acabes e os Jeremias das modernas Jerusaléns... Não vê como chora Lamartine?

– Mas Voltaire cantava... – atalhou o jovem.

– Ah!, sim... é porque Voltaire era um ilustre truão. A sua missão era aquela. O ridículo precisava ser morto pelo ridículo, como disse La Fontaine, e Voltaire morreu no dia em que a sociedade velha, recheada de supersticiosas pieguices, morria injuriada pela hilaridade dos seus inimigos... Eu peço que me desculpem o entono com que estabeleço axiomas... E um defeito das francesas; é mais uma sincera feição que eu sensivelmente ajunto ao quadro que vos pinte há pouco, Sr. D. Pedro...

– Essa feição é muito lisonjeira para a França, Sr<sup>a</sup> Duquesa – replicou o mancebo –, mas suponho que será a menos vulgar das feições nas damas francesas.

– E engano. Aqui, quase todas as mulheres de salão falam assim. Somos as netas daquelas que mereceram a Molière uma crónica muito conhecida... Sr. Visconde, se vos apraz iremos mostrar o meu jardim ao vosso hóspede...

– Oh!, sim, Sr<sup>a</sup> Duquesa, o meu hóspede acha em cada flor uma ode, e em cada murmúrio da folhagem uma harpa eólia...

– Sim...

– O Sr. Visconde é-me devedor dos seus ditos mais finos... – atalhou D. Pedro. – Tem muito lindas zombarias comigo, e eu sou feliz por ser o motivo delas, se forem agradáveis à Sr<sup>a</sup> Duquesa de Cliton.

O visconde soltou uma gargalhada inofensiva, expressão eloquente da sua alegria, e até da sua bondade. À duquesa, porém, a resposta do português pareceu-lhe uma delicada ironia. A formosa castelã galardoara-lha com um sorriso, que faria endourecer todos os imaginários trovadores das baladas de D. Pedro.

Deixá-los ver as flores, e vejamos nós o que nem a duquesa nem o visconde poderiam devassar no coração do discípulo de padre Dinis.

A primeira impressão que recebera da gentil duquesa foi a confusão, o embaraço, o natural enleio dos dezanove anos. Ouvindo-a falar, como que esquecido da pessoa que acabava de ser-lhe apresentada, sentiu-se molestado no seu amor-próprio, e desejou terminada a primeira para ser a última visita. Obrigado a responder à primeira pergunta, que lhe era feita por duas palavras e um sorriso mais doce que elas, o português respondeu, corando, e corou, não de pejo, que seria demasiado pejo, mas de surpresa, porque alguma cousa vira, nova e surpreendente, na fisionomia distinta da zombeteira Desdémoma daquele barão de Sá, vergonha eterna dos Otelos de contrabando.

No decorrer do diálogo, D. Pedro da Silva não se maravilhou tanto da eloquência que se julgasse uma pedra arrastada pela lira de Orfeu. Preso aos olhos, e aos lábios, e às vertiginosas evoluções da fisionomia dela, fitava-a com ternura, com pasmo, com idolatria, e o que menos via nos seus êxtases era o que os olhos costumam ver. Naquela

idade juramos que o coração via tudo. Com mais seis anos, juraríamos que o coração era o órgão mais cego, e concederíamos uma vista dupla a certa alma que Platão denominou concupiscente, e que Teófilo Gautier, amigo íntimo de D. Pedro da Silva, asseverou que tinha visto (do que sinceramente duvidamos).

Querem, portanto, saber se era amor o que sentia o pupilo de Alberto de Magalhães? E muito atendível a exigência, e todo o homem que faz romances está, *ipso facto*, constituído na obrigação de devassar a vida do seu semelhante, quando ele próprio não a diz. Desta vez, porém, será o próprio que nos salve de um vício de mulher de soalheiro, hermafroditismo moral de que me vejo inculcado por força de circunstâncias:

Passeávamos no jardim (diziam os apontamentos que copio], e a duquesa colheu uma rosa desbotada, quase murcha, que me ofereceu. Aceitei-a sem compreender logo a significação. Mais adiante cortou uma frança de mirto, que ofereceu ao visconde. O velho cortesão retribuiu com uma saudade, e a duquesa retorquiu com um martírio. Em tudo isto andava eu candidamente imbecil. A linguagem das flores, feita para crianças, parecera-me um estudo ridículo. Concebi o enredo daqueles símbolos, quis fazer-me interessante na comédia muda que se representava, colhi um suspiro, que não ousei oferecer, suposto pedisse licença para o cortar.

– Temos poesia a um suspiro? – perguntou-me o visconde.

– Há poesia em um suspiro? – disse a duquesa.

– Muita... imagino eu... – respondi com ingenuidade.

– Eu acho mais nas lágrimas – replicou ela melancolicamente.

.....

Anoitecera. O visconde esperava nessa noite alguns hóspedes de Angoulême. Era necessário partir, e eu achei cruel esta separação tão cedo. Pareceu-me que a duquesa se sentiu da nossa partida, porque ficou triste quando o visconde deu o sinal da partida, erguendo-se com um sorriso e uma banalidade por despedida. Eu, por mim, se a franqueza é uma virtude, neste momento detestei o meu amigo Teófilo Gautier, que me dissera dias antes que não há nada mais ridículo que o olhar seráfico de um aprendiz de amor, que pela primeira vez se aparta de uma mulher com os olhos rasos de lágrimas. Eu lágrimas não tinha, mas o efeito da impressão, a violência irresistível da simpatia, o desejo de ali ficar, a saudade daquela voz, daqueles olhos, daquela melancolia, sem arte, nem intenção, ai!, essa senti-a com toda a minha alma, com todo o fervor da minha candura, assaltada de improviso por um affecto que devia purificar-se em uma paixão.

.....

É ele que o diz. D. Pedro da Silva amava a duquesa de Cliton. Realizaram-se as profecias do visconde; aquela mulher era perigosa; e aquele jovem não tinha ainda encontrado o primeiro tomo de tal obra, que o livrasse das seduções imprevistas do segundo. Não porque as mulheres sejam volumes em quarto ou em oitavo, mas há volumes que se parecem com as mulheres. Quem lê o primeiro de certas obras privilegiadas não admira as maravilhas do estilo do segundo, nem se deixa embair das falsas consequências de princípios falsos; mas quem vai ler no segundo as consequências deduzidas dos falsos princípios do primeiro volume, perde-se como um aluno de seminário, que saiu há quinze dias de ouvir a teologia do ex-frade, e vem ao

Marrare ou ao Suíço escutar as prelecções dos literatos, que atiram à religião com Strauss, e Victor Cousin, e ficam contentíssimos de si, não tendo dito nada seu.

Alinhavada esta nesga de erudição, continuemos a história.

D. Pedro da Silva, que achava superlativamente fastidiosos os hóspedes do visconde, fechou-se no seu quarto, imaginando quantas hipóteses inventa o coração de um moço propenso para o maravilhoso, e electrizado pelo amor. Pegou da pena, cuidando que abria no papel uma fonte caudal de versos apaixonados, e, com grande pasmo seu, sentiu-se estéril, e prosaico com a dissertação sobre finanças, que acabava de ouvir a um dos hóspedes do visconde, antigo *maire* em Angoulême.

Teimando com a musa, por não ter cousa melhor em que ocupar-se, tomou como assunto o suspiro que colhera, e dissertou em vinte quadras o melhor que podia dizer-se da dita flor.

À meia-noite, o visconde procurou-o no seu quarto, e encontrou-o mergulhado na sua obra. Pediu-lhe que a lesse, e fez o favor de dizer-lhe que era bonita. Com mais quatro zéfiros, alguns faunos, as três graças, e a deusa Tétis, a poesia de D. Pedro da Silva teria arrancado ao idólatra de Luís Racine um sincero aplauso.

No dia seguinte, deviam partir para Angoulême, e partiram. O filho da condessa de Santa Bárbara ia triste, taciturno, e tétrico, se o querem assim. Angoulême, com a sua majestosa catedral, com o seu velho castelo, em cujos alicerces estava a pedra tocada pelo primeiro conde do Périgord, Vulgrime I, que vivera no século IX, com as suas muralhas que suaram sangue em 1351, assaltadas por Carlos-o-Mau, de horrível memória; finalmente, com as suas memórias de ter sido o berço ilustre de Saint-Gelais (santo pouco conhecido), de Balzac, da rainha Margarida de Valois, e de Ravallac (que seria a esta hora o segundo santo da Terra, se andasse mais recatado e prudente, quando cravou o punhal fanatizado em Henrique IV); finalmente, todos esses interessantes atributos de Angoulême enfastiam D. Pedro da Silva, assim como me enfastiam a mim e aos leitores também. O que ele queria era voltar à quinta, de modo que se não fechasse o dia sem, ao menos, saudar com os olhos, leais intérpretes do coração, os últimos raios do Sol, que purpureavam as vidraças da duquesa de Cliton.

E o visconde de Armagnac começava a suspeitar isso mesmo, quando lhe disse, com intenção de fazer-se passar aos olhos do seu jovem amigo por homem perspicaz:

– Que vos parece a duquesa?

– Achei-a bela e triste.

– Poética, silfídica, radiosa, cintilante, fatal, arcanjo, sibila, fada... e que mais?

– Eu cuidei que a pergunta fora feita seriamente, meu caro visconde...

– E foi: o mais que fiz foi acrescentar os adjectivos, que forçosamente se dão *rendez-vous* com o substantivo *mulher*. É a linguagem híbrida e coruscante do vosso amigo Teófilo Gautier, que é a alma vil de Voltaire, no século XIX... E, então, achais... (falemos sério), achais que a duquesa vale bem a pena de quatro lamentações lamartinianas? Falai franco.

– Acho que vale. Quem fora poeta!, quem dera ter uma forte cabeça para exprimir a sensibilidade de um forte coração!...

– Ah!... sim?... Por consequência estais apaixonado.

– Não digo tanto; mas sinto alguma cousa nova... Se entendeis que é perigoso amá-la, fazei-me sair já destes sítios...

– Falais sério?

– Falo-vos, Sr. Visconde, como falaria a meu pai. Amá-la apaixonadamente... isso não; mas podê-la amar... era preciso não a ter visto para dizer que não...

– Eu previra isso mesmo!... Sou um profeta na minha terra! Quereis, portanto, deixar a minha casa?



- Já vos disse... Se me haveis de impedir amanhã amá-la, fazei-o hoje...
- E se ela vos não amasse?...
- Se me não amasse...
- Sim... esta pergunta é muito natural. Da vossa parte, vejo que há as melhores disposições; mas não basta isso: falta metade. Se ela vos repelir?
- Se me repelir... desprezo-a!...
- Sem sofrer?
- Sim: o meu amor-próprio reagiria contra a fraqueza do coração.
- Nesse caso, entendo que não há perigo nenhum.
- Quereis dizer com isso que não serei amado pela duquesa de Cliton?...
- Penso que não, e já vos disse porquê. Aquela mulher é o simulacro da antiga duquesa de Cliton. Foi um meteoro: queimou-se no excesso de luz. Pois não concebeis o que é uma mulher céptica?... Estais muito atrasado na moderna fisiologia do coração humano...
- Céptica!... porquê?
- Porque amou delirantemente, vulcanicamente, como Helena, como Cleópatra, como Virgínia, e foi desprezada, como Dido, pelo perjuro Eneas, vosso patrício. Compreendeis a causa?
- E, por isso, não pode amar, não pode sentir...
- Não. A matéria bruta gasta-se: e o coração é como a matéria bruta. Harvey provou que o coração era o órgão principal do sistema sanguíneo, e mais nada...
- Estais eruditamente chistoso, Sr. Visconde... Se eu pudesse desmentir-vos...
- Dava-vos a minha quinta, e a edição ilustrada dos meus dois Racines, pai e filho... Quereis apostar? O vosso cavalo diabólico, que me tem enchido as calças de lama... Quereis?
- O meu cavalo está às vossas ordens. Acho, porém, ultrajante a aposta de um cavalo, quando se trata de uma mulher como a duquesa.
- Bravo!, estais quinta-essência de macáçar, etéreo, espírito puro de Kant, átomo de Descartes, aroma de flor, sopro, brisa... Valha-te Deus, criança; tu sabes tanto de mulheres como de equitação... Desviai para lá esse hipogrifo, que dilata as ventas como um hipopótamo, capaz de me cravar as patas nos hipocóndrios!
- Pareceis-me um grego... do Baixo Império, com os vossos *hipos*!... Ora dizei-me, meu caro amigo, vamos hoje à duquesa?
- Vamos... quereis recitar a vossa poesia almiscarada, anilada e azul?
- Deus me livre!
- Deus vos livre! Demais a mais sois envergonhado como um colegial de Inglaterra, que foi passar as férias com três *miss* hirtas e direitas como as sentinelas de Blackfriars. Se fazeis de donzela tímida, de *puer Ascanius*, desmentis a ousadia peninsular da vossa raça fenícia, cartaginesa, sueva e árabe. Nada de pieguices, que são a missanga com que se adorna o amor das crianças. A duquesa não vos quererá assim melhor do que de outro modo. Não vos aconselho que sejais audacioso como manda o satânico autor da *Lágrima do Diabo*, mas quero que sejais homem. Recitai a vossa poesia, sede o Lamartine destas aldeias, e cantai todas as flores da minha terra, que eu vos prometo uma medalha honorífica da sociedade botânica de Paris.

O visconde de Armagnac, sempre epigramático e fecundo em ironias salgadas ao sabor voltairiano (que ele cristãmente detestava), era, no fundo, uma excelente pessoa, e um raro amigo.

Prevedo uma fatalidade, no caso possível de se abrasarem os elementos da paixão inocente do seu jovem amigo, ensaiava-se nas armas do ridículo, para mais tarde matar essa paixão, como se matam em França todas as cousas sérias.

Vejamos como as armas se lhe quebram nas mãos.

## XV

Recolhidos a casa, mudavam de fato para visitarem a duquesa, quando o mordomo de Cliton chegava com um convite para um jantar no dia imediato. D. Pedro quis ver mistério neste convite. Parecia-lhe extraordinária esta interrupção na vida solitária da duquesa. Queria que alguma razão mais imperiosa que a polidez aconselhasse semelhante jantar. Teve até a inocente vaidade de se imaginar a causa próxima daquele convite. A candura tem os seus pedantismos, assim como os pedantes, às vezes, têm canduras irrisórias. São os extremos que se tocam.

O jantar no dia imediato não dispensava a visita projectada naquele dia. Foram, e desta vez a afabilidade da duquesa, recebendo-os, era mais franca, mais jubilosa, e menos aristocrática nas frases da tarifa e nas empavonadas gesticulações da cabeça.

Pedro da Silva é que não perdera nada da sua timidez do dia anterior, mas também não perdia o mais ligeiro accionado, o mais indiferente gesto dos olhos de Elisa de Montfort. As perguntas respondia concisamente; aos gracejos do visconde respondia corando, e muitas vezes mordeu nos lábios a resposta, que poderia ser um desagradável sarcasmo.

Quando o visconde lhe pediu que recitasse o seu *suspiro*, escrito na véspera, e digno de quinhoar na glória da poesia moderna, o poeta esquivou-se, dizendo que não tinha de memória a poesia que escrevera. O visconde, porém, tirou do bolso o fatal papel, que passou às mãos da duquesa, com permissão do autor. A duquesa, sem instar com D. Pedro na leitura, leu-a mentalmente, e elogiou-a muito, suposto que de propósito ou eventualmente lançasse sobre o poeta, cujo coração tremia, um olhar misterioso, uma espécie de silenciosa interrogação. Aquela poesia falava de um suspiro de amor, e aquele amor nascera onde o suspiro fora colhido. As belezas vaporosas do pequeno poema não as compreendera o visconde; mas a duquesa, que sabia pelo menos o índice de todos os capítulos escritos no coração humano, entendeu, sem orgulho, que D. Pedro da Silva era uma criança com a susceptibilidade de apaixonar-se infantilmente.

Esta crise passou; mas outra mais penosa para o pupilo de Alberto de Magalhães sucedeu àquela.

O visconde era procurado por uma alta personagem, que, não o encontrando em sua casa, vinha ali cumprir certa mensagem política. Retirou daquela sala para outra, e D. Pedro ficou face a face da duquesa. Esta calamidade é a maior de todas que a Providência pode mandar a um amante de vinte e quatro horas, com dezanove anos de idade! Não a previra o pobre rapaz; e a própria duquesa, que lhe adivinhara o coração, sentiu, por ele, semelhante incidente. Era necessário evitar uma tortura àquela criança. A duquesa convidou-o a entrar na sala próxima, onde estavam os retratos, os painéis preciosos, as paisagens dos melhores autores, que poderiam servir-me aqui de imensa glória, se eu tivesse a paciência de copiar uma dúzia de nomes, e a crueldade de apurar a dos meus leitores, como tem sido apurada a minha por fazedores de romances, que são capazes de vos dizer a cor dos tapetes de uma sala, a madeira dos móveis, as flores das jarras, o fabricante do piano e o número das oitavas, e, finalmente, os autores dos quadros, que são necessariamente Rafael de Urbino, Ticiano, Miguel Angelo, Spagnoletto, Gerardo Dow, Cláudio Loreno, Murillo, Correggio, Júlio Romano, Rembrandt, Velásquez... Enfim, cada qual escolhia daí à sua vontade, e imagine que os painéis da galeria da duquesa de Cliton eram preciosidades gloriosas de alguns, ou de todos esses nomes.

É no que se entretiveram a duquesa e o seu hóspede, ao que devera aparentemente julgar-se. Mas D. Pedro ouvia o som das palavras dela, e pouco se entusiasmava na

admiração da arte.

– Parece que não sois poeta!... – disse ela, sorrindo com a meiguice que não tinha a virgem de Foligno, a mais graciosa cabeça de uma fantástica Fornarina.

– Mas vos pareço poeta? Se eu realmente o não sou, nem vo-lo disse que o era!...

– Sois; mas aqui, defronte da poesia que manou em ondas do pincel, pareceis-me frio!...

– Não posso mentir-vos... Não sinto os entusiasmos que desejara sentir para ser um verdadeiro poeta...

– Não amais a pintura?

– Amá-la-ia, muito, penso eu, se estas madonas representassem a existência de uma raça de lindas mulheres extintas; mas se os originais existem ainda...

– Não vos extasiam as cópias... Tendes razão; mas não tendes *poesia*, que é uma cousa muito diversa da razão... As cópias são belas para se amarem. Os originais deixam sempre mágoas, como as sentiu o grande poeta, que nos deixou tantas cópias da formosa mulher que lhe queimou a imaginação até aos trinta e sete anos...

– Foi infeliz, porque viveu de mais...

– De mais? Isso é uma excentricidade!

– De mais, Sr<sup>a</sup> Duquesa... Eu penso que...

D. Pedro reteve-se, como quem procura a frase própria, ou suspende a imprópria.

– Dizei... – instou a duquesa, esperando com interesse.

– Eu penso que se tem vivido de mais, quando... em vinte e quatro horas...

– Dizei...

– Se sente o mais que pode sentir-se.

O mancebo corou como uma donzela, ao terminar a resposta, que lhe saiu interrompida, palavra por palavra.

A duquesa não se sorriu, como a leitora imaginou. Desviando os olhos para o quadro, onde D. Pedro fixava maquinalmente os seus, quando respondia, disse alguma cousa sem reflexão a respeito de certa paisagem.

Neste conflito, entrava o visconde, pedindo desculpa da sua demora, e dissertando largamente sobre os heróicos ascendentes da duquesa, cujos retratos ocupavam a maior extensão das quatro paredes, afora um que vimos no Isidro, em Lisboa, e que fizera recuar e transpirar um suor frio a padre Dinis. O visconde notou a falta, mas por delicadeza não a fez sentir.

A fragrância do jardim convidava-os a passear. O visconde observou que a duquesa não falava desafogadamente com o seu hóspede. Achou ali uma reserva, que poderia dizer-se o despeito de uma namorada, ou o desdém de uma astuciosa. Ambas as conjecturas eram inverosímeis. «Quem sabe, dizia ele consigo, se esta criança caiu na imprudência de fazer-lhe uma declaração, que ela recebeu como afronta à sua dignidade?»

O sangue-frio dos velhos julga sempre assim. Por mais experimentados, o coração, já descorado das reminiscências de bons tempos, falsifica sempre os seus juízos.

A duquesa, realmente, parecia melancólica, ou abstracta. As flores já lhe não eram incentivo para as puerilidades de um diálogo mudo com o refinado cortesão de Versalhes. Colheu uma lágrima, e teve-a entre os lábios, até que insensivelmente caiu, cortada pelo pé. D. Pedro parecia refugiar-se, em cada gruta de mirto e lilases, aos olhos da duquesa. Atormentava-o a dúvida: não podia decifrar o silêncio da duquesa; recordava-se de tudo que o visconde dissera quando lhe profetizava os perigos da fascinação por tal mulher. Cada vez mais receoso e convencido da loucura que praticara, arrependera-se de ter deixado ao coração a liberdade de falar, e prometia à sua

consciência de nunca mais soltar um monossílabo que denunciasses a sua alma. Era a promessa do poeta Ovídio.

O visconde interrogara, pela quarta vez, a melancolia da duquesa, e recebera sempre em resposta um sorriso e um gesto negativo. Depois, com ar sombrio e a testa enrugada, o honrado velho encarava D. Pedro, e por um outro gesto, e um olho meio fechado, significava-lhe as suas suspeitas, a que o moço respondia com olhar pasmado, que, traduzido literalmente, queria dizer: *Tens razão...*

Era noite. Os hóspedes retiravam-se. A duquesa, com soberana displicência, chamou D. Pedro, já quando o visconde estava no vestíbulo do palácio experimentando as cilhas do cavalo.

O trémulo mancebo invocou toda a sua coragem para entrar sem desaire na sala. A duquesa veio-lhe ao encontro com um papel na mão:

– Quis entregar-lhe os seus versos, que ficaram aqui por esquecimento. Asseguro-lhe um glorioso futuro na história literária de Portugal. Continue a cultivar a poesia, que é uma bela prenda, e uma pedra de grande brilho para deslumbrar os olhos das mulheres. Mas consagre os seus *suspiros* às da sua idade, porque as outras raro terão a alma bastante pura para compreender-lhos... Boas noites.

D. Pedro ficou, como devem imaginá-lo, fulminado. Saiu da sala, quando se viu sozinho. Desceu as escadas como cego, e, por nos servirmos da sua própria ideia, o rubor da cara ou lhe injectara sangue nos olhos, ou lhe pintava de escarlata todos os objectos.

Montou a cavalo, sem responder a uma pergunta muito natural que o visconde lhe dirigira. Esta pergunta foi repetida.

- Que tivestes com a duquesa, Pedro?
- Poupai-me o desgosto de responder-vos.
- Mas eu tenho direito de interrogar-vos.
- Não vos responderei, Sr. Visconde.
- Deixastes de ser meu amigo?
- Sou vosso amigo, hoje mais do que nunca.
- Fui profeta?

– Fostes.

– Foi portanto uma desgraça a vossa vinda para aqui...

– Foi. Esta desgraça tinha sido prevenida por outro homem antes de vós...

– Antes de mim?!... Por quem?

– Por padre Dinis... Foi ele que me disse: «A primeira mulher que se ama decide de toda a existência do coração de um homem...» E uma verdade fatal! Eu já vo-lo disse...

– Pois devo acreditar que amais assim uma mulher que vistes há quarenta e oito horas?

– Amei... agora já não; detesto-a; mas a minha alma ficou ferida para sempre. Se fosse um homem que me ultrajasse assim, cravava-lhe os dentes no coração.

– É incrível! Que vos fez ela para tanto?

– Respeitai a minha vergonha!... Como não quero bálsamo para a ferida, deixai ver se o esquecimento a cura... A vossa amizade é impotente.

O visconde interrompeu o seu inconveniente interrogatório.

Aquela noite foi uma noite infinita para D. Pedro da Silva. Fechado no seu quarto, verteu as primeiras lágrimas por uma causa nova. Nem ele sabia definir-se. Alternativamente odiava a duquesa, e sentia necessidade de cair de joelhos aos pés da imagem dela, que se lhe não afastava um instante da imaginação. Queria cerrar os olhos, violentando o sono, ou carregando a fantasia de sombras que lhe escurecessem o quadro

da sua recente desgraça... era impossível! Invocou o espírito de sua mãe, que lhe tinha dito que a invocasse nas suas tribulações, chamou em seu socorro todas as palavras de padre Dinis... e o espírito de sua mãe era mudo, e as palavras do sacerdote não lhe desciam da memória ao coração. Abriu a janela para refrigerar a cabeça afogueada, e não pode retirar os olhos do vulto escuro do castelo de Cliton, onde naquele instante a imaginação lhe desceu o crepe que Emília vira no castelo de Udolfo. A manhã estava fria; o leste gelava-lhe o rosto; mas as fontes latejavam-lhe como calcinadas interiormente. Purpureavam-se os horizontes; o Sol ia nascer; os operários entravam na quinta, quando o infeliz, que vaticinava longos infortúnios, fechou a janela para continuar as trevas da noite. Organização débil, sentiu esvaecimento de cabeça; encostou-se ao travesseiro, pedindo a Deus uma hora de repouso; pareceu-lhe que fora ouvido, porque principiava a esquecer-se da vida atormentada daquela noite. Não era sono: era a prostração da febre; as forças da alma extenuada que passavam para o giro impetuoso do sangue.

Às oito horas, o visconde, receoso, abriu a porta do quarto, e encontrou o seu hóspede com as faces escarlates, as pálpebras amortecidas e azuladas, as mãos ardentes, o sangue em tropel, batendo contra as veias túmidas dos pulsos, e os lábios roxos como se fossem cauterizados.

Assustou-se.

As primeiras palavras disse-as Pedro da Silva:

– Mandai preparar os meus cavalos, que quero partir já.

– Para onde?

– Paris.

– Não podeis... Vós estais muito doente.

– Não estou. É uma ponta de febre que o ar puro me curará.

D. Pedro ergueu-se, e não se susteve de pé. Caiu em uma cadeira, e forcejou por tornar a erguer-se. Conseguiu dar alguns passos. Saiu do quarto, passeou na sala próxima; mas minutos depois sentou-se, murmurando surdamente:

– Não posso!

– Eu não vos disse que não podíeis? – disse o velho, tomando-lhe o braço. – Vinde deitar-vos.

O filho de D. Pedro da Silva, que morrera tísico, e de D. Ângela de Lima, que morreria tísica se a cólera-morbo não a fulminasse, entrou no quarto, e lançou-se sobre a cama.

O visconde fizera correr o seu melhor cavalo para que o médico viesse, uma hora depois. O doutor, menos charlatão, ou menos erudito que o de Santarém, indagou os precedentes daquele acesso, e concebeu o que podia conceber da moléstia, e nada lhe receitou. Não obstante proibiu a saída, e aplicou-lhe distrações, se o efeito daquele tifo moral não fosse debelado pela mulher, que era de todas a melhor triaga para tal veneno.

Nesse dia era o jantar da duquesa, para o qual estava convidado o médico, que foi o portador das desculpas do visconde. Elisa de Montfort afastou-se da sala em que recebera alguns convidados de Angoulême, para interrogar particularmente o médico:

– Que é o que tem o hóspede do visconde?

– Tem a pior de todas as moléstias, porque não há medicina para ela.

– Tísico?

– Lá irá ter... mas por enquanto, Sr<sup>a</sup> Duquesa, o mal do pobre moço é uma paixão por não sei que Beatriz, que o faz arder em febre.

– Deveras?!

– Positivamente, Sr<sup>a</sup> Duquesa... Nada lhe receitei, porque não tenho que lhe fazer. Se eu pudesse transformar-me em bonita criatura do sexo amável, queria passar pelo

desgosto de não poder usar da medicina, para ter a glória de salvar aquele bonito rapaz, que fala deliciosamente um francês misturado de inglês e espanhol.

.....

A duquesa, durante o jantar, esteve sombriamente triste. Os convivas entenderam que era um serviço à dona da casa o distraí-la com a conversação interessante. Para eles, depois de ano e meio, era maravilhoso verem-se ali reunidos naquela casa, fechada longo tempo às antigas relações e parentes dos Montforts.

M. de Colomb, M. de Poltrot e o deão da catedral de Angoulême eram, entre os fidalgos analfabetos do banquete, os mais distintos por letras, por espírito e por virtudes. M. de Colomb falava nas suas recentes viagens na Europa; M. de Poltrot lastimava a decadência da literatura francesa, e mordida os romances de Gautier, de Dumas e de Paulo Féval. O deão queria que o ouvissem seriamente sobre os felizes resultados da associação propagadora da fé na América e no Japão, o que, em verdade, era difícil, não obstante estar rodeado de católicos apostólicos romanos.

– Que vos pareceu Lisboa? – perguntou a duquesa a M. de Colomb.

– Lisboa é um *desapontamento*, Sr<sup>a</sup> Duquesa. O Tejo é como o véu de lindos matizes que esconde o rosto de uma feia mulher. A capital da Lusitânia, que dizem os Portugueses ser fundada por Túbal, neto de Noé...

– Isso é falso!... – atalhou o deão. – Túbal nunca foi ao Ocidente... A Bíblia não diz tal embuste.

– Eu também creio que não... Como vinha dizendo, Lisboa não tem monumentos, nem magnificência, nem civilização, nem sociedade. Conserva-se como a deixou Byron. É uma terra de bárbaros de casaca e chapéu de castor.

– Pois não frequentastes a sociedade de Lisboa? – tornou a duquesa.

– Estive em alguns salões... dois ou três que representam a aristocracia monetária, porque a outra caiu com a mudança da política. Eu levei de Londres cartas para um tal Alberto de Magalhães, que é o único homem de bom-tom que encontrei em Lisboa. Deu-me um baile, em que vi duzentas mulheres, pouco mais ou menos, e, entre tantas, só a dona da casa falava correntemente o francês comigo, e o inglês com o embaixador. É uma perfeita dama, tanto mais admirável quanto, segundo ela me disse, deve a sua educação ao marido. Se a ouvísseis falar em literatura, M. de Poltrot, havíeis de desejar que tal mulher não tivesse nascido entre hotentotes...

Ninguém reparava na palidez da duquesa de Cliton. M. de Colomb continuou:

– Fui testemunha de um escândalo que me fez rir muito...

– Passado nessa casa? – atalhou a duquesa.

– Sim, Sr<sup>a</sup> Duquesa. Eu vou contar... Um dos concorrentes era um tal barão de Sá, ridículo *petit-mattre*, com pretensões a leão, vesúvio de tolices, um fátuo, finalmente, que deveria ser uma preciosidade incalculável, se nascesse em terra onde os seus patrícios soubessem desfrutá-lo. Representa quarenta e tantos anos. Usa bigode à Solimão II, gravata branca a toda a hora, e é um mártir da religião do verniz, porque comprime os calos em um sapato que o traz sempre em pulinhos, como se a tarântula o mordesse nos calcanhares. Desculpai as minuciosidades, Sr<sup>a</sup> Duquesa, porque era preceito dar uma cabal informação ao auditório, que parecia prestar uma benévola atenção ao meu querido amigo o Sr. Barão de Sá. Eu creio que já disse que a sua mania era o galanteio às mulheres, às quais falava na civilização americana, onde nunca fora, e nos salões de Paris, onde nunca entrara. Além disto, dançava, e dançava sempre, todas as quadrilhas, todas as valsas, e sentia profundamente que tivesse passado de moda o solo inglês. Ainda mais, fazia *calembours* e forjava epigramas para os seus amigos. Está

definido sumariamente o barão de Sá, se não vale a pena dizer que ele trazia sempre o cabelo anediado como a cabeça de uma criada de servir aos domingos. Estávamos pois em casa de Alberto de Magalhães, e eu gozava o delicioso fidalgo com todo o enojo da minha indignação, quando entrou um outro cavalheiro, a quem chamavam *barão dos Reis*. O nosso amigo soltou uma estridorosa gargalhada, quando o seu colega entrou com uma velha pelo braço, que diziam ser sua mulher. O barão dos Reis tinha uma presença regular. Era um homem de cinquenta e tantos anos; vestia como os outros, andava e falava como todo o mundo de Portugal, e eu não vi razão para a gargalhada do meu cicerone, nem para os sorrisos de outros elegantes que vieram fazer coro com o barão de Sá.

«Não sabeis porque a gente se ri?», perguntou-me ele. «Não, não sei.» «Eu vos digo», tomou ele, «aquele homem foi feito barão, há dias. Chamava-se Joaquim dos Reis; foi meu mestre de piano; mas um péssimo mestre, que nunca foi capaz de me fazer tocar o harpejo da *Jovem Lília Abandonada*. Era um sórdido, que me sujava as teclas do piano: e, quando viu que não levava a vida executando música, deu-se ao ofício de copista de solfa de igreja. Haverá quatro anos que um tal judeu, vindo não sei donde, lhe restituiu um dinheiro, roubado não sei se à mulher, que é aquela velha, e o caso é que o Sr. Joaquim dos Reis entra em jogo de fundos, compra com os papéis do Governo um convento em Santarém, empresta ao ministério uma bagatela, e apareceu-nos barão, há dias, de mais a mais com a insolência de apresentar-se aqui na grande roda!» O meu imbecil amigo terminou a biografia do mestre de piano com outra gargalhada, e foi direito a ele perguntar-lhe se estaria já habilitado para lhe ensinar o harpejo da *Jovem Lília Abandonada*. Esta pergunta incitou a hilaridade em alguns rapazes, que o seguiram, e o pobre barão filarmónico retirou-se imediatamente do salão com a pálida mulher. Minutos depois, o criado do cavalheiro Magalhães entrou na roda dos elegantes, onde estava o barão, e disse em voz alta: «O Sr. Alberto de Magalhães manda-me conduzir imediatamente o Sr. Barão de Sá para fora das suas salas!»

– É original o acontecimento! – interrompeu a duquesa.

– Muito original! O barão de Sá retirou tão corrido como o barão dos Reis; e os seus amigos, que se tinham rido do sarcasmo, a seu ver muito espirituoso, ficaram louvando o procedimento do dono da casa, e cortando cruelmente a reputação do expulso com ignomínia.

– E depois?... – interrompeu um sobrinho do deão, que tinha a honra na ponta do nariz. – O vosso bizarro amigo, que nos fizestes a honra de apresentar, não desafiou a Alberto?

– Essa pergunta é de selvagem! – retorquiu o deão. – Quem fala aqui de desafios? Estamos em terras de cafres, ou somos do país mais civilizado do mundo?

– Meu querido tio, o duelo é a civilização – retorquiu o espadachim, empinando um copo de bordéus, em que era mais perito que nos duelos, graças ao exemplo de seu tio, perfeito cónego, que passara uma regalada vida comendo, bebendo, apostolizando a propagação da fé, lamentando a decadência do cristianismo, e dormindo.

– Não falemos em cousas desagradáveis – disse o capelão da duquesa, por não trazer à memória de sua ama e senhora os funestos resultados do duelo de seu irmão. – Como vão os trabalhos da propagação da fé, Sr. Deão?

– Bendito seja Deus, os efeitos são divinos, porque a causa é a causa do Senhor. M. Petit, o anjo do Evangelho, escreve de Chichipe-Outipe, e diz que vive entre os Potowatonuas, que conservam ainda a tradição dos Jesuítas, os quais denominavam *os homens negros*. Já sobem a mil e duzentos os cristãos. Um padre português, varão apostólico, homem predestinado, foi-lhe mandado como auxilio do Céu pela Providência Divina. M. Pedit diz que, sem o socorro deste enviado do Céu, não teria



colhido tantos frutos da semente lançada entre os espinhos do paganismo. Acrescenta que a sua figura faz lembrar os apóstolos da primitiva Igreja e que a sua palavra, sempre cortada de gemidos, faz chorar o auditório, e leva ao espírito a unção de um S. Paulo, e do antigo patriarca das Índias. O seu nome é padre Dinis Ramalho...

– Padre Dinis Ramalho!... – exclamou a duquesa.

– Sim, Sr<sup>a</sup> Duquesa. Embarcou em Marselha, haverá dois anos, com padres franceses. Ele e padre Petit são os únicos que sobreviveram aos trabalhos, às sedes, e ao martírio... Vejo-a entusiasmada com o triunfo dos meus dois queridos missionários, Sr<sup>a</sup> Duquesa! Dou graças a Deus por lhe ter causado essa boa comoção!... Mas não quero que chore!, isso é de mais...

– Não são amargas estas lágrimas, Sr. Deão – disse a duquesa, que não pudera disfarçar a comoção.

– Ora, meu tio – atalhou o sobrinho do relator dos triunfos apostólicos –, reserve esses beatíficos quadros para contar a minha mãe, que acaba sempre por dar mais quatrocentos francos para a obra da propagação da fé.

– És um imbecil, meu talentoso sobrinho – gaguejou o deão, engolindo um damasco de calda, que teve de fazer recuar nos limites da garganta com um copo de champanhe.

Findo o jantar, que fora para a duquesa uma prolongada luta de cruéis recordações, de vergonhas íntimas, de remorsos sufocados, os importunos convivas esperavam a ilustre hóspeda na sala onde o quilo se purificaria em espirituosa conversação, se lhes não fosse anunciado que a Sr<sup>a</sup> Duquesa, por incomodada, se recolhera à sua câmara, e pedia desculpa aos seus amigos.

Retiraram-se com hipócrita pesar, excepto o médico, a quem era obrigatória a visita ao quarto da sua nervosa doente, que ele curava sempre com quatro anedotas de Paris, contadas com linguagem decente.

Desta vez, porém, a panaceia não aproveitou. Não quisera saber de anedotas a duquesa. Estava mais que nervosa. Era alguma cousa parecida com o frenesi o que ela tinha. Inquieta, enraivecida, abrasada, franzindo a testa com trejeitos de aborrecida, a rival infeliz de Eugénia recebera o doutor com estranho mau modo, e por pouco lhe não disse desatenciosamente que a deixasse só.

O médico, da sua parte, não era paciente bastante para aturar caprichos de mulheres, visto que curava os da sua com dieta de palavras.

Pegara portanto no chapéu e na bengala, quando a duquesa, que até ali parecera indiferente aos frios lenitivos do perplexo doutor, o chamou com a costumada suavidade da sua voz e das suas maneiras:

– Vai zangado, doutor?

– Não, minha senhora... zangado, não; mas... quem não sabe decifrar charadas é um dromedário se é teimoso...

– Tendes razão... Eu tenho sido uma charada, e a vossa ciência é outra...

– Mas a minha charada tem um conceito...

– Decerto... são os epitáfios... e bonitos conceitos que eles são, até mesmo porque há *conceitos* bons que é necessário serem escritos sobre a sepultura para se estabelecerem...

– Bonito *calembour*, Sr<sup>a</sup> Duquesa! O que vejo é que passou a tempestade... estimo muito... Vamos a ver este pulso... Noventa pulsações por minuto... E a digestão que se faz irregularmente... isto não é nada... Nunca vos vi semelhante ataque... fizestes-me lembrar vossa mãe, Sr<sup>a</sup> Duquesa. Tinha dias insuportáveis! Então, era eu rapaz pouco experiente da organização problemática das senhoras, e tinha medo de vossa mãe. Depois, casei, e quis Deus que minha mulher tivesse uma organização com todos os

segredos. Tem sido uma anatomia que me não fica barata, mas tenho aprendido muito nela. Receio que me suceda como a Bichat, que foi vítima das suas observações no cadáver, e uma autópsia em mulher viva é cousa um pouco mais séria e perigosa... A Sr<sup>a</sup> Duquesa ri-se? Pois olhe que eu tenho chorado muitas vezes, porque não pude ainda descobrir a farmacopeia com que se curam as mulheres dos médicos. Cuidei que curava a minha com um decocto de papoulas...

– Pois destes papoulas a vossa mulher?!

– Nada... tomei-as eu, porque, se é verdade o Evangelho, a minha mulher é a carne da minha carne, o osso dos meus ossos, e os remédios que eu tomar devem influir nela como em mim. É o que eu pensava, como bom lógico que sou, quando tomei as papoulas. Imaginei que, dormindo eu, dormia ela, e, dormindo ela, estávamos ambos calados. Enganei-me como um charlatão, como um Paracelso de ridícula memória. Minha mulher falava tanto, que me acordava! Acreditai, Sr<sup>a</sup> Duquesa, que a medicina está muito atrasada enquanto virdes que os médicos não vivem bem com as suas mulheres... O mais tudo se cura; não há moléstia acabada em *ite* que não tenha uma abundante farmácia. As próprias paixões se curam com um pouco de extracto de Molière. Agora tenho eu um doente, que espero curar com duas risadas aplicadas a tempo... Já sabeis quem é o meu doente?

– Não.

– O hóspede do visconde de Armagnac...

– Pois está apaixonado?

– Como um Sardanápalo em miniatura!

– Como o subestes?

– Disse-mo o visconde.

– De que maneira?

– Muito simples. Uma declaração desprezada...

– Onde?

– Não fui tão longe nas minhas indagações. O que me disseram foi só isto. Perguntei desde que tempo duravam aqueles sofrimentos, respondeu o visconde que não havia muito...

– Será romanticismo de criança...

– Ah! Sr<sup>a</sup> Duquesa... acha... que será... romanticismo?...

– Fazeis-me essa pergunta com um tom...

– Sem intenção... e, se a tivesse, não há aqui pensamento mau... Bem, podia ser...

– O quê?

– Uma criança audaciosa...

– Por Deus!... achais que eu tenho atractivos de apaixonarem um homem em quarenta e oito horas?

– Hei-de ler os meus autores a esse respeito...

– Não incomodeis os vossos autores por semelhante motivo. Eu não me interesso nesse estudo... Ides ver o vosso doente?

– Tenciono lá passar a noite, se não disserdes o contrário, Sr<sup>a</sup> Duquesa.

– Tentais, portanto, curá-lo...

– Não, minha senhora... tento...

– Falai sério como um médico...

– Falo sério, como sempre, em sérios negócios. O menino apaixonado quer sair, e o visconde não o deixa sair sem que eu lhe garanta o nenhum perigo da salda.

– Que perigo?

– O perigo de uma congestão cerebral, ou cousa que o pareça... Os sintomas que hoje lhe vi eram assustadores. É o amor mais febril que tenho encontrado nos casos

variadíssimos desta epidemia...

– Então não vos quero demorar. Ide, e fazei-me o favor de testemunhar o meu desgosto pela falta do visconde e do seu hóspede, muito especialmente por causa do imprevisto incómodo.

.....

## XVI

O coração da mulher é um abismo. Este axioma é já tão velho que não é habilidade nenhuma repeti-lo. Habilidade é sondar o dito abismo e adivinhar a mulher. Muitos o tentam, e poucos conseguem vir a lume com a pedra filosofal. É uma exploração perigosa como a dos exploradores. É como as viagens do pólo, em cujos gelos ficam sepultados os nautas atrevidos. E, se não fosse assim difícil a conquista, a mulher não valia nada. O que a faz preciosa é o segredo.

A duquesa de Cliton, angélicas leitoras, era uma mulher superior à análise do médico penetrante e do experimentado visconde. Vereis que o autor é muito mais esperto, ele só, que os dois cavalheiros juntos, porque, descosendo as pregas daquele coração com a tesoura da maledicência, indispensável neste nosso trabalho de fisiologia, vai mostrar-vos a mercancia de Alberto de Magalhães.

A duquesa já nós sabemos que se retirara a Cliton, onde vivia sozinha. Esta violência, imposta à sua índole, durara ano e meio. As criadas reputavam-na maníaca, e muitas fugiram atemorizadas, suspeitando alguma furiosa demência em sua ama. Os dias de profunda melancolia, seguidos aos acessos de frenesi, reputavam-nos beatério: e não os reputavam mal, porque a duquesa, nesses dias, rezava com fervor, chorava como Madalena, e tinha outras muitas virtudes de muitas outras santas, que nos não lembram agora. Nesta alternativa de santa e de frenética, passaram-se dezoito meses, até que, uma bela manhã, a duquesa de Cliton, melhor avisada, entendeu que não nascera para tal vida, nem tinha motivos razoáveis para viver assim. Esta judiciosa deliberação coincidiu com a chegada do visconde de Armagnac à sua quinta. Resolvida a conviver, cumprindo os deveres de senhora do tom, mandou cumprimentar o melhor amigo de sua casa, raciocinando desta maneira: «O visconde há-de querer conciliar-me com o mundo; primeiro resistirei; depois, por muito rogada, consentirei que venham a minha casa as antigas relações de Angoulême; e mais tarde irei a Paris, onde está a minha sociedade, onde se respira o ar da vida que eu preciso respirar. A minha reclusão de ano e meio deve ter movido o interesse e a simpatia das turbas a favor das minhas desgraças. A maledicência não exige virtudes para se calar; e eu espero que a maledicência me considere uma mulher superior e me veja através de um prisma de superstição, que eu saberei sustentar com a minha riqueza, e com o cálculo, filho da experiência.»

A duquesa planizara assim; mas a reacção era tão impetuosa que lhe não deixou seguir com vagar o fio dos acontecimentos. O convite para o jantar foi uma precipitação, que maravilhou o deão, e os outros convivas, menos o viajante e o literato, que absolviavam todos os caprichos e celebridades de uma mulher, francesa de mais a mais. Para estes, o isolamento da duquesa era uma fase tão natural como a convivência. Se a vissem irmã da caridade hoje, e amanhã elanguescida em um sofá, arquejando cansada de uma valsa vertiginosa, julgariam ambos os factos como necessidades da organização. E, nisto, não nos levam vantagem M. de Colomb, e o seu amigo, porque sabemos que há organizações assim.

D. Pedro da Silva era uma individualidade inesperada na sua nova época. Amestrada em todos os relances de olhos, e em todos os silêncios significativos, a duquesa adivinhou depressa a temperatura do coração do seu apresentado. Não se julgou radicalmente amada; mas viu as labaredas do vulcão repentino, embora superficial, que queimava por dentro o mancebo. Bem sabia ela que não era este o primeiro triunfo seu! Tinha visto assim abrasarem-se muitos vesúvios em redor do gelo da sua alma, que só Leopoldo Saavedra soubera derreter, não diremos se com o fogo das suas palavras, se com o metal candente de oitenta mil francos. Fosse o que fosse. Por

esses tempos, Teófilo Gautier escrevia o seguinte: «A mulher que resiste a cem mil francos cederá a duzentos mil... Todas são corruptíveis... a cifra é que varia...» Mas a nossa questão não é esta.

A duquesa de Cliton, para saber que era amada, não precisava de ler o *suspiro* do português em versos franceses. Convinha-lhe, porém, aceitar o cortejo de D. Pedro da Silva?

Este grave quesito inquietou-lhe o sono da noite que precedeu o dia do jantar. A essas horas, o atormentado mancebo refrigerava ao ar da noite a cabeça escaldada. A duquesa não supunha tanto; mas, combinando umas cousas com as outras, esperava alguma cousa, e repreendia-se da demasiada severidade das expressões com que lhe entregara desdenhosamente a poesia.

O resultado excedeu a expectativa. Não queria tanto; mas sentiu-se orgulhosa de alguma cousa. As mulheres, de tempo a tempo, quando principiam a duvidar da sua formosura, gostam de colher bons resultados das tais experiências. Se há alguma superior a estes louváveis caprichos, não a conhecemos. As mais veneráveis matronas, as Octávias que levam a mão ao nariz quando as incomodam os perfumes das Lésbias e das Márcias, essas mesmas, que seguem à letra as imposições do sacramento que as fez boas esposas e boas mães, não se mortificam demasiadamente se o binóculo impertinente de algum importuno as persegue, inclusivamente na terceira ordem.

A duquesa era como todas as outras, e tinha alguma cousa mais, que muitas outras não têm: era muito linda, muito espirituosa, muito rica, e muito vaidosa, com sobeja razão para sê-lo.

O pior foi a conversação do jantar. Os elogios de M. de Colomb a Eugénia de Magalhães deixaram-na atrozmente ressentida. O lume do rancor não se apagara nas cinzas de um aparente esquecimento. A vingança, baldada por um homem superior que o destino lhe deparara, só poderia desvanecer-se por influência religiosa, que a duquesa não estava disposta a receber. Perdoara por impotência: este sacrifício não tinha mérito nenhum. Parecia-lhe impossível perdoar, depois de consumir quatro anos e meio atrás dos vestígios da sua vítima predestinada. Recebera da América uma carta de padre Dinis; mas essa carta não lhe falava em Alberto de Magalhães, nem lhe impunha o perdão do ultraje. Não prescindira da sua vingança!... Mas o que tem uma cousa com a outra? Tem muito. Encadeia-se infernalmente o ódio entranhado da duquesa com o amor rejeitado de D. Pedro da Silva. Jogava uma paixão vertiginosa entre a criança que nascera, dezanove anos antes, na quinta das Alcáçovas, e o sicário do marquês de Montezelos, que a vendera por quarenta peças, para quinze anos depois a dotar com quarenta contos.

Podíamos aqui já levantar o segundo véu da tragédia oculta no coração da duquesa; mas antes queremos que os leitores sintam a inocente vaidade de levantá-lo.

D. Pedro da Silva estava mais tranquilo quando chegou o médico, portador dos cumprimentos da duquesa, que repetiu na presença do doente. Já prevenido por suspeitas, o doutor reparou que o mancebo ouvira em sobressalto os termos banais da etiqueta, convenceu-se da *causa morbus*, e achou que tinha dado um grande passo na ciência, para que a cura decerto não dera nenhum.

Interrogado pelo visconde se, no dia seguinte, poderiam partir, o médico respondeu que sim, se a distração era o fim da salda.

Na manhã do seguinte dia, o médico, antes de recolher-se a Angoulême, visitou a duquesa, que o esperava ansiosamente, e deu parte das melhoras do português, que se retirava para Paris. A duquesa sentiu uma mordedura de víbora no coração. Este desenlace era o menos ajustado possível com os seus cálculos.

– Já partiu? – perguntou ela, não sabendo esconder a comoção.

– Ainda não... Partirá de tarde. O visconde tem negócios que o não deixam sair de manhã, e disse-me que viria despedir-se da Sr<sup>a</sup> Duquesa.

– Sim?

– Sim, minha senhora...

– E...

– Bem sei o que quer perguntar-me... Creio que também virá...

– Sabe que vem?

– Ouvi dizer que sim.

– A quem?

– A ele... A Sr<sup>a</sup> Duquesa não acredita que o médico é duas vezes confessor... e duas vezes adivinho... que sabe o que se passa na alma, e o que se passa no corpo...

– Quereis dizer...

– Que o meu doente tem razão para adoecer... Os ares aqui são sadios, o céu é bom, as águas são puras, mas os olhos têm a cólera asiática...

– Gracejais, doutor?

– Com a Sr<sup>a</sup> Duquesa de Cliton não se gracieja. O caso podia ser mais sério... Quem vence os corações sem entrar em batalha, mesmo por caridade com o próximo, não deve aparecer nunca... E não me detesteis por estas franquezas de velho...

O doutor foi interrompido pela noticia da chegada do visconde de Armagnac e de D. Pedro da Silva.

– Vê? – continuou o penetrante adivinho do corpo e da alma, como ele modestamente se reputava. – Ele aí está... Era preciso que fosse muito pouco orgulhoso para não vir... Ouço dizer que estes homens da Espanha são netos dos Árabes.

.....

O doutor sala, quando entravam os cavalheiros. A duquesa apertou a mão a D. Pedro da Silva, encarando-o com certo ar de dignidade, que lhe não ia mal.

– Tive um verdadeiro pesar – disse ela – com o vosso incómodo, Sr. D. Pedro. Fosse qual fosse o motivo por que não aceitastes o meu convite, quisera que não fosse uma doença de algumas horas...

– Uma passageira doença... – disse D. Pedro.

– Saudades de Paris?

– Justamente.

– Depressa se desenvolveram tão dolorosamente.

– Cuidei que seria superior, mas enganei-me...

– Superior... a quem?

– À saudade, Sr<sup>a</sup> Duquesa.

– A solidão não é lenitivo para quem foge às multidões de Paris, com saudades de Paris...

– É assim, Sr<sup>a</sup> Duquesa.

– Criança... criança... – atalhou o visconde, que adivinhara as intenções orgulhosas do seu amigo.

– Não pensam assim as crianças... – retorquiu a duquesa, rindo sem vontade – Já não há crianças... Que anos tem, Sr. D. Pedro?

– Dezanove.

– Aos dezanove anos é-se homem pelo coração... ama-se tudo, e, em primeiro lugar, a mulher, não é assim?

– Decerto, Sr<sup>a</sup> Duquesa, em primeiro lugar, a mulher digna de todo este amor...

– E há alguma digna de tanto amor?

– Há, minha senhora... Se conhecêsseis a que eu amo...  
 – Deve ser um ente perfeito, uma mulher invejável... É de Paris?  
 – De Paris.  
 – Da vossa idade?  
 – Justamente da minha idade. É daquelas *que compreendem os meus versos*, e me repeliria como indigno dela, se soubesse que eu tinha consagrado versos a quem mos não entendesse.

A duquesa mordeu o lábio inferior, e continuou:

– E foi por causa dela que eu tive o desgosto de vos não ter ontem no meu jantar?

– *Desgosto*, não, Sr<sup>a</sup> Duquesa. Ela decerto não tem a pedir-vos desculpa de um desgosto... e eu também não, porque há fraquezas que devem tolerar-se a um rapaz de dezanove anos... Minha senhora, eu tenho roubado a palavra ao meu amigo visconde, que parece querer dizer-vos que tem necessidade de retirar-se a tratar de negócios, porque tem a bondade de acompanhar-me a Paris.

– Pois partem hoje?

– Hoje às cinco horas – respondeu o visconde. – Vamos passar a noite a Angoulême.

– Se parte às cinco horas... são ainda três.

D. Pedro da Silva já tinha o chapéu na mão, e meia curvatura em ar de despedida. O visconde seguiu o exemplo do seu heróico amigo, cuja coragem lhe estava dando em que pensar e maravilhar-se.

A duquesa, apertando a mão ao português, disse com doçura:

– Sr. D. Pedro da Silva, serei indiscreta se vos pedir uma cópia da vossa poesia a um suspiro?

O mancebo estremeceu a esta pergunta, antes de responder, titubeando:

– Indiscreta, não, minha senhora!

– Bem pode ser que o seja, porque ousou pedir-vos cópia de uma cândida inspiração, tão lisonjeira para a pessoa que vos faz poeta de tão sentidas poesias... Este desejo... é mais orgulho de sexo... que outra cousa. É delicioso pertencer, suposto que no último grau da escala, ao do ente que vos apaixonou assim... Dais-me a cópia da vossa poesia?

– Enviar-vo-la-ei, Sr<sup>a</sup> Duquesa.

– Não a receberei... Peço-vos que sejais. o portador... Há outro motivo de menos consideração para ousar pedir-vos tanto. Queria fazer-vos uma recomendação de viva voz para a minha amiga de Paris, a duquesa de Choiseul. Conto com a vossa urbanidade?

– Sim, Sr<sup>a</sup> Duquesa... E uma honrosa comissão que me dais qualquer serviço, de que me julgueis digno.

– E, portanto, não partiremos hoje... – atalhou o visconde.

– O pior é se eu sou o desarranjo dos vossos planos, Sr. Visconde... – disse a duquesa com ar infantil.

– Não temos planos, Sr<sup>a</sup> Duquesa. Vós sois a que traçais o destino aos vossos servos... Pena é que não haja grandes transtornos com o adiamento da nossa salda, para fazermos jus à vossa gratidão...

Saíram.

D. Pedro da Silva estava sem saber definir a sua situação.

O visconde beliscou-o, quando montaram a cavalo, e disse, piscando um olho:

– Ah, maganão!...

## XVII

Formosa de todo o viço possível aos trinta e sete anos, airosamente sentada sobre um galhardo murzelo, que relinchava orgulhoso de sua dona, acompanhada de dois criados de rica libré, respondendo com um sorriso protector aos aldeões circunvizinhos, que corriam da lavoura à beira da estrada para a cortejarem com alaridos, a duquesa de Cliton, ao fim da tarde, passeava no caminho, onde devia passar D. Pedro da Silva.

Já perto dos muros do visconde, encontrou o moço, que por pouco não solta uma exclamação de surpresa quando a viu tão bela, tão risonha, tão radiosa, e tão de tudo quanto podiam encontrar os olhos ambiciosos de um poeta, e os vossos também, leitor sensato!

O cavalo de D. Pedro, pesadelo fatal do visconde de Armagnac, levantou as patas dianteiras para afagar grosseiramente o cavalo da duquesa. Este, que não era impassível às lisonjas do seu colega, ergueu-se também, guinchou, soprou duas colunas de fumo pelas ventas trémulas, e mostrou exuberantemente que tinha algumas lições de pugilato. Pedro da Silva receava a queda da duquesa; a duquesa, porém, sorria do perigo, e aflagava com a elegante mão as crinas eriçadas do seu cavalo.

Restabelecida a harmonia entre os dois generosos adversários, entraram a par na estrada, corcovando-se, encaracolando-se, nitrindo nos freios, escarvando garbosamente, enfim, dando-se certa importância, que fazia valer os cavaleiros mais cem por cento. Isto, que parece fútil e pequeno, mal imagina o leitor o valor que tem em idênticas circunstâncias. É impossível dizerem-se cousas grandes e tocantes duas pessoas que se amam, se caírem na imprudência de montarem dois jumentos. Experimentem, e verão.

Posto isto, não queremos atribuir à equitação somente o seguinte diálogo:

– Quereis deixar a minha aldeia, Sr. D. Pedro? Tendes razão... isto aqui é muito triste...

– Para mim decerto...

– E para todos... Para vós é que eu, antes de ontem, o não supunha... Parecíeis-me tão feliz... dizíeis da minha terra cousas tão lindas... prometíeis poetizar tanto estes ermos, que não tiveram nunca o seu cantor! Decerto vos enganáveis!... Eu bem sabia que vos devíeis aborrecer depressa... O vosso coração não estava aqui, pois não?

– Estava... Sr<sup>a</sup> Duquesa.

– Adormecido, não é verdade?

– Adormecido... foi uma desgraça acordarem-mo.

– Com uma carta lacrimosa de Paris? ... Não me respondeis?

– Que devo eu responder-vos, senhora!...

– Não me quereis para vossa confidente... e eu quero sê-lo... Já vos pedi a poesia... que é dela?

– Aqui está, Sr<sup>a</sup> Duquesa...

– Dar-ma-eis em minha casa; mas, se me dais uma poesia que não é minha, alguma confiança vos mereço. Dizei-me tudo, ou resumi tudo que tendes a dizer em uma palavra... Amais?

– Amo.

– Compreendem-vos?... Não admireis esta pergunta. Agora são moda o homem e a mulher *não compreendidos*. Sereis um desses... Compreende-vos a mulher que amais assim?

– Deve compreender-me, que eu não conheço nenhuma mais inteligente...

–Que mais desejais?!



– O que desejo?... Não desejo nada... Queria esquecê-la, porque era mais feliz se não a conhecesse...

– Mas ides procurá-la a Paris!... Não é bom sistema de esquecer mulheres...

– Chama-me a fatalidade... Hei-de esquecê-la em Paris...

– Ides sacrificá-la a outras?

– Não a sacrificarei... Ela é inteiramente insensível. Não se magoará com a preferência...

– Então é indigna de vós...

– Não é: eu é que fui um temerário em levantar os olhos para ela...

– Quereis vós uma cousa? Não vades.

– Que não vá?!

– Sim... eu prometo todos os meus esforços em dar-vos um lenitivo aqui... Posso pouco; mas posso contar-vos como é que as ilusões expiram na vossa idade... E um serviço que me agradecereis, passados anos; chegareis a ser um homem do grande mundo, sem lá ter ido pagar o tributo das belas afeições, que vos impelem o coração a transbordar de simpatia por uma flor. Quereis?

– Morrer no coração... suicidar-me... não, Sr<sup>a</sup> Duquesa, não quero. A vossa generosidade não me deleita, nem me alivia. O que eu quero é o amor, é a vida...

– E receais que eu vos dê a morte?

– Receio...

– É que eu sou também uma das mulheres não compreendidas... Gostais deste sítio? Olhai o Sol!... Parece a cabeça abrasada de um gigante que sai de trás das montanhas para se rir da nossa pequenez... Este silêncio é tão suave para o coração... Paremos!... Como deve ser belo este mundo para quem for feliz!... São tão poucos os dias que aqui se vivem!... Se não fosse a desgraça, com que saudade o moribundo se lembraria do céu, das flores, das estrelas, e do amor!...

– Sim, sim, do amor... mas o amor é a desgraça, não é, Sr<sup>a</sup> Duquesa?

– E... acreditai-me que o é, meu amigo... Desgraçado aquele que encerra as suas ambições em uma paixão única! Eu invejo a felicidade daquela pobre mulher que canta além. Para aquela o seu mundo está resumido ali, no trabalho, nas esperanças pequenas, que nunca lhe mentem, nas ambições mesquinhas, que ninguém lhe estorva... O tumulto, as tempestades, as aflições são para nós, almas soberbas, avarentas de gozos impossíveis, sempre com os lábios na fonte e a sede a queimar-nos as entranhas... Não é assim, com esta linguagem, que eu devo mitigar-vos as saudades, D. Pedro da Silva; mas estudai em mim o sofrimento, e vereis que o vosso é pequeno. Tende piedade de mim, e sentireis menos as vossas dores.

Estavam diante do portão de Cliton. D. Pedro conduziu a duquesa pelo braço, deixou-a na sala de visitas, e passou à galeria enquanto ela mudava de trajes.

Os quadros importavam-lhe pouco. Este último diálogo, que não fez impressão nenhuma no leitor, avivará mais o lume, que a duquesa, arditamente ignorante, prometia abrandar. Se a verdade deve ser nua nos romances, como cá fora na vida prática, diremos que o filho de Angela de Lima não se lembrava já de Paris, e, se tivesse por quem, mandaria dizer ao visconde que desfizesse as malas.

A duquesa mandou chamar o poeta para o seu *boudoir*. O *boudoir* da duquesa, ou antecâmara, que é mais português, era um capricho de opulências orientais ao paladar de França. Os perfumes da Ásia impregnavam os átomos, escandeciam a cabeça, e embriagavam frouxamente o coração. Os estofos elásticos, submissos às posturas voluptuosas do corpo, parece que tinham sido construídos ao sabor das voluptuosidades do espírito. O resplendor dos cristais, a opala, o charão de mil visagens grotescas, o mármore negro em que tremia o reflexo das luzes, as moles esteiras, que pareciam calar

os ecos dos passos, como um segredo de sua dona, que devia ser uma fada... e muitas outras cousas, que deleitavam Pedro da Silva, e que decerto não servirão de leite ao leitor, tornavam encantadamente fantástica a existência do nosso patricio naquele viveiro de delícias.

Era aí que a princesa de um conto árabe esperava o poeta de suspiros e jasmims.

– Não repareis no desalinho de tudo isto... Vai em cinco anos que mandei recolher de Paris estas insignificâncias ao meu solar. Enquanto viajei, tudo isto esteve para aí amontoado. Quando volvi à casa onde nasci, pouco ou nada se me dava desta ostentação estéril, que não melhora a condição de pessoas infelizes como eu tenho sido...

– Sois infeliz, Sr<sup>a</sup> Duquesa?

– Muito... Não falemos de desgraças... Seria da minha parte uma rude franqueza chamar-vos a minha casa para vos contar infortúnios de mulher, que não passam de tormentosas insignificâncias do coração... Dai-me a vossa poesia...

– A *minha* poesia?

– Sim...

– Não queria eu que ela fosse *minha*...

– Pois então não seja *vossa*... Quereis que vos diga a poesia da vossa querida Beatriz, meu caro Dante? Pois sim... Lede-a vos... Deve ser mais bela... As palavras devem sair com a fragrância do coração...

– Vós já a lestes...

– Que importa? Eu tenho lido os sonetos de Petrarca; mas imagino que os compreenderia melhor se o autor viesse ler-mos... Não se me dava de o receber aqui, envolto na sua mortalha, contanto que me viesse falar da sua Laura...

– Mas eu não posso falar-vos da minha...

– Não? Sois mais misterioso que um poeta da vossa terra a quem mataram os amores da filha de um rei.

– Admiro-vos, Sr<sup>a</sup> Duquesa! Conheceis a minha terra, e os poetas da minha terra, como se lá tivésseis vivido!...

– Não vos admireis... Minha mãe era uma senhora muito ilustrada, conhecia a língua portuguesa como a francesa, e lia os melhores livros de Portugal. Se visitardes o meu quarto, encontrareis muitos livros na vossa língua... E não sei por que capricho me fez aprender o português, que ainda hoje falo, com pequenas dificuldades... Ides ler a vossa poesia, não ides?

D. Pedro da Silva, com a voz trémula, respirando a custo, e o coração convulso, leu a poesia, que a duquesa ouviu, sorrindo, e encontrando com meigo olhar os olhos do poeta, que procuravam, no fim da leitura, adivinhar-lhe o sorriso indefinível. D. Pedro esperava uma palavra de elogio, isso só, porque seria loucura esperar outra cousa. E o silêncio continuava, e o sorriso não se desvanecia nos lábios, que pareciam reprimir a gargalhada que fulminara, uma noite, a cabeça impermeável do barão de Sá.

A duquesa recebeu graciosamente a poesia, sem descer os olhos da face rosada do mancebo. Depois dobrou-a vagarosamente. Abriu a sua carteira de madrepérola, despejou aos pés de D. Pedro os papéis acetinados e flores murchas que ela continha, e introduziu a poesia, inclinando languidamente a cabeça e abrindo um pouco mais o seu sorriso.

– Eu quero que ela esteja sozinha... A minha carteira é a imagem do meu coração...

D. Pedro fez o que nós faríamos. Não respondeu ao galanteio com um monossílabo, e ele próprio não sabe dizer se o compreendeu no mesmo instante. O que ele confessa é que sentiu frios e calores, quando a duquesa, pegando-lhe na mão, lhe perguntou:

– Tendes alguma ofensa de que me acuseis? Saí desse estado de perplexidade... Vede que vos falo com toda esta familiaridade... Respondei-me... Eu ofendi-vos?

– Não me podíeis ofender... Magoastes-me, Sr<sup>a</sup> Duquesa.

– Perdoais-me?

– Oh, senhora!... porque me pedis perdão?

– Esta poesia era minha... completamente minha... e eu repeli-a... Perdoais-me?

– Quem vos disse que eu sofri tanto por causa dessa repulsa? – disse D. Pedro com a voz comovida é os olhos inundados de lágrimas...

– O meu pesar... o meu coração, que tem o remorso que lhe lembra as suas injustiças... Sabeis qual tem sido a minha vida,

D. Pedro da Silva?

– Tendes sofrido, não preciso saber mais nada...

– Precisais... Sabeis que eu não posso amar-vos?

– Não sei; mas devo acreditá-lo, porque me é dito por vós... Não me surpreendestes, que eu já sabia que era forçoso este sofrimento... Mas fizestes mal em me chamar a vossa casa para um desengano assim...

– Era necessário que viésseis, e vireis todos os dias. Preciso ver-vos... quero a vossa amizade, e não ousa aspirar a uma paixão, que não posso corresponder-vos, porque sou indigna de vós.

– Indigna de mim?

– Sim, indigna! É necessário muita coragem, ou nenhum amor-próprio, para semelhante confissão... Embora!... quero expiar o que vos fiz sofrer, rasgando da face um véu, que vos deixe ver as sombras da escuridade em que tenho esta pobre alma... Eu seria uma infame mulher, se vos captasse com meiguices calculadas, uma a uma, para, ao cabo de quinze dias, vos dar este desengano. Se me dais um sentimento bom da vossa alma infantil, deixai-me colher essa flor sem espinhos; mas não quero tocar-me com ela, porque a minha cabeça tem fogo do Inferno, e a flor murcharia logo! D. Pedro, não me julgueis douda... Eu reconheço infelizmente que tenho todas as faculdades na melhor disposição para serem a minha tortura... Preciso de um amigo, com o coração puro, com a candura na inocência das palavras. Quero adorá-lo, quero queimar-lhe o incenso que tenho salvado das tempestades do mundo; mas não quero dar-lhe o que sou, porque não sou nada... sou um corpo, um falso triunfo, que não pode fazer a vaidade de ninguém... Reparai que não estou boa... Está chegando a minha terrível hora de reconcentração. Concedei-me a liberdade de vos despedir... Vinde amanhã jantar comigo, e fazei que venha o visconde.

D. Pedro da Silva sentiu que a mão da duquesa apertava a sua com estremecimento. Quis despedir-se com algumas lágrimas eufónicas; mas o coração naquela idade não tem à sua disposição um dicionário de sinónimos, ou a reminiscência salvadora de um romance.

Duas noites antes, retirara-se atordoado da repulsa. Por causa oposta, D. Pedro da Silva não ia agora menos confuso. Entrando, porém, em colóquio tranquilo com a sua consciência, entendeu que era o homem mais feliz do globo. Entendeu mal. O homem mais feliz do globo é o idiota.

## XVIII

Seja curioso o diário sucessivo dos diálogos da duquesa de Cliton e D. Pedro da Silva, no decurso de três deliciosos meses. Os manuscritos que nos enviaram não nos autorizam a inventar cousas que se não disseram. Atendendo, porém, à esperteza inequívoca dos leitores, e também à minha, poderemos calcular pouco mais ou menos que em noventa entrevistas, a uma por dia, não podiam dizer cousa que não tenhamos dito muitas vezes nos.

Para muita gente dá que entender o como é que se entretém o fogo sagrado entre um amante, honesto como Florian, e a respectiva amada, que se venera como uma Vestal. Acham pequeno o vocabulário da língua humana para em cada novo dia dizer uma cousa nova. Chegam os tais a persuadir-se até que o aborrecimento há-de vir por força enjoar dois amantes que procuram descobrir o moto-contínuo do palavreado. Enganam-se.

O visconde de Armagnac, que, nesta espécie, fazia coro com os sobreditos, perguntava, ao cabo de dois meses de visitas sucessivas, em que é que entretinham o tempo.

– Eu vos digo – respondeu D. Pedro com toda a candura e verdade do seu coração. – A duquesa de Cliton tem sempre uma cousa nova a contar-me das suas viagens. Apaixonadíssima pelo Oriente, fala da Grécia com mais entusiasmo que o Byron, e do deserto com mais poesia que o meu próprio Lamartine. As vezes exprime-se em um estilo de inspirada, e da exaltação da febre do talento recai em uma espécie de sonambulismo, que me faz lembrar aquela grega que profetizava a queda do paganismo.

– Com efeito... – atalhou, sorrindo, o visconde. – Eu não sabia que a duquesa de Cliton tinha talento com febre, e era sonâmbula!... Quando a conheci em Paris estava sempre acordada como uma raposa, e tinha os olhos vivos e buliçosos como o próprio antílope, de que fala Buffon.

– Não zombeis, visconde.

– Por Deus, que não zombo, meu caro Pedro... E, quando não está sonâmbula, nem tem febre no talento, que fazeis?

– Há sempre boas inspirações, assuntos do coração, que nos fazem parecer curto o tempo.

– Pelo que vejo, defendeis teses sobre o amor. Isso deve ser delicioso. E, quando as teses são discutidas, lavrais a acta, academicamente falando, da sessão...

– Não vos entendo, visconde...

– Que candura! Hoje que tencionam fazer?

– Leremos as *Noites*, de Young.

– E amanhã?

– O *Paraíso Perdido*, de Milton.

– E depois?

– Depois... é domingo?

– É... que ledes no domingo?

– As vossas *Memórias sobre o Ministério de Talleyrand*.

– Então quereis dormir como o Criador ao sétimo dia... Angélicas criaturas!... Ora olhai para mim... Tendes falado seriamente?

– Como sempre vos falo, Sr. Visconde.

– Só tratais de sonambulismo, e de febre no talento? Só adormeceis com as minhas *Memórias sobre o Ministério de Talleyrand*?

– Na vossa pergunta há uma intenção desonesta, imprópria...

- Estilo inglês... *improper*... É pena que não useis capa...
- Capa?! Que quereis dizer?
- Queria ver se viríeis um dia sem ela... Conheceis a história de José do Egipto?
- Conheço perfeitamente... e vós conheceis a história de Susana no banho?
- Perfeitissimamente... Os velhos eram lascivos, por isso que não acreditavam na febre do talento.

.....

A prática tornou-se pouco edificante. Basta o que fica escrito para avaliarmos a cordialidade de Pedro da Silva, cuja moral, formada em Inglaterra, estava sendo inofensivamente chasqueada pelo velho, que votava pela restauração dos costumes da Regência, salvas as aparências. A corrupção não era cousa que se aplaudisse, mas o visconde não duvidava recebê-la como facto consumado. Não arruinar a casa nem a saúde, era este o ponto onde convergiam as solitudes do velho a favor do seu jovem amigo.

O certo é que os amores do pupilo de padre Dinis não podiam ser mais honestos. O coração interessava-se nas viagens da duquesa; o espirito alimentava-se do pábulo do espirito, e a matéria não exigia nada. No seu platonismo sincero, o legitimo poeta, como todos deviam ser para acumularem ao mesmo tempo as funções de contraltos na Capela Sistina, ou a guarda das portas invioláveis do harém, visto que a poesia não basta para viver, o legítimo poeta, dizíamos nós, coraria, se a duquesa lhe dissesse que a escola dos espiritualistas não granjeava mártires no *boudoir* de uma mulher de trinta e sete anos, sem deveres a cumprir com seu marido.

Diga-se a verdade: a duquesa não era capaz de meter em tais embaraços o seu extremoso amigo. No coração desta mulher estavam três corações, pelo menos. O de que ela se servira para nutrir as ideais ambições de D. Pedro da Silva era um coração ideal, como o da amável leitora, que nos faz a honra de nos ler, e acreditar o mais que vai dizer-se do carácter inconsistente da confidente de padre Dinis.

A duquesa calculara, amando o português, ou fingindo amá-lo, criar um inimigo contra Alberto de Magalhães. O mancebo apaixonado, propenso ao romanesco, saudoso dos antigos brios da cavalaria errante, seria um instrumento cego nas hábeis mãos da malograda condessa de Minturnes do barão de Sá. Amor não lho daria ela sem condições; ora o amor que se dá com condições, como quem lavra uma escritura de doação de bens, com o ónus de certas tenças; um tal amor... imaginemos que amor poderia ser!... Uma segunda cena, suposto que mais trágica, da comédia representada com o ridículo barão, que andava por Lisboa vazando a bílis nas nédias bochechas do pobre Joaquim dos Reis.

O cálculo era aquele: mas o coração da duquesa, isto é, o coração número três desmanchava os cálculos do número um.

O primeiro mês de namoro, como se diz nos cafés, e cremos que nos salões também, transtornou os planos da duquesa. O hábito de tratar com um jovem ingénuo, apaixonado, nunca surpreendido em uma mentira dessas que as mulheres toleram, pagando-se com usura a familiaridade, e depois as boas maneiras, a gentil presença, e a poesia sempre ardente de D. Pedro da Silva, porventura tudo isto, e muitas cousas mais, fizeram palpitar-lhe o coração, inactivo desde muito, o coração das idealidades, das esperanças, das afeições generosas, da íntima estima, que é o mais caro sentimento que devemos às mulheres, que foram anjos antes de serem o que são.

D. Pedro, sem compreender a metamorfose, estranhou a intimidade carinhosa com que era recebido. E que até então, esgotados os entusiasmos da cabeça, a frieza do coração gelava o rosto da duquesa, que nem artificialmente já sabia manusear os ardis

calculados para a sua vingança.

Era, portanto, amado D. Pedro da Silva, e amado como devia sê-lo por tal mulher, que, desde viúva, apenas sentira ódios e caprichos. O delírio por Leopoldo Saavedra fora uma lava de orgulho que respirara, inflamada pela faísca da vergonha de si própria. Se lhe chamássemos amor a esse ciúme rancoroso, degradaríamos muito aquela virtude.

A mulher, porém, que fingira um sentimento nobre por D. Pedro da Silva, com a perversa doblez de o atirar com um punhal ao coração de Alberto de Magalhães, seria susceptível de uma afeição sublime, chegaria a envergonhar-se da ultrajante ideia em que quisera fazer cúmplice um nobre mancebo, que, cheio de fé, se lhe dava com toda a inocência dos dezanove anos?

É o problema que vai resolver-se.

Eram, pois, passados três meses, depois que a duquesa adoptara como seu o *suspiro* do nosso poeta.

Em tarde calmosa de Julho, debaixo do transparente céu, que parecia sorrir ao seu retrato reflectido no lago, cantavam os passarinhos, murmuravam as fontes, ciciavam em redor do mirto as borboletas, recendiam as flores, zumbiam os insectos e murmuravam lânguidos colóquios a duquesa de Cliton, encostada ao ombro do seu ditoso poeta.

Embragado pelo néctar da suprema felicidade, o alquebrado amante não sabia dizer o que tinha de celeste no coração, e imaginava que o horizonte da sua alma abrangia a realização de tudo que sonha o talento, do mais a que podem ir as aspirações ambiciosas do homem.

Da apologia bucólica do panorama que os rodeava, vieram à silenciosa concentração, mudez das almas privilegiadas, na extrema alegria, ou na dor profunda. Foi a duquesa que quebrou o silêncio com a sua voz maviosa, único som que faltava para o hino do crepúsculo:

– Pedro, ouviste o que eu te disse?.

– Não!... Tu falaste agora?

– O meu coração falou tanto!... Cuidei que me ouviras!... Será necessária a palavra, quando o fio eléctrico se interpõe na linguagem muda de duas almas? Não é, não... Olha... eu ouvi-te...

– Sim? Devias ouvir belas cousas... Repete-mas, Elisa...

– Queres? Cismavas no futuro, e perguntavas ao tempo, à fatal sibila que escarnece os cálculos humanos... perguntavas-lhe se a nossa felicidade de hoje seria exterminada um dia... Era isso?

– Elisa!... tu és um anjo!...

– Porquê?

– Vieste ao fundo do meu coração, e viste o invisível para todo o mundo! Como pode isto ser? Aventuraste-te a adivinhar, ou a minha alma é tão clara para ti, como têm sido verdadeiras as minhas palavras?

– O anjo és tu, Pedro da Silva... O anjo és tu, que não viste a traição que te preparava cavilosamente uma mulher da infame sociedade deste mundo...

– Uma traição!...

– Sim... mas não me peças a significação desta palavra... Hoje, filho, adoro-te com toda a unção de um espírito juvenil! Hoje pede-me sacrifícios, que eu dou-te a vida... Diz-me que queres uma expiação do crime que me faz chorar estas lágrimas, e eu provarei todas as amarguras, tomarei de tuas mãos todos os sacrifícios...

– Não fales assim, Elisa!... Antes quero ver-te soberana. O teu orgulho tem suavidades para mim... Quero-te orgulhosa; não te culpo por vaidades legítimas... Eras vaidosa, porque devias sê-lo. As humiliações, se me forçasses a elas, eram próprias de

mim, que me sinto insignificante quando ousar chamar-te *minha*...

– *Tua!*... – atalhou ela com tristeza – e serei eu tua?!...

– Se o serás, Elisa?!

– Sim... sabes que sacrifícios eu te custaria?

– Não...

– Não? Pouco valho para ti, Pedro!...

– Elisa... eu não compreendi a tua pergunta. Que me disseste?

– Na minha posição, sabes com que condições uma mulher se renuncia inteiramente a um homem?

– Sei... e recebo-as todas...

– Eu não tas ofereço.. não pode realizar-se a tua generosidade... Não podes ser meu marido...

– Bem o sabia...

– Sabia-lo?

– Sim... tu és a duquesa de Cliton... Eu sou um forasteiro, que não posso sequer pronunciar os nomes de meus pais... Sou rico; mas não sei donde vem esta riqueza. O filho bastardo não tem a quem peça uma genealogia que possa emparelhar com a tua...

– Cala-te... Tu não levantas o teu espírito à altura do meu. Sou muito pequena a teus olhos... e tens razão... porque realmente... sou pequeníssima... Não posso ser tua mulher!... Vê tu que pequena eu sou!...

– Porquê, Elisa?... Quem te domina?

– A consciência, que tem um escrúpulo, e o coração, que tem uma nódoa...

– Amaste um homem...

– Não o amei... é uma infâmia sem nome! Esse demónio deixou-me um punhal de fogo enterrado no coração... para toda a vida... Este lume queimaria a existência daquele que tentasse identificar-se com o meu espírito... Mas não me aborreças por isso, meu caro amigo. Sê meu irmão, já que esse malvado me matou o único irmão que eu tinha...

– E foi ele?

– Pois não sabes a minha história!? É uma maravilha que ta não tenham contado... Vejo que devo uma grande fineza ao visconde de Armagnac... Silêncio, pois... Eu não quero cativar-te com lágrimas de falsa contrição. A mulher que correu cinco anos atrás da vingança não está contrita... Pedro da Silva... Não temos nós sido felizes, há três meses?

– Sim... feliz... mas tu não és feliz...

– Não... não sou... Sustento esta máscara... tenho um domínio de ferro sobre as minhas lágrimas, quando quero; falo como as mulheres felizes, porque obedeço às reminiscências dos meus bons tempos, tão depressa corridos da tragédia da minha vida...

– Elisa... tu choras?!

– Vamos daqui... Já não acho belezas nisto... Vejo tudo coberto de luto... Olha, Pedro da Silva, fizeram-me desgraçada e má... Eu era boa e feliz...

Saíram do jardim e entraram silenciosos na sala. Esta situação durou longo tempo. Pedro da Silva meditava uma pergunta arrojada. Lutou com mil receios opostos. Revestiu-se de uma audácia de homem, farto do mundo, ou sequioso de grandes comoções; tomou a mão da duquesa com estranha intrepidez, e disse-lhe em um tom pouco natural na sua idade:

– Elisa... responde-me... esse homem ainda vive?

– Vive.

– Onde?

– Em Lisboa.

- Como se chama?
- Que te importa o seu nome?
- Cuidei que esta pergunta merecia a confiança desse nome.
- Com que intenção ma fizeste?
- Com a intenção de vingar a mulher que me chamou «irmão»...
- Agradeço-te o cavalheirismo; mas não aceito a generosidade... Não tinhas outra intenção?
- Tenho... Vingar o irmão da duquesa de Cliton.
- Aceito, em nome de meu irmão... Esse homem chama-se, em Lisboa, Alberto de Magalhães.

A duquesa ergueu-se convulsivamente, e apertou com júbilo satânico a mão de D. Pedro, que procurava recordar-se do homem cujo nome lhe não era inteiramente desconhecido.

- Conheces este homem?
- Não conheci... Eu, quando saí de Portugal, só conheci um padre que me educou, a irmã desse padre, e minha mãe, que já não vive...
- És um perfeito homem, Pedro da Silva. Agora sim, avaliei a tua alma!... Ouve-me... Quero a tua vida: não consentirei que tenhas a menor inteligência com o assassino de meu irmão. Prometes-me?
- O quê, Elisa?
- Absoluto desprezo para tal homem.
- Não prometo... juro pela memória de minha mãe que vingarei teu irmão.
- Pedro da Silva!...

A duquesa estava abraçada ao pescoço de D. Pedro, quando sentiu passos, e suspendeu a réplica ao juramento do mancebo. Era o visconde de Armagnac, que vinha do passeio e fazia escala pelos paços encantados da rainha das fadas, como ele costumava, nos sobrescritos perfumados dos seus bilhetes, indicar a residência da duquesa.

A conversação, quase toda a cargo do visconde, tornou-se profusamente banal como as suas *Memórias sobre o Ministério de Talleyrand*.

.....

A duquesa, no seguinte dia, entrava no seu toucador, e viu sobre uma salva de prata uma carta, que abriu sofregamente. Era este o seu conteúdo:

*É necessário ser digno de ti, como amigo da memória de teu irmão. Estas amizades, contraídas com um morto, são imperecedouras. Quero um dia poder ajoelhar contigo sobre o túmulo do teu amigo, e dizer: «Nosso irmão! Foste vingado!»*

Pedro da Silva

Elisa, alucinada, escreveu duas palavras; mandou-as ao seu destino; esperou ansiosa a resposta. Devolveram-lhe a mesma carta fechada... Pedro da Silva, à meia-noite, saíra para Paris.

O visconde de Armagnac, espantado de semelhante repente, que não pôde sustentar, deu razão ao Diabo, por não querer nada com rapazes.



## XIX

Treze dias depois, Alberto de Magalhães recebia do seu correspondente em Paris uma carta que falava de passagem em Pedro da Silva, nas seguintes linhas:

*Disse-vos, há tempos, que D. Pedro da Silva saíra para Angoulême a passar a estação na quinta do seu amigo visconde de Armagnac. O honrado velho interessa-se extraordinariamente pelo rapaz. Hoje mesmo, porém, chegou ele aqui, e sacou quinze mil francos. Disse-me que saía de França por alguns meses, sem me dizer que país viajava. Em cumprimento das vossas ordens, não duvidei entregar-lhe a quantia pedida.*

.....

Alberto, lida a carta, disse a Eugénia:

– O filho da condessa saiu de França.

– Para onde?

– Não sei. Não poderá ir longe com o dinheiro que sacou...

– Aquele rapaz, com tanta liberdade, pode perder-se... Porque o não sujeitas à influência de alguém?

– De quem? Não quero que ele tenha uma privação... Deixá-lo ser rapaz; tempo virá em que seja homem, com as decepções de todos os homens. E preciso que nos habituemos a considerá-lo pessoa da nossa família.

– Por isso mesmo, Alberto, é que eu me interesso no seu futuro. Tu podes fazê-lo rico, mas feliz decerto não, porque ele é filho de uma desgraçada mãe, e de um pai que morreu despedaçado de angústias...

– Eugénia!...

– Ah!, sim... não falemos desse homem... Empalideces sempre que te falo nele... É tão misterioso o teu passado, meu querido amigo!... Tomara eu que um dia te levantasses sem memória... Queria que te recordasses somente destes últimos quatro anos, em que devemos tanto à Providência...

– Se a Providência te ouvisse... Sim, Eugénia... eu queria esquecer-me... Só assim poderia reputar-me o mais feliz dos homens... E não será orgulho... Tudo o que temos seria um meio de consolar infelizes...

– Se realizasses o teu pensamento de sair de Portugal...

– É o meu querido pensamento... Sairemos, Eugénia; mas eu preciso deixar cair a máscara diante do filho de Ângela de Lima. E preciso que ele venha a Lisboa, que me conheça, que me ame, e que nos siga. Uma terceira pessoa na nossa família é uma necessidade para o coração... Eu considerá-lo-ei meu filho, e tu sentirás por ele a ternura de irmã. Logo que ele torne a França farei que venha a Portugal... Há-de vir... parece-me que receberei uma bela comoção quando vir o mancebo que tive nestas mãos, criancinha, com meia hora de existência...

– Tu! ... não me tinhas dito isso...

– Decerto não... e basta que saibas isto, Eugénia...

– Cuidei que só o viras há cinco anos, em casa de padre Dinis... E ele conhece-te?

– Pelo nome, decerto não. Diante dele foram poucas as minhas palavras... eu creio que nenhuma. Estou que me não conhecerá se me vir.

– Dizes-me uma cousa, meu querido Alberto?

– Qual é?

– Este menino é teu... digo... teu filho?

– Não... não tem comigo parentesco nenhum. Não te disse tantas vezes que era filho de Ângela de Lima, e de D. Pedro da Silva, da casa de Alvações?

– Disseste... mas perdoa-me... esta curiosidade, que é toda do coração... Não te perguntarei mais nada.

.....

No pátio de Alberto de Magalhães parou uma sege de praça, e o sujeito que apeou anunciou-se com um bilhete, em que vinha escrito a lápis o seguinte: «Um emissário de M. Arthur de Montfort.»

Alberto ficou estupefacto com semelhante extravagância, e escondeu de Eugénia o bilhete, pedindo-lhe que se retirasse.

– Oh! filho!... até o nome das tuas visitas é um segredo para tua mulher!... – murmurou ela, retirando-se mais despeitada do que deve entender-se das suas palavras.

A pessoa anunciada entrou em uma sala de espera; esperou alguns segundos, e foi conduzida a outra, onde encontrou Alberto de Magalhães. Este, ao vê-lo, sentiu uma comoção que o emissário de M. Arthur de Montfort não concebeu. D. Pedro da Silva, que o leitor adivinhou sem que lho dissessem, foi imediatamente conhecido por Alberto de Magalhães. O discípulo de padre Dinis, quando encarou o assassino do seu constituinte, suspeitou que era ele o homem que vira uma vez em casa do padre, nas vésperas da sua partida para Londres. Esta suspeita embarçou-o a ponto de perder da memória as primeiras palavras do seu mandato.

– Posso saber – perguntou Alberto, contrariando a perplexidade – quem é o cavalheiro que me procura?

Esta pergunta desvaneceu a suspeita de D. Pedro, que recobrou a energia perdida, respondendo em claro português:

– O meu bilhete dá uma perfeita ideia de quem eu sou.

– É efectivamente o emissário de Arthur de Montfort? Arthur de Montfort morreu há perto de nove anos. Vem, por consequência, do outro mundo... Como se vive por lá?

Este sarcasmo desarmou momentaneamente o pobre moço, que se supunha funcionando em pleno mundo de Ana Radcliffe. Subira-lhe a cor ao rosto; devemos, porém, crer que nesse rubor havia mais cólera que vergonha, pela resposta que deu:

– Por lá... vive-se mais tranquilo que por cá. Lá, os assassinos repousam. Aqui, os assassinos esperam a sua hora.

– Pela declamação, vejo que o senhor é admirador da escola dramática de Vítor Hugo... Antes de falarmos do outro mundo, que deve ser uma interessante palestra, falemos um pouco deste vale de lágrimas, em que tenho a honra de encontrá-lo. O cavalheiro é português?

– Sou português; mas não venho disposto a fazer a minha biografia.

– Tem razão. Quem vem da região dos espíritos não deve gastar tempo com as materialidades cá de baixo. Queira dizer a sua embaixada, que eu todo sou atenção.

– Arthur de Montfort foi assassinado há nove anos.

– E o mesmo que eu já lhe tinha dito.

– Peço-lhe a delicadeza de me não interromper, quando não esqueço-me de que estou em casa de um cavalheiro, e ofereço-lhe já uma pistola.

– Agradeço a oferta... – respondeu Alberto com uma ligeira continência, e um sorriso o mais fulminante que pode imaginar-se.

– Queira falar, na certeza de não ser interrompido.

– Tenho pouco a dizer-lhe. Depois de nove anos, não se considera prescrita a vingança de Arthur de Montfort. Exijo que o assassino deste cavalheiro me responda no

campo da honra, com as armas na mão.

– É um duelo que vem propor-me. Deixe-me meditar alguns minutos... Fuma, senhor... não sei o seu nome... mas dispensem esta formalidade de baptismo... se quer bons *havanos*...

– Não fumo.

– Mas o fumo não o incomoda?

– Não, senhor... Digne-se responder-me com brevidade.

– Um pouco mais... um minuto no seu relógio... pontualidade inglesa! Sabe perfeitamente o que é pontualidade inglesa... Vejo-lhe aparências de que tem visto muito mundo, e tem representado em lances rasgados, como este que vem propor-me!... Sou o primeiro a maravilhar-me da grandeza da alma com que vem de além dos túmulos pedir saldo de contas ao assassino do seu amigo. Castor e Pólux existiram uma vez, e agora é a segunda. É admirável, porém, que na sua idade se fortaleçam os vínculos de amizade que o prendem com tanta honra ao túmulo do seu amigo! Quando esse cavalheiro morreu, que idade poderia ter o meu digno adversário? Dez anos. Decerto nunca o viu... Há, porém, uma pessoa que dá muitos ares de Arthur de Montfort. E a duquesa de Cliton, que mora nos subúrbios de Angoulême... Quem simpatizar com as feições da gentil duquesa pode, se for romântico, simpatizar com a sombra mortuária do irmão... Passou o minuto, cavalheiro... Agora respondo: aceito o seu duelo; mas tenho a fazer-lhe uma pequena reflexão, que espero não desatenda. Um duelo não se propõe assim. A praxe não prescinde de testemunhas...

– Não conheço ninguém em Portugal.

– Não? Nesse caso, eu vou relacioná-lo com dois cavalheiros, que receberão a honra de ser seus padrinhos. Onde se hospedou?

– No Isidro.

– No Isidro? Naturalmente está no quarto nº7...

– Sim... justamente... nº7.

– Deve ter encontrado lá o aroma das perfumarias da duquesa de Cliton...

– Não compreendo o motejo, Sr. Alberto de Magalhães.

– Na sua idade ignoram-se muitas cousas, Sr. D. Pedro da Silva.

– Como lhe é conhecido o meu nome? – disse o mancebo, fixando o fleumático zombeteiro com a imobilidade do pasmo.

– O seu nome é como a luz que não deve esconder-se debaixo do meio-alqueire... Meu querido senhor, se não tem a mandar-me no seu serviço, queira recolher-se ao seu hotel, e dentro de uma hora será visitado por dois amigos meus, aos quais ocultará o seu nome, se assim lhe convier. Sou mesmo da opinião que oculte o seu nome.

.....

D. Pedro, retirando-se, não podemos dizer que pensava isto ou aquilo, porque não pensava em nada. Lances tais são a atrofia da razão, embaralham todos os juízos possíveis, e escurecem todas as luzes que invocam para encontrar o fio do labirinto.

O certo é que, uma hora depois, o enleio do nosso simpático amigo aumentou a ponto de o embrutecer miseravelmente. Esperava no seu quarto as prometidas visitas, quando lhe anunciaram o conde de Alvações, que era irmão de seu pai, e o marquês de Montezelos, irmão de sua mãe! Semelhante coincidência era impossível vir do acaso! A débil cabeça do amante da duquesa tinha lume! Um fatal mistério desorganizava todos os seus planos, e ameaçava algum transtorno na sua razão!

Os dois titulares tinham perguntado pelo cavalheiro Alfred d'Elbène. Falaram-lhe em mau francês, e ele respondeu correctamente na língua em que lhe falavam.

– M. d’Elbène – disse o marquês de Montezelos –, venho com o meu amigo cumprimentar-vos, e desde já oferecer-vos o nosso auxílio em uma pendência de honra, que tendes com o Sr. Alberto de Magalhães.

– É caso novo – acrescentou o conde de Alvações – sermos enviados pelo vosso adversário para nos colocarmos da vossa parte. Todavia, esperamos acrediteis que somos dois cavalheiros, incapazes de falsear a nossa honrosa missão de padrinhos...

– Assim o creio... – balbuciou D. Pedro.

– A vossa proposta qual é?

– Um duelo com qualquer arma da escolha do desafiado.

– Alberto dá-vos a escolha da arma.

– Não aceito a generosidade.

– Isso é um orgulho descomedido... Aceitai.

– Qual arma joga melhor Alberto de Magalhães?

– Não sabemos... Alberto de Magalhães nunca se bateu. Essa honra estava reservada para vós. Que armas quereis?

– O florete, se Alberto conhece esta arma; no caso negativo, a pistola.

– Em tal caso irão ambas as armas.

– E o mais providente... – acrescentou o marquês de Montezelos.

– Aceito... – disse D. Pedro.

– A que horas?

– Quando quiserdes.

– As cinco da tarde. Não tendes predilecção por algum lugar?

– Qualquer lugar é bom.

– Às cinco horas estareis connosco na carruagem.

– Pareceis-me um corajoso mancebo, M. d’Elbène! – disse o conde de Alvações, apertando-lhe a mão na despedida.

– Desejamos o vosso triunfo, cavalheiro – acrescentou o marquês de Montezelos, que, fora da porta, dizia ao ouvido do seu antigo amigo, em português chão: «Pobre rapaz... em que te meteste!»

## XX

À hora dada, a carruagem do marquês de Montezelos recebeu D. Pedro da Silva, e a do conde de Alvações tomara a dianteira para parar no lugar aprazado. Passaram em Campolide, e o filho de Angela de Lima, quando avistou um palacete, não pôde reprimir duas lágrimas, que lhe tremiam nos olhos, e não foram despercebidas para o companheiro.

– Que tendes, M. d’Elbène?

– Nada, Sr. Conde... Uma saudade...

– De namorado?...

– De filho...

– Ah!... tendes mãe?

– Já não tenho...

– Lembraram-vos os seus carinhos? Tendes razão sobeja para chorar... Eu também chorei muito a minha...

– E com efeito, vejo que chorais...

– Agora é outra cousa... Esta casa fez-me lembrar uma infeliz senhora que aqui viveu...

– Vossa irmã?

– Devia sê-lo... foi a mulher por quem morreu um irmão que me aparece, há dezanove anos, em todos os instantes da minha vida... Vai aí adiante de nós o irmão dessa pobre vitima de um tirano, que se dizia pai... Eu dou a minha vida se ele se lembrou de sua irmã...

– Parece que devíeis ser inimigos...

– Como sabeis que devíamos ser inimigos? – interpelou o conde, surpreendido da extraordinária penetração do suposto francês.

D. Pedro, que vira logo a inconveniência de semelhante reparo, tergiversou na resposta.

A carruagem do marquês de Montezelos parou a um tiro de bala distante do palacete da defunta condessa de Santa Bárbara. Há aí uma esplanada inculta, coberta de rosmaninho, rodeada de chamecas. Apearam.

Alberto de Magalhães veio cumprimentar os padrinhos de D. Pedro da Silva, que apresentaram M. Alfred d’Elbène aos padrinhos do seu adversário.

O filho de Angela de Lima não denunciava o menor sintoma de pusilanimidade.

Alberto, mais pálido que ele, mediu-o com um destes olhares de ostentação, de piedade, ou de pasmo. Voltou-se, depois, para o marquês de Montezelos.

– Pergunte ao seu afilhado que arma quer.

– Seja qual for – respondeu, obviando à pergunta de inútil formalidade, D. Pedro da Silva.

– Os Franceses têm a primazia do florete entre todas as nações. Sr. Marquês, queira dar um florete a M. d’Elbène.

D. Pedro, com admirável impassibilidade, despiu o fraque, o colete, as luvas, recebeu o florete, e colocou-se em frente de Alberto, que se despia vagarosamente, como quem receia uma constipação.

– Parece que Alberto tem medo!... – segredou o conde ao ouvido do marquês.

– Também me parece!... Devia ser bonito, se o *petit-mâitre* vinha a Portugal dar uma escovadela no *chevalier sans peur*, que atirou com D. Martinho de Almeida ao Tejo...

– Quando defendia vossa irmã de uma calúnia ultrajante à sua honra, Sr. Marquês!

O irmão da condessa encarou com azedume o conde. Aquelas palavras eram um buído sarcasmo, que o irmão de D. Pedro da Silva dardejava sobre o seu velho inimigo, sempre que podia.

Este diálogo mudo foi distraído pelo combate que principiava. D. Pedro atirava ao seu adversário alguns golpes mortais, que revelavam mais ódio que ciência na arma. Alberto desviou-lhos, recuando, e o mancebo, alucinado, contando com o seu triunfo, avançava quanto o seu contendor recuava.

Próximo a um cômodo, que formava uma espécie de devesa no campo, Alberto viu, de relance, que não podia recuar. A este tempo, os padrinhos, de parte a parte, julgaram-no em grande desvantagem e perigo iminente.

– Agora recuareis vós, meu caro senhor, que eu não posso recuar mais – disse Alberto com urbano sorriso, como quem diz um galanteio a uma dama.

D. Pedro, que até aqui fora agressor, sem talvez se lembrar, no entusiasmo da luta, que teria de ser agredido, foi forçado a recuar. Não obstante a prontidão dos botes, que o salvavam dos tiros mortais que, aparentemente, Alberto lhe fazia, D. Pedro da Silva sentiu a ponta do florete adversário rasgar-lhe o lado esquerdo da gravata. Os padrinhos, que supuseram ferido o moço, correram a suspender o combate.

– Não está ferido – disse Alberto.

– Decerto não estou ferido – confirmou D. Pedro.

E continuaram o duelo. Outra vez o florete de Alberto procurou a gravata do fatigado emissário de Arthur de Montfort. Desta vez era o lado direito da gravata que sofreu o rasgão. Isto já não podia ser casual. Os cavalheiros confirmaram os antigos créditos de Alberto, um pouco duvidosos, e confessaram na sua consciência que M. Alfred d'Elbène podia ter morrido, pelo menos, duas vezes. D. Pedro perdeu a cabeça. O orgulho revoltou-se contra a generosidade. A defesa, que tão necessária lhe era, tornou-se em desatinada agressão. O seu florete convertera-se em arma de assassino: tentava golpes traiçoeiros, baldados pela fria intrepidez do adversário; fitara-lhe o coração como o alvo a que visavam as últimas pontarias do ferro, sempre repellido. Era o ódio, a vergonha, ou a desesperação delirante acometendo com ímpetos inúteis uma estátua de bronze. Alberto de Magalhães, receando um acaso que fizesse ferir o filho de Ângela de Lima, fez-lhe saltar o florete fora das mãos, e colocou a ponta do seu sobre o pé, esperando a resolução dos padrinhos.

Estes, porém, intervieram, declarando impraticável a continuação da peleja com arma em que Alberto de Magalhães era incalculavelmente superior. Uma das testemunhas, por parte dele, declarou que M. Alfred d'Elbène não soubera afastar vinte golpes mortais, que o cavalheiro adversário generosamente renunciou. Dizia-se, pois, que prescindissem do florete, e que se batessem à pistola.

D. Pedro da Silva hesitou um momento na resposta. O coração mandava-o abraçar aquele homem; a cabeça reagia em nome do cavalheirismo, que é uma virtude particular nos duelos, pela qual muitas misérias se nobilitam, e muitas sandices se decoram com os arminhos de uma honra de convenção.

Venceu a cabeça. D. Pedro disse que aceitava o alvitre da pistola. Alberto encarou-o com piedade, e a soberba do moço sentiu-se ultrajada, como anos antes, quando o seu companheiro sofreu o beijo nada macio de um cacto.

Os padrinhos carregavam as pistolas, quando Alberto de Magalhães pediu uma entrevista de alguns minutos com M. Alfred d'Elbène.

O suposto francês, sem consultar os árbitros da sua honra, que o não conheciam melhor que a sua nação, desviou-se com Alberto de Magalhães.

– Como nos vamos bater – disse Alberto – com uma arma em que as balas se não fazem resvalar para o chão como a ponta de um florete, é muito possível que um de nós

caia morto. Entre nós, porém, há certos negócios que nos privam de morrer como dois irracionais.

– Certos negócios! – atalhou D. Pedro.

– E negócios que precisam de certas disposições testamentárias...

– Não o entendo, Sr. Magalhães.

– Eu vou fazer-me entender. Eu sou depositário de cem mil cruzados, que são o património de D. Pedro da Silva, filho de outro D. Pedro da Silva, e de D. Ângela de Lima. Padre Dinis Ramalho e Sousa encarregou-me da administração deste dinheiro.

– Ao senhor! – exclamou D. Pedro.

– A mim. Um incidente, qualquer que ele seja, colocou-nos na precisão de nos matarmos... Se eu morro, é necessário que V. Ex<sup>a</sup> saiba onde pára o seu património, porque ninguém saberia depois dizer quem era o seu tutor. Se V. Ex<sup>a</sup> morre, é necessário que me diga a aplicação que hei-de dar a tal dinheiro.

– Sr. Alberto... O que me diz é uma cousa que me perturba de modo que não sei o que lhe responda! Eu estou incapaz de responder!... Preciso que falemos mais largamente.

– Convenho... Em tal caso adiemos o duelo, não é assim?

– Se me não é desonroso...

– De modo nenhum.

Alberto de Magalhães dirigiu-se ao grupo das testemunhas:

– Meus amigos, M. d'Elbène acaba de aceitar-me algumas explicações, que desagravam por alguns dias os seus brios ofendidos. Há outras explicações a darem-se, e não podem ser aqui definitivamente determinadas as nossas respectivas posições. Sereis avisados do resultado, qualquer que ele seja. Por hoje, a vossa missão, nobremente desempenhada, termina aqui. M. Alfred d'Elbène, dai-me a honra de entrar na minha carruagem. Depositai em mim, e na vossa coragem, confiança ilimitada.

Apertaram-se as mãos, abraçaram os padrinhos, e partiram.

Já na carruagem, disse Alberto:

– Quer entrar em minha casa, ou no seu hotel?

– É-me indiferente; o que eu necessito, e já, é que explique, Sr. Magalhães, a importância que me vejo obrigado a confessar que V. Ex<sup>a</sup> tem na minha vida.

– É isso justamente que eu lhe não explico, Sr. D. Pedro.

– Porquê? Devo acreditar a necessidade desse mistério?

– Deve, se não acreditar a necessidade, ao menos resignar-se a ignorá-lo...

– V. Ex<sup>a</sup> tem sido o administrador do meu património?

– Já lhe disse que sim.

– O correspondente que me faz dar em Paris as minhas mesadas?

– É a obrigação que me foi imposta por padre Dinis.

– Onde está padre Dinis?

– Nas missões.

– V. Ex<sup>a</sup> conheceu minha mãe?

– Perfeitamente.

– E a mim?

– Conheço-o desde que nasceu. Se tivesse reminiscências da primeira pessoa que viu neste mundo, lembrava-se de me ter visto a mim.

– Que confusão! E quem era o senhor?

– Este homem que hoje vê, com vinte anos de menos.

– Isso não é resposta... Quem era V. Ex<sup>a</sup>, que estava assim tão perto de minha mãe, quando nasci?

– Não respondo à sua pergunta.

- Conheceu meu pai?
  - Muito bem... – respondeu com menos frieza Alberto.
  - Morreu, não é verdade?
  - Há dezanove anos...
  - Eu já o vi alguma vez, não é assim?
  - A mim? Viu há cinco anos...
  - Em casa de padre Dinis, nas vésperas da minha partida para Inglaterra.
  - Não se esqueceu... cuidei o contrário...
  - Suspeitei, quando hoje o vi; mas pensei que era impossível a coincidência...
- Tenho mil perguntas a fazer-lhe, e não sei o que deva perguntar-lhe...
- Organize melhor as suas ideias, que temos muito tempo.
  - Eu é que não posso espaçar esta situação penosa... Queira dizer-me... V. Ex<sup>a</sup> matou em duelo M. Arthur de Montfort?
  - Não, senhor.
  - Como não?!
  - Eu nunca tive duelos. M. Athur de Montfort disparou-me uma pistola à queimadura, e feriu-me. Eu estava desarmado, apertei-lhe com as mãos a garganta, e dei-lhe o desgosto de o não deixar respirar.
  - Matou-o, por consequência...
  - Por consequência de falta de respiração. Depois desse facto é que o Sr. D. Pedro se relacionou com o espectro do seu amigo, não é verdade?
  - Eu não conheço o espectro do meu amigo. Lembro-lhe, senhor, que é importuna a zombaria da pergunta.
  - Quer que falemos com seriedade?
  - Decerto...
  - Pois sim; falemos com seriedade. Quem o mandou a Portugal pedir-me contas por tal sucesso?
  - Ninguém... vim espontaneamente.
  - Acredito-o, Sr. D. Pedro da Silva; mas coloca-me na dolorosa precisão de perguntar-lhe se quer fazer ressuscitar a cavalaria andante. Acho extravagante a sua comissão. Que vínculos o prendem a um homem que não conheceu? Que vantagens espera, se conseguir matar um homem que não conhece? Responda, Sr. D. Pedro da Silva!
  - Há cousas de muito melindre...
  - Franqueza... V. Ex<sup>a</sup> é o amante da duquesa de Cliton... Temos dito tudo...
  - Sou amigo da duquesa de Cliton, não me envergonho de o confessar.
  - Nem vergonha nem glória. A duquesa de Cliton é como as outras muitas mulheres: não acredita nem desacredita.
  - Depois que V. Ex<sup>a</sup> a desacreditou?
  - Já antes...
  - Isso é falso... A duquesa de Cliton foi esposa e viúva exemplar. Quem a infamou foi Leopoldo Saavedra.
  - Tire todo o partido dos seus dezanove anos, Sr. D. Pedro... Bem vê que sou tolerantíssimo... Mas não brinquemos com palavras que significam insultos... A duquesa de Cliton, se V. Ex<sup>a</sup> quer, foi uma virtuosa senhora até ao momento em que encontrou Leopoldo Saavedra; mas Leopoldo Saavedra não tem glória nenhuma de ter vencido as virtuosas resistências dessa esposa e viúva exemplar. Se há alguma cousa a que deva atribuir-se esse triunfo, é aos oitenta mil francos de Leopoldo Saavedra...
  - Que diz, senhor?!
  - Não me compreendeu?



- Penso que ouvi dizer que a duquesa se vendera por oitenta mil francos...
  - Justamente.
  - Explique-se, Sr. Alberto de Magalhães! Mas, pela sua honra, não zombe de mim com semelhante ultraje.
  - Que me explique?! Pois fui obscuro?
  - Sim... não concebo a maneira como foi dado esse dinheiro.
  - Da maneira mais simples. Escrevi-lhe uma carta oferecendo-lho, e ela respondeu-me com outra aceitando-mo.
  - Com a condição...
  - Sim, com a condição de se entregar lealmente ao seu comprador.
  - Quero uma prova, Sr. Alberto!
  - Só posso dar-lhe meia prova, a outra metade que lha dê ela. A minha está aqui.
- Alberto abria uma carta, que D. Pedro lia sofregamente. Era a resposta que anuía à proposta de Leopoldo Saavedra, em poucas palavras:

*Sim, hoje às duas horas da noite.*

- Isso não prova a infâmia – disse D. Pedro. – Não se fala aqui em dinheiro.
- Ah!, não? Então será nesta...

Era uma longa carta, em que a duquesa de Cliton, referindo-se ao dinheiro que recebera e restituíra vinte e quatro horas depois, reputava desvanecida na sua consciência de mulher a nódoa aviltante de semelhante contrato.

D. Pedro da Silva, lida a carta, fixou Alberto com a penetração de um demente, tremiam-lhe os lábios brancos, vibravam-lhe em todo o corpo calefrios de terror, e o coração confrangido batia-lhe no peito em ímpetos, que o pobre moço acreditou que deviam fulminá-lo ali.

Alberto de Magalhães condoeu-se desta situação, e repreendeu-se de exacerbá-la tanto.

– Sr. D. Pedro – disse ele –, a sociedade tem muitas pústulas assim. É a primeira que lhe vê? Tenha coragem... não sucumba... E pena que seja este o primeiro desmentido à sua inocência, porque é forte de mais para um coração moço... Estas torpezas é melhor lê-las nos romances, é melhor duvidar que possam dar-se, que experimentá-las sem as ter imaginado. Eu sabia que V. Ex<sup>a</sup> devia sucumbir... sabia-o, porque eu mesmo, homem do mundo que lera e experimentara todas as ignomínias, pasmei da corrupção da mulher que me ouviu com fastio nas salas, que me desprezou a fácil oferta do coração, e aceitou a mais fácil ainda do dinheiro...

– Sr. Alberto... por piedade, peço silêncio... Tenha a bondade de fazer parar a carruagem, que preciso sair... não estou bem aqui...

– A carruagem vai por instantes parar à minha porta. V. Ex<sup>a</sup> há-de aceitar a minha casa... e a do único amigo que tem no mundo... Vai conhecer uma mulher que foi íntima amiga de sua mãe... Falaremos muito de sua mãe, de D. Antónia, e de padre Dinis... Vai ouvir a história da estranha missão que esta gente veio cumprir sobre a Terra... Habitue-se a ouvir o som das minhas palavras, porque não há ainda vinte e quatro horas que eu dizia a minha mulher que V. Ex<sup>a</sup> era uma pessoa da minha família. E minha mulher era profeta quando me disse que o filho da condessa de Santa Bárbara tinha muita liberdade e poucos anos... Não se enganou... Arrependo-me de lhe ter feito a vontade, Sr. D. Pedro...

– De me ter feito a vontade?

– Sim... Eu não devia conceder-lhe a sua vinda de Londres para Paris... A moderna Babilónia devia perdê-lo...

– Pois é V. Ex<sup>a</sup> quem me governa?

– Indirectamente... Os seus passos têm sido sancionados por mim... Eu sabia que V. Ex<sup>a</sup> saíra de Paris; mas o dinheiro que sacara, quinze mil francos, fez-me crer que a sua viagem era curta... Tudo isto parece-lhe uma cousa extraordinária, não é assim?

– Um sonho... atroz!...

– Hei-de melhorar-lhe a sua situação, D. Pedro... Confie em mim, que tenho um grande poder na sociedade, porque a sociedade é bastante vil para me reputar um grande homem... Sou rico, D. Pedro... Hei-de dar-lhe conselhos e ouro... Não prometo dar-lhe boas ilusões para a alma, mas hei-de ensiná-lo a comprar os mais caros gozos da matéria... Queira appear... A minha casa é aqui.

D. Pedro recebeu o braço de Alberto, e foi, inerte de espírito, maquinalmente, subindo as escadas. Entrou em uma sala em que Alberto lhe disse:

– Eu volto já... e para não estar só, converse com sua mãe, que está ali.

D. Pedro estremeceu, quando viu o retrato de sua mãe na direcção do dedo de Alberto.

Sozinho, aproximou-se. Mancebo, com todo o fervor das paixões nobres, chorou. Inteligente, com a nobre superstição do talento, sentiu necessidade de balbuciar: «Minha mãe!»

Naquele momento, uma voz intima, melodiosa como um cântico dos anjos, repetia as últimas palavras de Ângela a seu filho, escritas para Londres, quinze dias antes da morte dela.

Eram estas:

*Viva ou morta, meu querido filho, chama-me, pronuncia o meu nome, pinta-me na tua fantasia. Ouve-me, e sentirás que te falo, olha-me, e verás que te vejo. Pede-me a profecia do teu destino, e ouvirás que te digo: «Tens de ser muito desgraçado, porque és meu filho!»*

.....

– V. Ex<sup>a</sup> tem a bondade de seguir-me?

D. Pedro seguiu o escudeiro, e, à entrada de uma pequena sala ricamente trastejada, encontrou Alberto, que lhe disse:

– Toda esta casa deve considerá-la sua residência, Sr. D. Pedro; mas com especialidade esta sala, e aquelas alcovas. Se resolve demorar-se em Lisboa, lembro-lhe que a casa onde existem os espólios mais gratos de uma mãe para seu filho deve ser a preferida pelo filho de D. Ângela de Lima.

– Muito agradecido, Sr. Alberto de Magalhães; mas eu não me demoro em Lisboa. Preciso ir imediatamente a França; creio que sairei depressa dali, e depois seguirei o destino que me aprouver.

– O que lhe aprouver, não; porque V. Ex<sup>a</sup> não é absolutamente livre nas suas acções.

– Não sou?... Queira explicar-se.

– Sim, senhor, já que me força. No momento em que eu fizer suspender os recursos que, até hoje, estiveram às suas ordens, V. Ex<sup>a</sup> é um ente desamparado.

– Por consequência, eu tenho vivido até hoje das suas esmolas?

Alberto, embaraçado na réplica para que não estava preparado, respondeu com menos prontidão:

– Não, senhor. Não tem vivido das minhas esmolas, mas vive debaixo da minha tutela: eu sou o administrador da sua fortuna, e V. Ex<sup>a</sup> apenas tem vinte anos... não é senhor absoluto do seu património.

– Quem me legou esse património?

– Não sei.

– Não foi minha mãe nem meu pai, nem padre Dinis?... Emprazo o seu cavalheirismo para que me responda.

– Não senhor.

– Portanto renuncio a essa esmola de mão oculta, contanto que me deixem a minha liberdade.

– Ninguém tem a liberdade de fazer-se desgraçado, quando um amigo lhe diz: «Não serás desgraçado!» V. Ex<sup>a</sup> há-de ser dócil ao representante de padre Dinis, ao testamenteiro de sua mãe, a um dos dois que enxugaram as derradeiras lágrimas dessa nobre senhora. Entre na consciência dos seus deveres. Encare-me como um homem que deve respeitar. A ridícula importância de rivais, que exercemos há poucos minutos, deve desaparecer da sua imaginação. Aí está uma criança, que daqui a um ano há-de rir-se da situação de hoje. Aqui está um homem de quarenta e quatro anos, que sente a ânsia de comprimi-lo ao coração, como quem abraça um filho. Se me não estima, possua-se de algum respeito ao meu carácter. Se me não quer para amigo, há-de sofrer-me como preceptor. Quando padre Dinis vier a esta terra, renuncio o domínio que me foi delegado na sua educação. V. S<sup>a</sup> será livre. Receberá das mãos desse santo, ou desse demónio, a sua herança, e sepulte-a nas ondas, se assim o quiser então. Por enquanto não. Não pode renunciar a minha influência, porque ninguém tem direito a renunciar a honra impunemente... Sr. D. Pedro da Silva, minha mulher vem cumprimentá-lo.

D. Eugénia, agitada pela surpresa de tal aparição, mas alegremente agitada, entrava na sala. D. Pedro, ainda com o chapéu na mão, em postura de quem vai despedir-se, recebeu com ares de distraído, friamente. Eugénia esperava outra recepção, ou queria encontrar no filho de D. Angela de Lima a efusão carinhosa de sua mãe.

D. Pedro, transido da sua angústia, recorreria às frivolidades do cumprimento, se a sua dor fosse pequena, ou se o hábito de sofrer o tivesse industriado no doloroso artifício de sorrir nos lábios, e chorar no coração.

– Sr. D. Pedro da Silva – disse Alberto, conduzindo-lhe Eugénia pela mão –, minha mulher é filha da sua amiga D. Antónia...

– D. Antónia!... é impossível! D. Antónia era irmã de padre Diais, e V. Ex<sup>a</sup> é, portanto, sobrinha de padre Dinis?...

– Não sou...

– Não é – respondeu Alberto, apressando-se a evitar a confusão de Eugénia. – D. Antónia não era irmã de padre Dinis... Foi um problema para todos, menos para esse homem, que tinha o segredo de resolver todos os problemas do infortúnio... É uma longa história, que V. Ex<sup>a</sup> ouvirá, quando quiser estudar estas existências que o rodeiam, e que vão desaparecendo todos os dias... De mais a mais apresentando-lhe Eugénia como a confidente de D. Ângela de Lima, e sua amiga única, desde que D. Antónia saiu dos braços dela, porque devia morrer no momento em que a felicidade principiava para ambas...

– Que cousas tão confusas! – murmurou D. Pedro, apoiando a cabeça na mão. – E incrível que a minha cabeça possa com tanto!... Tanto mistério!... Não é possível, em duas palavras, Sr. Alberto, saber o que sou, quem é V. Ex<sup>a</sup>, quem é padre Dinis, que interesse há em me envolverem desde criança em um labirinto de incertezas!?

– Quem V. Ex<sup>a</sup> é? Sabe-o de mais, creio eu. Quem eu sou? Pergunte-o à sociedade, e adopte a explicação que mais lhe convenha. Se me obriga a responder, por mim, digo-lhe que sou um misto de virtudes e de crimes. Quem é padre Dinis? Não sei, e daria milhões a quem mo dissesse. O que posso afiançar-lhe é que V. Ex<sup>a</sup> sem padre Dinis seria a estas horas um punhado de cinza. Perguntou o interesse que havia em

rodeá-lo de mistérios. A resposta é complicada. Sua mãe nasceu no fastígio da sociedade. Lá de cima vêm à terra as reputações com grande estrondo. O seu nascimento, senhor, foi uma ignominia, e tamanha, que seu avô, para manter a pureza de linhagem, deliberou a sua morte em sacrifício à honra da sua casa. As ordens do fidalgo foram iludidas: V. Ex<sup>a</sup> viveu; mas essa vida não podia manifestar-se à luz do dia, porque era uma vida salvada a furto; era um quadro desonroso que se escondia aos olhos da sociedade; era uma acusação vilipendiosa à honra de Ângela de Lima. Acha infame esta moral? Também eu; mas curve a cabeça, que eu também a curvo. A humanidade é isto. Quem não quiser transigir com ela, suicide-se; mas o melhor é transigir, porque a misantropia não tem indemnização nenhuma, e a reclusão dos conventos caiu em ridículo subterfúgio das almas pequenas. Amargam-lhe estas lições, meu jovem amigo? Cumpro uma promessa... Disse-lhe há pouco que não prometia dar-lhe belas ilusões para a alma, mas ensiná-lo-ia a comprar os mais caros gozos da matéria... Que mais quer de mim? Consolações frívolas ao seu sofrimento de hoje? Sejamos maiores que a sua dor, que não merece, realmente, a aplicação do nosso talento médico em curá-la...

D. Pedro fez um polido gesto de pedir silêncio, cuja significação Eugénia não entendeu. Um criado chamou para o jantar. D. Pedro suplicou três vezes a mercê de o deixarem naquela sala por alguns instantes. Eugénia, com irresistível afabilidade, estendeu-lhe a mão, convidando-o a acompanhá-la. O filho de Angela, surpreendido do carinho, ou lisonjeado da familiaridade, ofereceu-lhe o braço, sem resistência ao convite. Alberto de Magalhães, que aplaudira o feito galante de sua mulher, disse com orgulho, na sua consciência, que nenhum homem seria mais teimoso que D. Pedro da Silva convidado por Eugénia.

## XXI

Vejamos o que à mesma hora se passa em Cliton.

A duquesa, na opinião das suas criadas, está outra vez sofrendo acessos de beatério, porque, há vinte dias, não recebe alguém, à excepção do visconde de Armagnac e do seu médico. Encerrou-se no seu quarto, recebe os alimentos por escrúpulos, não consente que as suas criadas se interessem no seu alívio, e permite apenas que se abra meia janela, quando se lhe anuncia o solícito doutor, ou o visconde.

À hora, pois, em que D. Pedro da Silva ouvia atentamente Eugénia, que contava, comovida, a história de sua mãe, à essa hora estava o visconde de Armagnac sentado à cabeceira do leito da duquesa. O médico saíra momentos antes, encarecendo os incómodos da sua ilustre enferma, apoiando liberalmente todos os padecimentos que ela imaginava, e dizendo, em ocasião propícia, ao ouvido do visconde, que a duquesa não tinha nada fora do espírito, e que os limites da medicina estavam no corpo.

A duquesa fixava o visconde com a silenciosa ternura de quem espera um alívio da pessoa que lhe conhece os segredos da sua dor.

– Notícia nenhuma, Sr. Visconde?

– Se tivesse a dar-vo-la, não esperaria que ma pedísseis, Sr<sup>a</sup> Duquesa.

– Sabeis se escreveram ao cônsul para indagar os movimentos de D. Pedro?

– Escreveram; mas não há ainda tempo para a resposta.

– Que vaticinais deste infortúnio, Sr. Visconde?

– Não vaticino ventura nenhuma, Sr<sup>a</sup> Duquesa. Foi uma imprudência...

– Minha...

– Sim... vossa... Um velho tem liberdade para falar a velha linguagem... Foi vossa... Não devíeis chamar à intimidade dos vossos segredos uma criança com o sangue da juventude alterado pelos fogachos dos malditos romances, que pervertem o gosto e a organização...

– Mas eu amava-o... e não queria amá-lo para me satisfazer o capricho de alguns dias... Temia que amanhã lhe contassem esse negro quadro da minha história, e que ele me reputasse uma vil mulher, um triunfo dos que se atiram aos pés, e se lhes cospe em cima. Eu queria-o para meu marido, e impus-me o dever de apresentar-me com essa nódoa, que me humilhava diante de um moço cheio de candura e sentimentos nobres. Não me arrependi ainda, porque é nobre ser-se desgraçada, e não há felicidade à custa de vilanias... Os lábios podem rir; mas a víbora enroscou-se no coração. A vergonha onde menos se manifesta é no rosto... Está na consciência... é uma brasa viva sempre... e há-de matar-me esse fogo...

– Não descoroçoéis, Sr<sup>a</sup> Duquesa...

– Quereis iludir-me... Eu adivinho tudo... eu ouço um demónio que me diz tudo o que até aqui se tem passado.

– Sois ilustrada de mais para tanta superstição...

– Não é isso que chamais superstição... São os factos que se seguem uns aos outros... é a filosofia da desgraça que me ensina a tirar as consequências dos princípios... Quereis saber tudo? Lembrai-vos bem, visconde, que vo-lo disse aqui... Pedro da Silva era um cavalheiro, e desafiou Alberto. Alberto não se bate, porque não aceita desafios... Pedro precisava dizer a esse homem as razões que o levaram a semelhante provocação. Disse-as com toda a nobre coragem do mancebo que desagrava uma mulher ultrajada na sua honra, e assassinada na vida de seu irmão... depois...

– Que mais quereis? Se Alberto de Magalhães é tão vil que não aceita uma provocação tão nobre, é digno de ser apunhalado pelas costas, visto que a justiça o não

entrega ao algoz...

– Não será assim, Sr. Visconde...

– Pois que vaticinais?

– Alberto mostrar-lhe-á as minhas cartas...

– Que importa? As vossas cartas que podem dizer? Uma confissão apaixonada do vosso delírio? Isso já não é novo para D. Pedro, que conhece de vós mesma o amor infeliz que desperdiçastes com esse aventureiro... As vossas cartas são inocentíssimas... São até uma nova justificação do crime por que ele deve ser punido...

– Não, visconde! – disse a duquesa, levando as mãos aos cabelos desgrenhados, e afastando-os do pescoço com frenesi. – Não... essas cartas revelam... essas cartas são a minha condenação irremissível...

– Não vejo porquê, Sr<sup>a</sup> Duquesa! O mais que podem revelar é que a vítima sucumbiu aos ardis do traidor... Essa fraqueza é muitas vezes um honroso diploma, escrito com lágrimas, sim, mas honroso sempre para os corações nobres... corações como o vosso, Sr<sup>a</sup> Duquesa, que não tem senão mil virtudes a absolver um crime...

– Enganais-vos... não sabeis o que essas cartas são.

– Não vos martirizeis assim, duquesa! Falai com tranquilidade... conversemos...

– Deixai-me chorar!... concedam-me esta covardia, já que não tenho a coragem do suicídio... Ah, padre Dinis, padre Dinis, que fostes a minha desgraça!

– Em que padre Dinis falais?... Serei talvez indiscreto ria pergunta; mas é a primeira vez que vos ouço pronunciar esse nome.

– Deixai-me este segredo, visconde... Não vos doa a curiosidade de querer entrar no fundo desta escuridade em que me vejo... Recuaríeis espavorido...

– Não é curiosidade, Sr<sup>a</sup> Duquesa; é o interesse em ser-vos útil; mas não valho nada... principio a desconfiar de que só há um homem que pode trazer-vos a bonança à cabeceira do vosso leito...

– Esse homem não tornará aqui mais...

– Quem... D. Pedro?

– Sim... sim... D. Pedro não tornará mais a esta casa, nem talvez à vossa.

– Diz-vos o pressentimento que o mataram?

– Diz-me que morreu para mim... A estas horas está envergonhado de me ter conhecido...

– Que imaginação!... Serenai, duquesa. Fazei valer sobre vós o vosso grande espírito! Vede que a vossa vida tem um largo horizonte, onde encontrareis para a dor de hoje uma consolação amanhã. Que alma é essa que se confrange assim antes que a toquem os desgostos? Pois nem sequer esperais a hora do sofrimento? Que fareis então quando o punhal vos ferir deveras?

– Morrerei!...

– Morrereis!... Fraqueza que vos não granjearia sequer a piedade do deão de Angoulême, que havia de ver na vossa morte as funestas consequências do vício. Eu queria ver-vos mais altaneira, de face com as angústias, que são sempre as precursoras das alegrias. Quem é hoje que se deixa morrer de uma paixão?

– Ninguém; mas de vergonha... eu!

– E tendes vivido cinco anos, depois que a consciência vos acusa! Ora confessai que os vossos sentimentos são saudades do meu hóspede, e eu prometo que ele virá beber essas lágrimas, e embriagar-se do amor que elas destilam...

– O vosso gracejo é importuno, Sr. Visconde!

– Quereis que choremos ambos?

– Não... eu quero chorar sozinha; mas não vos dei ainda motivos para que me negueis uma séria compaixão... Esta desgraça não é crónica!... Oh! Providência!, como

tu és inflexível...

– Sr<sup>a</sup> Duquesa... não posso ouvir-vos declamar assim... Vede o que eu posso fazer-vos, e achareis no velho quase inútil o amigo de vossa mãe, o homem que a sentiu expirar nos seus braços...

– Nem tão trágico, visconde! Não faleis em minha mãe, que eu tenho medo a esse nome... Eu vi-a já reprovar a minha vida... Não me faleis nessa mártir, se o foi, porque passarei uma noite tormentosa... Quereis contar-me o segredo da sua vida?, ou da sua morte?

– Não, senhora... É impossível... morreu com ela... e morrera comigo!

– Só convosco?

– Só.

– Ninguém mais neste mundo o sabe?

– Alguém poderia sabê-lo...

– Quem?

– Esse nome é metade do segredo

– Vive ou morreu?

– Morreu.

– Tendes a certeza disso?

– Tenho...

– Qual?

– Não posso responder-vos mais... Nunca disse tanto como agora... Tenho-me fingido completamente estranho ao lance que se passou aqui, para evitar interrogatórios...

– Pois basta... Assistireis a outro talvez mais desgraçado...

– É impossível.

– A morte? É o que eu vejo mais perto de mim... É a única, neste mundo, que me dá um sorriso de esperança.

– E no outro?

– Que tenho eu com o outro?

– Estais assim, duquesa? Olhastes para a corrupção, e ficastes de gelo como a mulher de Loth! Não credes em nada?

– Creio que estou condenada, que tenho o meu inferno em redor de mim...

– Incompreensível! Porque sofreis assim? Dai-me a razão, ou eu duvido.

– Não duvideis... Heis-de lê-lo brevemente...

– O quê?

– O meu libelo infamante... a acusação que nem vós me perdoareis... Visconde, se me não levais a mal esta súplica, retirai-vos.

– Obedeço, Sr<sup>a</sup> Duquesa.

.....

O visconde inventou todos os crimes; recordou-se de todos os lances trágicos da história, combinou todas as desventuras possíveis, e não achou a incógnita daquele insondável tormento.

Visitando-a todos os dias, procurando delicadamente trazê-la ao segredo do seu grande pavor, não conseguiu nunca arrancar à duquesa a última palavra. Chegou a chorar com ela, porque em verdade a situação daquela mulher era lastimável.

A duquesa estremecia, com o ouvido atento, apenas ouvia passos ao longe do seu quarto. O presságio dizia-lhe que D. Pedro da Silva não tornaria ali, e, contudo, o rumor de passos apavorava-a, e entre as vozes confusas dos servos parecia-lhe sempre ouvir a

de D. Pedro, que dizia: «Infame, que te vendeste!» A estas visões seguiam-se as lágrimas, os frenesis, a febre, e a necessidade de ter ao pé de si o visconde, que não concebia a extravagância de tais medos.

Assim correram vagarosos e atribulados vinte dias. Assim amanheceram e escureceram dias de angústias, presenciadas pelo velho amigo de Cliton, que dava a Satanás a ideia maldita que tivera de apresentar o seu hóspede naquela casa, fatal depois de um século!

O médico já não assistia impassível aos sofrimentos da duquesa. O espírito entrara nos limites da matéria, e a medicina era impotente na cura de uma enfermidade cuja causa recrudescia cada vez mais. Interessado na honra da ciência, dera-se com todo o desvelo a cortar no coração da ilustre enferma a raiz do mal. A necessidade do desabafo fê-lo confidente da duquesa, e o doutor esquecia a sua vasta clínica, acompanhando o visconde nas estéreis consolações.

Eram, pois, passados vinte dias, depois que D. Pedro saíra do palácio de Cliton, prometendo vingar a morte de Arthur de Montfort.

A duquesa, nessa noite, sente-se mais comprimida, queixa-se de que não tem ar para viver uma hora, fala ao médico de visões que lhe perturbam a cabeça, e faz um esforço sobre a sua vontade caprichosa para ceder aos dois amigos, que a conduzem a respirar nas salas um ar novo.

A duquesa sente esvaimentos, e desmaia em uma otomana, murmurando que já vê a mortalha na mão de um demónio, que não a deixa um só instante. Este demónio, reduzido a figura humana, é Alberto de Magalhães revelação sobrenatural, que ela fez ao visconde, diga-se a verdade, mais imbecil do que devia supor-se, porque perguntou ao médico se seria possível espancar aquela visão com algum medicamento. O médico respondera que o medicamento mais apurado para afugentar a visão de Alberto de Magalhães eram algumas onças de D. Pedro da Silva.

O doutor não acreditou na morte anunciada pela duquesa, e gracejou durante o desmaio, pedindo ao visconde que fosse dar com ela um passeio até Portugal, e que dirigisse as cousas de modo que ele médico viesse um dia a comparar a duquesa avó com a duquesa filha, e duquesa neta, porque a ciência lucraria muito com este estudo de raça e sentimentos homogéneos. O visconde aplaudiu a argúcia com o seu fidalgo sorriso, e preparava-se para responder com outra de melhor gosto, e mais decente, quando a duquesa abriu os olhos, e sentou-se espavorida na otomana, perguntando se não estivera ali D. Pedro da Silva.

– Não, minha senhora, não temos o gosto de poder-vos dizer que sim – disse o médico.

– Não me iludam!... eu ouvi a sua voz... Ouçam... não entrou um cavalo no pátio?

– Não, Sr<sup>a</sup> Duquesa.

– Como não? Zombam de mim? Ouçam... Visconde, é impossível que isto seja uma ilusão!...

A duquesa levantou-se; deu dois passos para a janela; afrouxaram-lhe as pernas, que não podiam com o ímpeto da alma, e encostou-se ao doutor, que principiava a ouvir o ruído de alguma cousa no pátio.

Neste momento relincharam os cavalos da duquesa; outros, que não eram dela, responderam mais longe. O visconde correu à janela, e distinguiu na escuridade dois cavaleiros, que vinham vagarosamente por entre as longas alas de olmos que forravam as muralhas do pátio.

– Penso que posso dar-vos os parabéns, duquesa!...

– Os...? – exclamou ela, caindo no sofá.

– Os parabéns!... Folgo muito em vos dizer que não sois profeta... Creio que



temos aí D. Pedro... Eu vou saber...

– Não.... não! – exclamou ela, estendendo-lhe os braços –, não vos retireis de ao pé de mim... por quem são ... não me deixem... se é ele... aqui o conduzirão... mas, visconde, ide, ide... dizei-lhe que estou sofrendo de modo que não posso falar-lhe... Ide também, doutor... Não vão... fiquem aqui ... não me deixem... já agora é preciso beber o cálix... com resignação... Compadeçam-se de mim...

Um criado pediu licença para introduzir o Sr. D. Pedro da Silva. Esperou alguns segundos a resposta. A duquesa fez um sinal afirmativo, que o visconde traduziu:

– A Sr<sup>a</sup> Duquesa manda entrar.

– Devo retirar-me, Sr. Visconde? – perguntou o médico.

A duquesa fez um sinal negativo: pôs um lenço nos lábios, como refrigerio; pendeu a cabeça com gracioso desleixo, e esperou.

## XXII

D. Pedro foi diante da duquesa, e cortejou-a silencioso. Recebeu a mão do visconde, e fez um leve aceno de cabeça às reverentes curvaturas do médico.

– Dai-me um abraço com mais efusão, mancebo – disse o visconde, abraçando-o.

– Honrais-me com essa expansão, visconde – respondeu D. Pedro, correspondendo afectuosamente ao abraço do velho.

– Não cumprimentais a duquesa? – murmurou o visconde ao ouvido do moço, favorecido pela postura do braço.

– Permitis, senhores – disse D. Pedro –, que eu tenha alguns minutos de particular inteligência com a Sr<sup>a</sup> Duquesa?

O doutor respondeu, saindo. O visconde conduziu o seu hóspede para o fundo da sala:

– Ides fazer algum destempero?

– Não, visconde, podeis estar na sala próxima, que não ouvireis uma palavra. Eu não destempero com essa facilidade... Sou português, não o sabeis?

– Olhai que essa desgraçada senhora está doentíssima... Quereis matá-la?

– Matá-la, eu!... Vós desfrutais-me! Eu mato lá ninguém? Que é o que vos faz recear que eu tenha a dizer-lhe palavras que não sejam muito afectuosas?

– Não sei... ela suspeita...

– Ah!... ela suspeita?! E vós?...

– Eu ... não... não atino com a razão destes sustos.

– Tende a bondade de vos retirar.

– Cumpro... Prometeis-me prudência e honradez?

– Essa pergunta é quase um insulto... Retirai-vos, se me não quereis obrigar a pedir-vo-lo quarta vez.

O visconde saiu, respondendo com um olhar duvidoso ao olhar suplicante da duquesa.

D. Pedro, com o chapéu na mão, sem descompor-se da postura de um cavalheiro que estuda atitudes sem puxar cadeira, como é de estilo nos dramas de enfurecidos *ohs!*, de pé, diante da duquesa, com um amável sorriso nos lábios, que se desmentiam, falando, como quem diz em uma sala um segredo a uma dama, sem lho dizer ao ouvido, falou assim:

– Sr<sup>a</sup> Duquesa de Cliton, recebeis-me tão friamente!

– Sentai-vos, senhor.

– Permitti que vos não obedeça. Eu demoro-me instantes. Há vinte dias, ninguém diria que eu seria hoje assim recebido nesta sala...

– Eu preciso ouvir-vos, Sr. D. Pedro... Tenho o coração aqui algemado no peito... não o deixarei expandir-se, sem que vos ouça.

– Então receais que eu vos diga uma de duas cousas? Há porventura alguma que não seja boa?

– A minha situação não comporta as vossas ironias... disse uma delas.

– Eu tenho a dizer-vos só uma, porventura a mais agradável para ambos. Esta carteira contém uma cédula de oitenta mil francos. Desejo-vos bastante para trocar convosco esta quantia. Acreditai que vos não acho cara, Sr<sup>a</sup> Duquesa. Mas se o preço estipulado por Alberto de Magalhães não é corrente... eu não duvido aumentar alguns francos.

A duquesa, deixai-me assim dizer, morreu durante aqueles segundos. Desfigurou-se completamente. Da palidez passou para o escarlata, como se lhe tingissem as faces de

sangue. D. Pedro pronunciara a última palavra com estudada frieza satânica, quando a duquesa, como ressuscitada, se ergueu em pé, cravou os olhos ensanguentados nele, e disse, em voz que vinha de dentro, como as últimas palavras de um moribundo que vai morrer de raiva:

– Sai de minha casa, quando não mando-vos azorregar pelos meus lacaios! Já, canalha!

– Um momento, ilustre senhora. Consenti que vos entregue duas cartas, que me autorizaram a propor-vos um segundo contrato absolvido pelo primeiro. Inutilizai, Sr<sup>a</sup> Duquesa, esses papéis, se não quereis que um terceiro venha amanhã oferecer-vos menos de oitenta mil francos.

D. Pedro retirava-se.

– Olhai, senhor! – disse a duquesa, face a face com ele –, é necessário que eu vos tenha desconsiderado muito, para vos não dar uma bofetada... Sois bastante infame, para não sentirdes a afronta... Saí!

– Sr<sup>a</sup> Duquesa, se tivésseis um irmão, ou um amigo, cuspia-vos no rosto... Ninguém se responsabiliza por vos...

A duquesa tocou uma campainha. D. Pedro saía por entre o medico e o visconde, aos quais não disse palavra, e talvez não visse. O rápido e forte tinir da campainha, no momento em que o português saía, não impressionou os criados, que supuseram ser chamados para acompanharem a visita.

O conde, porém, entrara pálido na sala, e encontrou a duquesa encostada com as mãos à jardineira, convulsa, com os olhos fuzilando lume, cravados na porta por onde saíra D. Pedro, e com as duas cartas cerradas nos punhos.

– Que tendes, Sr<sup>a</sup> Duquesa? – perguntou o visconde, fazendo-a sentar. – Entrai, doutor... Vede o que isto é... Ela não me responde... Olhai o que ela tem nos olhos!...

– Queimai... – balbuciou a duquesa, entregando as duas cartas ao visconde, que as queimou logo, chamando-a de novo.

– Não a chameis, Sr. Visconde... – disse o médico, tateando-lhe o pulso e as fontes. – Isto vai passar... Ajudai-me a transportá-la para a otomana... vai desmaiar.

Assim aconteceu. A vida gasta na vertigem de alguns minutos devia restaurar-se com a perda dos sentidos. O visconde pedia ao médico que não abandonasse a duquesa naquela noite, e foi a sua casa, onde esperava achar D. Pedro.

Encontrou-o escrevendo-lhe uma carta, que devia ser-lhe entregue, por isso que D. Pedro queria partir naquela noite.

– Que fizestes àquela mulher?

– O que eu lhe fiz?... Conversei com ela...

– Que cartas eram aquelas?

– Ah!, vós vistes essas cartas?

– Vi.

– Se as vistes, porque me perguntais que cartas eram?

– Não as li... queimei-as, a pedido da pobre senhora, que ficou desmaiada.

– É de uma sensibilidade esquisita aquela dama! É uma perfeita atriz!

– Respeitai-a, se não podeis amá-la. Eu não vos consentirei esses chascos de criança.

– Calai-vos lá, senhor, que eu não dou mais importância às vossas cãs... Respeitai-me a mim, digo-vo-lo eu agora!

– Sede mau amante, se vos apraz; mas mau amigo, não! Explicai-me este enredo... Que passastes com Alberto de Magalhães? Viste-lo?

– Vi.

– Batestes-vos?

- Sim, senhor.
  - E depois?...
  - O vosso *depois* a que se refere?
  - Um de vós...
  - Devia morrer... é o que quereis dizer?
  - Sim...
  - Vivem ambos com a mais perfeita saúde, e claro entendimento.
  - Não entendo...
  - Não tenho eu sido preciso nas minhas respostas, visconde?
  - Tendes... mas ocultais-me tudo...
  - Não posso descobrir-vos mais nada.
  - Aquelas cartas que continham?
  - Perguntai-o à duquesa.
  - Eu não vos mereço uma confiança?
  - Se fosse minha a confiança, seria vossa. Essas confidências só pode fazê-las a duquesa de Cliton.
  - Que mistério!... Quais são as vossas intenções agora?
  - Vou marchar para Paris.
  - Esta noite?
  - Imediatamente.
  - Não dais folga aos cavalos?
  - Tenho outros de quatro em quatro léguas.
  - Descansai ao menos esta noite.
  - É impossível, visconde. De hoje a três dias dei a minha palavra de honra que estaria em Londres.
  - Em Londres?! E depois?
  - Vou para Constantinopla fazer a minha residência.
  - Só?
  - Não... com uma família de Lisboa.
  - Não torno a ver-vos, D. Pedro?
  - É crível que não... dai-me um abraço... e sabei que a minha morte morai encontrei-a nesta casa... Vede-me bem... Nesta idade... sou o mais desgraçado dos homens! Essas lágrimas lisonjeiam-me... Fostes um bom amigo... eu é que não quis ouvir as vossas profecias... Adeus, visconde...
  - D. Pedro... não me deixeis assim como um homem indigno de confiança... Que crime espantoso praticou aquela mulher?
  - Não tenteis a minha honra, que baldais a vossa amizade... Sou criança, mas envelheci há vinte dias, e tenho um perfeito conhecimento dos deveres do homem experimentado... Sede bom para ela, que sois o seu único amigo... Adeus...
- Abraçados, trocaram lágrimas de verdadeira estima. Um, com a sensibilidade dos vinte anos, outro com a ternura da ansiedade, que afaga um filho adoptivo; choravam ambos, e, porventura, vaticinavam que não tornariam a encontrar-se.

## XXIII

São 2 de Outubro de 1837.

Ao cais do Sodré, em Lisboa, convergem as carruagens fidalgas e burguesas de Lisboa, com seus donos para o bota-fora de Alberto de Magalhães e sua esposa, que vão viajar por alguns anos.

Passa-se aí uma cena mais ou menos ridícula, mas, digam o que disserem os chocarreiros circunstantes, há ali alguma cousa patética. O caso é este: o barão de Sá, que fora, meses antes, expulso com ignomínia de casa de Alberto de Magalhães, por insultar o barão dos Reis, casado com a tia de sua mulher, o fatal barão de Sá, dizíamos nós, não podendo ver partir o seu amigo sem reconciliar-se com ele, aparece na ocasião solene das últimas despedidas, no cais do Sodré.

O bom homem, que era digno do título, mas sensivelmente tolo, chegou, com as lágrimas nos olhos, ao pé de Eugénia, e beijou-lhe a mão. Voltou-se depois para Alberto, e beijou-lhe a testa com grandes gaifonas de ternura.

Eugénia encarou compassivamente aquele lance, e disse no fundo da sua boa consciência que o barão de Sá era um néscio digno de melhor sorte. Alberto abraçou-o com piedoso desdém, e olhou com sobrançeria os espirituosos, que chasqueavam a pieguice do barão.

O incidente passou. Eugénia recaiu na melancolia, que seu marido lhe não consolava, porque a opressão que lhe apertava a alma, enfraquecendo-lhe o ânimo, era daquelas que precisavam consolações, às vezes, de uma criança.

A filha de Antónia abraçava com a mesma indiferença as falsas e verdadeiras amigas. Olhos e coração tinha-os fixos em seu marido, que recebia os abraços da fria formalidade com a soberana indiferença de um príncipe entre adutores servis.

A escuna portuguesa *Alcíone* dera o último sinal de levantar ferro. Os viajantes entraram na lancha rodeada de botes, entre os quais avultava o do barão de Sá, que embebia as lágrimas em um lenço branco, em que as senhoras reparavam muito, admirando-lhe as puras rendas da Escócia que o franjavam, cousa só vista no barão de Sá: pode ele ter essa glória.

Eugénia precisava soltar do coração as lágrimas represadas. Desceu à sua câmara, faustosamente adornada, e chorou, sozinha; sentiu o desafogo de uma violenta dor, que não sabia definir.

Seu marido, que a encontrara assim, tomou a face dela sobre o seio, cobriu-a de beijos; enxugou-lhe as lágrimas, e, por lenitivo, apenas balbuciou três vezes o seu nome.

Esta situação permaneceu assim longos minutos. Chegaram a fitar-se tristemente; interrogavam-se na aflitiva mudez de dois infelizes condenados a não se queixarem, caminhando para a morte.

Alberto que sentia? Que dor era aquela de Eugénia? Que presságios estendiam o mesmo crepe sobre dois corações? Que medo os congela, a ponto de não trocarem duas perguntas?

– Vamos ver o mar, Eugénia – disse ele, oferecendo-lhe o braço. – Se tu não enjoasses, fariamos uma bela viagem. O céu está delicioso... o vento é favorável, o mar convida a cismar no céu... olha como é bonita esta amplidão!... Tira os olhos da terra, Eugénia... A majestade da natureza está diante de nós!... Além que fica? A turba que folga e ri, a miséria que representa comédias para se esquecer de que a tragédia esfarrapada lhe lavra nas entranhas... Deixa a sociedade... Olha o mar...

– Sim... o mar é belo... esta comoção é quase nova para num... mas, além, além...

– Fica o túmulo de tua mãe...

- Sim... o túmulo das minhas amigas...
- Sentirás aqui mais vivas saudades delas... Conversemos com as suas imagens... Porque não tens saudades da irmã de tua mãe, que lá fica viva, e se despediu de ti com os olhos enxutos?... A morte é que reabilita as amizades... eu sei-o bem, Eugénia... Deixemos os mortos, que são o pó... o espírito, esse, se o amas, acompanha-te... É aqui, nesta solidão, que eu vejo Deus, lá em baixo, naquele horizonte infinito... Foi aqui onde eu senti abalos fortes à minha descrença em tudo... O que é a vida! Quem poderá dizer que a sua alma está morta!... O que eu hoje sinto!... Que vontade de pedir ao Céu que se abra para nos receber!... E, contudo, a minha vida principiou há tão poucos dias! Não é cansaço... é a ânsia da imortalidade... o terror de um abismo para cada um de nós, separados... talvez!...
- Juntos, meu anjo...
- Mas viver tão pouco!... É tão rápida esta primavera, que vem depois de uma longa estação de gelo e desesperação na alma!
- Lembras-te, Alberto, o que eu te disse em Sintra, nos Pisões, na tarde do nosso casamento?
- Que foi, filha?
- «Vivemos pouco, porque era muita a felicidade... aqui descansa-se no seio da morte...» Não foi assim?
- Lembro-me... mas eu não queria que me recordasses esse receio de então... Eu não quero vaticinar uma morte próxima...
- Nem eu, meu Deus!... mas, se a Providência não ouve as minhas súplicas... se te encontrar pendido ao abismo, hei-de cair contigo... hei-de dizer-te: «Vivemos pouco, porque era muita a felicidade... aqui descansa-se no seio da morte...»
- Falemos da vida, Eugénia...
- Sim, sim, falemos da vida... Que fará agora o filho de Angela?
- Anseia por nós... Está em Southampton com os olhos fixos no horizonte a ver se descobre estas velas... Vês como ele foi pontual? Disse-lhe que devia estar em Londres no dia 16, e apenas chegou foi apresentar-se a Lorde William. Que nobre coração em peito tão moço!... Como podem nascer para o infortúnio aqueles espíritos!... E por pouco o seu primeiro vagido devia ser o último!...
- Foi padre Dinis que o salvou... Que divindade é aquele homem!... Terá morrido?...
- Não.
- Não? Soubeste-o!...
- Soube... ainda ontem por um jornal francês... Está na América missionando... Há-de escrever com o próprio sangue a última página do seu *Livro Negro*... Que livro será aquele?!
- Um milagroso encadeamento de virtudes...
- Quem sabe?... Os primeiros elos dessa cadeia... serão grandes crimes!
- Crimes... naquele homem?!
- Nele, em mim, em todos os homens que vêm aqui satisfazer um decreto superior...
- Não sei contrariar-te, Alberto!... As tuas palavras têm um cunho tal de certeza...
- De experiência atroz, Eugénia... Faz de conta que eu vim ao mundo e vi sobre uma pedra eterna letras cobertas pela crusta dos séculos. Quis lê-las, e não pude. Foi-me preciso chorar muito sobre essas letras, desgastar com lágrimas essa crusta, e, ao cabo de longas penas, decifrei a legenda, que dizia: «Desgraça eterna... partilha de todos os homens ultrajados pelos homens...» Foi o que eu li...
- Pois sim... mas não entristeças desse modo... Falemos em D. Pedro da Silva... É

toda a nossa família que nos espera, não é verdade?

- Sentes por ele uma ternura de irmã!
- Mais... eu creio que mais... queria poder chamar-lhe filho...
- Viste-o chorar com a história de tua mãe?

– Se o vi!... Enganei-me com ele... Ao princípio julguei-o de pedra, e duvidei que fosse filho de Ângela de Lima... depois... era ele, Alberto, devia ser por força o filho daquele anjo...

– Se lhe conhecesses o pai!... Que morrer tão lento!... que perfume de mártir!... que legado de remorso eterno!...

- Que tens, filho... tu empalideces?
- Nada, Eugénia... não é nada... É esta dor do coração que me há-de matar...
- Sentes aquela pontada do costume?
- Sinto... agora não é tanto... passou...
- Fidalgo – disse o piloto –, amanhã não temos tão bom mar.

Alberto, que não precisava interrogar as suspeitas do piloto, olhou para o norte, e respondeu:

- Aquilo é aguaceiro.
- O quê, Alberto? – perguntou Eugénia com timidez.
- Aquela pequena nuvem que apareceu agora... vês?
- Vejo... aquilo não é nada – disse Eugénia.

Alberto fez sinal de silêncio ao piloto. Pouco depois, um castelo de nuvens alargava os flancos a nordeste. Alberto, como distraído, convidou Eugénia a entrar no beliche. Entreteve-a instantes, e subiu à tolda. O piloto mandava rizar o traquete, e colher o gafetope.

Alberto clamou:

– Olhe que todas as manobras sejam feitas sem ruído assustador. Qualquer que seja o contratempo, proíbo que se fale em perigo... Mandé amainar o joanete. Eu volto já.

Desceu à câmara. As criadas de Eugénia rodeavam-na, perguntando-lhe se o mar estava bravo. A corajosa, que recebia a força sobrenatural do contacto com um homem superior, zombava dos temores das criadas, que não podiam suster-se com o repentino balanço do navio.

Alberto passeava a passos rápidos, sorrindo à inocente intrepidez de sua mulher. Os tufões rugiam as gáveas, e arfavam na vela grande do mastro da ré aqueles latejos convulsos, semelhantes ao som da água que referve na cachoeira. Do fundo da escada que subia da câmara para o convés, bradou Alberto:

– Riza todas as velas!

Instantes depois, Eugénia perguntava que ruído era aquele por cima.

– É chuva, minha intrépida navegadora.

– Queria ver a chuva no mar... Deixas-me, Alberto?

– Pois sim... Mas olha que a chuva do mar não se vê impunemente como a da terra... A abóbada do navio é o céu...

– Não, que eu levo o guarda-chuva...

Eugénia parou no topo das escadas, surpreendida pelo espectáculo novo. Instintivamente recuou, e, para não voltar as costas ao quadro aterrador, violentou o ânimo, e cingiu-se ao braço de seu marido.

O céu era de bronze, e as nuvens cinzentas, como castelos a desmoronarem-se, boiavam no dorso das ondas, que se partiam nos flancos da escuna. O seio negro dos curtos horizontes abria-se às vezes, e vomitava uma labareda instantânea. Sobre o navio estourara um trovão. Este som perdera-se ali, como o último arranco da humanidade

agonizante, nas fauces do abismo.

- Tremes, Eugénia!...
- Tremo!... isto é horroroso!...
- Queres retirar-te?
- Não... Há perigo, meu filho?
- Nenhum...
- Esperemos então...

– Queres ver cair a luz deste caos... Devia ser assim o primeiro dia da criação... O espírito de Deus era levado sobre as águas... Devem ser assim os paroxismos da natureza no seu último dia... Tenho visto mil vezes esta cena e acho-a sempre nova... Repara, Eugénia... Vês além a bonança?

- Onde?
- Aqueles dois palmos de céu sem nuvens?
- Vejo.

– É como o anjo da paz. Daqui a minutos este céu é o céu dos amantes que viajam... Poderemos dizer que assistimos vivos ao espectáculo da morte... que nos defendemos das iras da maior potência com quatro tábuas que a mão do homem construiu...

- O homem... que é tão pequeno...

– Não, Eugénia, o homem tem em si o infinito da divindade... Li esta verdade neste grande livro que vai fechar-se, e que a mão da Providência abre aos incrédulos... Que maior grandeza pode ter o homem! Não inventou ele a bússola, e o leme, que o faz olhar com orgulho para a serpente da morte, que ameaça enroscar-se-lhe no débil trono que o faz rei dos elementos?... Vês, Eugénia!... aqui tens o céu de há pouco... Olha a bonança como vem risonha a prometer-nos vida, e alegrias, sem fim!...

- Que tão linda mudança! Eu creio que sobre o mar há grandes prazeres, Alberto...
- Eu só tive um na minha longa vida...
- Um só?
- Este, Eugénia... só este.

- Não sentias o prazer da vida, quando te salvavas de um risco?

– Não: muitas vezes tinha pedido a morte, e a morte passava a sorrir de mim... indigno da paz que mora lá em baixo no fundo do oceano... Festejemos o céu, cor da esperança... Vamos jantar, Eugénia?...

– Sim... vamos jantar... Tenho apetite... Em sete dias de viagem verás que hei-de pôr-me redonda, e bochechuda... quero comer muito, e nutrir muito para D. Pedro me não conhecer...

– Larga rizes! – disse Alberto ao piloto, que não ousava mandar diante do amigo íntimo de Salema, seu antigo amo, bem sabia ele porquê.



## XXIV

O piloto enganara-se. Seguiu-se um dia delicioso. A escuna velejava, soberba de si, nas solidões sem horizonte, como a rainha dos mares. A felicidade ia-lhe no seio. Os minutos que decorriam não os anuviava a tristeza. Eram límpidos como o céu, serenos como a superfície do mar, claros e luminosos como a prata das ondas em que a Lua se revia. Até alta hora, Eugénia, embebida na intimidade dos seus gozos, saboreava uma ventura só sua, egoísta, sem ter de comunicá-la a seu marido, que a sentia deliciosa como ela, e livre de atender à sociedade frívola, que tantas vezes lha perturbara.

Eugénia fugia com o pensamento do passado. Aprazia-lhe a imagem de Ângela de Lima; e, contudo, esta grata reminiscência custava-lhe sempre uma lágrima, e uma tortura nunca desvanecida, pungente sempre com a mesma força. Era a imagem do conde de Santa Bárbara, ponto negro que se alargava até lhe escurecer as suas lúcidas saudades.

Fantasiava o que deveria ter sido Anacleto, e entristecia-se. Corria a escala dos sofrimentos de sua mãe, e chorava. Contava-se, minuto por minuto, a história da sua vida, e forcejava por calar o pressentimento a ameaçá-la de um trágico fim.

– Porquê? – dizia ela. – Em que tenho eu sido má? Quando fui infeliz, não foram os meus crimes uma necessidade da minha servidão?... Porque terei eu de ser vítima como minha avó, e minha mãe, e meu pai? Desde que fui arrancada ao meu abismo pela mão superior de Alberto, não tenho eu sido uma mulher, que quer valer aos seus irmãos, não se esquecendo nunca do seu passado? Porque não olharei hoje o meu futuro sem estremecer?

Esta última interrogação era a que Alberto se fazia, apenas a consciência o chamava a um tormentoso diálogo. Encontravam-se aquelas duas almas, e os olhos fixavam-se como pedindo coragem mutuamente. O corsário, para iludir os seus temores, censurava-se na sua pueril superstição. Eugénia, para convencer-se de que tinha um amparo, lançava-se, com um sorriso de fingido ânimo, nos braços do marido, menos forte que ela.

– É tão bom ter um amigo!... – murmurava ela, acolhendo-se, como assustada, para bem perto do coração de Alberto, que lhe passava a mão sobre os cabelos como quem amima uma criança.

– E um amigo, de mais a mais esposo... – continuou ele, sorrindo.

– De mais a mais!... Pois não é tão natural o vínculo que prende o esposo ao amigo?

– Natural?... não... A amizade é alguma cousa muito distinta do amor. Vês como é sereno este mar? Não há aqui a tempestade de há pouco, a revolta dos elementos que nos causou sensações violentas: vês tão quieto, tão monótono, mas, ao mesmo tempo, tão suave este mar? A amizade é assim. O amor é a tormenta que impressiona, mas que fatiga; é o grande facho de luz que alumia, mas queima.

– Dizes a verdade, meu anjo... creio que é assim... Es, pois, meu amigo?, mais que um irmão?, mais que um marido?, companheiro inseparável de toda a minha vida?, sempre o anjo que me diz que eu nunca me fiz indigna do teu amor? Deixa-me chorar, Alberto!... Sinto tanta precisão de chorar!... Nunca senti aliviar-se-me tanto o coração como agora! E o céu que se vai abrindo na minha alma... Que imensa claridade, filho! Ai!, como se sente no mar!... Deviam vir aqui todas as pessoas infelizes... Criaria Deus esta amplidão para o desafogo das almas apertadas na angústia do mundo... Oh! Alberto!, eu não sei que toque sublime me fere o coração!... Nunca fui tão digna de ti... Abraça-me, anjo!... Sê criança comigo!... Se não podes chorar de alegria, diz-me que és

feliz!...

– Queres que eu to diga, Eugénia? Tu não tens a face encostada ao meu coração?... não o sentes?... Achas que ele poderia palpitar assim sem uma impressão de grande júbilo ou de grande terror?! Bem to disse eu, Eugénia, que sentirias no mar uma existência nova... E que tu nasceste para tudo que é grande! As mulheres tremem no mar. O menor abalo nestas frágeis tábuas é a sepultura que se lhes abre aos pés! E tu, não! Viste a tempestade com o pasmo da maravilha, e o terror não descorou as rosas varonis da tua face! Es a digna mulher deste homem, que adormece ao rugido das tormentas, e acordou muitas vezes ao grito da tripulação que invocava o Deus dos aflitos!... Abriga-te em mim, filha!... Se me visses morrer, julgar-me-ias um predestinado pela coragem...

– *Se te visse morrer!*... Que pensamento, meu Deus!...

– Se me visses morrer, Eugénia, pensarias que a morte é o crepúsculo de uma deliciosa eternidade! Sabes tu qual é o pensamento que me vem sempre banhar o coração de alegria? E a morte contigo!... a certeza de que me não sobrevives...

– Não, meu querido Alberto, não te sobreviverei um instante... Eu to juro...

– Não jures. Eugénia... dispenso-te a formalidade... Sei que morrerás...

– Ainda bem, meu Deus! Vejo que entraste no fundo da minha alma...

– E tu?... vês a minha?

– Vejo, sim, vejo!... Morrerias também!

– Abençoada sejas, minha filha... Fizeste o que ninguém fez!... viste-me tal qual sou!... Eu não ambicionava tanto!... Pedi a Deus ou à fatalidade uma mulher para a vida, e não ousei suplicá-la para a morte...

– Não fales assim em morte, Alberto!

– Fala-se na morte quando nos é cara a vida... Os desgraçados, esses é que procuram esquecê-la, porque a querem, porque precisam ampliá-la atrás de uma esperança que se realizará uma vez.

.....

Correram rápidas as horas, porque as horas de Alberto e Eugénia corriam deliciosas. O mar sempre tranquilo, a Lua sempre límpida, o coração sempre novo para os deleites da conversação íntima, conspirava tudo para desejar mais longa viagem. E depois, a esperança, a formosa fada vestida sempre de novas galas, estudando sempre novas seduções, acenava-lhes de longe, nos encantados jardins do Oriente, que Alberto descrevia com o vivido entusiasmo do homem, poeta pelo amor. Eugénia ia arrastada pelo som daquela voz, voz única nas solidões do oceano, voz de um anjo que a fazia levantar os olhos lacrimosos para o céu, em gratidão de tanta ventura.

Ao sexto dia de viagem descobriram Southampton.

Nascera o Sol, orlado de franjas purpurinas. Subira, e deixara em baixo nos horizontes um cinto escarlata, que pouco a pouco desmaiou, até se converter em névoa densa, que veio rolando, à superfície das águas, até esconder aos olhos do vigilante piloto o canal de Inglaterra.

Depois, uma lufada de vento noroeste estremeceu nas velas. O capitão, como estranhando o sucesso, franziu a testa, e chamou a tripulação a postos.

– Esperem as ordens – disse ele, e trocou algumas palavras rápidas com Alberto de Magalhães, que passeava na tolda.

Uma segunda lufada, precursora do tufão, encontrou a maruja, obedecendo às ordens do capitão:

– Arria velas!

– E os mastaréus do joanete e de gávea! – acrescentou Alberto, ao ouvido do capitão.

A manobra foi rápida, e o tufão impetuoso passou nas gáveas como um grito de demónio enraivecido por não ter podido surpreender a vítima.

A neblina era cada vez mais densa. O leme foi confiado ao piloto, que não desviava os olhos da agulha. O mar cavado estalava na quilha da proa. A escuna balouçava-se desencontradamente, e as amarras, rolando no tombadilho, aterravam as criadas de Eugénia, que se julgavam moribundas a cada balanço.

Alberto de Magalhães descera à câmara, onde encontrou sua mulher, com as mãos erguidas diante da imagem da Senhora, que sua mãe lhe dera. Interrompida na sua oração pela mão de Alberto, que lhe tocava no ombro, Eugénia respondeu-lhe com um sorriso angélico.

– Estás orando, minha amiga? Que pedes à tua imagem predilecta?

– Peço-lhe a tua felicidade, meu querido amigo. Hei-de ser ouvida, porque peço com muita devoção... Queres que eu vá contigo lá acima?

– Não...

– Há perigo?

– Nenhum... Perguntas-me se há perigo com o ânimo tão quieto!...

– Eu não tenho medo, Alberto... Nenhum medo... Quando esteja arriscada a minha vida e a tua, sabes o que me faz pena? São estas pobres criadas, que me cortam o coração com as suas lamúrias... Coitadinhas!... Todas três deixaram mães e irmãos, e gostam da vida, sem saber que a verdadeira felicidade nem elas a conheceram ainda... Olha, Alberto... Desde que fizeste comigo o contrato de morrermos juntos, não tenho à vida o apego que faz recear a morte... Aposto que tenho mais coragem que tu?

– Parece-me que sim... Este balanço incomoda-te?

– Não, filho... Eu sinto-me boa ... não me incomoda senão a tua inquietação... Que tens? Parece que tens os ouvidos mais atentos às vozes do capitão...

– Não, Eugénia... É porque me soam bem estas palavras, que só se ouvem no mar.

Neste momento bradara o capitão:

– Talinga os viradores!

– Talinga os viradores! – murmurou Alberto.

– Que é? – disse Eugénia, reparando no enleio com que seu marido repetira as palavras da manobra.

– Eu vou à tolda, Eugénia... Não te inquietes...

– Eu queria ir contigo.

– Agora, não... Esta tempestade não é poética como a outra... Fica, minha filha, que eu venho já...

Alberto recebeu um beijo de sua mulher e subiu. A face, onde ela imprimira os lábios, levava uma lágrima. O homem de ferro, quando a sentiu, levou as mãos à testa, e murmurou: «Não o permitais, meu Deus!...»

As criadas, aflitas, rodearam Eugénia, perguntando-lhe se estavam em perigo.

– Oraí comigo, para que o Senhor nos proteja.

Esta resposta exacerbou o terror das criadas. Romperam em um choro que Eugénia não podia calar com as suas consolações. A pobre senhora principiava a enfraquecer, quando Alberto voltou.

Eugénia acabava de ouvir duas palavras que lhe gelaram a suposta coragem. Estas palavras foram seguidas por um *psiu* prolongado, que seu marido dera no topo da escada que descia para a câmara. Que palavras horríveis foram essas?

– *Vamos a pique!*

– Vamos a pique, Alberto? – exclamou ela, lançando-se-lhe nos braços.

– Esperança, Eugénia – disse ele com impostora tranquilidade. E a procela mugia. Algumas vezes o portaló descera ao nível da água. Os mastros rangiam, e as juntas da escuna, impelida de vaga a vaga, respondiam estalando ao bramido da tempestade.

Alberto, desenlaçando-se dos braços trémulos de Eugénia, para a qual as palavras animadoras não bastavam já, subiu acima impetuosamente, e, quando cruzava os braços contemplando as chusmas de homens, que viravam o cabrestante sobre a âncora, ouviu um estalo, e empalideceu: era o mastro de gurupés que se partira.

– Espia ferro! – bradou Alberto.

– Espia ferro! – bradou mais alto o capitão.

E esperou. O mastro da ré parecia saltar fora do encravadouro. Um marujo segredou ao ouvido do capitão que havia rombo à ré.

– Os arpés não mordem terra! – bradou o piloto.

– Então, como vamos a pique? – perguntou Alberto com azedume.

– As unhas da âncora garram, porque não há pedras, é tudo laje – respondeu o piloto.

– Mandé cortar os mastros, capitão – disse Alberto, e desceu à câmara, onde encontrou sua mulher chorando, e amparando uma criada que desmaiara.

– Recolham-se... – disse Alberto, tomando nos braços a criada desfalecida, que levou ao seu beliche. – Ouve-me, Eugénia...

– Vais dizer-me que morremos, Alberto?

– Não... Vou dizer-te que é preciso vivermos. Quero toda a tua coragem, e, se não a tens, recebe-a de mim...

– Sim, sim, quero que nos salvemos... que hei-de eu fazer?

– O navio está perdido... perto de nós está a costa... Em poucos minutos estaremos salvos...

– Sim?... Então que temes?

– Temo que enfraqueças...

– Não temas, Alberto; mas não me deixes sem ti um instante...

– Vamos entrar na lancha... Eu e tu, entendes?... Vamos sós... pode ser que a lancha seja absorvida; nesse caso... repara bem... logo que eu te disser *abraça-me*, hás-de cingir-me deste modo... pela cintura ... não me prives os braços... mas segura-te com toda a tua força... compreendeste-me, Eugénia?

– Sim... e esse abraço... talvez seja o último... Oh!, Alberto... agora me disse o coração que vamos morrer!... Oh!, meu filho, que tão pouco durou a nossa felicidade!... Ai, meu Deus, que morte tão aflita vai ser a nossa!...

– Silêncio, Eugénia... É necessário que sejas egoísta da vida, neste momento... Se choras assim, essas mulheres não te deixarão sair daqui... Sobe comigo... depressa...

– Olha lá esse leme! – gritou o capitão.

– Saltou fora! – respondeu o piloto.

– Depressa! – repetiu Alberto.

– Ajuda-me a subir, que eu não tenho forças... – murmurou Eugénia, abraçando-se-lhe ao pescoço.

– Desatraca a lancha! – bradou Alberto.

– Perdeu-se! – respondeu o capitão.

Perdeu-se!?! – tornou Alberto, com aflição.

– Quebrou a amarra!

– Oh!, meu Deus! – exclamou Eugénia, quando viu o mar proceloso, o navio desarvorado, a palidez da morte em todas as faces, e alguns marujos que se lançavam ao mar, enquanto outros, abraçados aos mastros partidos, que escorregavam do tombadilho, rodopiavam no marulho das ondas. Alberto conduziu sua mulher à proa,

tomou-lhe a face sobre o peito e murmurou:

- Esperemos!
- O quê?... A morte?...
- E se for a morte?
- Bem-vinda seja!...
- Isso é coragem ou resignação, minha filha?

– Resignação... Eu sou fraca, meu anjo! Deus, nosso Senhor, nos salve; e, a não nos salvar, que nos perdoe!... Minha mãe, suplica ao Senhor por nós... Ângela, minha querida amiga, foste uma santa, pede a Maria Santíssima que nos não deixe morrer assim... Alberto, pede também a Deus!... ergue as mãos comigo...

- Já pedi... e verás que nos salva... Eugénia!... Confiança em mim e em Deus!...
- Sim, sim... eu tenho toda a confiança... vamo-nos salvar...
- Lembras-te das tuas palavras nos Pisões?

– Sim... *Vivemos pouco, porque era muita a felicidade... aqui descansa-se no seio da morte...* Bem hajas tu, que mas lembraste...

- Capitão! – bradou Alberto:

– O capitão lançou-se ao mar – respondeu um marujo.

– E vós porque o não imitais, rapazes?

– Os que restam são dez dos vossos antigos soldados... não nos conheceis?

– Conheço... Salvai-vos!

– Os vossos antigos soldados morrerão ao pé de vós.

Neste momento a ré da escuna era submergida. Alberto escorregara com sua mulher nos braços e apegara-se dificultosamente ao estibordo.

– Rapazes!, vede se salvais essas mulheres que estão na câmara... Se o conseguirdes, nunca mais lutareis com as tempestades... Eugénia... cinge-me pela cintura... assim... muito ânimo... nunca mais nos separaremos...

Os dois corpos caíram no mar.

## XXV

D. Pedro da Silva estava em Londres, desde o dia 16 de Setembro.  
Copiaremos algumas linhas dos seus apontamentos, escritos desde esse dia até 11 de Outubro.

.....  
*17 de Setembro*

É-me preciso invocar muitas vezes a minha dignidade, para não ceder às vergonhosas fraquezas do coração. A duquesa é a mulher fatal da minha vida. Uma vez impressa na minha alma, as suas feições reproduzem-se ali com traços de lume. Eu não posso esquecer-la! Tenho instantes de me julgar ludibriado por Alberto de Magalhães! Forjou-se talvez uma infame traição à minha boa-fé! Aquela mulher, se não fosse inocente, sucumbiria à aviltante proposta que lhe fiz! Reagiu com uma valentia moral, que há-de fulminar-me a mim, se eu, uma vez, souber que a duquesa é inocente!... Inocente! Não! Aquela letra era dela, e Alberto de Magalhães não pode mentir. Aquele homem quis salvar-me, e não empregaria recursos ignominiosos para isso. A duquesa é uma mulher que se vendeu! E não posso esquecer-la, meu Deus! Creio que sou um grande miserável! A honra será uma palavra de convenção!?!...

.....  
*Dia 18*

Eu vi-a em sonhos, banhada em lágrimas... Dizia-me que não queria perdão. Mostrava-me no seio o ponto onde eu devia cravar-lhe o punhal, que ela me oferecia de joelhos! Em redor dela agrupavam-se homens de semblante horrível, que lhe chamavam devassa, e riam gargalhadas infernais. Eu quis protegê-la, e ela disse-me que juntasse os meus insultos aos daqueles homens, para que a sua expiação fosse completa! Acordei... O coração saltava-me no peito! Este fogo, que me abrasa a cabeça, deve endoudecer-me! Não tenho distracção alguma. Estes homens que me abrem os seus salões mortificam-me! Eu preciso de uma distracção, seja ela qual for... O jogo poderá salvar-me?

*Dia 19*

Não! O jogo embrutece-me. Ganhei muito ouro, que não quis levantar da banca. Os que me rodeavam chamavam-me doudo, e Lorde William obrigou-me a levantar milhares de libras! O dinheiro é o meu inferno! Enquanto jogava, aparecia-me a duquesa, que jogara também, e perdera ali a honra, perdendo oitenta mil francos! Um vil aproveitou-se do azar de uma carta!... E ela, tão infame, que se jogou também, e cedeu ao ignóbil capricho de desempenhar o seu credito em algumas horas!... Teria enlouquecido

aquela infeliz, quando respondeu à proposta de Alberto!?... O remorso purificaria o seu coração!... Não seria aquela infâmia o cumprimento de um destino superior!? As outras mulheres serão mais honradas que ela!? Oh, Elisa... se tu visses a minha alma!... Se nesse instante me pedisses perdão!

*Dia 20*

Não posso, quero assim viver!... O pensamento do suicídio principia a incorporar-se nas minhas meditações. Escravizei a minha palavra de honra a Alberto de Magalhães, e só posso desquitar-me dela suicidando-me? E porquê? A minha felicidade será impossível? Aos vinte anos morrem assim as esperanças? O homem será isto que eu sou?

.....

Que tenho eu com Alberto de Magalhães? Que ascendente quer este homem empregar sobre mim?... Eu sei que podia ser feliz... Posso e quero sê-lo... Se me suicido, a sociedade inscreverá o meu nome no catálogo dos doudos ou dos covardes! Ainda ontem um lorde se suicidou, e os seus amigos o mais que fizeram foi concordar em que todo o homem tinha direito a retirar-se do lugar em que se não sentia bem... Mas eu quero que alguém me lamente... Sou só no mundo... não terei uma lágrima... Elisa deve detestar-me, e eu... meu Deus... vós sabeis que aquela mulher é necessária à minha vida!... Vergonha!... Será forçoso que a minha alma se nutra de torpezas!

.....

*Dia 26*

Não me venço! Isto é um destino!... A reacção custa-me a vida!... Falham-me todas as tentativas!... Não há recurso que eu não tenha sonhado!... Nem o jogo, nem a devassidão, nem a embriaguez... Ela sempre a meu lado!... Esta dor embrutece-me!... Há seis dias que procuro explicar-me o estado da minha alma, e não posso. Eu devo amá-la muito! Aquela mulher é um anjo infamado! Só terei descanso quando ela me perdoar! Porque a não ouvi eu? Porque me humilhei aos preceitos desse homem que detesto? Foi ele que me ensinou aquelas malditas palavras, que a mataram!... Foi ele... um estranho... um infame generoso, que me envenenou uma vida inteira!... Não sou eu um homem!... Se o coração me impele para aquela mulher, porque não hei-de eu buscar a minha felicidade, embora tenha de descer a um abismo de impudência?... Quantos homens, ainda hoje, dariam a vida por um sorriso de Elisa!... E todos ignoram essa fatalidade da sua vida... Se o coração lhe perdoa, porque não há-de perdoar-lhe a consciência?!...

.....

No dia 27, D. Pedro da Silva passara para França. De Paris escrevera ao visconde

de Armagnac, e não teve resposta. Esta carta devia ser uma tocante exposição da sua alma, e uma súplica de conforto para não ceder, sem vergonha, a uma paixão que se debatia com o pundonor.

Escreveu segunda. Nesta devia ser mais viva a expressão. Talvez implorasse a protecção do visconde. Talvez descesse às extremas fraquezas de um moço, cuja alma não tinha ainda o fino tacto que a experiência ensina, e que muitas vezes a sociedade reputa acrisolada honra. Esta segunda carta não teve resposta.

Assim contrariado, e ofendido no seu brio, tocou o grau da desesperação. Foi ele próprio a Angoulême.

O visconde não existia já na sua quinta. Tinha partido no dia 20, com a duquesa de Cliton. Para onde? Ninguém lhe sabia dizer! O capelão de Cliton aconselhou D. Pedro que consultasse o médico, única pessoa, além do visconde, que entrara na intimidade da Sr<sup>a</sup> Duquesa. O filho de Ângela arrancou ao doutor uma difícil revelação. Elisa de Montfort partira para Inglaterra. As suas tenções eram exercer uma nobre vingança sobre o assassino da sua honra e de seu irmão.

D. Pedro da Silva tornou a Londres. Empregou todos os meios de espionagem, e não encontrou vestígios em Londres, onde a polícia tem um pronto conhecimento do mais obscuro forasteiro que transpôs as suas fronteiras.

No dia 8 devia Alberto chegar a Southampton. Estaria ali a duquesa? Esperaria ela, no desembarque, Alberto de Magalhães? Este varonil desforço pintava-lha na imaginação abrasada como um ente superior. Partiu para o canal de Inglaterra. Procurou-a. Nem o mais ligeiro indicio! O ouro de D. Pedro não destruía os milagres que estava fazendo o ouro da duquesa de Cliton.

A situação do pupilo de Alberto de Magalhães era amargurada! O pobre moço, nas suas indagações, passava por doudo. A polícia de Southampton chegou a ameaçá-lo de o prender, por se tornar incómodo com as suas misteriosas pesquisas.

No dia 10 de Outubro, oito dias depois que a escuna *Alcíone* saíra de Lisboa, D. Pedro da Silva recebeu casualmente um jornal, que se entregava no seu hotel. Passava-o pelos olhos distraidamente, quando encontrou o seguinte:

#### CATASTROFE

Temos a lamentar o naufrágio da escuna portuguesa *Alcíone*, que foi a pique, dez milhas distante deste porto. Transportava para Inglaterra o seu rico proprietário, Alberto de Magalhães, e sua família. Um marujo da tripulação, com quem acabamos de falar, conta um extraordinário successo, que nós contaremos simplesmente como ele nos foi contado pelo comovido marinheiro.

A escuna foi abandonada quando já não havia esperança alguma de salvação. O valoroso Alberto lançara-se ao mar com sua esposa, abraçada à cintura, e pedira a alguns marinheiros, que nunca o abandonaram, que salvassem as criadas.

O relator deste infausto successo lançou-se a nado a par com Alberto, que as ondas impeliam favoravelmente para a costa. O valente português muitas vezes exclamou a sua mulher que tivesse ânimo, porque estavam salvos. A infeliz senhora soltava gritos de terror a cada onda que parecia tragá-la, e à superfície da qual seu marido aparecia sempre abraçado com ela. O marinheiro, inseparável daquele grupo, digno de comover a piedade divina, empregava corajosos esforços em expor o seu corpo quase desfalecido ao choque das ondas. Uma destas arrojou-os impetuosamente a



terra.

Alberto, estirado sobre a praia, quis desatar os braços de sua mulher, que lhe cingiam a cintura, e não pôde. Estavam hirtos, e inflexíveis como o ferro. Palpou-lhe o coração, que já não batia. Gelara-se-lhe o sangue... Chamou-a com desesperação... Tomou-a nos braços, comprimiu-a ao coração, como se o calor pudesse passar àquele peito inanimado... Estava morta!...

Seguiu-se uma cena horrorosa! Alberto de Magalhães ajoelhou ao pé do cadáver de sua mulher... deu-lhe um beijo nos lábios... arrancou um punhal do bolso interior do colete, e cravou-o no peito, exclamando: «Eu não falto aos meus juramentos, Eugénia!»

O marinheiro, estupefacto, lançara tarde a mão ao punhal! O suicida estrebuchou alguns minutos, e expirou, levando aos lábios a mão de sua mulher!

.....

O jornal continuava a descrição do naufrágio. Numerava as vítimas. Eram toda a tripulação, excepto cinco marujos, até ao momento em que a triste notícia era publicada no jornal.

D. Pedro não lera as últimas linhas. Aquilo parecia-lhe um sonho! Fixara os olhos no papel, que lhe tremia nas mãos, e ficara aí nessa situação indefinível do pasmo, da absorção, da morte passageira do espirito.

Neste momento abriu-se a porta da sala. D. Pedro maquinalmente olhou para ali, e viu... a duquesa de Cliton! Petrificou! Alheado de si, incapaz de consciência, ferido pelas duas comoções simultâneas, esperou que a duquesa viesse ao pé dele. Foi ela que veio. Trazia nos lábios um sorriso diabólico, e nos olhos o lume do rancor que a queimava por dentro. Tomou das mãos inertes do mancebo o jornal, apontou a palavra «Catástrofe», e disse, com voz tremida, mas enérgica e impossível de ser imitada por mulher:

– A vingança de Deus antecipou-se à minha! Alberto de Magalhães não contará as minhas infâmias a outro homem! O benefício que ele vos fez, Sr. D. Pedro da Silva, pagai-lho com sufrágios por sua alma.

A máquina não se moveu. A duquesa de Cliton saíra, e viera sentar-se a par do visconde de Armagnac, que a esperava em um tilburi à porta do hotel.

– Que fostes aí fazer, Sr<sup>a</sup> Duquesa? – perguntou o visconde.

– Fui despedir-me do vosso amigo, e dar-lhe cartas de recomendação para o Oriente, visto que Alberto de Magalhães o não acompanha.

– A vingança endurece-vos a alma, senhora!

– A alma? Tenho-a eu porventura?! Achais que a alma é alguma bala de ferro, que resiste ao fogo da desesperação?... Visconde! Eu morri primeiro que Alberto de Magalhães! O que resta em mim, é a porção de demónio que entra na organização de todas as criaturas!

## XXVI

Três meses depois, D. Pedro da Silva, inquilino de uma pequena casa de campo, nas vizinhanças do palacete da defunta condessa de Santa Bárbara, em Campolide, escrevia o seguinte:

*Dar-me-á Deus alívio?... Poderei hoje chamar à minha alma as recordações desta vagarosa agonia de três meses? Creio que não... Eu começo, há pouco, a sentir a consciência da vida... Que é o que me chamou a Portugal?... Não sei... Que vim fazer ajoelhado sobre o túmulo de minha mãe?... Lembro-me que chorei muito... e mais nada!... Depois, vim procurar esta solidão para morrer ignorado... Achava precisão de saudar todos os dias aquela janela, onde vi, pela segunda vez, minha mãe... Mas vivo!... Sinto este jugo de ferro!... Vivo, e não tenho a coragem do suicídio!... Hoje, mais que nunca, recuo aterrado a semelhante ideia! Que é isto que se passa em mim? Para que me guarda a mão que me suspende o braço? Que nova desgraça é essa que eu vejo aproximar-se? E a miséria... é a fome... é a indigência!... Eu não tenho ninguém que me socorra hoje, e amanhã, quando o meu criado me pedir um vintém para um pão, dir-lhe-ei que sou o último dos mendigos!... Resvanei até aqui!... O meu património acabou com esse homem fatal!... Estou pobre!... pobre!... Esta palavra soa-me aos ouvidos como a gargalhada de um demónio!... Quem é que estende a mão a um desgraçado, sozinho, com a vergonha na face, e a inutilidade para todos os serviços!... Se não quiser aqui morrer de miséria, terei de ser um lacaio!... Aqui tens teu filho, Ângela de Lima!... Vê se me conheces, duquesa de Cliton!... Eu sou o teu discípulo, sou o filho da tua filha do coração, padre Dinis!... Venham abraçar-me, ou cuspir-me no rosto, que eu agradeço tudo.*

.....

*Que morte a daquele homem!... Quem seria ele!... A esta hora a sociedade esqueceu o seu nome! Foi grande como Satanás! Teve coragem de prostituir com ouro uma mulher, que deveria ser um anjo; mas também a teve de cravar-se um ferro no coração!... Como a morte engrandece os homens!... A única distinção está ali... nas vizinhanças do túmulo!... E a duquesa?... Mal me recordo que a vi... Sei que me falou... Que me disse ela? Não sei!... Penso que me insultava!... Que me diria ela? Sei que a detesto desde esse momento! Há Providência aqui neste ódio! Aquela mulher deve ser um símbolo de todas as ignomínias!... Qual será o seu fim!... Se eu pudesse... queria vê-la... Enquanto eu tive um pouco de ouro que desperdicei, não me lembrou aproximar-me de França... Viajei, e quando as últimas migalhas me mandavam trabalhar, ou morrer, vim aqui... A quê?... A morrer!... Esta situação é impossível... A resolução há-de vir, quando a última gota de fel me queimar o vínculo covarde que me prende não sei a quê, a que mentira, a que esperança!...*

Um criado entrara no quarto em que D. Pedro escrevia.

– Que queres?

- Venho dizer a V. S<sup>a</sup> que preciso dinheiro para compras.
  - Aqui tens... Quanto te devo, Francisco?
  - Um mês.
  - Aqui tens o teu ordenado.
  - Pois despede-me?!
  - Sim.
  - O Sr. Álvaro não está contente com o meu serviço?
  - Estou... é que não posso sustentar-te, nem pagar-te... Estou pobre; não tenho nada além desta quantia que te dou...
  - Pois V. S<sup>a</sup>...
  - Espanta-te a miséria? Tens razão...
  - Não tem quem o socorra?
  - Ninguém...
  - E não pode empregar-se em alguma cousa?... Perdoe-me estas perguntas; mas eu sou afeiçoado a V. S<sup>a</sup>, e sabe Deus o que me custa não poder sustentá-lo à minha custa.
  - És o único amigo que possa dizer-me tal... Vai, Francisco... Hoje jantaremos; amanhã não me pedirás dinheiro para compras, que o não tenho.
  - Para isso ainda eu chego, Sr. Álvaro; não se aflija... Quer V. S<sup>a</sup> uma cousa?
  - Que queres dizer-me?
  - V. S<sup>a</sup> uma vez, estava delirando, e falou em inglês... Eu tenho servido ingleses, e entendi algumas palavras...
  - Que disse eu?
  - Não me lembra já o que foi; mas o grande caso é que V. S<sup>a</sup> sabe falar inglês...
  - Sei... e depois?
  - E francês?
  - Também.
  - Se o Sr. Álvaro quisesse, podia agora aproveitar um bom arranjo...
  - Qual?
  - Li ontem em uma gazeta um anúncio que dizia: «Precisa-se de um indivíduo que saiba falar inglês e francês, para segundo-guarda-livros da casa comercial do barão dos Reis. Quem estiver nas circunstâncias de servir...»
  - *De servir!*... Eu não sirvo ninguém... Vai-te!
  - Perdoe-me V. S<sup>a</sup>.
- O criado retirou-se, assustado da intimativa.
- D. Pedro continuou a escrever:

*Faltava-me esta degradação!... Mandam-me servir!... Eu, que me julgava há três meses o primeiro dos homens! Serve, se não queres morrer de fome, D. Pedro da Silva, descendente de reis!... A pobreza é o escárnio de um nascimento ilustre... E porque não hei-de eu ser servo, se estou assim?!... Se eu pedir ao irmão de minha mãe um bocado de pão, não pedirei uma esmola? O trabalho é a independência... trabalharei... mas em quê?... Para que sirvo?... E não tenho um amigo que responda às minhas perguntas! Que é desses lordes que me rodeavam há três meses?... Onde se apagou a auréola brilhante, que me fazia tão distinto aos meus próprios olhos?... A própria consciência diz-me hoje que eu sou o último dos entes obscuros... Só!, desamparado!, órfão!, sem amigos!, aos vinte anos sem aptidão para cousa nenhuma!... Que farei eu amanhã?!... Isto é muito! Não tenho nada a esperar!... A fome há-de entrar aqui primeiro que o suicídio!...*

*Há-de!... E depois, se eu não tiver ânimo para me abraçar à extrema resolução do desespero... morrerei lentamente!... Pois sim... espero-a!*

.....

O desgraçado, levando as mãos à cabeça, parecia querer segurar o entendimento que lhe fugia. O escrever consolá-lo-ia? Talvez; mas cansaram-lhe as ideias. As lágrimas calam no papel, e embebiam letras, que a pena trémula vagarosamente escrevia. A dor, no extremo, é estéril. Quando os olhos se abrem à respiração de uma agonia homicida, não peçam ao infeliz que chora o impossível enredo do drama infernal que lá vai dentro daquele espírito embrutecido. Não nos peçam também a nós a análise dessas aflitivas lágrimas. Tais eram elas, que só a morte poderia explicá-las.

.....

No dia seguinte, o filho de Ângela de Lima entrava na Rua das Chagas, e pedia a um guarda-portão o favor de anunciá-lo ao Sr. Barão dos Reis.

- Quem é o senhor?
- Diga-lhe que venho aqui por ter visto um anúncio em que o Sr. Barão...
- Ah!, já sei... quer vir para caixeiro...
- Justamente... para caixeiro...
- Pois espere, que eu vou dar parte a S. Ex<sup>a</sup>.

D. Pedro da Silva esperou no pátio, encostado à lustrosa roda da carruagem do antigo mestre de piano.

Mandaram-no subir para uma sala de espera. A meia hora que esperou devia ser a última experiência que o desgraçado empregou na humilhação do seu orgulho. Franquearam-lhe uma segunda sala, onde ao cabo de cinco minutos apareceu o barão dos Reis, em *robe de chambre*, boné de lontra, sapatos de mouro, e pena na orelha.

– Pode sentar-se... – disse ele, encarando o moço por cima dos óculos. – Acho-o muito novo... quantos anos tem o senhor?

- Vinte.
- Tem sido caixeiro?
- Não, senhor...
- Que modo de vida tem tido?
- Que modo de vida tenho tido?
- Sim... em que se ocupa?
- Tenho vivido alguns anos em colégio.
- Colégio! Pois o senhor quem é?
- Sou um homem que me ofereço para caixeiro da sua casa.
- Mas não tem uso do comércio... Que línguas estrangeiras sabe?
- Falo o inglês e o francês.
- E de comércio sabe alguma cousa?
- Nada.
- Então como quer ser caixeiro?!
- Já vejo que não lhe sirvo... Tenha V. Ex<sup>a</sup> muita saúde...

D. Pedro retirava-se.

– Olhe cá... parece que é muito apressado... O senhor está disposto a seguir a carreira comercial?

- Sim, senhor; mas vejo que é impossível...
- Impossível... não é tanto assim... Com trabalho tudo se alcança. Quem é seu pai?
- Não tenho pai.

- Mas há-de ter alguém em Lisboa.
- Ninguém.
- Essa é boa!... Então como vive?
- Como vivo?!
- Sim... é só?
- Só.
- É célebre cousa! Onde tem vivido?
- Em Londres e Paris.
- Quem o sustentava lá?
- Não sei dizer a V. Ex<sup>a</sup>
- O senhor parece-me um homem extraordinário! E se eu quiser tomá-lo para minha casa, quem é que o abona?
- Quem me abona?
- Sim... quem se responsabiliza pela sua fidelidade?
- Sou eu...
- É o senhor!... Isso não basta...
- Sr. Barão... queira dar-me as suas ordens...
- Venha cá... o senhor não me parece um homem como os outros!... Como se chama?
- Álvaro de Oliveira.
- Quanto quer ganhar em minha casa?
- Não sei responder. V. Ex<sup>a</sup> me dará o que quiser.
- No primeiro ano ganhará cinquenta moedas, casa e cama e roupa lavada. Serve-lhe?
- Tudo me serve.
- Homem, isto parece uma comédia! Com que então tudo lhe serve!... O senhor quer ser meu caixeiro, ou não quer?
- A pergunta parece-me uma zombaria! Pois a que venho eu aqui?
- Mas acho extraordinárias as suas respostas! Não me parece um homem que precisa ser caixeiro para viver!...
- Pois preciso, Sr. Barão.
- O senhor teve algum desgosto na sua vida, desarranjou-se com a sua família, quanto a mim.
- Já tive a honra de dizer a V. Ex<sup>a</sup> que não tenho família.
- Absolutamente nenhuma?
- Ninguém absolutamente.
- Pois, senhor, seja o que for... Eu vou ter consigo um sistema que não é o costumado nestes contratos. Nem lhe peço fiança, nem receio que o senhor desempenhe mal as suas obrigações. Fica em minha casa, na qualidade de segundo-guarda-livros, com quatrocentos e oitenta mil réis por ano. Ao principio receberá as instruções do seu companheiro, e com o tempo há-de instruir-se no andamento do comércio. O meu negócio é todo de comissões com Inglaterra: como o senhor fala correntemente o inglês, tudo o mais se remedeia com a prática. Está disposto a ficar já em minha casa?
- Já, se assim o quer.
- E os seus arranjos?
- Que arranjos?
- Os seus baús...
- Os meus baús virão hoje mesmo.
- Pois nesse caso, venha comigo, que quero apresentá-lo ao primeiro-guarda-livros.

---

Temos, portanto, o filho de D. Angela de Lima segundo-guarda-livros do Sr. Joaquim dos Reis, que Deus, no auge da sua cólera, fizera barão para vexame da fidalguia destes remos.

## XXVII

O segundo-guarda-livros fora acolhido simpaticamente pelo primeiro. Em poucas lições comunicou-lhe as teorias do comércio, e admirou o talento com que o mancebo as concebia, sem embargo da distração com que ouvia as prelecções.

O próprio barão, homem rude e inacessível aos seus familiares, especializava o seu caixeiro Álvaro, e falava dele aos seus colegas com grande elogio. A qualidade que mais o impressionava era a contínua reclusão a que o moço se dava, logo que satisfazia as suas obrigações. Perguntara-lhe muitas vezes em que se entretinha no seu quarto, e Álvaro respondera-lhe que achava prazer em estar só. Este prazer, para o Sr. Barão dos Reis, era uma prova de sensatez, distinção com que honrava o seu caixeiro, entre todos os outros, que não perdiam uma hora de recreio, sempre ruinoso para o corpo, que da alma importava-lhe pouco o antigo mestre de piano.

A baronesa afeiçoara-se em pouco tempo ao caixeiro, que seu marido tratava com extraordinário melindre. Sentia-se impelida por aquele moço, tão distinto em maneiras, em palavras, em educação. Zelava com cuidados de mãe tudo que pertencia a Álvaro. Mandava-o muitas vezes chamar para tomar chá com ela; e, se ele não vinha, como quase sempre acontecia, a filha de D. Teotónio de Mascarenhas não se dedignava em procurá-lo no quarto, e pedir-lhe que não se entregasse a uma melancolia sem motivo.

Que não era sem forte motivo esta tristeza, adivinhava-o ela; mas seu marido ordenara-lhe que nunca fizesse ao caixeiro perguntas curiosas acerca da sua vida, porque uma vez lhas fizera ele, e tivera em resposta uma súplica de nunca se lhe fazerem tais perguntas, para não ser forçado à grosseria de mentir ou não responder.

Uma noite subira o guarda-livros para a sala a instâncias do barão, que o vira nesse dia chorar. Eram passados três meses, depois que D. Pedro entrara ao serviço daquela casa, e faziam justamente seis que naufragara a escuna *Alcíone*.

– Está hoje muito triste, Sr. Álvaro!... – disse o barão.

– Muito triste...

– Há alguma cousa nova que o mortifique?

– Nenhuma... agradeço os cuidados de V. Ex<sup>a</sup>.

– O senhor sabe que o tenho mais na qualidade de parente que de caixeiro?

– Sim... reconheço que lhe mereci carinhos de pai... devo-lhe muito.

– A pena que eu tenho – acrescentou o barão com rude franqueza – é não ter uma filha, que lha dava com toda a minha fortuna. O senhor casava com uma filha minha?

– Não, senhor.

– Não!... Porquê? É casado?

– Não sou casado, nem devo sê-lo... Eu não faria a felicidade de ninguém, e mulher nenhuma poderia melhorar as desgraçadas condições que me foram impostas para viver...

– Ora deixe-se disso... Não há mal que sempre dure. Pelo que vejo, anda aí paixão da alma... que o mortificou... Enfim, o tempo é o médico dessas doenças... Eu também tive minhas rapaziadas, e sei, por mal de meus pecados, o que é isso... Por uma mulher... (ela aí está que o diga) tive eu uma paixão de levar couro e cabelo! Eu sou franco, e não estou com imposturas. Esta senhora era filha de um fidalgo, e eu não passava de um simples mestre de música no colégio em que ela estava e mais uma irmã. Apaixonei-me por ela sem esperanças nenhuma de a fazer minha mulher. A mãe não era fidalga, mas por morte do... (diga-se a verdade... meu sogro era um monsenhor da Patriarcal) o certo é que ela ficou rica por morte do fidalgo, e fossem lá falar-lhe em casamento com um professor de piano! Depois, minha desgraçada sogra empobreceu... (isso são contos

largos) e eu, que não namorava minha mulher pelo dinheiro, mas sim pelas qualidades, casei com ela, e nunca me arrependi... Vivemos muito pobres, mas muito honrados, até que um dia nos deitámos pobres, e amanhecemos ricos... Isso são contos largos... mas fique sabendo que a nossa fortuna não veio como a de muitos que eu conheço... Se sou rico, é porque nos restituíram o que era nosso, e eu com o meu trabalho aumentei, sem prejudicar o meu próximo. É verdade que devemos quase tudo que somos à protecção comercial que nos deu nosso sobrinho Alberto de Magalhães...

– Alberto de Magalhães! – exclamou D. Pedro, mudando de cor.

– Sim... então que é isso?... O senhor conhecia Alberto de Magalhães?...

– Conheci... Quem era esse homem?

– Meu sobrinho, casado com a sobrinha de minha mulher...

– Eugénia...

– Sim, Eugénia... – atalhou a baronesa com sobressalto –, pois o sr. Álvaro conhecia minha sobrinha?

– Conheci... faz hoje seis meses que morreu...

– É verdade... é por eles que eu trago luto... Pois o senhor conheceu minha sobrinha? Onde a conheceu?

– Aqui em Lisboa... Queira dizer-me... Eugénia não era filha de D. Antónia?

– Minha irmã...

– Sua irmã... Sr<sup>a</sup> Baronesa!

– Minha irmã!...

– Oh!, meu Deus!... – murmurou D. Pedro, procurando combinar as ideias tumultuosas que lhe acudiam.

– Também conheceu minha cunhada?! – perguntou o barão.

– D. Antónia?... Conheci uma D. Antónia, que era mãe de Eugénia, que viveu na companhia de um padre...

– É essa justamente... é minha cunhada, que soubemos depois que vivera na companhia desse grande homem... Mas o senhor deveras conheceu toda essa gente?

– Sr. Barão... eu não posso responder a mais alguma pergunta... Basta que lhe diga que D. Antónia foi a minha verdadeira mãe...

A baronesa soltou um grito, ergueu-se pálida e trémula, fixou os olhos pávidos no semblante de D. Pedro, e ficou nesse espasmo, que o barão não compreendia.

– Que tens, Emília?!

– Não tenho nada... Meu amigo... tu tens tantas razões como eu para te admirares...

– De quê?

– A pessoa que temos em casa... este senhor não se chama Álvaro de Oliveira...

– Não?...

– Sr<sup>a</sup> Baronesa... – murmurou D. Pedro, tomando-lhe a mão.

– Se me conhece... peço-lhe uma sagrada reserva do meu nome...

– Menos para meu marido, que o conhece tão bem como eu...

– Pois quem é? – perguntou o barão, estupefacto.

– Eu não te falei, há um ano, de uma senhora que viveu com minha sobrinha... e com minha irmã...

– Era a condessa de Santa Bárbara...

– Mãe deste senhor, que é D. Pedro da Silva...

O barão, não sabemos por que mecânico instinto, curvou ligeiramente a cabeça, e perdeu o uso da palavra, perda que devia ser em tal homem causada por um motivo assombroso! D. Pedro, enleado em uma tão rápida corrente de comoções, não foi mais eloquente que Joaquim dos Reis. A filha de Anacleto cedia à necessidade de abraçar o



filho adoptivo de sua irmã, quando D. Pedro se aproximou do barão, abraçou-o com expansivo ardor, recebeu a irmã de Antónia no mesmo abraço, e choraram todos três.

Eis aqui um lance em que o antigo copista de solfa saiu fora da sua esfera! Havia tanta sublimidade nas suas lágrimas, tanto amor, e respeito, e ternura no abraço com que pagara o do filho de Ângela, que ele mesmo teria orgulho de si, se pudesse ver-se como nós o admiramos.

.....

Na manhã do seguinte dia, D. Pedro continuou o exercício das suas funções de guarda-livros. O barão mandou-o chamar à sala, e obrigou-o a sentar-se no sofá.

– V. Ex<sup>a</sup> já não é meu caixeiro.

– Despede-me, portanto...

– Não o despeço... Longe de mim tal pensamento... V. Ex<sup>a</sup> e minha mulher são a minha família... Recebo-o como mandado pela Providência para minha casa... Quero-o sempre aqui; mas como caixeiro não...

– E eu só posso ser caixeiro em sua casa... de contrário, retiro-me...

– O senhor! ... não me contradiga, que lhe não mereço isso...

– Sr. Barão, eu continuo a ser Álvaro de Oliveira... Só posso com este nome ser de sua casa... Aceita-me assim?

– Não posso... Há-de ser quem é... Eu tenho glória de ter na minha companhia um mancebo que eu quisera que fosse meu filho.

– Honra-me com esse titulo, e enche o meu coração de reconhecimento; mas, se quer continuar com a sua missão de pai, deixe-me ser seu caixeiro, que eu serei sempre digno do nome que me dá.

– Mas, senhor!... poderei eu consentir que V. Ex<sup>a</sup>.

– Se é um sacrifício, faça-mo; se não pode fazer-mo, coloque-me em outra qualquer casa de negócio, em que eu possa ganhar com o trabalho a minha independência...

– Isso nunca... Há-de ganhá-la em minha casa... Desde hoje em diante é meu sócio...

– Não posso sê-lo... quero ser hoje o que ontem era... Não recebo a felicidade do dinheiro como felicidade... Quero uma cara independência, ganha licitamente com o trabalho... Se um dia conseguir, sairei de Portugal... Preciso de ver os vestígios que deixei no meu caminho trilhado até aqui...

– Pois bem... V. Ex<sup>a</sup> será em minha casa o que quiser...

– Na presença dos meus companheiros não quero distinção nenhuma... Sou Álvaro de Oliveira...

– Será Álvaro de Oliveira, mas em particular, comigo, será D. Pedro da Silva. Minha mulher pede-me que o leve ao seu quarto. A pobre Emília ficou doente com a surpresa que V. Ex<sup>a</sup> nos fez e quer falar muitas horas com V. Ex<sup>a</sup>.

– Vamos, Sr. Barão.

## XXVIII

À porta do palácio de Cliton apareceu um velho com trajes sacerdotais. Perguntara pela duquesa de Cliton, e responderam-lhe que não residia ali.

– Que tempo há – instou o padre – que a Sr<sup>a</sup> Duquesa retirou daqui?

– Há cinco meses – disse o capelão.

– Para onde?

– Não sei dizer-lhe... nem ninguém saberá.

– Permitis que eu passe uma noite nesta casa, porque é tarde para ir demandar pousada a Angoulême?

– Podeis entrar... Aqui não se nega hospitalidade a ninguém.

O forasteiro entrou. Se o capelão lhe observasse a fisionomia, quando o mandou entrar, talvez reconsiderasse a sua hospitaleira franqueza! Aquele rosto já cadavérico contraíra-se em uma visagem, que deve ser a do padecente na presença do cadafalso.

– Parece que vindes doente? – perguntou o capelão.

– Muito doente, senhor... São os últimos passos da minha carreira...

– É escusado perguntar-vos se sois padre...

– Sou padre.

– De que departamento?

– Não sou francês.

– Não?! Donde sois?

– De Portugal.

– Vindes, talvez, para vos unirdes à missão apostólica?

– Não senhor... eu venho das missões.

– E sois português?

– Já tive a honra de vos dizer que sim.

– Chamais-vos padre Dinis Ramalho?

– Conheceis esse nome?

– Conheço-o dos *Anais da Propagação da Fé*, e ouvi, há-de haver um ano, falar de vós ao deão de Angoulême, com grande interesse. Se sois padre Dinis, fostes, na América, companheiro de M. Petit.

– Fui.

– E o vosso companheiro?

– Foi martirizado no dia em que saí... Assisti-lhe à morte, e vim.

– Deixaram-vos sair os ímpios?

– Deixaram... pedi-lhes a vida, com a condição de me deixarem renunciar em outra parte.

– E concederam-vos-la?... Pois era mais natural que vos deixassem morrer ao pé do vosso companheiro.

– Deus é que nos julga...

– Tendes razão... Perguntastes pela Sr<sup>a</sup> Duquesa de Cliton... Conhecei-la?

– Conheço.

– Donde?!?

– Do mundo...

– Tem sido bem desgraçada- esta senhora...

– Sim?... Cuidei que era muito feliz...

– Bem digna era de o ser... Viveu aqui um ano com tranquilidade...

– Um ano... ode 1836?

– Sim, senhor... Depois vieram novas desgraças...

- Novas desgraças... Quais?
  - Quais... perguntais vós... Eu não sei se devo revelar-vos o que é segredo para muita gente...
  - Revelai, que eu sou um homem morto. Andai... Dizei, que eu sou um túmulo, que se vos abre para esconder um segredo...
  - Desculpai-me... mas eu não devo...
  - Falai, padre La-Croix...
  - Quem vos disse o meu nome?!
  - Nem já me recordo... Dizei... A Sr<sup>a</sup> Duquesa, um ano depois das suas viagens, que novas desgraças experimentou?
  - Quereis que vos diga?... Prometeis não comprometer esta minha revelação?
  - Falai...
  - Amou um vosso patrício... que vivia com o visconde de Armagnac, e chamava-se D. Pedro da Silva... Que tendes?... Esse sobressalto...
  - Nada é... Chamava-se D. Pedro da Silva... e depois?
  - Esse jovem, por motivos muito particulares que eu nunca pude atingir, abandonou-a...
  - E ela?
  - Seguiu-o, creio eu, três meses, e, quando voltou, vinha desfigurada... Demorou-se aqui vinte e quatro horas com o visconde de Armagnac, e partiu para nunca mais voltar...
  - Há cinco meses, dissestes vos...
  - Há cinco meses...
  - O visconde de Armagnac deve saber onde ela existe.
  - Creio que saberá.
  - Onde vive esse homem?
  - Perto daqui, no alto da encosta fronteira a esta casa.
  - Tendes por quem lhe vá um recado?
  - Ele não virá aqui... São dez horas, e a noite está tempestuosa.
  - Dai-me uma tira de papel, e fazei-me a mercê de enviar lá um criado.
- Padre Dinis escreveu em um quarto de papel, que entregou aberto, as seguintes palavras:

*Chama-me do fundo da sepultura, e eu quebrarei a pedra para descer aos teus ossos.*

O capelão, curioso, viu estas palavras, e pasmou. Voltando à sala em que deixou o missionário, encontrou-o de joelhos, e não ousou interrompê-lo.

– Já terminastes a vossa reza? – perguntou padre Dinis.

– Já, senhor.

– E eu não... Desculpai-me, e deixai-me só alguns minutos.

– Quando terminardes, puxai este cordão da campainha, para vos servirem a ceia...

O padre ergueu-se quando o capelão saiu. Tomou o castiçal, abriu a porta da próxima sala, e achou-se diante dos retratos. Aproximou a luz de um deles, e sorriu-se amargamente. Este retrato era marginado inferiormente pela seguinte legenda: «Benoit de Montfort, duque de Cliton.»

Saiu desta sala, atravessou a antecâmara de um quarto. Quando pôs a mão no ferrolho da porta desse quarto, recuou aterrado e trémulo. Refez-se de ânimo, e levantou o fecho inutilmente: a porta estava fechada. Meditou instantes rápidos. Deslocou um canapé de coxins desbotados, que se encostava à parede desse quarto. Comprimiu uma

mola, e fez abrir no tabique o espaço por onde cabia um homem. Entrou, e, mal entrara, caiu-lhe a luz das mãos, e achou-se em cerrada escuridade. Palpou em roda de si, e encontrou um leito: estremeceu, e curvou-se sobre esse leito, que tinha uma cama, onde se conservavam ainda os miasmas de um cadáver. Aí, nessa postura, não pronunciava palavra; mas os gemidos eram dos que trazem pedaços de vida. Ergueu-se de súbito. Palpou ainda, e encontrou um copo. Este contacto, semelhante à mordedura do escorpião, parece que o matara. Padre Dinis caiu, rugindo duas palavras: «Deus implacável!» Este desmaio prolongou-se. Quando voltou a si, o missionário ouviu passos na saleta próxima, e viu o reflexo de uma luz.

– Isto é cousa diabólica! – dizia o capelão.

– Não se explica tal fenómeno! – acrescentava o visconde de Armagnac.

– Padre Dinis! – chama o capelão, aproximando-se da antecâmara, onde entrou, soltando um grito de espanto.

– Vede aquela abertura na parede, Sr. Visconde!

– É verdade!, e naquele quarto!...

– Onde morreu a mãe da Sr<sup>a</sup> Duquesa de Cliton!... onde nunca mais ninguém entrou!

– Dai-me essa luz, e retirai-vos... – disse o visconde.

– Agora é que eu acredito que moram fantasmas neste castelo... Vou abandonar esta casa!... – murmurou o aterrado capelão, apalpando as saídas com grande medo de ser estrangulado por alguma larva.

O visconde entrou pela fenda, e viu o sacerdote, em pé, encostado ao leito. Tremia-lhe o braço que sustinha o castiçal.

– Quem sois, senhor?! – perguntou ele, tremendo-lhe a voz como na dúvida de ter em resposta o silêncio de um cadáver, ou a voz de um vivo... impossível!

– Chamei-vos do fundo do meu túmulo, e vós viestes. Cumpristes a vossa palavra... estais quite, visconde.

– Mas quem sois?! Conhecestes, porventura...

– O duque de Cliton?

– Sim.

– Morreu há trinta anos... o seu cadáver foi enterrado na capela desta casa.

– Justamente.

– E, trinta anos depois, o duque de Cliton aparece encostado ao leito nupcial de sua mulher.

– Que dizeis?... Eu não vos entendo...

– E, contudo, eu falo a linguagem dos vivos... Eu sou o homem a quem chamaram duque de Cliton.

– Vós!...

O visconde recuara, estendendo o braço com a luz para a cara do missionário.

– Vós!... – prosseguiu ele, quase esvaído de medo – dissei-me se vindes aqui representar uma horrível comédia!... Não brinqueis com os monos, que são sagrados!

– Vem abraçar-me, visconde de Armagnac! Não tremas... Estes braços são os mesmos que te apertaram ao coração de moço... Verás que têm ainda o calor da vida... Foges-me, visconde? Não vês em mim nada do homem antigo? Olha este braço!... Não vês o sinal eterno que a ponta do teu florete aqui deixou?... Ainda vive a duquesa de Bouillon, por cujos sorrisos me fizeste verter sangue?

O visconde, com os olhos imóveis, a boca meio aberta, e o coração em saltos de terror, foi maquinalmente aos braços de padre Dinis, que o procuravam.

– Não queres reconhecer-me, visconde?

– Vós... o duque de Cliton!

- Sim... o que os homens chamaram duque de Cliton.
- Que se julga morto há trinta anos... e enterrado na capela desta casa... E impossível!... Quantos anos tendes?
- Sessenta e um...
- É impossível!
- O quê?...
- Não tendes essa idade... Sois mais velho... Eu conheci o duque de Cliton desde criança... morreu de trinta anos...
- E ressuscitou de sessenta e um... Deixai dormir em paz o sono eterno o meu fiel criado, que está lá em baixo no jazigo com o meu nome. Falemos dos vivos, visconde. Onde está minha filha?
- Vossa filha!?
- Elisa de Montfort...
- Jurais-me por tudo quanto há sagrado que sois o duque de Cliton?
- Já te disse que sou o homem a quem deram esse nome.
- Santo Deus!... isto é um sonho!...
- Pois acorda, visconde!... Não perdeste ainda o sestro de rapaz!... No nosso tempo, tu sonhavas sempre!... Lembras-te quando sonhaste que me vias amanhecer velho, tendo-me deitado novo?
- Lembro... lembro... agora vejo que me não mentes... Tu és o duque de Cliton... ou eu endoudeci...
- Respondes agora à minha pergunta? Onde está minha filha?
- A tua filha... duque... Antes de te responder, deixa-me reflectir neste lance... Eu preciso convencer-me de que não há aqui um pavoroso sortilégio em tudo isto...
- Que lucras em mortificar um pobre velho, visconde?
- A tua filha... é Irmã da Caridade...

Padre Dinis fitou o visconde com uma atenção que o gelou. Era o êxtase sem respiração. Não se ouvia um suspiro naquele pequeno âmbito. O terror comunicava-se deles para os objectos. Os lampejos da luz tremiam nas dobras da coberta de damasco que cobria o leito. Nas paredes nuas, não retocadas há trinta anos, corriam sombras de um fantástico horrível, que povoava de visões sinistras a imaginação supersticiosa do visconde.

Padre Dinis, alguns segundos imóvel, estendeu a mão ao seu interlocutor.

- Tens fé? – perguntou ele.
- Se tenho fé?
- Crês em Deus?
- Creio em Deus!...
- Ajoelha comigo, visconde... Pede ao Senhor que feche aqui o meu prazo de expiação... Pede ao Altíssimo que deixe cair neste momento, em todo o peso, a espada da sua tremenda vingança! Pede-lhe que me faça morrer naquele leito... Não... não, eu preciso da vida...

As últimas palavras disse-as erguendo-se subitamente e encaminhando-se para o falso postigo, por onde entrara. Passou para a antecâmara. O visconde seguiu-o.

.....

Disse, depois, o padre capelão que os vira sair ambos nessa mesma noite, e que o missionário nunca mais ali voltara.

## XXIX

– Podeis entrar, senhor. Perguntai pela enfermaria das coléricas, e lá encontrareis a Irmã da Caridade que procurais.

Esta resposta era dada a padre Dinis pelo porteiro do hospital do Hôtel-Dieu em Paris. Encaminhado à enfermaria das coléricas, perguntou a uma das enfermeiras se podia falar a Virgínia du Saint-Esprit, Irmã da Caridade.

A enfermeira mandou-o esperar no seu quarto, e voltou dizendo que Virgínia não viria, sem que soubesse o nome da pessoa que a procurava. O missionário escreveu o seu nome, e remeteu-lho.

Momentos depois, a Irmã da Caridade entrava no quarto, amparando-se com o batente da porta, porque vinha quase desfalecida.

Padre Dinis estendeu-lhe a mão, que a duquesa de Cliton aceitou, mais por necessidade de se encostar àquele braço que por expansão da amizade e contentamento de encontrar o homem que ela supusera o ente misterioso que lhe resgatara os seus rendimentos hipotecados.

O padre, sucumbido, menos corajoso que ela, já incapaz de resistir às comoções extraordinárias, gasto, por assim dizer, no corpo e na alma, não disse uma palavra que salvasse a duquesa da embaraçosa posição em que se via diante do salvador de Alberto de Magalhães, e do homem celeste que tinha em França um eco constante das suas virtudes na missão.

– Não esperava ver-vos mais... – disse a Irmã da Caridade –Disseram-vos que eu vivia... ou morria aqui. Quem foi?!

– Foi Deus, que o quis... Aqui me tendes, Sr<sup>a</sup> Duquesa...

– Não me deis esse nome... – atalhou ela com um gesto de silêncio – falai baixo... deixai-me gastar todo o fel do meu sacrifício... Se me conhecerem, fujo daqui...

– Não fugireis... Lembra-vos o que eu vos disse em Lisboa?

– Não sei ... não me lembreis Lisboa...

– Quero, ao menos, lembrar-vos as minhas palavras... «Haveis de crer em Deus...» Foi isto?

– Creio, sim, creio em Deus...

– Como vossa mãe, que foi mais desgraçada que vós...

– Do que eu?... E impossível... assim desgraçada há só uma... Tomais a falar-me em minha mãe!... Que tendes com ela ou comigo?... Em nome de Deus, abri-me o vosso coração...

– Em nome de Deus vos digo que o meu coração não se abre... O cadáver não tem forças para quebrar a pedra... eu também não as tenho para partir os selos que fecham o abismo do coração... Elisa de Montfort, eu vim dar-vos um abraço... de despedida... para sempre...

– Cuidei que não podíeis chorar assim... Vós desfaleceis!... Sentai-vos, senhor!... Quereis que vos traga um médico? Não fizestes bem em vir aqui, tão perto da enfermaria dos coléricos... Que tendes?

– Nada, duquesa... Não tenho já coragem para tanto... Conheço pela minha fraqueza que cheguei ao fim desta longa caminhada... Era já tempo, meu Deus!... Consumou-se o sacrifício... Redobrai-me as forças, se me encheis de novo o cálix...

Padre Dinis ia ajoelhar, quando a duquesa o susteve.

– Sentai-vos... Creio que vos sentis muito doente... Nestes dois últimos anos fizestes uma grande mudança!... Para onde ides?

– Para Lisboa...

– Não vades... ficai em França... Tendes-me aqui como se eu fosse uma vossa filha... Quereis que vos acompanhe nos últimos anos da vida como vossa filha?

– Como minha filha!... – exclamou o padre –, como minha filha! E quereis ser minha filha!...

– Queria, como sou de todos aqueles que sofrem... Professei uma aliança com os desgraçados até à morte, e vós... creio que sois bem infeliz, não sois?

– Já fui... agora não. Isto está acabado... As agonias são dolorosas, mas o meu último gemido é o precursor de uma eterna paz... Não posso aceitar as vossas consolações, Irmã da Caridade... Tenho em Portugal um túmulo que me espera... Vou unir-me aos ossos de meus pais... vou entregar-lhes o que resta da herança de dores que me legaram... são estes ossos descarnados, e este hábito, que tem sido a mortalha da minha alma, que morreu há muito... morreu quando vós nascestes, duquesa...

– Quando eu nasci!... Que quereis dizer?!

– Nada vos quero dizer... Sois menos infeliz aqui?

– Não sei o que sou... Tenho, pelo menos, esperanças de uma próxima morte... Já tarda; mas ela virá, quando quiser... Recebo todas as angústias, sem resistência... Procuvo-as, e não sei se as há no mundo novas, porque as quero, e então... hei-de procurá-las...

– Já vedes que, neste mundo, é preciso tocar a extrema do desgosto, para começar dai em diante uma outra existência melhor...

– A da morte...

– Sim, a da morte; pois que outra, a não ser essa? E quem é que a saúda, que a ama, que se desvela, procurando-a nas missões, ou nos hospitais? Somos nós... Sois vós, e sou eu, porque ambos somos dois infelizes... E tanto que devemos à Providência! Não seria um bem cruel capricho de Deus inspirar-nos o sabor da vida, agora que temos dentro do coração tudo frio, tudo descorado aos olhos da face, tudo morto em redor de nós?... Que nos valeriam hoje os estímulos da felicidade? Que faríamos a muito ouro? Que esperanças há aí que possam comprar-se com dinheiro? Nada... nenhuma... o ouro, nas nossas mãos, seria como as riquezas do árabe sequioso, que dera toda a sua caravana por uma gota de água... Neste estado, é-se feliz...

– Feliz?...

– Não é? Não o sereis vós, que tendes trinta anos... mas eu, tão velho, tão fraco... Não posso já com a vida sobre estes ombros, que apenas podem suportar o peso da mortalha!... Olhai, duquesa... Sou assim há trinta anos... Caminho assim para o dia que está perto... Mal sabeis calcular o prazer desta aproximação...

– Sei que prazer é... Que vim eu aqui fazer, senão surpreender a morte, que talvez me reservasse para uma velhice aterradora?...

– Procurais o suicídio... Que foi que vos trouxe aqui?... Em que momento vos pareceu que a morte era um benefício?...

– Quando não pude com a vida... quando não tive ânimo de beber veneno... Cheguei a levar aos lábios um copo, em que minha mãe...

– Silêncio! – exclamou o padre, colando a mão na boca da duquesa.

– Pois sim... eu calo-me... e porque devo calar-me, senhor?!... Eu devo morrer sem conhecer-vos?

– Deveis...

– Isto é cruel!... Porque me seguís? Que interesse tivestes na minha felicidade, padre Dinis?

– Um interesse impotente... Encontrei-vos desgraçada, desgraçada vos deixo...

– Eu não abracei os vossos conselhos...

– Seria o mesmo, se os abraçásseis... O pregão de Deus condenara-vos ao

sofrimento, à vergonha, e ao opróbrio... A minha voz foi débil... Não vos acuso, nem vos absolvo... Eu sou um verme, e o vosso pé esmaga-me... Sois o açoute que me fere... Eu teria sido um ímpio, se quisesse desarmar a mão de Deus... Tinha a vida suspensa por um fio... bendita seja a mão, que o cortou...

– A minha mão!... Em que vos fiz sofrer?... Dizei... Faltava-me este remorso!... Falai!...

– Não tenteis o impossível!... Respeitai com lágrimas este segredo... Que Deus me mate no instante em que a minha língua vos disser a primeira palavra desta revelação... Não podeis nunca saber quem eu sou, porque eu teria de vos erguer morta dos meus pés...

– Santo Deus!

– Falai-me com a face erguida, porque o podeis fazer!...

– Senhor!...

– Dizei-me que eu não tenho algum poder nas vossas acções, porque eu recuarei, corrido às vossas ordens de me calar!...

– Eu não ousaria nunca dizer-vos tal!...

– Já o dissestes, duquesa; e eu deixei-me humilhar, porque pensei que vos exaltava!... Foi tudo inútil!... A vossa queda era irremediável... Caístes... comigo, com vossa mãe, com todos aqueles que me rodearam, ao mesmo abismo... Caíram todos... e D. Pedro da Silva cairia também já?

– Porque me falais nesse homem?!... Já sabeis o segredo da minha última desgraça!... Conheceis esse homem como conhecestes...

– Alberto de Magalhães?... Conheci-os depois de vos conhecer, duquesa!... Devia conhecê-los ambos, porque ambos deviam fazer convosco uma aliança de flagelos contra mim... Basta, Elisa... Vim quebrar a tranquilidade do vosso sacrifício a Deus... Ficai, Irmã da Caridade, ficai aí nessa enfermaria esperando a morte, que eu pedirei ao Senhor que vos não faça ela esperar muito...

– Pedi... pedi...

– Pedirei, como a tenho pedido para mim... Dai-me um abraço, que eu vou deixar-vos.

– Não ... não me deixareis... Sede o meu amparo, que não tenho mais ninguém que se compadeça dos meus surdos padecimentos... Em nome de minha mãe... vos peço que me não deixeis...

– Vossa mãe... Vossa mãe, Elisa... – O sorriso de padre Dinis era uma expressão que aterrou a duquesa. Nem ele talvez soubesse a significação daquele sorriso, nem o leitor poderá adivinhá-lo sem que lhe expliquem o segredo daquele copo, que fez estremecer padre Dinis no quarto onde morrera a mãe da duquesa de Cliton. O certo é que o missionário, desde que sorrira à súplica da duquesa, ficou em estado de idiota abstracção, que a Irmã da Caridade estranhara e receou como um sintoma de loucura próxima. Às perguntas que ela lhe fez sobre o seu destino, respondia com palavras desconexas, e muitas vezes com um triste silêncio, em que as lágrimas lhe saltavam dos olhos às mãos, que levantava para um crucifixo.

Nesta conjuntura, a enfermeira entrava dizendo que um senhor bem trajado apareara de uma carruagem, e queria falar à Irmã da Caridade, Virgínia du Saint-Esprit. Acrescentou a enfermeira que lhe dissera que não podia falar a esta pessoa, sem dar o seu nome, e que o director do hospital, que se achava presente, lhe dissera a ele: «O Sr. Visconde pode subir.»

Padre Dinis recobrou o alento com este recado, que a duquesa ouviu em um trémulo. Antes de responder à enfermeira, entrava o visconde de Armagnac.

O missionário foi recebê-lo, e murmurou-lhe quase ao ouvido:



- Nem uma palavra a meu respeito, visconde!
- É preciso salvarmo-la... – respondeu o visconde.
- De quê? Que perigo a ameaça?
- Este suicídio lento em que a vês... Restitui-lhe a felicidade, duque!...
- A felicidade!... Tu vens destruir a obra de Deus?...
- Não!... a dos homens...
- Vê se o consegues... Salva-a, se podes... Eu vou deixá-la...
- Já?
- Já...

Padre Dinis tomou a mão da duquesa, e permaneceu na postura silenciosa de um adeus que nos comprime a garganta, e dilacera o coração. Elisa de Montfort levou aquela mão ao seio, e recebeu com ela uma lágrima. O visconde, mudo espectador de tal conflito, tinha os cabelos hirtos daquele entusiasmo que uma grande dor nos comunica. O padre, largando a mão da duquesa, abraçou-o; e, quando, com fingido ânimo, voltava as costas à Irmã da Caridade, e dera um passo, parou, voltou-se de repente para ela, estendeu-lhe os braços, e desmaiou nos do visconde, que se apressara a socorrer as forças débeis da duquesa.

Padre Dinis conhecera que não podia recear novos flagelos. Os grandes infelizes têm a presciência da morte: reconhecem-na, quando se aproxima; sentem-na, acolhem-na no coração, e, quando ela os comprime no seu abraço indissolúvel, já eles têm morrido.

O missionário, quando tornou a si, achou-se nos braços do visconde, e viu de joelhos a duquesa de Cliton. Balbuciou palavras que o iam atraído, se a habitual frieza do seu carácter não arrefecesse a tempo os impulsos do coração.

– Eu não posso morrer aqui! – disse ele –, ajudai-me a cobrar as forças que me levem a Portugal... Deixai-me morrer feliz, porque não tenho já outro galardão neste mundo senão a morte que desejo, e o túmulo que quero abrir com as minhas mãos... Não me destruam este desejo... Auxiliem-me... não me estorvem o passo, não me obriguem a comoções com que não posso... Duquesa... retirai-vos... Peço-vo-lo com toda a instância da minha alma, que já nem sabe pedir... Ide-vos...

– Eu vou... irei... padre Dinis...

– Abençoada sejais, senhora... Acompanhai-a, visconde...

– Não... eu não preciso da vossa companhia, Sr. Visconde... Acompanhai-o a ele... A minha jornada é curta...

A duquesa entrou na enfermaria das coléricas, e padre Dinis, amparado pelo velho amigo de D. Pedro da Silva, saiu do Hôtel-Dieu.

## XXX

Dez dias depois, padre Dinis saiu de um a sege, encostado ao braço do boleiro, e entrou no pátio do barão dos Reis.

Foi anunciado ao dono da casa, e entrou em uma sala, onde esperou que Sua Excelência viesse recebê-lo com a afabilidade que decerto não experimentaria se viesse a pé, ou o barão não tivesse ouvido o rodar da sege.

– Tenho a honra de cumprimentar V. Ex<sup>a</sup> – disse o padre, erguendo-se a custo da cadeira.

– Queira sentar-se... parece que está incomodado...

– E a velhice, Sr. Barão... Eu sou completamente desconhecido a V. Ex<sup>a</sup>...

– Não me recordo de o ter visto...

– Decerto não... O fim para que tenho a honra de procurá-lo não exige que V. Ex<sup>a</sup> me conheça.

– Em que posso servi-lo?

– V. Ex<sup>a</sup> comprou o convento dos ex-frades dominicanos em Santarém?

– Comprei, sim, senhor.

– Eu venho impetrar de V. Ex<sup>a</sup> permissão de exumar do claustro os ossos de um frade que morreu naquela casa... Posso contar com a sua licença?

– Sim, senhor! Se precisa só da minha licença, pode contar que está servido.

– Precisava de uma outra, eclesiástica... essa ofereço-a à observação de V. Ex<sup>a</sup>...

– Não é necessário... queira arrecadar. Eu dou ordem para que V. S<sup>a</sup> possa, quando queira, encontrar francas as portas do convento.

– Amanhã, se Deus o permitir, parto para Santarém. Se agora lhe não é penoso, dê-me V. Ex<sup>a</sup> uma ordem com a qual eu possa apresentar-me ao seu administrador em Santarém...

– Actualmente tem lá o meu guarda-livros. V. S<sup>a</sup> dirija-se a ele, que está no convento... e...

– Como se chama?

– Álvaro de Oliveira, e queira dizer-lhe que falou comigo a tal respeito; não precisa de outra ordem; e tudo mais em que possa ser-lhe útil, queira mandar-me.

– Muito grato a V. Ex<sup>a</sup>... Queira dizer-me... Como está a Sr<sup>a</sup> Baronesa?

– Pois conhece minha mulher?

– Conheci, muito criança ainda... Há bons trinta anos...

– Se quer que a chame...

– Não, senhor... Eu não posso demorar-me... Se for possível, em outra ocasião, terei o prazer de vê-la... Sr. Barão... dê-me as suas ordens...

– Queira dizer-me o seu nome, para que minha mulher saiba quem perguntou por ela...

– Seria inútil, Sr. Barão... o meu nome... quem é que sabe o meu nome?... Sua senhora não me conhecerá nem pelo nome, nem pela pessoa...

– A minha casa está sendo fértil em extravagâncias – disse, com abstracção, o Sr. Joaquim dos Reis.

– Não compreendi. o que se dignou dizer-me...

– Foi cá um reparo que eu fiz... não falava com V. S<sup>a</sup>... Vejo que quer retirar-se...

– É forçoso... Muito grato ao seu favor, Sr. Barão... Eu não posso oferecer valias, que não tenho... Vou penhorado da sua bondade, e creio que V. Ex<sup>a</sup> conhece que um velho padre, que vai lidar com esqueletos, não tem já nada com que indemnizar obséquios. Sr. Barão...

O padre entrou na sege, e apeou na Travessa da Junqueira, nº44. Os vizinhos viram com uma espécie de terror abrir-se a porta daquela casa, três anos fechada, sem que ninguém soubesse dizer o fim que tivera o seu proprietário, depois que dali saíra amortalhada uma senhora que os boleiros tiraram morta da carruagem.

Padre Dinis subiu apoiado ao braço do boleiro, que três vezes o susteve em pé, na entrada da primeira sala. O velho sentou-se, enquanto o boleiro abriu todas as janelas, porque era insofrível o ar represado, que ali se respirava.

No canapé em que o padre se sentara estava um vestido de mulher, que ele tomou sofregamente, e levou aos lábios com os braços trémulos. Era o vestido que despiram do cadáver de Ângela de Lima. No chão viam-se fragmentos de uma capa, pedaços de pano de linho, e objectos de lã traçados. Eram o resto dos vestidos da condessa de Santa Bárbara, que tinham sido lacerados pelos ratos.

O boleiro encarava o seu misterioso patrão com assombro, e via em tudo aquilo um incompreensível negócio de feitiçaria.

- Podes sair... – disse-lhe o padre. – Amanhã partiremos para Santarém...
- V. S<sup>a</sup> fica sozinho aqui?
- Fico.
- Não quer que lhe traga o comer de alguma hospedaria?
- Não, rapaz; podes ir descansado, que eu tenho quem me dê de comer.

Em seguida entrou um tabelião, e leu uma escritura de doação daquela casa, com os objectos que nela se encontrassem, à Santa Casa da Misericórdia, com a condição de que ele, doador, padre Dinis Ramalho e Sousa, seria recebido na enfermaria dos particulares, no Hospital de S. José; e no cemitério da mesma casa, depois da sua morte, em sepultura térrea, seriam com ele enterrados os ossos que se achassem em um caixão de chumbo ao pé do seu leito.

Assinada a escritura, padre Dinis ficou só. Ergueu-se. Olhou em redor de si com religioso pavor. Parece que evocava da sepultura as últimas pessoas que se tinham reunido naquela sala. Recaiu extenuado no canapé, e soluçou com a face escondida nas mãos cadavéricas. Pediu, talvez, forças a Deus, e levantou-se de um ímpeto. Foi ao longo de um extenso corredor: levantou o fecho de uma porta, deu um passo dentro daquele quarto, e recuou. Fora aquele o quarto de D. Antónia de Mascarenhas. Defronte estava o de Ângela de Lima. Tentou ali entrar... e ajoelhou no limiar da porta. Que palavras foram as suas? Não as disse ele, nem o coração, mais feito nas torturas, as adivinhas. E prosseguiu na sua atormentada visita. Dir-se-ia que caminhava entre espectros, que o salteavam de cada quarto em que entrava. E eram tudo trevas em redor dele, quase trevas iluminadas pelo clarão ténue das frestas, que aumentavam o terror supersticioso do ancião, devorado de febre.

O último lugar que visitou era o seu escritório. Abriu um gavetão, que tirou do encaixe. Estendeu o braço, e fez sair uma pequena gaveta, escondida por um segredo. Despejou-a sobre uma banca, e saiu do escritório, porque precisava respirar o ar puro da primeira sala.

Neste momento, bateram à porta. O homem que entrou disse ser enviado do governador civil.

- Que tem a dizer-me? – perguntou o padre.
- Sua Excelência manda dizer-lhe que todas as investigações, empregadas há quarenta e oito horas, para descobrir D. Pedro da Silva têm sido inúteis. Que pudera certificar-se da entrada dele, em Lisboa, há um ano; que soubera que ele vivera em Campolide com um nome suposto, e que, há oito meses, pouco mais ou menos, desaparecera dali, e não é possível saber-se que destino teve. O Sr. Governador Civil soube que ele vivia pobre, e lembra-se que poderá ter-se suicidado, mesmo porque, há

meses, apareceu no Dafundo um cadáver de pessoa bem vestida, que ninguém conheceu, posto que atribuísem esta morte à sociedade maçónica, porque o cadáver trazia uma mordação.

– Em tudo isto não há nada certo... – atalhou o padre.

– Absolutamente nada... pode ser que com o tempo se descubra. Anda-se em procura de um criado que serviu este sujeito em Campolide, mas também não é possível encontrá-lo... veremos...

– Queira dizer a Sua Excelência que eu lhe agradeço muito a continuação das suas informações.

.....

Vinte e quatro horas depois, padre Dinis procurava no Convento dos ex-Dominicanos o Sr. Álvaro de Oliveira, guarda-livros do Sr. Barão dos Reis.

Disseram-lhe que o guarda-livros, segundo o seu costume, passeava no claustro do convento, depois que escurecia até à meia-noite, e que dera ordem de não o chamarem.

– Esperarei... também não quero que o chamem.

– Então, pode esperá-lo na sala, porque V. S<sup>a</sup> visto que é tão tarde, é natural que fique em Santarém.

– Fico... E o senhor também é caixeiro do Sr. Barão?

– Nada, não sou. Eu acompanho como escudeiro o Sr. Álvaro.

– Este Sr. Álvaro deve ser um guarda-livros muito estimado do Sr. Barão!... Tem escudeiro!... Cá em Portugal não há muito disso...

– É que o meu patrão, se tivesse um filho, não o desadorava mais do que faz ao Sr. Álvaro! Ele nem é guarda-livros, nem nada... Vai para onde quer, e vive como se fosse filho da casa... Estamos aqui há um mês, e a Sr<sup>a</sup> Baronesa já cá o veio visitar quatro vezes... Acho que o Sr. Álvaro vive muito triste, e o seu gosto é andar lá por baixo pelo claustro, onde estão as sepulturas dos frades. Tenho-o visto chorar muitas vezes; mas ele não quer que se lhe pergunte o que tem. V. S<sup>a</sup> conhece-o?

– Não conheço...

– Se o conhecesse, eu era capaz de lhe ir dizer que o senhor estava aqui...

– Nada, não o interrompa... Esperarei até que ele venha... A que horas costuma recolher-se?

– À meia-noite, e às vezes mais tarde ainda... Eu vou-lhe dizer que o procuram de mando do Sr. Barão...

– Faça o que quiser.

.....

D. Pedro da Silva apareceu no limiar da porta. Olhou indiferentemente para o velho padre, que estava ao fundo da sala, quase escurecida pela bandeira do candeeiro.

Padre Dinis, ao vê-lo, ergueu-se... fixou-o... deu um passo para desmentir um engano, que lhe fizera refluir todo o sangue ao coração... Ia dar outro passo, porque o primeiro roubara-lhe o dom da palavra... não pôde... estendeu-lhe os braços, que descaíam lentamente extenuados de violentas convulsões. D. Pedro foi ao chamamento mudo daquele incógnito... reconheceu-o, e, quando exclamou «Padre Dinis! . . .», esse homem deixava-lhe cair no seio a cabeça desfalecida.

– Eu devo muito a Deus!... – balbuciou o padre. – Devo-lhe tudo, e tão ingrato hei sido!... Que outro homem, sem ser guiado por um anjo, vos encontraria aqui, filho de Angela!... Que espantosas surpresas na minha vida!... Que lances... que desastres... e

sempre a Providência em todos os meus planos!... Falai, Pedro!... Eu quero ouvir a voz da criança que chorou nos meus braços, antes de ver o mundo. Falai-me... Vim encontrar-vos muito desgraçado, não vim?

– Não, Sr. Padre Dinis... eu não sou desgraçado...

– Não sois desgraçado!... Bendito seja o Senhor!... Sois o primeiro homem feliz que se aproxima de mim, sem o contágio dos meus infortúnios... Que é o que faz a vossa felicidade neste momento?

– São as desgraças passadas...

– Foram muitas?...

– Excederam as forças do sofrimento... Deixei de sofrer, quando me esgotaram as lágrimas, e se me fez de pedra o coração...

– *A primeira mulher que se ama decide de toda a vida de um homem.*

– Bem me lembro... foram as suas palavras... Viu o meu futuro, padre Dinis! A primeira mulher que amei rematou as minhas longas esperanças na violenta morte dos dezanove anos... Perdi todas as riquezas do meu coração... Acho-me frio nos sentimentos de honra e desonra... Não tenho desejos, nem saudades, nem esperanças... Sou a máquina que produz estupidamente um dia após outro dia...

– E contudo sois feliz...

– Creio que sim... Esta atonia tem muita semelhança com a insensibilidade da morte... Pois a vida não é a ânsia esperançosa do dia seguinte? Viver não é esperar? E eu que espero? As horas do escasso sono, que vem completar a impassibilidade do meu nada...

– E o trabalho não vos agita?

– Eu não tenho trabalho nenhum...

– Não sois guarda-livros de uma casa comercial?

– Não sou nada... tive muita fé no trabalho... trabalharia talvez, por necessidade, e podia ser que um dia se transfigurasse a minha vida, e o contentamento me nascesse da desgraça... Cheguei a imaginar que me levantaria da queda, para sentir em mim uma nova coragem... Deus não o quis... O barão dos Reis sabe quem eu sou...

– Como!?

– Não sei que perguntas e respostas me denunciaram à baronesa?... Vós sabeis bem quem a baronesa e...

– Sei...

– O barão chama-me filho... Serve-se da sua autoridade para me afastar do comércio... Consente que eu viva aqui, e insta por que eu vá de Portugal para fora... O honrado homem não sabe que a minha sepultura está em qualquer ponto da Terra... Ora pois, meu querido mestre... fale-me de si... Eu julguei-o morto... Há um ano que me não escreve...

– Eu sabia que não existíeis em Paris... Soube em Angoulême que saístes de França...

– Em Angoulême?! Esteve aí?!

– Estive...

– Com quem?

– No palácio de Cliton, com o capelão.

– No palácio de Cliton, que pertence...

– À viúva do duque de Cliton.

– Conhece essa mulher?

– Ligeiramente... e vós?

– E eu?... Não adivinhais que foi essa mulher que me atirou a esta infelicidade em que me encontrais?

– Não adivinho, D. Pedro da Silva... que vos fez ela?

– Iludiu vilmente as minhas ilusões de criança... Escarneceu da minha inocência...

Apresentou-se-me como um anjo de honestidade e de candura... Fez que eu viesse a Portugal pedir com armas na mão um desforço honroso a Alberto de Magalhães... Por quem?... Por ela, que se lhe vendera por oitenta mil francos!... Não o horroriza esta infâmia?... Deve estar esquecido do que é uma grande humilhação!... Em que pensa, padre Dinis?

– Ouvia-vos, D. Pedro!... Se me não vedes aterrado, é porque tenho na alma a paralisia, que vós ainda não tendes... Foi pois a duquesa de Cliton que vos matou!... E vós... não lhe perdoastes...

– Eu?... Perdoei... e perdoei depois que me cansaram as forças do sofrimento... Perdoei, porque não tenho já a sensibilidade da altivez ofendida... Perdoei, deixe-me assim dizer, porque me falta a voz para amaldiçoá-la...

– Perdoai-lhe de todo o vosso coração...

– Que interesse tem na generosidade do meu coração para com essa mulher?

– O interesse do sacerdote de Cristo, que mandou os seus apóstolos apregoar o perdão das afrontas... Não tenho outro...

– E acha que ela é digna de perdão?

– É...

– Sabe como ela vive?

– Não sei se vive... Há onze dias, deixei-a em Paris como Irmã da Caridade, na enfermaria das coléricas, no Hôtel-Dieu.

– Que diz, senhor?

– Que lhe perdoeis...

– Falou-lhe?

– Falei...

– Disse-lhe o meu nome?

– Perguntei-lhe por vós.

– E ela?...

– Não me respondeu... Creio que se não lembra de vós... Está muito perto do túmulo para voltar o rosto, procurando-vos...

– Falai-me dela, padre Dinis!...

– Não tenho mais nada a dizer-vos...

– Mais nada?... Como a conheceu?...

– Como conheço todas as pessoas infelizes... Prendeu-nos a simpatia do sofrimento... Não falemos mais na Irmã de Caridade... Agora deixai-me dizer-vos ao que venho, porque... bem vedes... ate parece que a falar me fogem os poucos alentos da vida que Deus me concede para o remate da minha peregrinação... Não vedes que estou tão acabado, tão doente?...

– Sofre muito?... Tem alguma doença irremediável?

– Tenho... olhai este pulso... não lhe sentis as pulsações?... E que a morte já por lá passou... tenho-a muito perto do coração... Poderei viver oito dias? Deus o sabe, mas creio que não... Dais-me um copo de água?... Esta secura nem me deixa falar... Agora, D. Pedro, esperai um pouco... eu preciso de alguns instantes de repouso... Ide, se precisais sair, e voltai, passado um quarto de hora...

D. Pedro retirou-se ao seu quarto, a reflectir nos tumultuosos lances, que tão rápidos lhe desorganizavam os meditados projectos. Ao mesmo tempo, o sacerdote rezava, de joelhos, no seu breviário, e muitas vezes levou a mão à testa, como para afastar os pensamentos do mundo, que lhe abraçavam os êxtases da alma, nas vizinhanças da eternidade.

D. Pedro veio encontrá-lo ainda na oração. Um gesto impôs-lhe silêncio, e o filho de Angela esperou, com os braços cruzados, e as lágrimas nos olhos, ao lado de seu mestre. Aquelas lágrimas vieram-lhe do coração, resumindo, em um rápido olhar da alma, todas as cenas da sua vida, desde que se conhecera, crescendo nos braços daquele homem, para o qual estava aberta a sepultura.

«Eis aqui o grande homem!...», dizia-se ele. «Este imenso coração vai gelar-se! Esta vítima de tantos sacrifícios chegou por fim ao seu altar! Como será a consciência deste justo neste momento! Que tranquilidade de espírito ao pé da sepultura! Será para a morte aquele sorriso?... Verá neste instante as cenas todas em que foi grande!... Verá em redor de si todas as pessoas que o precederam na morte!... Seria possível a aniquilação para este espírito? Não, não!, é impossível!... Este homem é um instrumento de Deus, que não cabe em uma pouca de terra!...»

Padre Dinis erguera-se; bebeu dois golos de água; entrelaçou as mãos, onde apoiou a barba, e permaneceu minutos na meditação daquele que se recorda do fim para que veio.

– D. Pedro da Silva – disse ele –, que futuro é o vosso?

– Não tenho nenhum...

– Não se vive assim... Deveis de ter algumas tenções... Quereis sair de Portugal?

– Que terei eu fora de Portugal que não tenha aqui?

– Aqui tendes contra vós a solidão na Pátria, onde tivestes mãe, e amigos... Lá fora tendes a solidão entre estranhos, que é menos dolorosa... Viajai... Tendes dinheiro?

– Já lhe disse que tenho a protecção do barão dos Reis...

– Aceitai antes a minha... Eu dou-vos o dinheiro que possuo... e pouco... mas, quando o tiverdes consumido, tereis a paz de espírito necessária para adquirir outro... Aceitai sem melindre, porque não vo-lo faço como favor nem como direito à vossa obrigação. Saudades de mim heis-de tê-las sempre, e eu não quero mais nada... Ireis à Travessa da Junqueira, entrái no meu escritório, e sobre a banca encontrareis não sei que dinheiro, que aí deixei, para que a Casa da Misericórdia, minha herdeira, o possuísse. Viajai, é o conselho que vos dou. Não vades a Paris nem a Londres... Ide para muito longe. Se vos não repugna a vida militar, sede soldado, porque eu só conheço duas posições sociais que servem ao homem distinto: o claustro, ou a guerra; as comoções do Céu, ou a embriaguez do sangue das batalhas. O homem grande precisa chorar em uma cela, ou derramar sangue em um arraial... O vosso espírito precisa de alimento forte.. Ide sentir os grandes abalos, que podem transfigurar de um instante para o outro a vossa existência... Ides?... Fazeis a vontade ao vosso amigo?

– Irei.

– Mas não ireis sem me deixar na sepultura... Assistis à minha vida nos seus últimos dias? Não respondeis!... Chorai, chorai, que vos não vão mal essas lágrimas... Também eu choro convosco... Sois o filho da minha querida Angela... Criou-vos a minha pobre Antónia... Vinde cá... Chegai-vos bem ao meu coração... Eu estou a ver-vos tal qual fostes de cinco, de dez, de quinze anos. Eram anelados estes cabelos... Esta palidez era então como púrpura. Brilhavam muito estes olhos, que tendes hoje pisados... Raro vos vi sorrir, mas no sorriso angélico dos vossos lábios havia a tristeza profética deste nosso encontro... Guardai para o meu último instante um daqueles sorrisos...

– Padre Dinis... não há-de morrer tão depressa... Faça um esforço de vontade por viver...

– Ai!, filho... não quereis o meu descanso?... Vede-me morrer com alegria... Agradecei ao Senhor esta esmola, que lha peço há trinta anos... Eu vivi enquanto fui necessário... necessário!... a quê?... A minha expiação... Quis valer a todos, e não vali a ninguém! Quando eu queria dar vida às almas, morriam os corpos... Consumou-se!...

Agora... venham as misericórdias de Deus... Pesem-se na balança divina as minhas iniquidades com as minhas lágrimas... Desencrave-se o último espinho do remorso...

– Remorso... Tem remorsos, padre Dinis?

– Hei-de responder-vos do túmulo...

– Do túmulo?!

– Sim... do túmulo... Hei-de legar-vos a palavra do morto, em um livro escrito pelo vivo, durante trinta anos... Heis-de por força abri-lo todos os dias, e eu estarei a vosso lado enquanto o lerdes... As lágrimas que lhe caírem nas páginas vão confundir-se com as minhas, que lá caíram... E as existências que se casam pelas lágrimas são inseparáveis... Agora, Pedro, sabeis ao que vim... E meia-noite, e o luar está muito claro... Tendes aí uma alavanca?

– Uma alavanca?!

– Sim... um qualquer ferro...

– Tenho, senhor... Quereis uma alavanca?

– Dai-ma...

D. Pedro foi buscá-la.

– Agora, acompanhai-me.

– Quer que vão criados connosco?

– Não... vamos sós.

Desceram ao claustro. As sombras do luar, projectadas dos balaústres das varandas, estendiam uns como crepes sobre as campas. A cruz de pedra desenhava-se nas lajes. A relva, que nascera livre nas físgas das sepulturas não tocadas nos últimos quatro anos, à luz frouxa da Lua, semelhava pedaços de mortalha arrancados pelas fendas da pedra.

Padre Dinis foi ao sopé da cruz, e pensou alguns segundos.

– É aqui.

– O quê?

– Ajudai-me a levantar esta pedra... Eu só não poderei... Vede se encontrais um calço... Bem... Enquanto vós carregais na alavanca, eu irei metendo o calço... Assim... mais... mais... Está bom... Eu agora levanto a alavanca, e vós tombais a pedra... Não podeis?

– Posso...

– Obrigado, meu amigo... Agora deixai-me tirar terra...

– Eu vou buscar uma enxada...

– Não é necessária... Não sujeis as mãos... Este trabalho é meu...

– Que faz, padre Dinis?

– Procuo aqui um tesouro... creio que mo não roubariam...

– Pois enterrou aqui algum tesouro?!

– Enterrei...

– Há muito tempo?

– Há seis anos...

– Quando veio a Santarém assistir à morte do conde de Santa Bárbara?

– Foi por esse tempo.

– Não quer que o ajude?

– Não... o meu voto foi este... Bom... Já encontrei uma dureza... Agora vamos escavar a terra do lado dos pés... Tendes uma caixa, um baú, qualquer cousa que me deis?

– Um baú? Tenho... vou buscá-lo...

Enquanto D. Pedro foi, e voltou com o baú, padre Dinis descobriu as duas asas de um caixão.



– Agora, D. Pedro, se vos não repugna, pegai nesta asa de ferro que está aqui, e levantai de lá, que eu levanto deste lado.

Tiraram um estreito caixão de chumbo.

– Isto que é?! – perguntou D. Pedro.

– É o meu tesouro, meu bom amigo... Levantai daqui... ajudai-me agora a tirar o esquife, mas com muita cautela para que se não desmanche... Não é possível... já se despregou uma tábua... Chegai para o pé de mim o baú, e abri-o...

Padre Dinis tirou um crânio, a que vinham pegadas algumas vértebras do pescoço.

– Que faz, senhor?

– É o meu tesouro...

– Uma caveira!...

– Uma caveira... sim... Não achais que uma caveira possa ser um tesouro?...

O filho de Frei Baltasar continuou a extrair a ossada da sepultura, e cada pequeno ou grande osso que tirava, sacudia-o, passava-lhe pela superfície a manga da batina, e depositava-o no baú. D. Pedro estava lívido de horror.

– Estais tão calado, D. Pedro?... Causa-vos nojo esta escavação?... Tende paciência... e o meu tesouro... são os ossos de meu pai...

– De seu pai?!... Pois seu pai morreu aqui neste convento?...

– Morreu, filho... Agora ajudai-me a ajustar esta pedra com a sepultura... não vão julgar que algum ímpio exumou o cadáver do frade amaldiçoado para insultá-lo... Achais que está bem?

– Está... E aquele caixão?

– Aquele caixão contém as cinzas de minha mãe...

– Santo Deus, que mistérios!... Sua mãe também aqui morreu?

– Não... minha mãe não morreu aqui... Nós vos responderemos todos três do túmulo... Hei-de dar-vos este conhecimento com os mortos, que é de todos o menos perigoso... Podeis com este caixão, meu bom amigo?

– Posso.

– Pois Deus há-de dar-me forças para levar o baú ao meu quarto... Subamos... Deixemos os mortos sem o seu companheiro de seis anos... antes que eles no-lo peçam, porque o amaram muito na vida...

Padre Dinis sentou-se ao pé do baú, no quarto de D. Pedro, e esteve de mãos erguidas longo tempo. O filho de D. Ângela não teve resposta a algumas perguntas que lhe fez. O relógio da torre dera duas horas, e o sacerdote, como acordado de um doloroso letargo, disse a D. Pedro:

– Ide repousar, que eu fico aqui...

– Não consentirei que fique: se não quer uma cama, eu ficarei ao seu lado.

– E eu não consinto que fiqueis... Deixai-me aqui um tinteiro, que preciso escrever... Abri aquela mala, e dai-me um livro, que tem na capa um letreiro...

– É este?... Diz *Livro Negro*.

– É esse... Agora, meu filho, até logo... Eu vos chamarei se dormirdes... creio que não dormireis; mas eu quisera que descansásseis. Ireis comigo para Lisboa?

– Vou, vou consigo, padre Dinis, até onde for...

– Então... perto ireis... Boas noites...

Sebastião de Melo escreveu uma hora. Depois deitou-se no tablado, encostou a face ao caixão das cinzas de Silvina, e adormeceu, murmurando:

– Deixa-me gozar o primeiro sono no seio das tuas cinzas, minha pobre mãe!

## XXXI

Seis dias depois, na cama de um quarto particular do Hospital de S. José, estava padre Dinis Ramalho e Sousa.

Ao lado do seu leito estava um caixão de chumbo, e um baú fechado, os quais a administração da Santa Casa, sujeitando-se à condicional da escritura da doação, já sabia que deviam ser sepultados com o cadáver do caritativo doador.

Em redor deste leito estavam os médicos da casa, o guarda-livros Álvaro de Oliveira, o barão dos Reis, e sua mulher.

Conversavam pouco, e esse pouco em som quase imperceptível. O enfermo encarava-os a todos com um sorriso, e respondia às instantes perguntas dos médicos com o mesmo sorriso. Tomava os remédios sem hesitação; mas pedia que o encarassem com mais filosofia que medicina, porque os seus nobres esforços eram inúteis.

D. Emília Mascarenhas chorava, e padre Dinis, escasso de forças para falar, erguia as mãos como suplicando que não chorasse. Algumas vezes achou-se sozinho com o barão, porque a filha de Anacleto e o filho de Ângela de hora a hora se retiravam a chorarem a ocultas do padre.

O enfermeiro veio nesse dia, com as lágrimas nos olhos, dizer a padre Dinis que o despediam do seu quarto.

– Porquê?

– Porque um outro enfermeiro desta casa pediu licença para tratá-lo, e não se lhe negou, porque há razões para que se lhe não negue cousa nenhuma.

– Que razões são?

– É um homem que veio para aqui, haverá seis anos, e não só trata dos doentes como enfermeiro, mas tem feito grandes esmolas à Santa Casa. Ninguém sabe o seu nome, nem ele consente que lhe perguntem nada da sua vida. Deus lhe perdoe o desgosto que ele me dá, fazendo-me sair do seu quarto, Sr. Padre Dinis...

– Agradeço-lhe a sua amizade de todo o meu coração...

– Ele aí vem...

– Quem?

– O enfermeiro...

Efectivamente, o novo enfermeiro entrara no quarto. Padre Dinis não podia vê-lo, porque era muito pouca a claridade. O misterioso devoto dos hospitais aproximou-se do leito, e fez ao despedido enfermeiro um sinal para que saísse.

Estavam sós.

– Tens um novo criado, Sebastião de Melo... – disse-lhe ele, curvando-se ao ouvido do enfermo, que estremeceu.

– Quem é que me dá tal nome?

– Não é o teu?

– Foi... Quem sois?

– Um homem indigno de te acompanhar na vida; mas não o reputarás assim nas horas em que a morte principia a destruição do orgulho humano.

– Quem és?

– Hás-de morrer com o segredo do meu nome?

– Sim...

– Eu sou Azarias Pereira, o judeu...

– Azarias Pereira!... Abre-me aquela janela...

– Não... que te incomodam os raios da luz... Não me crês?... Não há já nesta voz um som do teu velho companheiro dos salões de Anacleto?... Que te parece, Melo?...

Terei desarmado a cólera do teu Deus, e do meu, com a penitência de seis anos?

- Que vida tem sido a tua, Azarias?
- Esta!... E a tua?... Julguei-te morto...
- Julgaste bem...

A baronesa dos Reis entrou.

- Que mulher é esta? – perguntou Azarias.
- É a filha de Anacleto...

– A filha de Anacleto! – murmurou o israelita, encostando-se ao leito, com os olhos cravados em Emília.

- Tem um novo enfermeiro, Sr. Padre Dinis?

– Sim, Sr<sup>a</sup> Baronesa...

– Disseram-me que era um santo...

– Enganaram-na, senhora... – balbuciou Azarias.

– Eu já o tinha visto – tornou ela – e conheci-lhe no rosto os sinais da mortificação... Disseram-me que estava aqui por devoção neste hospital... Ainda há boas almas no mundo!...

– São as mais perversas, muitas vezes...

– Não diga tal!... Oxalá que a quarta parte dos bons tivessem as suas virtudes...

– Não falemos nas minhas virtudes, senhora...

– Se com as suas orações pudesse restituir a saúde ao Sr. Padre Dinis...

– As minhas orações são blasfémias...

– Santo nome de Deus!

– Deus seria afrontado por elas...

– Não fale assim, que está fingindo o que não é...

Padre Dinis fez à baronesa sinal de silêncio. Calaram-se todos. Neste momento entrou um confessor, que ficou sozinho com o enfermo. Azarias Pereira perguntou aos médicos, que esperavam ocasião para tentarem o último recurso, quantos dias poderia viver o doente. Responderam-lhe que poderia viver muitos dias, ou muito poucas horas. «Aquela morte (disseram eles dogmaticamente) é uma consumpção física e moral.»

Depois do confessor, entrou o sagrado viático, acompanhado por D. Pedro da Silva e o barão dos Reis. Azarias estava ao lado do leito, com o jarro da água e a toalha. Administrado o sacramento, padre Dinis pediu que o encostassem aos travesseiros. Chamou para o pé de si as pessoas, que se escondiam no escuro do quarto a chorar, e falou assim, com muita dificuldade:

– Aproximai-vos... vinde ser ao pé de mim os representantes dos que já passaram, deixando-vos na Terra o encargo de testemunhardes a minha morte... Não fujas tu, penitente...

– Vou buscar-vos um caldo, Sr. Padre Dinis – disse Azarias Pereira.

– Não vás... eu quero-te aqui... hás-de perdoar-me, que és o único homem vivo a que posso e devo pedir perdão...

– De quê, senhor?

– Estendeste-me, uma vez, a tua mão, e eu... repeli-a... Miserável orgulho humano!... estúpida fidalguia nas virtudes!... Repeli a tua mão, pobre homem, que sofreras tanto... que cavaras com as unhas a sepultura da infeliz, por quem te perderas... Repeli a tua mão, eu, meu Deus!... eu!... carregado de crimes, com a minha borrifada de sangue... Vem cá... aproxima-me dos lábios a tua mão... quero beijar-ta... Não teimes com o moribundo...

– Quem será?! – perguntou o barão a sua mulher.

– Não posso entender isto, e o Sr. D. Pedro conhece este homem?

– Não, senhora... não conheço.

– Não pronuncies o meu nome, Sebastião de Meio! – murmurou Azarias ao ouvido do padre.

– Não... não pronunciarei o teu nome... de que serviria para a tua alma pronunciá-lo?... Morre ignorado, como tens vivido... A grande coragem é essa... Morre como eu... Qual de vós poderá dizer o meu nome? Ninguém...

– Ninguém!... – disse D. Pedro.

– Ninguém até ao momento em que estes lábios, emudecidos pela algema da morte, não possam já responder aos louvores ou aos vitupérios do mundo... Perguntais-me com o vosso silêncio se eu fui um homem grande?... Fui, amigos... desde o momento que vesti a batina, que logo me dareis como mortalha... Antes disso fui miserável... o mais pequeno de todos os que se arrastavam a meus pés... Ao pé deste leito... não sois só vós que assistis condoídos aos meus paroxismos... tão serenos... tão suaves... Eu vejo muitas imagens, que vós não vedes... Baronesa... aqui está vossa mãe... Vejo-a com a face purpureada pelos delírios da felicidade que o seu ouro lhe dava... Eis que se desfigura... Ela ali está macerada, coberta de farrapos, ajoelhada no alpendre da capela... Não vedes ali uma sepultura rasa?... Levantei-a, e desci-a eu, sobre o cadáver de vossa mãe, Emília de Mascarenhas... Ai!... à hora da morte tenho saudades dela... Andou-me tantos anos impressa no coração!... Chorais por ela, Emília?... São, talvez, as primeiras lágrimas!... Abençoadas sejam!... Vou contente de vo-las ter arrancado para a memória de Anacleto... Não fujas, amigo...

– Conceda que eu me retire, senhor... – disse Azarias, perturbado.

– Ouvi até ao fim as minhas visões... Ali está vossa irmã, Emília... A minha querida Antónia!... O anjo despenhado, que eu levantei do abismo, e entreguei a Deus... Não a vedes debruçar-se do Céu para a Terra, a receber a alma de sua filha?... Eugénia!, tão curta foi a tua primavera, depois de um longo inverno de amarguras!... Chorais, Emília? Nunca tínheis assim chorado por vossa irmã?... E tu, meu discípulo querido, meu herdeiro, meu confidente de além do túmulo, vem cá, D. Pedro da Silva, que tenho aqui a meu lado tua mãe... Vem abraçar-nos a ambos, que nos hás-de encontrar no mesmo abraço... Olha... lembras-te quando a vimos naquela janela em Campolide?... Não estava assim radiosa... Este brilho que lhe vês é o resplendor do martírio... Cá, em baixo, não há destas auréolas... A infeliz o que aqui foi não podia continuar a sê-lo, se os seus crimes a despenhassem nas trevas... Vem do Céu a receber-me na morte... Paga-me uma dívida sagrada, que, na morte da alegria, da esperança, da alma, encontrei-a eu... Vede que me faltam forças... Será o fim?... Ainda não... Não sei que pressentimento me manda esperar... Esperar o quê?... Isto que espero, há tanto tempo... Deixai-me lançar uma vez os olhos para o mundo... Abri aquela janela... eu queria ver a luz, e o Céu... Amigo, abris-me aquela janela?

Azarias Pereira abriu meia portada.

– Toda... toda... – balbuciou o padre, esforçando-se inutilmente por erguer-se. – Nunca me pareceu tão belo o mundo!... Vejo árvores e flores... Deixo-vo-las, meus amigos... Colhei-me aquela rosa... hás-de ser tu, meu carinhoso enfermeiro... Colhe-a, sim? Vai depositá-la, orvalhada de lágrimas, sobre a sepultura de Anacleto, sim?... Estremeces?... Não tremas... cumpre-me este legado, assim como eu cumpri o dela... E tu, D. Pedro, colherás outra... Procura a sepultura de tua mãe, no cemitério de S. João... ajoelha... oferece-lha em teu nome, e em meu, sim? Não posso... Onde vais... Deixas-me?...

– Sou chamado ali à porta... Venho já – respondeu Azarias.

E foi, onde realmente o chamavam. Encontrou uma mulher de véu branco, e manto negro, que lhe disse em português:

– É o enfermeiro de padre Dinis?

- Sou, senhora.
- Posso falar-lhe?
- Dê-me o seu nome, que eu vou perguntar-lhe.
- Como está ele?
- Não poderá viver muito.
- Diga-lhe que o procura Virgínia, Irmã da Caridade.

Azarias foi ao pé do leito em que padre Dinis sofria uma ânsia nos braços de D. Pedro.

- Sr. Padre Dinis, uma Irmã da Caridade, chamada Virgínia, quer ver-vos.

O moribundo arrancou-se aos braços do filho de Ângela, que levou as mãos à cabeça, como se o ferisse subitamente uma frecha. Os circunstantes reparavam na comoção dos dois, quando padre Dinis, encostado ao braço direito, levantava meio corpo, e parecia precipitar-se do leito.

A Irmã da Caridade não esperara resposta. Entrou, e o primeiro vulto que lhe feriu os olhos, rasos de lágrimas, foi D. Pedro da Silva. Soltou um grito, vacilou alguns momentos, com as mãos erguidas, e correu aos braços do missionário, que a procuravam. O filho de Ângela, quando saía do quarto impetuosamente, caiu desfalecido nos braços de Azarias, que tinha nos olhos dele o brilho do terror, da demência, ou da apoplexia fulminante.

Padre Dinis recebeu nos braços a duquesa de Cliton, e recaiu na prostração. As suas palavras eram surdas, e uma força invencível pesava-lhe nas pálpebras, que ele em vão tentava abrir.

- A que viestes, senhora? – balbuciou ele.
  - A isto... a mais nada... quis que o vosso último abraço fosse meu... Há-de sê-lo... que eu não vos deixarei até ao último suspiro...
  - Achais que deve ser vosso... o meu último abraço!
  - Deve... não tendes ninguém no mundo que mais vos queira...
  - Ninguém... nem tu, D. Pedro da Silva?... Que é dele?
  - Foi passado ao quarto próximo – disse Azarias.
  - Porquê?
  - Desmaiou...
  - Como uma mulher!... paciência... não torno a vê-lo... Chamai-o...
  - Não, não!... – interrompeu a duquesa de Cliton...
  - Porquê?... porque não?... Não sois vós a Irmã da Caridade, e dos perdões?... Que é dele?...
  - É impossível vir – disse Azarias –, está lançando sangue, e não dá acordo para mais nada.
  - Seja feita a vontade de Deus – balbuciou, quase sem perceber-se, o moribundo.
  - Dizei-lhe que o meu legado está ali, naquele baú...
  - Ele aí vem... – disse a baronesa, que fora instá-lo para que viesse dizer adeus ao seu amigo.
  - Ainda bem... D. Pedro, olhai que o meu livro vai ser vosso... está ali naquele baú... Vem aqui... mais... mais... mais perto... Eu vou partir... e quero dizer a Deus... que perdoaste a esta mulher... Perdoa-lhe...
  - Sim, sim... de todo o meu coração... – disse D. Pedro, beijando a mão do agonizante.
  - Agora... senhora... quereis que o meu último abraço... seja o vosso?...
  - Sim...
  - Pois, sim... recebe o último abraço de... teu pai...
- Foram as últimas palavras de padre Dinis.

A duquesa repetiu a palavra «pai», e perdeu os sentidos com a face apoiada no peito do cadáver.

D. Pedro da Silva e os demais ficaram nesse aturdimiento que só tem a expressão do lance, e não pode reflectir-se no papel.

## CONCLUSÃO

As seguintes páginas são textualmente copiadas dos apontamentos de D. Pedro da Silva:

*Mal me recordo daquela cena pavorosa! O duque de Cliton, Sebastião de Melo, padre Dinis, estava morto. A Irmã da Caridade lembra-me que soluçava com os lábios colados ao peito do cadáver. A filha de Anacleto estava de joelhos ao pé do leito. Azarias Pereira cruzava os braços a meu lado, e fixava-me com os olhos turvos de lágrimas. Não tenho outras lembranças! A surpresa e a aflição entorpeceram-me o sentimento. Creio que encarei aquele desfecho angustioso com a serenidade do demente, absorvido em uma das suas íntimas visões de horror! Alguém me afastou daquele quadro. Não sei quem foi... Devia ser o barão dos Reis.*

*Achei-me em sua casa, acordando de um sonho febril. Senti que me sondavam o pulso, e me refrigeravam a testa. Vi o susto escrito no semblante de Emília, e o desvelado carinho nas maneiras afectuosas do honrado barão.*

*Pedi que me contassem os sucessos depois da morte de padre Dinis. Disseram-me que a mulher à qual o agonizante chamara filha fora levada do quarto, sem sentidos, e viera no dia seguinte assistir ao enterro. Depois, não a viram mais, nem puderam saber quem ela fosse, suposto que o enfermeiro dissesse que aquela senhora, pela pronúncia, parecia francesa.*

*Entregaram-me, fechada, em uma boceta de charão, a minha herança. Era o Livro Negro. Recebi-o com respeito, e inundei-o de lágrimas, antes de abri-lo. Só um ano depois tive coragem de ler-lhe a primeira página.*

*Passado um mês, disseram que eu estava convalescente, e aconselharam-me as viagens. Não era necessária a opinião dos médicos. Eu havia de cumprir a promessa que fizera a padre*

*Dinis, ao meu querido mestre, ao anjo consolador de minha pobre mãe.*

*Quando abracei a irmã de D. Antónia, chorei, porque este abraço devia ser o último. Eu tinha no coração um pressentimento que me mandava esperar uma morte próxima. Demorou-se muito; demora-se talvez ainda; mas eu creio que já lhe sinto o beijo frio nestes lábios, que tantas vezes a têm pedido ao Senhor dos desamparados.*

*Viajei dez anos, no Oriente. Atravessei o deserto sozinho; vivi nas solidões, onde as ossadas dispersas dos impérios me habituaram à concentrada melancolia do homem que aborreceu a existência. Se quiser dizer como vivi, não posso. Eu não tive vida. Durei em um profundo letargo. Não recebi sensações que me despertassem a alma; não tive uma esperança que me fizesse voltar os olhos do passado. A minha dor não era uma saudade, nem um remorso. Era a morte... Eram as trevas eternas do coração... Era uma espécie de embriaguez moral, que me dava o louco desejo de passar longas horas encostado a um túmulo de não sei que feliz ou infeliz que eu tomara como um amigo, que nunca conhecera.*

*Não sei que juízo os homens fizeram de mim. Nunca me encontrei com a sociedade; fugia-lhe, porque desconfiei que me chamavam doudo. Nunca*

*me lembrou que os meus medíocres meios estavam quase exaustos, porque eu pressagiava que a minha morte devia vir no instante em que a indigência me dissesse: «Pede um bocado de pão... Aceita um favor estranho!» Em toda a parte encontrei homens, cujos nomes nunca soube, oferecendo-me grandes quantias de dinheiro; não as aceitei. Quis saber donde vinham estes cuidados pelo peregrino, sem um torrão de terra seu, em que pudesse morrer. Hoje sei que os desvelos do barão dos Reis seguiam delicadamente os meus passos.*

*Arruinei as poucas forças que tinha, com o uso do ópio. Toquei o extremo grau da insensibilidade... Hoje, com esse narcótico, já não consigo dois minutos de repouso. Reservo-me para a sepultura. Aí, sim... dormirei, meu Deus?*

*Ao cabo de dez anos, senti-me cair. Deram como inevitável a minha morte. Mandaram-me a ares pátrios. E eu fui... Porque fui?... Tive um intervalo lúcido de saudade. O meu coração sentiu um desejo. Vi Portugal pelos olhos da minha infância... Este relâmpago de luz momentânea... Não importa... Fui atrás desse clarão...*

*Em Portugal ajoelhei na sepultura de padre Dinis. Li, aí, algumas páginas do seu livro, que me eram consagradas, e que tinham o som real da voz do vivo, lidas sobre a sepultura do morto... Não senti muito... E que eu principiava a arrefecer do gelo da campa sobre que ajoelhara.*

*Procurei a sepultura de minha mãe: não a encontre!. Confundira-se na vala dos mortos, que a cólera aglomerara, sem inscrição, nem vestígio em que depusesse a flor que o sacerdote moribundo me recomendara.*

*Aflito com o silêncio dos mortos, procurei os vivos.*

*D. Emília Mascarenhas tinha morrido. O barão dos Reis vivia em um leito de paralítico, quase perdida a sensibilidade, pedindo a Deus que o remisse da pesada existência. A estas horas deve ter sido ouvido, e a sua alma terá passado deste mundo para o outro do esquecimento eterno.*

*Indaguei o destino de Azarias Pereira. Disseram-me que morrera em uma das províncias do Norte de Portugal, em uma pobre aldeia, chamada Viduedo, onde trinta e sete anos antes morrera Anacleto dos Remédios.*

*Detestei a Pátria. Em redor de mim, pareceu-me que os vivos insultavam os mortos, que eram, na terra onde nasci, as minhas relações únicas.*

*Fugi, como o assassino de ao pé do seu cadáver. Vim aqui, porque, no momento em que me senti impellido para fora de Portugal, saía um navio para o Brasil.*

*Há cinco meses que continuo debaixo de outro céu a mesma existência descorada. Mas as dores físicas dilaceram-me lentamente. Estou héctico no último grau. Não procuro remédio; mas esta morte assim dolorosa assusta-me! É um morrer vagaroso, que extenua a minha coragem, e me não deixa entreter o pensamento nestas páginas, que eu lego a um homem a quem devo carinhos de irmão.*

*Quero mostrar-lhe que não sou ingrato. Hei-de fazê-lo sucessor na herança que recebi de padre Dinis... Acho nobre a independência deste homem! Nunca me perguntou quem eu era, e, em toda a parte onde estive, a primeira pergunta que me fizeram era um insulto ao segredo da minha existência.*

*E, depois, está no mundo alguém que abra o seu coração às minhas*



*revelações?... Talvez!... Elisa de Montfort viverá ainda?*

*O coração ainda a vê... E que ela vive... Procurei-a... e não a encontrei. Que é o que eu lhe queria? Nem eu sei... Talvez lhe dissesse: «Já que me fizeste desgraçado, chora uma lágrima por mim!»*

*Eu peço ao nobre cavalheiro em cuja casa hei-de ser amortalhado que dê ao mundo estas palavras, para que essa mulher não morra sem me ter dado a lágrima que lhe peço.*

.....

Terminaram aqui os apontamentos do filho de Ângela de Lima, que morreu no Botafogo, subúrbios do Rio de Janeiro, em 28 de Outubro de 1851.

## EPÍLOGO

Seis meses depois da carta que acompanhou a remessa dos manuscritos, impressa com o título *Prevenções*, nas primeiras páginas deste contexto doloroso de lances, que talvez não devesse chamar-se romance, recebi do mesmo amigo a seguinte carta:

*São passados seis meses, depois que te enviei os manuscritos do meu hóspede. Vi que principiaste a sua publicação, e tive mal sabes que prazer, porque me dizia o coração que talvez existisse na Terra essa malfadada duquesa de Cliton, e eu queria ser o motor da lágrima que o infeliz lhe pediu.*

*Haverá dois meses que para aqui vieram sete Irmãs da Caridade, agenciadas em Paris por João Vicente Martins, com o religioso fim de assistirem aos contaminados da febre-amarela.*

*Entre as que vieram avultava aí uma, que devia ter sido bela; mas as rugas e os cabelos quase brancos davam-lhe um carácter de doloroso mistério, que a tornavam um objecto de curiosa análise. Era de todas a mais solícita, e porventura aquela por quem os doentes chamavam com mais fé. Três companheiras suas morreram logo: morreram-lhe nos braços, convidando-a a acompanhá-las para o seio de Deus. Despediram-se, balbuciando estas palavras, ditas com não sei que santa alegria: «Até logo, irmã!»*

*Eu quis ver esta mulher. Procurei-a no hospital, e espantei-me de vê-la falar o português com admirável correcção. Falámos do flagelo com que Deus experimentava este desolado país, e, não sei como, a nossa conversa descaiu no meu hóspede português, que morrera da febre-amarela.*

*Quando pronunciei «D. Pedro da Silva», a Irmã da Caridade demudou o semblante, caiu sobre os joelhos, e orou longo tempo. E, depois, meu amigo, quis levantá-la, porque a julguei morta! Tinha caído com a face no chão, e tomei-a nos braços inanimada, fria, e sem pulso.*

*Passados minutos, reviveu daquela morte... mas por instantes!... Não me enganei!... Morta estava ela!... Deus concedeu-lhe horas de vida para chorar sobre o túmulo de D. Pedro da Silva a lágrima que lhe pedira. Morreu!...*

*Consegui que o seu cadáver fosse enterrado na sepultura imediata... O mundo ignora que estas duas sepulturas são o leito nupcial daqueles dois desgraçados.*

.....

\*\*\*\*\*

Obra digitalizada e revista por Deolinda Rodrigues Cabrera. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2000

<http://www.ipn.pt/literatura>

\*\*\*\*\*